





ACADEMIA
DOS
SINGULARES
DE
LISBOA,



DIVIDIDA
Em dezoito concursos, em que se inclue
hum Certamen Academico.

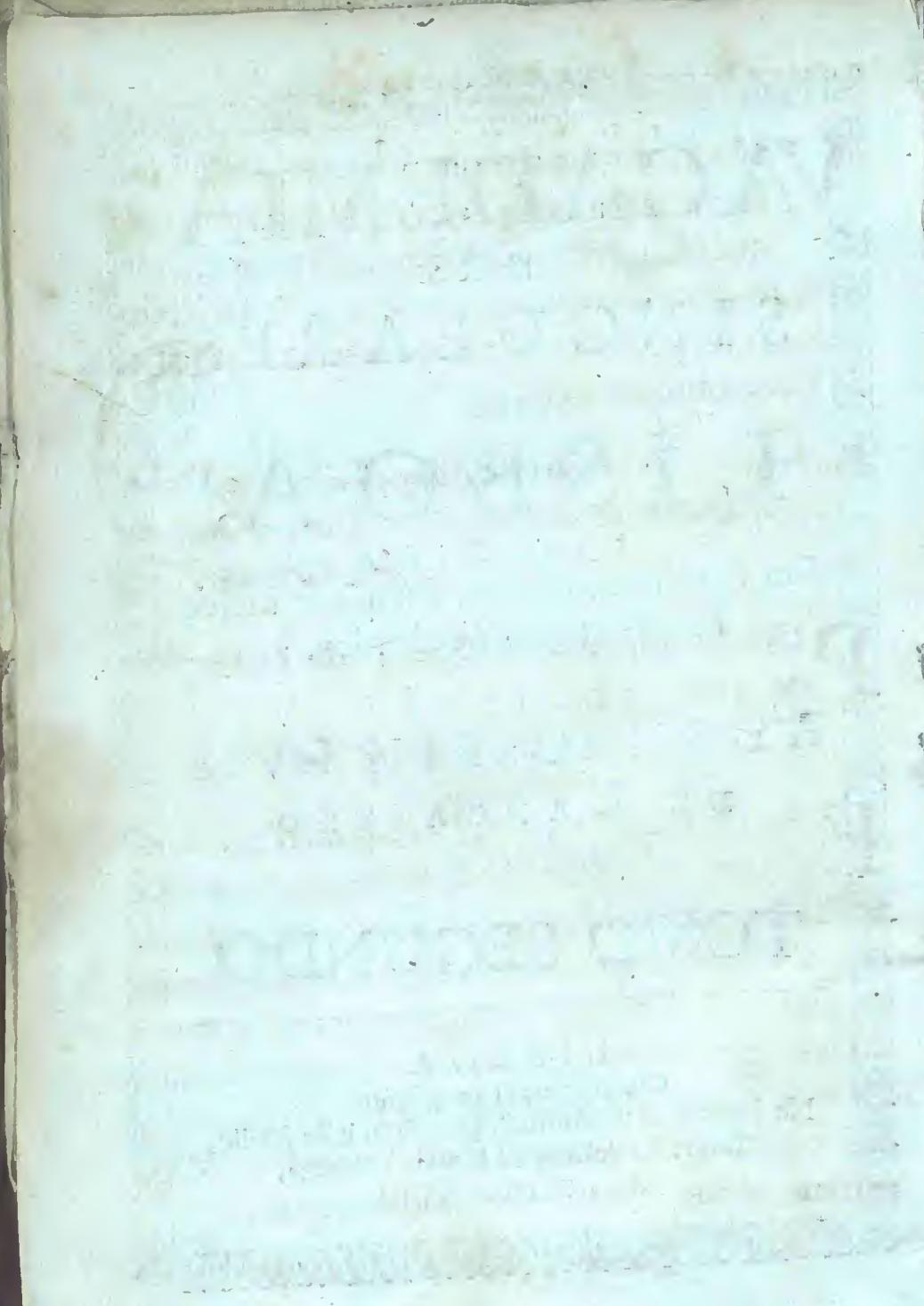
DEDICADA
A DOM JOSEPH LVIS
DE LANCASTRO
Conde de Figueiró.

TOMO SEGUNDO

L I S B O A .

Com as licenças necessarias.

Na Impressão de Antonio Craesbeeck de Mello,
Impressor del Rey N.S. & de S. Alteza,
Anno M.DC.LXVIII.



L I C E N C A S.

Vista a informaçāo que se houve, pode-se imprimir o segundo Tomo das Academias, de que se faz mençaō, & depois de impresso tornará ao Conselho para se conferir, & se dar licença para correr, & sem ella não correrá. Lisboa 3. de Dezembro de 1666.

Pacheco. Fr. Pedro de Magalhaēs. Rocha.
Magalhaens de Meneses. Dom Verissimo
de Alencaſtre.

Podeſſe imprimir. Lisboa 9. de Dezembro
de 1666.

F. Bispo de Targa.

Este segundo Tomo das Academias dos Singulares, que Antonio Graesbeeck, Impressor de V. Mag. quer publicar, contém nos versos, & nas orações varia, & agradavel liçaō, & me parece muito digno de se dar á estampa, porque veja o mundo, que entre o exercicio das armas se não descuidarão os engenhos Portugueses da occupação das letras. Deos guarde a Real Pefloa de V. Mag. muitos annos. Lisboa 5. de Janeiro de 1667.

Duarte Ribeiro de Macedo.

Pode se imprimir vistas as licenças do Ordinario, & S. Officio, & impreso tornará a esta Mesa para se taxar, & sem isso não correrá. Lisboa 7. de Janeiro de 1667.

Magalhaens de Meneses.

Lemos.

Miranda.

Carneiro.

TAxaõ este livro em
reis em papel. Lisboa 21. de A-
bril de 1668.

Marquez Mordomo Mór P.

Monteiro.

Magalhaes de Meneses.

Miranda.

A D. JOSEPH LVIS DE LANCASTRO
Conde de Figuerò.



Ara que no acerto de minha elleição tivessem os Singulares de Lisboa o melhor patrocimo, justo era o dedicar-lhe a Vossa Senhoria este volume de suas obras, que se para amparo do primeiro soube o juizo fazer escolha do maior Planeta, para defensa do segundo, quiz o affeçō elleger ao mais illustre sangue, cujas excellencias deixo, por ser difficultosa empresa reduzir ao breve de hum discurso o que não cabe em dilatados periodos.
Deos guarde a V. Senhoria.

Pedro Duarte Ferrão.

PROLOGO.



GORA, o Leitor, com maior confiança te offerece nossa Academia este segundo volume, melhor escrito na aceitaçāo com que recebeste o primeiro, que nos caracteres que ves presentes; com maior confiança digo, porque espero seja lido com melhores olhos, que se curioso buscaste o primeiro, affetuoso verás este segundo, & sempre os olhos da affeiçāo forão melhores lentes, que os da curiosidade, pois quanto desta se recea por escrupulosa, se confia daquella por beneyola. O anno passado te fez a Academia offerta de suas primeiras flores, hoje te convida com seus primeiros fructos; huns, & outros saõ das mesmas plantas; cō as flores te bindou ao desejo, com os fructos agora te convidá o gosto; & pois aquellas te lisongearão por olorosas, estes por sazonados, te serão gostosos.

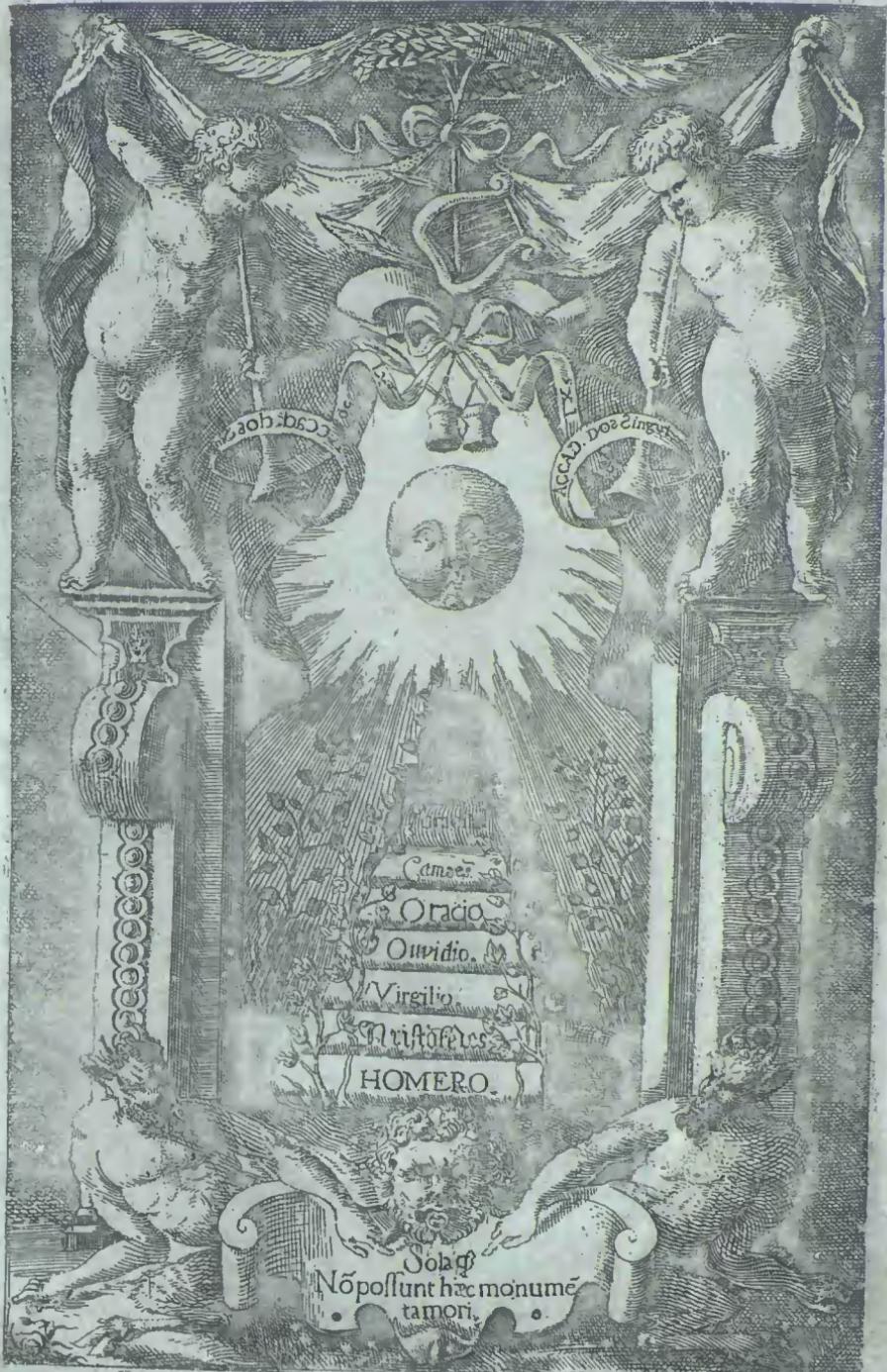
O primeiro livro, attendendo sómente o entrete, conseguiu a dita de agradarte; & fazendo-se acre dor do aplauso que lhe dêste, nos fez devedores da obrigação em que nos confessamos; este fô h̄e o motivo com que este segundo livro agrado cido,

decido, & obrigado te busca, por desafogo do empenho em que nos achamos; não por ambição de repetidos aplausos, mas por reconhecimento de manifestas dividas; & não podendo com igual desempenho satisfazellas, nos concede com esta confissão manifestallas; ja que a curiosidade motivou o primeiro, seja motivo deste segundo tua benevolencia em nosso reconhecimento:

V A L E.

debet etiam quod se peregit ad obitum
est in peregrinatione, non ut peregrinus
est sed ut peregit, et non ut de peregrinacione
est sed ut de peregrinatione, et non ut
peregrinus est sed ut peregit, et non ut
de peregrinacione est sed ut de peregrinatione
est ut de peregrinacione est ut de peregrinatione
est ut de peregrinacione est ut de peregrinatione
est ut de peregrinacione est ut de peregrinatione

¶ 1. 1. 1.





ACADEMIA

PRIMEIRA.

Em que foi Presidente

PEDRO DVARTE FERRÃO

Em 19. de Outubro de 1664.

Orou da maneira seguinte:



Eixando as claras agoas do Occidente
 Essa Phebèa luz, Planeta ardente,
 Que em tumulos de prata sepultado
 Tinha de obscuras sombras enlutado
 O mundo, fendo affôbro aos Orizôtes,
 Dos valles confusaõ, pasmo dos mótes;
 Agora com luzidos resplendores,
 Vestindo os Prados, guar necendo as flores;
 Por campos de Zafiras, & Esmeraldas,
 Prodigio repartindo o seu thesouro,
 Veste os valles de luz, os montes de ouro,
 Produzindo com tantas luzes bellas
 Flores no quarto Ceo, no Prado Estrellas;
 Mas que muito, se agora renascida,
 Tornada ao melhor ser, & a melhor vida,
 Académia gentil com noua gala,
 Ambar respira, quando fogo exhala,
 Pois dando a Abril, & ao Sol doces desmayos,
 Espalha flores, & derrama rayos,
 Fazendo tanta luz, & flor que encerra,

ACADEMIA I.

- 2
- Se ao Sol oposição, a Mayo guerra,
O que felice dia,
Quando resuscitando a Academia
De rayos, & de flores adornada,
Dando ao plauso generosa entrada,
Segunda vez por Singular se acclama,
Por dar segunda vez motivo á fama,
Para que desde hum pollo, a outro pollo,
Desté Museo gentil, mimo de Apollo,
Sempre a pezar da inueja espalhar possa:
A pena alheia, com a gloria no ssâ.
- Agora si discretos Singulares,
Pois nauegando dâ sciencia os mares
Vos promete feliz vossa esperança
Porto de rosas, na melhor bonança.
- Agora si, que de Aganipe as agoas,
Em doces rizos conuertendo as magoas,
Sonoras mais que nunca, & cristalinas,
São delicias das flores, & boninas,
Se bem que na corrente mais fogosa
Teme a menor tal vez, & teme a Rosa,
Buscando o doce a brigo,
Topar com o perigo,
Pois sente cada qual, que em tempo breve,
Ou se congele em fogo, ou queime em neve,
Mas não temais, ò venturoas flores,
Do fogo os frios, nem da neve ardores,
Que o Sol vos fez, com feruoso brio
Com mais luzidos, & brillantes rayos
De Abril admiração, pásimo dos Mayos.
- A Rosa, que de purpura vestida,
Viuo retrato foi da fragil vida,
Pois a penas dâ pompa faz alarde,
Quanto a menhâ a lhe dá, lhe rouba a tarde,
Purpureando agora a gala toda,
Ao monte, a quem guarnece a verde faldâ,
Rubí preside em throno de esmeralda.
- O Cráuo, que alentando a bizarría,
Para de incar ser docel ao dia,
Viu com sorte infeliz, curta mudança,

Viuo

DOS SINGULARES DE LISBOA.

Viuo o desejo, & morta a esperança;
Agora renouando ardentes brios,
Nem teme inuernos; nem recea estios,
Que o mesmo Sol, q a seu verdor fez guerra,
Em cada folha presta hum Sol à terra.

A Açucena, que sendo na branura
Melhor oposição da neve pura,
Vio, com pouca firmeza;
As mãos da semrazão morta a belleza,
E quando competir ao Sol se atreue,
Lastima sendo aos olhos, se vio lógó
Sopro de neve, conuertido em fogo;
Hoje por renouar a pompa altua,
Na morta cor, o desmayado affua;
Deixando a Rosa, que purpureo veste,
Hum CEO do prado, por vestir celeste.

Viose o jardim no seu verdor primeiro,
Para com Flora ser melhor terceiro,
Mas ay, que sem pagar ao tempo os annos
Presta no breue ao tempo desenganos,
Porém não, pois melhor que a Primauera
O torna Octubro á flor, que dantes era;
Sendo já por brilhar luzido agora,
Suspiro doce da bisarra Aurora;

A fragrante mosquera,
Por quem de róxo veste a flor violeta,
Do Prado as Marauilhas,
Que enuoltas entre o mimo das mantilhas,
A gala, pompa, adornos & fermosura,
Nô proprio berço achárao sepultura,
Agora renascendo em glórias tantas,
Vestem de gala as mais vezinhas plantas.

Finalmente o Junquilho delicioso,
O lyrio mais frondoso,
Se vem, sem recear que o inuerno frio
Lhes roube a gala, nem lhe corte o brio.

Já das fontes as líquidas correntes
Por entre riscos de cristas luzentas,
Formando espelhos de fogida prata,
Se mostra cada qual ás flores grata,

4
ACADEMIA I.

& correndó serenas
Por estradas de rosas, & açucenas;
Húa, & outra fabrica em tempo breue
Palacios de cristaes, pontes de neue.
Se as mais sonoras aues
bolando tristes, y gimiendo graues;
Por ausencia da bella Academia,
O Zefiro negauão melodia,
Hoje com mais canoro, & doce canto,
Ia vestem de alegria o que foi pranto;
Sendo Academia, mais que a Aurora bella
De aues amantes desejada Estrella.
O Fenix immortal, pois tuas glorias
Sempre immortaes serão para as memorias.
O venturosa sorte,
Que impere a vida, quando reyne a morte;
E vds. Cysnes do Tejo,
Melhor satisfaçao de meu desejo,
De quem esse Planeta soberano,
Que dante mão nos deu florido o anno,
Mais que nunca bizarro,
Gyrando o globo no celeste carro;
Mil excellencias pello mundo acclama;
Pois já melhor que a voadora fama,
Aferuorando o curso mais ligeiro,
Ostenta em cada rayo hum pregoeiro,
Agora no Palacio celebrado,
Que de finos diamantes adornado,
Equiuocada a vista,lhe parece
Em cada rayo hum Phebo resplandece;
Lograreis soberanos
Glorias diuinas, sem pensoes de humanos;
Pois grangeando aplausos, & victorias,
Compraes com vossas penas voissas glorias;
E se pellos degraos dessa sciencia
Se sobe àquelle cuñe, ou eminencia,
Sem que essa opposta rama em fortes laços
Com fringidos abraços,
Inuejosa procure, & atrevida
Os laços desatar de tanta vida,

Segui,

DOS SINGVLARES DE LISBOA.

5

Segui, continuai com peito ardente,
Para subir ao throno mais luzente,
Adonde repartindo luzes bellas,
Noue assombros se vêm por noue Estrellas.
Preste amot hoje alento a vosso brio,
E não temais do tempo o desuário,
Pois entre os mares da cruel mudança,
Adonde submergido, & naufragante
O pobre nauegante
A cara vè da misera pobreza,
Vós, com vosco saluaes vossa riqueza,
O que feliz ventura,
Adonde a Parca dura,
Chronista vniuersal de vossa gloria,
Vos coloca no templo da memoria,
Para, por vossas obras venerados,
Lograre as venturas de lembrados.
Mas se para lograr foros diuinos
Do Deos Apollo objectos peregrinos,
He força em primauera florecente,
Liurando o tempo de notorios dannoſ;
Gastar as horas, & occupar os annos;
Nauegai pellos mares da sciencia,
Seguindo este baixel da Academia,
Que o Sol vos seruirà de norte, & guia,
Para que desta forte
Os poderes vençaes da propria morte.
Viuei pois para glorias dilatadas,
Flores, neste jardim tão celebradas,
Com quem esse Planeta lindo, & bello
Guarnece as tranças do brilhante pelo,
Seruindo, quando não de alegres laços,
De giraſoſes de seus ardentes paços.
Não torne atraz vosſo animoso peito,
Que hoje de vosſa parte
O mesmio Apollo vos defende Marte,
Pois quando as Heras apostando, inueja
Vos ameaſsem com fatal peleja,
Poderá, sem faltar aos verdes Mayos,
Em cada folha fulminar cem rayos:

6 ACADEMIA I.

Suba já com valor vossa ouzadia
Adonde o Pay do dia
A cada qual, melhor que o verde louro,
Quer dar luzidas diademas de ouro.
O que amoroso acerto,
Querer que o mundo veja deste modo,
Que hū pino de ouro hū Singular val todos,
Soem, filhos de Apollo,
As vossas lyras já de polo a polo;
Cujo sonoro accento,
Do Zefiro feliz doce alimento,
Pode fazer, com tanta melodia,
Antecipado amanhecer ao dia,
Sendo de cada qual a voz sonora;
Viuo despertador da bella Aurora.
Viuei pois, para ser nouos assombros,
Athlantes do Parnafo, em cujos hombros
A palestra de Apollo se sustenta,
Grangeando feliz, do tempo izenta,
Sempre a pezar da trepadora rama.
Honra a mi, gloria a vds, motiuo á fama.
Agora si, que em musica sonora
Desatada outra vez vossa armonia;
Se alegre antecipou o Pay do dia,
Risonha fez que madrugasse a Aurora.
Nesta, que Singular a Musa implora,
Aula gentil, discreta Academia,
Com rayos de suave melodia,
Prestais flores ao Sol, luzes a Flora.
Em laminas de bronze eternizados
Viuirão vossos nomes esculpidos,
Sempre a pezar da inueja celebrados.
Para que desta sorte sempre vnidos
As venturas logreis, como lembrados,
Os emulos tenhais, como esquecidos.

DOS SINGULARES DE LISBOA.
Ao Presidente.

S O N E T O.

De Luis Bulhaõ.

SI asta aora en silencio retirada
Esta Aula estuuo, ò docto Presidente,
Pretendes con tu voz todo eloquente,
Que su gloria se mire remontada.
Quando la fama en trompa dilatada
Quiera su nombre al mundo hazer patente,
Bien podrà publicarla permanente,
Pues tal pluma la dexa eternizada.
Entu Lisseo, y tu dictar jocundo
Te lleuas de Academo la victoria,
Por sabio, por subtil, y por fecundo!
Que si de aquel ya feneció su historia,
Oy le dás vida, porque mire el mundo
En quanto le auantajas con tu gloria,

D E C I M A.

De Antonio Marquez.

Esta dichosa Palestra
abris con llaue dorada,
que en Pedro es cosa acertada
hauer la llaue maestra:
Bien en esta accion se muestra
(a pezar de quien la infama)
el acierto que os aclama,
pues con donayre entendido
serrais la puerta al olvido,
abris la puerta a la fama.

Ao mesmo.

ROMANCE.

De Sebastião da Fonseca, & Paiua.

Pedro se sahis a campo
por desempeaho das Musas,
fendo só vossa a empresa,
vds heis de ser o da luta.
Mas tão timido vos vejo
nesta pendencia segunda,
que estaes fazendo Oraçoēs.
para sahir bem da bulha.
Embraçai o escudo forte,
que se as settas são agudas,
o escudo do sofrimento
resiste a toda a calumnia.
Pedro, se tomais a peito
ter peito de pedra dura,
firua o peito de muralha,
que as baterias são muitas.
Vibrai a espada valente,
que ha folhas posto q' occultas.
que cortão de ambas as partes
a fio seco as venturas.
Valeroso peleijai,
pois vos assistem as Musas,
que noue Irmãas em campanha
peleijão por noue furias.

Noue Heroes vos acompanham,
Mestres nestas auenturas,
que inda mortos se não liurão
da ferida de húa injuria.
Em vossos fauor as Heras.
tambein saem todas juntas,
para prenderem valentes
quem couarde se acumula.
Parado o Sol vos assiste,
& a sua madeixa ruiua,
que em vds meritos ampara,
nos outros castiga culpas.
Vencedor já vos acclama
aquelle que vos escuta,
por quanto tendes de casa
razão, pôder, & ventura.
Fortemente peleijai,
& não minta o forte nunca,
que alèm de ter costas quentes,
tambem estais na vossa rua.
Porém nem isso he bastante
para escapares às lutas,
que he força venhais a braços,
se o parabem não se escusa,

DOS SINGULARES DE LISBOA.
A Academia, abrindo-se segunda vez.

91

S O N E T O.

De Andre Nunez da Sylua.

QVal morre,& resuscita a Pheniz bella,
Filha,& m y de si mesma prodigiosa,
E a que na pyra foi caduca Rosa,
Torna a ser no Ceo Flor,no campo Estrella:
Tal a nossa Academia, com cautella,
A seus mesmos alumnos respeitosa,
Se desmaya a Canicula fogosa,
Ao temperado Outono te desuella:
V os pois,mimo de Apollo,a quem incita
O mesmo Apollo,ornai a noua Athenas,
Sej o communs os lauros,& as victorias:
Que he bem que quando Pheniz resuscita,
V os lhe deis para gala as vossas penas,
E ella a v os para lustre as suas glorias.

S O N E T O.

De Antonio Lopez Cabral.

Congresso Singular,fertil Concl ue,
Admira o das Musas peregrina,
Que com plectro subtil,& voz diuina,
De Hipocrene bebeis o humor suave.
Pois nos voos venceis a Real Aue,
Que os Apollineos rayos examina,
E com vea fecunda os predomina
Vosso estillo jocundo,& metro graue.
Prosegui alentados os verdores,
Com que d estes o fructo sazonado,
Que prometestes em fragrantes Flores:
Efureis, que de Apollo celebrado
Se escure o os rayos superiores,
E de vasso luzir fique assombrado.

S O N E .

SONETO.

De Joao Carualho de Sousa.

CEssem já do Lyceo tantos amores,
Amores só lograi, meus Singulares,
Singulares sereis, vencendo azares,
Azares dos aplausos roubadores.
Roubadores sois vós de mil louvores,
Louvores não consentem meus cantares,
Cantares desta lyra são vulgares,
Vulgares não sublimão taes primores.
Primores de louvor obra quem cala,
Cala absorto o descuido nas grandezas,
Grandezas louua só discurso mudo.
Mudo pois meu discurso, nada fala,
Fala porém a fama taes proezas,
Proezas, que por vossas vencem tudo!

SONETO.

De Sebastião da Fonseca & Payua.

NEste Museo, que em vozes dilatadas
Canta a fama veloz cançoens subidas,
Verás penas, & glorias repetidas,
Verás glorias, & penas duplicadas.
Verás Fabio tambem eternizadas
De tanto Heroe as obras mais luzidas,
Verás na pena as glorias reduzidas,
Verás na gloria as penas colocadas.
Glorias, & penas? Si, relateco Plinio,
Penas, & glorias? Si, digao Athenas,
De quem se applaudem hoje inda memorias.
Dá a tua attenção, Fabio, dominio,
E se nas obras vés discretas penas,
Nos aplausos verás eternas glorias.

DOS SINGULARES DE LISBOA.

xi

S O N E T O.

De Antonio Serraõ de Castro.

P Ara esta siempre docta Academìa
Oy el Parnaso muda el Diòs Apolo,
Y en este Archiuo deposita solo
El tesoro gentil de la Poesia.
Pùblica destos Cysnes la armonìa
La fama desde el vno al otro polo,
Desde el dorado Tajo hasta el Pactolo
De donde nace el Sol, y muere el dia,
Apolo, viendo pues, que en sus altares
La fama ya coloca este Parnaso,
Y en el quiso poner su trono, y filla,
Pero mirando nuestros Singulares
Se fue corrido, siendo en este caso
Muchos Apolo, todos marauilla.

Aos Academicos Singulares.

S O N E T O.

De Pedro Duarte Ferrao.

C On blancas alas a bolar se atreue
Vuestra fama, y llegar al quarto Cielo,
Bisarros Cysnes, sin temer su buelo
Al fuego tremolar plumas de nieue:
Mares de luzes en espacio breue
Surcais felices con fatal desuelo,
Desde el cristal, que alegre baña el suelo
Hasta los rayos, que el Planeta mueue:
A quanto el Sol poblò de resplendores,
Y a quanto el Alua dibuxò con llanto
Visten las plumas con ardientes flores,
De Orpheo son las voces, dulce encanto,
Pues oy su lyra, y clausulas mejores
Suspensiò por oir auestro canto.

En

En aplauso de los Singulares Academicos.

ROMANCE.

De Luis Bulbaõ.

Segunda vez resuscita
vuestro canto, ó Singulares!
pero que digo? prosigue
a lograr eternidades.
Si el ambito de los cielos
mide con passo volante
con cien clarines al viento,
con cien plumajes al ayre.
Vuestra fama bien se aduierte
ser impossible, que alcance
a vuestro nombre principio,
a vuestro canto remate.
Oy llegan vuestros ingenios
a renouar su dictamen,
que si vna clausula fizistes,
ella os sirue de realce.
Llega con errante gyro
de la Aurora a los vmbrales,
el Monarca de las luces,
y a penas sus puertas abre.
Quando la rozada Aurora
esparciendo los diamantes,
es Sumiller de sus luces,
es de sus puertas la llaue.
Y a penas se assoma el Sol,
quando ostenta en el semblante
vna luz toda cariño,
vna deidad toda affable.
Pero a penas parte Hedo,
lleua Pyrois del tirante,
Flegeton aplica el pecho;
y la espuma Eton esparce.
Luego aquell incendio mismo,

que se ostentaua agradable,
aquellas luces risueñas,
el rubicundo semblante,
Parece que estan diciendo,
que se ostentaron suaves
para acrisolar sus rayos
entre armiños, y cristales:
Pues si la vista pretende
mirar su bel dad triunfante,
los que eran blandos fulgores
son de los ojos puñales.
Ansi vos dizir podeis
son vuestros poderes tales,
que en el ocio se habilitan
para mayores realces.
Y si de Apolo sois hijos,
no era razon se mirasse,
que en las ondas del Letheo
quedauan vuestros solares.
Esse Paxaro, que eterno
busca de su muerte el trance,
al tiempo que viue, muere,
al tiempo que muere, nace;
Quando con doradas alas
fatiga un leño suave,
en esse tiempo a su vida
consagra nuevas edades.
Publiquen pues vuestras plumas
al mundo, para admirarse,
que en el incendio descubren
mas leuantados quilates.
A las orillas del Pado
puede sentir arrogante

áquel, que la luz Phebea
pretendia registrarle,
Al mar dedique su nombre
el que con buelo ignorante
quiso, que en vrnas de nieue
su vanidad se oculta se.
Que a vuestros meritos solo

R O M A N C E.

De Antonio Marquez.

Q Ve es esto noble Academia?
Pensaua yo q̄ eres muerta,
que está el mundo en tal estado,
que a los discretos entierra.

Mas ya sé que no acabar
era razon, y era fuerça,
porque teneis de immortal,
quanto teneis de discreta.

A vuestra venida aplausos
dà el mundo con diferencia,
los necios la nora mala,
los sabios la nora buena.

El año passado niña
ostentastes las ternezas,
y agora como gigante
manifestais vuestras fuerças.

Contra vuestros inimigos
hazed valiente Academia,
de los libros los escudos,
y de las plumas las flechas.

Segura podreis salir,
de que sombras no se atreuan,
que de assistiros el Sol
lo ha tomado por empresa.

Como salis tan fecunda,
y tan florida palestra,

R O M A N C E.

De Manoel Carualho.

SApientissimos Heroes,
honorifico Conclave,

quiere Apolo rutilante
dar los ardores felices
víctimas en sus altares.
Y desta fuerte fereis
a la embidia torpe vn aspid,
admiracion de los tiempos,
y en el Orbe Singulares.

sois Amalthea, y Pomona;
Flora sois, y Primauera.

Muchos diran que sois Pheniz,
que renasceis de v̄os mesma,
pero teneis poco de aue,
pues teneis menos de aéria.
Retrato sois de la gloria,
y es clara la conseqüencia,
pues se entiende por cōceptos
tanto en ella, como en esta.

Ya salis segunda vez,
y aun por segunda os veneran,
que sois la primer segunda,
que es mejor que la primer a,

Tendreis mui buena ventura,
como todos os deseán,
pues que teneis tan de casa
el milmo Sol por estrella.

Y pues oy salis triunfante,
de las Academias Reyna,
dad plumas para la fama,
y para la embidia penas.

Vuestros hijos Singulares,
siendo pasmo de la tierra,
han de ser sin muerte Cyfnes,
y sin engaños Sirenas.

que no delfico Museo
formaes soberana classe,

Galhardos filhos de Apollo,
que sempre na verde margem
do Tejo, alternaes canoras
cadéncias, que a inueja aplaude;
Vós grandes, que a cada hum
por tantas gloriosas partes,
hè Virgilio nestas Eras
Mece nas destas idades.

Vds que do Ramo, que as iras
frustra à Iupiter tonante
guarneceis a altiuia fronte,
dando ao mesmo Marte mate,

A vds outra vez, & muitas,
Icaros, què ao Sol voastes,
& se ao mar não d'estes nome,
tendes nome nos dous mares.

Ouui minha doce lyra,
que anumeros mais suaues
reduz metr ica armonia,
porque vossa fama cante;

Esta Academia, que agora
he flor de Apollo fragrante,
que portenta, & bal buzente,
os peitos quer que lhe mame:

Esta que posta no Oriente,
seu nome a penas se sabe,
ha de ser glória invencivel
da Raynha das Cidades:

Esta que ás portas da vida
chega minina, & Infante
altiuo assombro no mundo
virá a ser das faculdades:

Vóai Athlantes de Luso,
Chegai ás luzes radiantes
do Sol coin azas de pluma
sem temor doutros azares:

Enchei com vossa armonia,
este pollo, & o distante,
Os campos que rega Nilo,
& os que illustra o Euphrates:

Cantai que já o vosso assento
surca montes, rompe vales,
& mais barbaro Ethiope
por vós a razão abrace:
Das correntes de Aganipe
bebei o nectar suave,
para que as vossas idéas
ponha Juno em seus altares.
Escrevei, que já o buril
d'Elisipo em toda a parte
vossos encomios escreve
em sempre inmortal carácter:
Illustrai com vossas lyras
as paredes de diamante
desta Esphera, cujo templo
he por seu dono admiravel:
Digo daquelles dous primos
tão primorosos, & graves,
que fendo primos na Musa,
saõ primos tambem no sangue
Hum Pedro, & Luis iguais,
os dous, nas liberais artes,
que neutral fica a razão
em qual dos dous he mais grā-
Cujas plumas generosas. (de.
nas azas da fama partem,
& hão de chegar aplaudidas
alem do Tygris, & o Ganjes.
A cuja inclusão suprema,
a cujo nobre dictamen
se deve a pompa que vemos,
se admira este ceo galante.
Para assombro dos discretos,
para lição de ignorantes,
para credito dos Lusos,
para animo dos cobardes.
Para gloria dos engenhos,
para congresso admiravel,
para esperança de nescios,
& admiração das idades.

Em louvor da Academia.

ROMANCE.

De Antonio Serraõ de Castro.

Cisnes desta Academia
começai hoje á cantar,
que eu como Corvo somente
poderei cantar crás, crás:
Louvai esta Academia
em tudo tão singular,
que em o mundo como ella
Ambo, ou Duo se achará.

Que como a estes dous nomes
Singular não se lhe dá,
tambem a esta Academia
não se lhe hâde achar plural:
Por ser só não seja Pheniz,
que já muitos Pheniz hâ;
Cancer achou quatro, ou seis,
E Valejo achou hum mais.

Não a comparem como o Sol,
porque hâ Sol canicular,
que despeja húa cidade,
enche, & vasa hum hospital.

ALua também não serue
pois que taes pepinos faz,
Que são da colica origem,
da maleita original.

Estrella ninguem lhe chame,
que hâ dellas contos sem pár,
& vellas no meyo dia
éis mury vellaca señal.

Quem a compara com a Rosa,
faz comparação bem má,
que esta só faz versos soltos,
quem quer o pôde provar.

Ao Cravo não ma comparem,
quê pôde quem fizer tal,
quando buscar pés de cravos,
cravos de pés pode achar.
Nas mais flores não se falle,

porq a que mais pompa tras,
Se amanhesse flor na Aurora,
cadever na tarde he já.

Nas pedras não ponho pecha,
que se pôdem levantar
contra mi, & na botica
fazer estriago faral:

Se com o már a compârão,
couza salgada serâ,
fendo, que bem me parece,
pois he de sciencias már,

Seja pois hum mare magnum,
diamante no durar,
pomposa flor na fragancia,
no bello cravo será.

Na ferrosura húa Rosa,
húa Estrella no brilhar,
Lua, que não tem migoante,
& Sol nas luzes que dâ;

Seja Pheniz pois renisce,
qual o Pheniz oriental,
& das calmas do verão
torna hoje a resuscitar:

E se com isto parece
bem comparada não está,
com ella mesmo a compâre
quem desejar acertar.

ACA-

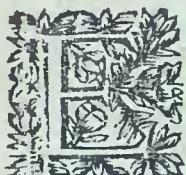
ACADEMIA II.

Em que foi Presidente.

O D. SIMÃO CARDOSO PEREIRA.

Em 26.de Outubro de 664.

Orou da maneira seguinte.



Mbotão se os fios do engenho com as interpolações do estudo , & entorpecem se os passos do discurso cō os interualos do conceito , que saõ deliquios do entendimento as suspençoēs do exercicio.

Suspendero Anibal em Capua o progresso da victoria de Canas , & foi tão damnosa a suspensaō , que seruio de ruina do valor de seus soldados , & de alicerce da ventura de seus inimigos , q em qualquer materia tanto atraza a suspensaō de poucos mezes , como adianta a continuaçāo de muitos annos.

São as idēas do entendimento oppostas às idades do corpo ; por que se como o trabalho se enuelhece , o entendimento com o exercicio se remoça . O mesmo que a hū encontra a vida , ao outro a crescenta a prudencia.

O ouro quanto mais se vè abrazado então se fas mais fino ; o mesmo elemento que a outra materia reduzira em cinzas , ao ouro adianta em quilates ; não só os chrisoēs em que se vee derretido desalentos de seu ser , saõ sómente testemunhas de seu valor.

A palma com quanto mais pezo a carregão , com quanta mais pululancia cresce : O proprio pezo , que em outra planta podia desmayar os spiritos , alenta na palma os brios : Não he a carga com que se vee opprimida a sepultura de suas raizes , he sómente a diadema de seus troncos .

Emblemas saõ estes do entendimento , & geroglificos do engenho , pois no entendimento he o pezo do estudo (bem como na palma) a occasião de seu augmento ; & no engenho he o fogo do exercicio (bem como

DOS SINGULARES DE LISBOA.

17

Como no ouro) o indice de sua fineza . Que assi como o campo então mais se fructifica, quanto mais o rompe o arado; assim o engenho então mais se fertiliza, quanto mais o cultua o estudo.

A suspensão que tègora houue nestas Academias, foi o incentivo deste prologo ; pois em razão della posso recear que hajão fraqueado vossos engenhos, assi como se hão perdido minhas sufficiencias. Porém he delírio de nieu receyo , & he desatino de meu temor presumir em vós o que experimento em mi , que não se pôdem medir as pobrezas de meu entendimento com astiquezas de vossos juizos.

Para derribar hum robusto Carvalho hum Boreas não basta, & para prostrar húa tenta eryinha hú Zephiro çobra. A suspensão destas Academias bastante foi para entorpecer meu talento, mas não foi bastante para embotar vossos engenhos ; Em mi chegou a ser destroço, o que em vós não chegou a ser amago . Pode a suspensão destas Academias apagarme as luzes, porém não pode nem tocaruos as sombras; Em fim nas palestras q agora se offerece, & nas aulas, que agora se continuaõ

Vós tornareis a ser quem erais dantes,

Eu não fui se ferei quem dantes era.

Supposta pois esta verdade, he preciso que prosigais vossos empenhos passados nestas Academias presentes, porque para o fazer vos persuadem tres razões, ou para melhor dizer vos obrigão tres conveniencias. O interece, o Credito, & a vida . Tres polos em que estribão todas as pertenções do mundo; & tres bases em que assentão todos os dezejos dos homens.

Quanto ao interesse

Diz Seneca, que nenhūa couza tem sua perfeição em seu principio, ou sua constinuição em seu nascimento.

Nulla res consummata est dum incipit.

E deve ser a razão , porque como seja facil acrescentar ao que se chegou a descubrir

Facile est inventis addere.

Sempre o successivo se melhora do que o principiado, & assim o mostra a ordē da natureza, porq depois do estado de principiar, poe o estado de crescer. Principio, & Augmēto. Interesse he logo voso, Senhores Academicos, o progresso destes exercicios, pois se nos passados não arribastes aos augmentos, agora haveis de passar dos principios; se nos passados mostraveis os rudimentos, agora haveis de inculcar a perfeição: em fim, se então ereis sogeitos principiantes, agora haveis de ser Poetas consumados.

Ninguem sabe casualmente (diz o mesmo Seneca:)

Nulli sapere casu obtigit.

Com o exercicio, com a continuaçāo, & com o estudo se fazem os homens sabios, & se formāo os homens doctos; porque não ha entendimento tão rude, que o exercicio não lime o mais duro aço se adelgaça com a continuaçāo dos golpes do martello; a mais forte pedra se lavra com a repetição das feridas do sinzel, o campo mais agreste se fructifica com a teima do arado, o caminho mais largo se vence com a obstinaçāo do passo:

Tempore difficiles veniunt ad aratra juventus;

Tempore lenta pati frēna docentur equi.

Ferreus assiduo consumitur annulus usū,

Interit assidua vomer adhuncus humus.

Quid magis est durum saxo? quid mollius humus?

Dura tamen molli saxa cavantur aqua.

Se poiso o exercicio & a cōtinuaçāo (senhores Academicos) sogeita ao jugo o touro mais feroz, & reduz ao freo o cavallo mais boçal. Se poiso o uzo, & o trabalho gasta o grilhão mais forte, & abre a terra mais dura; grande interesse tereis logo nestas palestras de Apollo, nestes geraes do Parnaso; pois he forçoso que cresça vossa scienza apar de vossa cōtinuaçāo; porque juntandose em vossas capacidades, & conglotinando-se em vossas memorias a politica de hum Tacito, que se vos explica, a pruifencia de hum Seneca, que se vos expoem, o estylio de hum Gongora, que se vos declara, & a sentença de húa Oraçāo, que se vos refere, he preciso que enchendose vossa memoria, & aprehendendo voso conceito, voso discurso suba, voso engenho cresça, vossa idēa se eleve, & voso juizo se remonte: Concluido fica logo, que serā voso progresso vossa mercancia, que serā vossa continuaçāo vossa usura, & que serā voso exercicio voso interesse.

Quanto ao credito,

Não he heroico o entendimento, que deu a conhecer tudo o q̄ sabia; nem he grande o engenho, que deu a compreender tudo o que alcançava. Toda a accāo do juizo deve sempre deixar esperanças de outras maiores; toda a obra do engenho deve sempre fazer promessas de outras mais subidas. Assim o ensinou Garcian em o primeiro de seus pri-
mores, ou em a primeira de suas heroicidades.

*Gran treta es ostentarse al conocimiento, però no a la compre-
hension; cevar la expectacion; pero nunca desengañarla de to-
do; prometa más lo mucho; y la mejor accion dexa siempre espe-
rancias de mayores.*

Impor-

Importa logo a vossa credito, & incumbe a vossa reputação (senhores Academicos) proseguirdes com vossas obras, continuardes com vossos versos; porque de outra sorte cuidar-se-há, que tudo o que sabieis nos inculcastes, & que tudo o que alcançaveis nos disfesteis; & será grande desdouro de nossos juizos, sabermos nós até donde chegaõ vossos talentos.

Por esta razão Pitacco (a quem vulgarmente chamaõ o Sabio de Mitilene) disse paradoxamente, que a metade era maior do que o todo, porque metade do engenho em empenho, he mais do que todo o engenho declarado; que mostra ser de pouco fundo o entendimento, que se fonda, & de pouca corrente o juizo que se vadea.

E não evirareis o descredito, se disserdes, que o não proseguides com vossas obras, não he porque mais não saibaes, senão porque mais não quereis; não achaque de vossos entendimentos, mas fastio de vossas vontades; porque tanto vos hei de censurar a falta da vontade, como vos hei de acusar o defeito do juizo, em ambos os termos vos haveréis de confessar reos, em ambos os meos me haveréis de conhecer fiscais:

Scire tuum nibil est, nisi te scire hoc sciat alter.

Disse Oueno. Para serdes reputados por sabios, não basta que vós saibaes, he necessário tambem que o nós saibamos. O ouro em quanto está occulto nas entranhas da terra, & no ventre das minas, nem tem valor, nem tem estimação; a perola em quanto está presa na prisão da cacha, & no carcer das ondas, nem tem agrado, nem tem preço, porque tudo o que se ha de vincular na estimação, primeiro se ha de gravar no conhecimento.

Não deixa de ser necessidade a sabedoria encuberta, não deixa de ser ignorancia a sciencia escondida. Passa praça de stulto, quem escôde o que alcança seu discurso; tem o foro de necio, quem encobre o que raciocina seu engenho; assim o affirmou Oueno:

Si fas is stultus est cum nil habere loqueris.

Se pois logo vos haõ de ter por ignorantes, ou já deixeis o exercicio destas Academias por falta de talento, ou já o dejxeis por defeito da vontade, fica logo consequente, que importa à vossa reputação, & que incumbe a vossa credito a continuaçao.

Quanto á vida,

Nenhãa cousa logra menos o homem ocupado, do que a vida; assim o anthoriza Seneca:

Nil minus est homini occupati, quam vivere.

E a razão apôta S. Gregorio, porque os moviméros dos cuidados (diz o Sancto) nos fazem estrangeiros de nós mesmos, em modo que não af-

sistimos em nós, quando assistimos na ocupação, vagando peregrinos
nossos aientos, & peregrinando vagos nossos spiritus.

*Nam quoties per cogitationis motum nimium extra nos
ducimur, & nos sumus, & nobiscum non sumus quia nos
metipso minime videntes per alia vagamus.*

E assim vimos a não lograr da vida todo o tempo, q̄ consumimos no tra-
balho, vimos a perder da idade todo o dia, q̄ gastamos na ocupação.

Se virdes a hū homem ocupado carregado de brancas, & esmal-
tado de rugas (diz o mesmo Senecha) não cuideis por isto, q̄ tē vivido
muitos annos, mas que tem sido muito tempo.

*Non est, quod quemquam propter eanos, aut rugas putes
diu vixisse. Non ille diu vixit, sed diu fuit.*

Faz o Filosofo palpavel este exemplo com este semelhante:

Sac o baixel do porto alegre, & entra pelo golfo usano, quando
ensurecem os mares, emplumão as ondas, negrejão as nuvēs, & bra-
mão os ventos. Tornando o baixel, que foi penacho das agoas em pe-
lota das ondas, hora faz rebate na rais das Estrellas, hora faz chaçá no
cádoz das areas: para húa parte o Boreas o despenha, para outta parte
o Noto o priceipa, para aqui o arroja o Austro, para alli o naufraga o
Euro, atē q̄cō fundidas as gaveas cō as navēs, & a quilha com as areas,
acaba em adorno das penhas, o que foi lunar dos mares; tanto nas agoas
empenho do rigor, quanto nas nas prayas assunípto da lastima.

Por ventura este baixel (diz Seneca) porque andou nestas bor-
rascas muitas legoas, fez muita viagem? Não navegou (diz elle) os
mares, lutou muito com as ondas.

Non ille multum nauegavit, sed multum jactatus est.

Naõ de outra sorte o homem, que querendo nauigar no golfo
do mundo o acossa de húa parte a ocupação do officio, da outra par-
te o cuidado do negocio, para aqui o obriga o alcance do retorno, pa-
ra alli o move a ambição da dignidade; todo esquecido de q̄ vive, todo
lebrado de q̄ trabalha, o mesmo mundo o arroja aos braços da morte, &
aos braços do tumulto; Este diz Seneca, *Non diu vixit, sed diu fuit.*

Por esta razão Simeles ministro do Emperador Adriano, mandou
esculpir este epitafio em sua sepultura.

*Hic jaceet Simeles, qui post longam etatem, solum se-
tem annis vixit.*

Aqui jaz Simeles, que tendo larga idade, viveu somente sete annos.
Achou o Sabio que os annos, que consumira na ocupação dos officios
os havia perdido no logro da vida.

E com quanta verdade posso eu dizer por mim, & por vds, que fámos, & que não vivemos. Despachar feitos, actuar processos, seguir letigios, inquirir negócios, descobrir comercios, servir officios, & acquirir fazendas, consumem nossos annos, & gastão nossas idades; em modo que fámos homens, & não fámos vivos: *sumus, sed non vivimus.*

He logo consequencia deste discurso, que tanto teremos de vivos, quanto tivermos de ociosos, & tanto teremos de sabios, quanto tivermos de descançados:

Sapientia otia negotia sunt.

Disse S. Bernardo. São os cambios da sciencia as assistencias do descanço; & então he a sciencia mais exercitada, quanto he mais ociosa.

Quo otiosior sapientia, eo exercitatio in genere suo.

Prosegue o mesmo Sancto, & o continua Ovidio:

Quaque mea semper placuerunt otia menti

carpere, & in studijs molliter esse meis.

Entendo esteocio em quanto apartamento das occupações, mas não em quanto suspensão das letras, porque assim como a vida com negocios he morte, assim oocio sem letras he sepultura. Tudo disse Seneca:

Otium sine litteris mors est, & vita hominis sepultura.

Se pois vos apartardes de vossas occupações, & vos entregardes a nossos exercícios, a vida vos será goestosa, o tempo vos será agradavel; para os outros sereis proveitosos, para vós não sereis molestos:

*Si te ad se idia revocayeris, omne vita fastidium effugeris, nec tibi
gravis eris, nec alijs supervacuus.*

Conclue Seneca, & concluo eu, que no progresso destas Academias alcançareis aquellas tres balizas, donde não chega o maior desejo, aquelles tres marcos, donde não passa a maior ambição. Interesse em vossos exercícios. Credito em vossas obras, & logros em vossa vida.

Dos passados sereis esquecimento; dos presentes sereis triunpho; dos vindouros sereis espanto. Para nós sereis enleyo, para vós sereis immortalidade, para a fama sereis assumpto.

Ao Presidente.

DECIMA

De Antonio Marquez.

DE orar con tanto desvelo,
gloria se os de be en razon,
porque la buen: Oracion,
dizen que penetra el Cielo;
Asi de la fama el buelo
os dirige a la memoria
con aclamacion notoria,
pues orando dessi suerte,
no baxareis a la muerte,
mas subireis a la gloria..

Foi assunto desta Academia Lydia, que lendo hum
papel e seu amante aos rayos da Lua, porque
lho ellirovou hua nave, o rompeo.

DECASTICHON.

De Alexo Collotes de Santilher.

Scripta sui dextra Damônis verba legebat,
Ad lunæ puram Lydia pulchra facem;
Quum nudo sùbito Phœbi soror occuli axes;
Mersaq; in ob;cûra lúmina nube néyat.
Lyd;a conqueritur, /cissâmque irata papyrus.
Abjicit aura levis quam per mano rapit.
Quæ tamen irârum vibicau; a d. Lydia? culpan.
Non habet officio Cynthia funda suo.
Illa tuo oculos mirum vidit, & esse
Crédidit, ut légeres, sydera bina fatis.

DOS SINGULARES DE LISBOA.

S O N E T O.

De Pedro Duarte Ferrao.

Ternuras de un amor, que amas constante
Lesas bella Ines a Cynthia herinfa,
Que vestia de plata generosa
A quanto el claro Sol dora brillantes;
Quando una nube, á tanta luz gigante,
Aquella te quiso, poco piedosa,
Siendo ocasión de verte rigurosa
Quien te miró de Fabio más amantes;
Si la nube causó tantos enojos,
No te ofende el papel, Ines querida,
Quando al ayre le ofeces por despejos.
Mira que cada letra dividida,
Siendo lengua, a la vista de tus ojos
Te ha de acusar de que eres su homicida.

S O N E T O.

De Luis Bulbaō.

Resumid vapor, deten tu buelo,
No protigas cruel tu passo errante,
Que occultas un luzero radiante,
Que ora de antorcha sirve a tanto cielo;
Parece que pretende tu desuelo
Privara Filis de un affeto amante,
Y por darle una muerte en cada instante,
Quieres recima la causa del consuelo;
No te parezca, ó tenebrio abismo,
Que imbibido, y cruel solo atropellas
A ti ana con este paracismo.
Pues quando Filis tus luzeros sellas,
Tambien quita tu sombra a un tiepo mismo
El imperio lizado a las estrellas.

S O.

S O N E T O.
De Antonio Marquez.

LEIA Clori bella las ternezas
De su amante a los rayos de Lucina;
Quando interpuesta nube, más q indigna,
Medio puso a mudanças, y a firmezas.
No aprovechan de Clori las destrezas
Para mirar la letra peregrina,
Que luego nube obscura se encamina,
A deslucir, de embidia, a las finezas.
Y viendo Clori que una nube obscura
Deslustrar el papel ha conseguido,
El billete rompió con mano duras
Porque el amante así quede advertido,
Que del papel amado más procura
Verle roto, que verle deslucido.

S O N E T O.

De Andre Nuniez da Sylua.

DE Cynthia al farol tremulo, cogía
Clori de Fabio en un papel despojos;
Quando nube veloz roba a sus ojos
La eſcassa luz con que el papel leña.
Perſia amante, si cruel porſia
La nubé, y ciega Clori a rayos rojos
Del Ethna del papel, llena de enojos,
Con nieve apaga quanto en fuego ardía.
Al amante bolcan con mano irada
Rompe, pero el nublado liſongero
Le dizes; advierte ya tus arreboles,
Deixa el papel, tu sola eres culpada,
Pues a la luz lo mirás de un lucero,
Olvidando los rayos de dós Soles,

SONETO.

De Joao Carualho de Sousa.

DIze, humilde vapor, sombra atrevida,
Terrestre exhalação, nevoa addensada,
Nos Astros, por soberba, levantada,
E do vulgo das ervas mal nascida?
Dize? porque de Cynthia esclarecida
Escureceste os rayos tão turbadas;
Querendo assi ficasse sepultada
Do premio a gloria, se do gosto a vida?
Dize? mas oh! que nesta travessura,
O vil exhalação, como discreta
Em Flora ques mostrar pouca cordura:
Pois logrando dous soes Flora indiscreta
De seus olhos no Ceo da fermo sura,
A luz busca prestada de hum Planeta.

SONETO.

De Manoel Carualho.

COn manos, Lisi, de jasmin más finas
A los rayos de Cynthia luminosa
De su amante un papel abriò curiosa,
Para leer finezas peregrinas;
Cubrió la luz con lobregas cortinas
Vna nube, diciendo mysteriosa,
Es possible que ignores Lisi hermosa,
Que ay luces en tus ojos más divinas.
Icaro nuevo fue, papel estrecho,
A más atrevimiento destinado,
Pues para soles dós, subió derecho.
Icaro de uno solo fue arrojado,
Que mucho pues, que en atamo; desecho,
Quien a dós se atrevió, muera rasgado.

SO-

SONETO.

De Francisco Lopez Sueiro.

Este humil levar, que inadvertido
Competir con los Altos ha intentado,
Pues que fue turbacion de tu cuidado,
Muera, pues contra amor ha delinquido;
Pero aquelle papel en que ha offendido
Tu ecoro, Belisa, en que ha peccado?
Mas si nacio, Belisa, desdichado,
No me admiro que le ayas tu rompidos;
Desdichado nacio y como via,
Que en tus ojos la dicha toda estava,
En tus manos tus ojos preteudia;
Discreta accion le rompe, pues mialava,
Que al que solo dichoso ser querria,
La dicha de mirarte le sobrava.

SYLVA.

De Simão Cardoso Pereira.

Saõ as sylvas chega das
Entre toscas & lindas,
D' milhe vissas merces as boas vindas,
Feçao alguma festa,
Se a calo os não molesta,
Que houve hum rico varão tão avarento,
Que inda que viu que era comprimento,
P' traz que a dar lhe cheirava,
Nem parabcns nem boas vindas dava.
Ora pois que saõ vindas
As sylvas celebradas,
Prestem de oreiha quattro polegadas,
E ouçao tres instantes

Vossas

V. ssas merces senhores Estudantes,
 Que hei de dizer milagres:
 Porém já me desdigo,
 Porque tem seu perigo,
 E seus deslizamentos
 O. milagres cos cegos,
 E temo tem espantos
 Venderse a minha sylva pellos cantos.
 Sem pois milagres prometter prologo,
 Vão assi como estão todos comigo,
 Que seguindo meus modos,
 N. Real Hôspital se verão todos;
 E serão companheiros
 Daquelle Anacoreta,
 Que preso foi por doudo, ou por poeta,
 Porque não ha fallando com licença,
 Entre húa, & outra cousa diferença.
 Ó o assumpto cruel, ó assumpto ingrato,
 De todos os assumptos Celibato,
 Viudo dos conceitos, avarento,
 Orfaõ fatal de todo o pensamento,
 Que esta noite passada me fez tonto,
 Sem a culpa de tanto contraponto,
 Que coma nélle tudo nada achava,
 Por esses trigos minha Musa davá;
 Mas porém foi, ainda assi, ventura,
 Porque fallando com perdão agora,
 Dar por essas cevadas peor fora.
 Cevirde poisa Musa,
 Instantemente recusa,
 Certamente não ouza
 Soprar em tal assumpto algua couza,
 E sem soprar Thalia,
 Ficou a minha vea em calmaria.
 Meu senhor Presidente,
 Que Poeta eloquente
 No Domingo passado
 Deixou este Congresso embasbacado,
 Porque todas as vezes
 Que naquelle cadeira se concerta,

Deixa

Deixa a tão dourta gente a boca aberta,
 Digame assim veja
 Os filhos que tiver, & que deseja,
 E todos seus parentes
 Depois de sua morte Presidentes,
 Digame, que o pergunto,
 Que hei de dizer sobre tão triste assunto?
 Diga, que confessando meu peccado
 Dou por adevinhado,
 Porque eu não sei que diga
 De húa mulher tão tola,
 Que fez pedaços hum papel escrito,
 Porque a negra nuve,
 Supposto que era negra, & negra estava,
 De nenhúa pessoa foi escrava;
 Era muito senhora,
 E mais naquelle hora,
 Que presumida por aérios rumos
 Era nuve de muito grandes fumos,
 E lhe não dava como tenho dito,
 Nem hum ceitil do padecente escrito.
 O caso foi, que esta mulher tão crua,
 Pôndose a ler àLua,
 Foi a hora mingoada,
 Ficou toda aluada,
 E rasgando o papel, o deita ao vento,
 Por frenesi de seu entendimento;
 Vingando no papel, que amor professa
 As culpas, & fraquezas da cabeça;
 Que qualquer que confia
 Das mãos de húa mulher seu alvedrio,
 Tambem pôde acabar de hum tresvario.
 Não foi logo rigor a rasgadura,
 Foi sómente loucura,
 Que o papel sentio pouco, pois sabia,
 Que em seus primeiros partos,
 Logo nasceu para fazerse em quartos.
 Lendo a minina ao sereno estava
 O papel, que os amores lhe inculcava;
 Papel, que do desvelo, foi modelo,
 loucura,

Loucura, não rigor, foi o rompelo,
Porque era desconcerto na verdade
Haver rigor em tal serenidade.

Ora deste sucesso

Tudo ficou bem mal, se o bem conheço;
Porque se o mal não noto,
O papel ficou roto,
A menina ficou com desatino,
E o afante mosfino,
O resplendor da Lua emmascarado,
Sómente neste caso desastrado
A nuve ficou bem, pois nesta empresa,
Inda que a moça della se desgusta,
Em os cornos da Lua se viu posta

S Y L V A.

De Sebastião da Fonseca & Payuá.

Senhora Galatéa;
Se vossé quer picar a minha vea.
Com dar estes assumplos tão perversos,
Faça o Grão-Turco versos,
Porque a versos da Lua,
Sómente elle os farà, ou cousta suas.
Quer metermie em cabeça,
Que se em Lua começa.
A nossa Académia,
Crescerà como a Lua cada dia,
E que se nisto cremos,
Lá nos cornos da Lua a veremos;
Pois vem bem enganada,
Que eu não quero invocar Musa aluada,
E donde o mesmo Sol serve de empreza.
Toda a luz se despreza;
Porém meus Singulares,
Temos no assúpio emprezas hoje aos pares.
Ay que temo os eclýpticas repetidos,
Vendo o Sol, & a Lua tão unidos,
Quem nisko me meteu mil annos tuça,

Qual Lua para mim, qual carapuça,
Porém vds Galatea ingrata bella,
Se já tivestes votos para estrella,
Fazeis a Academia, por amante,
Com Sol, Estrella, & Lua hú Ceo brilhante.

Aturquezado assumpto,
Não posso entrar com elle,
Pois já quando se apelle
Para o rasgar da carta acelerado,
He hum romper rasgado,
Quando vejo que tontos
Andão compondo a tutiplê por pontos.

Vá de assumpto aliado,
Que assumpto que tem Luas
Pode andar pellas ruas
De rapazes dez mil acompanhado,
E tem pronosticado
Esta Lua, meu bem, se não me engano,
Todo o verso hoje ser verso Galhano,
Porque entende das Luas hum bom pouco,
E se anda pellas ruas feito louco.

Estava Galatea em cuja gala
Se ateou tanto amor, que de vencido,
Abrafado se vio, não soccorrido,
Lendo de seus amores
Soletrados favores
A Luz que Diana bella
Dava, se bem como qual quer estrella,
Porque era no minguante,
Mao tempo para ler cartas de amante.

Discursemos o ponto,
Entrando desta sorte com o meu conto:
Senhora Galatea,
Não tinha hú a candea
Para ler essa carta,
Donde caricias lera,
E em pedaços a carta não fizera?
A pena tinha lido
O principio da carta,
Donde já mais se farta

O aman-

DOS SINGULARES DE LISBOA.

36

O amante de pôr muitos amores,
Quando de mil rigores
Revestida húa nuve presumida
Tirou a vida à luz & a luz à vida,
E neste desarranjo
Fica à vista da nuve feita hum Anjo;
Do successo enfadada, & da desgraça
A carta despedaça,
E se à nuve colherá
O mesmo lhe fizera,
Porque o Sol com dourados resplendores
Pode despedaçar densos vapores.

Como Fabio de amante:
Se des faz por amor a cada instante,
Aos seus papeis ensina a sua vêa,
Se desfação nas mãos de Galatéa,
Que pôdem, posto saõ de pura neve,
O fogo desfazer, que se lhe atreve.

Enfureceose toda,
E os sêntidos de todo alborotados,
Marinheiros em tudo experimentados,
Vendo certa a tormenta, & pertô a morte,
Ao sentimento avisaõ desta sorte:
Alerta, alerta estai, que o vento cresce,
Daquella nuve negra que apparece.

Aborrasca crescida,
Galatéa temendo o fim da vida,
Vendo que perigava,
Toda a sua riqueza ao mar lançava,
E vendo horror tão fero,
Rayo se fez imitador de Nero,
Despedaçando tudo,
Sendo o menor papel torisco mudo.

Quedirão seus amores,
Que atè os seus papeis uza rigores;
Vossé não esperara,
Que essa nuve passara,
Por mostrar na Esperança,
Que esta firme na Fé, sem ter mudanca,
E não sem piedade.

Fazer:

Fazer a hum innocent a Charidade,
 Porém vou penetrando
 O seu cruel intento,
 Desculpando cortez o pensamento,
 E assi digo senhores
 Na carta dos amores
 Hião a Galatéa os olhos bellos,
 E se elles saõ rasgados,
 Rasguese esse papel em mil bocados;
 Era o papel seus olhos,
 Desta Ninfâ fermosa,
 Pois quebrelhos a nuye rigurosa;
 Porém quando esta passe a puros gritos,
 Para ter mais que ler duplícias escritos,
 Mas não foi nuye não, ingrata bella,
 Que sendo claro sol, posto que estrella;
 O Sol junto da Lua,
 Em vez de luzir mais, tambem se amisa,
 Eclypses forão certo, eu o descubro,
 Que o Galhano estes douš dava em Octubre.
 Baste de sylva já, que eu não quizera -
 Ser outra Galatéa nos assintes,
 Fazendo em mil pedaços os ouvintes,
 Mas em tão triste assumpto,
 Sómente discursar pôde hum defunto;
 Que a Lua donde o Sol serve de empreza;
 Não se pôde louvar se se despreza,
 E donde estimação de papeis fazem,
 Que se dirá dos mais, que se desfazem;
 Em sum sobre este intento
 Sò direi, que esta Lua toda he vento.

S Y L V A.
De Bertholameu de Faria.

EM Domingo passado,
 Dia que entre nós todos venerado
 Por todas as idades
 O pôde ser das nossas saudades:
 Pois n'elle(já de Feniz o conceito

DOS SINGULARES DE LISBOA.

33

Me está gritando ás portas do respeito)
Vimos de tanto engenho engrandecida
Esta nossa Academia renascida,
E de seus proprios rayos illustrada,
Melhor que renascida, acreditada.

Isto vio quem a vio, porque eu somente
A tanto engenho illustre reverente,
Crendo por fô o aplauso que hoje sigo,
Do muito que os venero, o menos digo;
Mas inda assi, conforme me disserão,
Das oraçõeis discretas que fizerão
A Academia estaria, se se nota,
Com tantas oraçõeis muito devota.

Este Domingo pois, nem mais, nem menos
Faltei na Academia,
Mas não pôde ser culpa a cobardia,
Quando em discreto efeito
Nasce o temor nos fôtos do respeito;
Nem eu tinha tençâo (fallo sem treta)
Meterme mais nos custos de Poeta,
Porque vaõ muitas legoas do cuidado
Disto de estar viuwo, a ser casado.

Porém como das Musas esse Erario,
Quero dizer o nosso Secretario,
(Valhame Deos que pena!)
Me diz que a Academia me condena,
Procedendo seye ra, & ajustada,
A riscarme da folha começada,
Tremendo a tanta ley, decreto tanto,
Venho com novo espanto,
Por naõ perder por calo desastrado
De Poeta da casa esse ordenado.

Eu venho, & naõ viera
(Inda que mais perdêra)
Se soubera do assumpto o caso horrendo,
Porque nelle estou vendo,
Como calo tambem muito precizo,
Perder por meus peccados o juízo;
Porém deste fracazo
Naõ quero em nenhum cazo fazer cazo.

C

Porque

Porque nesta de Apollo
 Pacifica campânhia,
 Se hum juizo se perde, outro se ganha.
 Diz pois, como húa dama ingrata, & crua
 Aos rayos frios da Madama Lua;
 Com trinta mil donaires, & primores
 Lia hum papel de amores;
 Vem senão quando nuve impertinente
 Se interpoz de repente
 Entre os olhos, & a Lua taõ ouzada,
 Que por mais que quiz ver, já não viu trada;
 Rompe o papel, de estorvo enfurecida
 (Miseravel desgraça desta vida!)
 Mas o mundo está já rão extrahido,
 Que he hū sempre o culpado, outro o punido;
 E sentimos hir tudo em tal estado;
 Que melhor que innocenthe ser culpado;
 Mas a quem lhe importar, que se amesquinhe,
 Porque eu de nenhum modó
 Así ntir estás cousas me acomodo,
 E em minha razão meu dito fundo,
 Supposto que não sou Censor do mundo.

Agora Cloris bella,
 Que aos imperios do vento
 Mostra em cada pedaço hum sentimento,
 Ou húa tyrania
 De condiç.º impla,
 Esse papel, que foi em seus ardores
 Secretario de amores,
 E em muitas ternezas
 Pregão de rendimentos, & finezas;
 Dizeime vós senhora
 Se se costuma agora,
 Para ler de hum affecto mil desmayos
 Buscar da Lua os escuros rayos?
 Fareis com que se diga, & mais se crea,
 Que não tendes de vosso húa candea.
 Em que peccou o triste,
 Se essa porção de luzes, que lhe assiste,
 Da nuve impertinente,

Como vós o sentis, o estorvo sente!
 Ora eu tenho advertido,
 Que foi o tal papel muito entendido,
 E que em pagar os erros de culpado,
 Por entendido ser, foi desgraçado:
 Em vós a culpa esteve,
 E em dar o papel ao vento leve
 Mostrastes com injusto pensamento,
 Que he hum papel de amôr couisa de vento.

E pois com tal rigor, com tal porfia
 O fez senhora a vossa tyrania,
 Que conforme acreedito,
 O que a Lua peccou, pagou o escrito;
 Deste fatal successo,
 Dizendo, me despresso,
 Sem que ninguem me argua,
 Que se yà rir ao Sol, quem lé à Lua.

M O T T E.

O Ceo, & mais as Estrellas,
 & mais a Lua tambem,
 sejaõ minhas testemunhas
 como eu sempre lhe quiz bem.

G L O S A.

De Francisco Lopez Sueiro.

D Epois das Ave Marias,
 pouco mais, ou menos deraõ
 hum papel a Cloris, & erão
 de certo amante porfias;
 ella, que mil alegrias
 nas regras sente, quiz lellas,
 & sem detença ás janellas
 chegou, & posta ao luar,
 começou de convocar
 o Ceo, & mais as Estrellas,
 Nisto húa nuve passou,
 & taes excessos notando,
 a Lua lhe foi tapando,
 & ás escuras a deixou;

Cloris muito se enfadou;
 & no primeirò vaivem
 o papel rompe, & diz, quem
 isto sofrer poderá,
 a nuve mo pagará,
 & mais a Lua tanibem.
 Soube Fabio, que rasgado
 o seu papel Cloris tinha,
 & como húa ventoinha
 sahio de casa enfadado;
 já do successo informado,
 de raiva comia as unhas,
 eu que descendo dos Cunhas,
 (diz) como heide tal levar,

de Cloris hei de querelar,
sejão minhas testemunhas.
Ella, que de dentro orevio.
as gritarias do amante,
chegou logo em hum instante
à janella, & fez sio, sio,

mas elle não diffirio,
& só disse, não convem
que eu torne a fallar a quem
sempre me foi desleal,
que assi me quiz sempre mal,
como eu sempre lhe quiz bem.

DECIMA.

De Luis Bulbaõ.

YO Filis no sé por cierto.
como leyendo un papel
te falta una luz fiel,
y te obliga a un desconcierto:
mas ya tu razon ádvierto,

quieres con modo subtil
dizirnos que no eres vil,
sinó con modos tan raros,
tan deuda del Conde Claros,
que te acuestas sin candil.

ROMANCE.

De Pedro Valejo.

Que bien hiziste Filis
en rasgar esse papel;
por no topar en sus rasgos
algunos riesgos tambien.
Con el cañon de una pluma
sabe Cupido romper
en los assaltos de una alma,
las murallas de una fee.
Incauta leer querias,
sin advertir Filis, que
mui cerca está de escuchar,
quien se sugera a leer.
Aquella Rosa, que ajada
de villana mano ves,
no estubiera mustia oyo,
si se recatara ayer..
Si de una nube la sombra,
te occasionó tanto bien,
lo que parecia ofensa,
puedes juzgar por merced.
No se dexó ver la Luna.

luego que te echò de ver,
porque delante del Sol
no es bien que la Luna esté.
Si quedaste con sus rayos,
no la jusgues discortez,
que a la Luna de Valencia
nadie Filis queda bien.
Caer en las sombras, Filis,
natural tropieço es,
perdi a ti sola las sombras,
te sirven de no caer.
Mucho debes a la nube,
que se te oppuso fiel,
porque con la luz no vias,
y ya con las sombras ves.
Cortez el papel seria,
• porque conquistaba bien
las Indias de tu belleza,
mostrando que era cortez.
Si le rasgaste sin verle;
fue traça de mercader,
que

DOS SINGULARES DE LISBOA.

37

que no acetando las letras
nunca las paga tambien.

Cautela cuerda fue tuya
romperle luégo, porque
pagaras a letra vista,
si la llegaras a ver.

A lo menos la respuesta
fuera el menor interés,
siendo que los paga grandes
quien los toma a respondet,

Cruel, y ingrata serias
si le rasgaras despues,
y para no ser ingrata
fue cordura el ser cruel.

Si lisonjero venia,
discreta cautela fue,
por impedir la lisonja
anticipar el desden.

Si tu blanca mano iguala
del papel la candidez,
de que sirue un papelillo
a una mano de papel.

Bien te parecid romperle,
y pareciote mui bien,
porque nada duda Filis

que tienes buen parecer.

En fin, si huyendo del riesgo
has conseguido el laurel,
tu sola sabes triunfar
sin la costa del vencer.

No del papel las ruiñas
llore su dueño porque
si fue despojo del ayre,
ayroso quedò el papel.

Si de palabras, y plumas
se compuso, bien se vè
qué el llevarselas el viento
costumbre, y no rigor es.

Y aun que despues de bolar
fue tan preciso el caer,
no es poca ventura suya
llegar a besarte el pie.

Filis, si aqueste romance
no te ha parecido bien,
ya q' está puesto en tus manos,
ellas le sabran romper.

Y si estás aun a escúras,
y aquestos versos no ves,
Dios te dé mui buenas noches
por siempre ya más, amen.

R O M A N C E.

De Pedro Duarte Ferraõ.

M Arica o brio de Alfama,
essa bisarra cachopa,
que por reynar no seu bairo,
lhe pagão tributo as outras.

A quem o cego rapaz
fez das almas tão senhora,
q' ao menor abrir de hūs olhos
rende sem partido a todas.
De quem o Sol para rayos
enyejaya as trenças louras,

& as vidas tem por hum fio,
quando de ouro os fios solta.

E sem ceremonia algua,
nem ni galha de lisonja,
mais que em tumulos de prata
morrerà o Sol nestas ondas.

A testa, não sei que diga,
tão de leite a julgo agora,
que eu só por parecer bem
fora neste leite a mosca.

ACADEMIA II.

38

As sobrancelhas douz árcos
de hum Ceo, que sereno mostra
paz quando guerra Marica
contra as almas apregoaa.
Bello presil o nariz
das faces divide as rosas,
que em copos de coral brindão
do rostinho a neve toda.
A boca hum rubi partido,
& vemme a pedir de boca,
que de perolas unidas
lhe chame partida concha.
A barba, de amor feitiço,
tão rica covinha logra,
que eu só por fugir ao mundo
me fora para tal cova.
Ja da garganta não fallo,
nem della me passo agora,
porque da garganta sei
que nada lhe passa à moça.
Esta pois, vamos ao cafo,
as prendas de Celio adora,
escondida de húa tia,
que he por que vinte sogras.
Dizem quiz ler hum papel,
& por ser de noite a hora,
& não poder lello em casa,
abrio da janella as portas,
Porque precitada intênta
ler ao luar, ay tal cousa?
que busque os rayos da Lua
quem de hú Sol os foros logra.
Mas ay, que húa nuve obscura
opposta à luz, negra sombra

lhe impedio, rigor tirano,
o ler de húa pena as glorias.
Porfiava em ler Marica,
sendo cada letra(he força)
se para o receyo muitas,
para seu deseo poucas.
E vendo que contra a nuve
não valem razões piedosas,
& que vestida de luto
a seu coração lhos corta.
Rompe arrojada o papel,
& q' acção de amor imprópria!
malogrârâo se os favores,
quando a desgraça os encôtra.
Não sei que diga Marica,
a presumir dais senhora,
que quando Celio vos ama,
vós não lhe quereis por sôbras.
Contra as nuves vos mostrais
com pouca razão queixosa,
que a Lua esconde os rayos
sdamente por culpa vossa.
Porque vendo vossos olhos
se oe cultou de vergonha!,
que á vista da maior luz,
bem he que a menor se escôda.
Porem contra as letras vós!
claramente a razão mostra,
que não estimais as letras,
se não saõ à vista todas..
Mas a Deos bella Marica,
que passei das quinze coplas,
& não quero que o romance
me venha a servir de glosa.

R O M A N C E.

De Antonio Serraõ de Crausto.

Agora senhora Muſa
veja lá vossa merce
como escreve, porque temos
Censor, que nos ha de ver.
Se a caſo escorregarmos,
mandarnosha, se quizer,
ou chegar à palmatoria,
on hir a Manoel Andre.
Discorramos no afſumpto,
que de húa senhora he,
que tendo dous foes por olhos,
ao luar fe poz a ler.
Ao luar te poës menina,
vè que te pðde offendher,
& ficarás aluada,
& o Sol na cabeça tens.
Se a Lua for pepineira,
cuido não ficarás bem,
nem muito para cheirar,
nem muito para te ver.
Es dama a caſo morcego?
ou coruja dama es?
es abóbora, ou pepino,
que ao luar queres crescer.
Es marisco, que co a Lua
queres teus augmentos ter!
olha q o escrito he minguante,
& tu em crescente o ques.
Foi soletrando o escrito,
& não vendo a letra D,

húa nuve cobre a Lua;
ella outra no peito tem:
Porque as letras para as damas
como de cambio hão de ser,
& se o escrito vem a secas
eclypſe he para quem vem.
Raivosa Nise, & agastada,
porque vè, porque não vè,
vè razoēs, naõ vè dinheiro,
pedaços fez o papel.
De Estudante de Coimbra
devia Nise aprender,
porque às cartas q naõ trazem
daõ sentença mui cruel.
Quem quizer estimagaõ
em as cartas que escrevet,
ponha como em testamento
mando húa, & outra vez.
Da nuvem naõ se lhe deu,
pella Lua escurecer,
do papel sim, porque era
hum titnlo sine re.
Conta de somar queria,
de diminuir não quer,
que se o amante naõ reparte,
naõ multiplicará bem.
Acabo, porque não o ha mais
nesta afſumpto que dizer,
& porque saõ quinze coplas,
que saõ as que manda a ley.

4º
ACADEMIA III.

Em que foi Presidente

IOAM DA COSTA CASSERES,

Em 2. de Novembro de 1664.

Orou da maneira seguinte.



E conduziome a este lugar a obediencia , & não o merecimento,& sendo obrigaçāo orar,he forçoso temer, pois à vista de taõ brilhantes Soes, que luzirão em esta cadeira com os rayos de seu engenho, em o sutil, em o discreto,& em o scientifica de suas oraçōes; como poderei eu dizer nesta com confiança, discorrer com liberdade,& inventar com acerto; mas se as atrevidas sombras se oppoẽ ao Sol material soberbas,as de meu juizo se renderão hoje , & sempre humildes ao de taõ insignes Presidentes,a quem a fama eternizará seus nomes em todos os seculos.levantando pyramides a suas memorias.

Subir sem merecer he infallivel certeza de hum percipicio , & vê a ser sem razão do tempo adquirir a desgraça pellos meyos com que se pertende a ventura; & se esta anda desunida sempre dos merecimentos,naô tendo estes,he certo o despenharme, com tudo como alcance mais quem merece menos,propria dita de ignorantes , naô tenho eu q recear precipicios,pois tornei a ser ditoso.

Perplexo ,& irresolnto, imaginava cuidadoso , & discursava solícito, delineando discursos,formando climeras , & fabricando fantasias, que me dessem fundamento a esta segunda oraçāo , & já oprimido me entreguei ao descanso , & rendido concedi ferias ao entendimento ; & despertandome o cuidado desta presente obrigaçāo, me occorreu que na Academia,em que presidi neste lugar,conclui minha limitada oraçāo com o retiro de hum caminhante peregrino, a quem a dita concedeu o encontro do Palacio do Deos Apollo, que declarandolhe os fundamen-

damentos essencias, que havião de ter os Poetas, publicando-lhe suas excellencias, & manifestandolhe seus aplausos, o exhortou a seguir a sciencia da Poesia; & discorrendo em a presente oraçao (Doctissimo Censor, sapientissimos Mestres, meretissimo Secretario, Singulares Academicos, curiosissimo Congresso) discorrendo em a presente oraçao, tomo por assumpto o mesmo Peregrino,

Que satisfeita de taõ deleitavel, como proveitosa sciencia, desejo-
so de conseguir seus effeitos, buscava sua causa, & conhecendo poder
ser só esta a sabedoria, a buscava cuidadoso, & desvelado, se poza a ca-
minhar pella margem de hum caudaloso rio, que o cristalino de suas a-
goas servia de espelho, em que se viaõ as fermosas aves, que voando li-
geiras, & cantando sonoras, eraõ habitadoras cortesaãs de hum delicio-
so bosque que cercava o fugitivo rio, sendo guarnição o diaphano cri-
stal, a verde pinha de esmeralda, que entre si formavão as fermosas ar-
vores, de quem pendiaõ apraziveis fructos, & com a armonia suavissi-
ma de inquietos passaros, taõ matizados nas cores, como diversos nos
generos, inculcava tudo á sua vista deleite, a seu gosto complacencia, a
sua saudade alivio, & a seu trabalho descânço, & solicitando abrigo
contra a vehemencia do caluroso Sol, que por estar em o Zenit abrasa-
va a terra, se reclinou ao pé de húa copada arvore, que o tecido de suas
folhas lhe reparavaõ os rayos do ardente Planeta, para que naõ o offen-
dessem, & junto do sermioso rio contemplava no murmúrio das agoas,
& reparava nos brancos Cyneus, que cortando com as ligeiras azas o
luzido cristal, ostentavaõ sua candida gala, & manifestavaõ sua nevada
belleza. Alli ouvia o rouxinol saudoso, & o melro suave, & os reque-
bros, melifluos, com que as mais aves formavão hum concerto sonoro.

Entregue á consideração, opprimido do ríguroso trabalho, se en-
tregou pello amago do bosque para entregarse ao descânço, & a penas
dava principio a este, quando ouvio hum ruido entre as arvores do in-
tricado bosque, & aplicando a vista divisou que se acercava a elle húa
fermosa donzella de vivido aspecto, vestida de cor verde, & de ouro
matizado, em a mão direita trazia hum ramo de tomilho, & sobre elle
voava húa Abelha; na esquerda dous ramos, hum de ameixa eira, & ou-
tro de amoreira, que alternativamente se enlaçavão; & chegandose ao
nôsso Peregrino, lhe disse:

Dito so caminhante, pois que a ventura te guiou a esta selva, domi-
cilio em que assisto. E porque de todo não deslanimes, estranhando a
novidade, saberás que eu sou a diligencia, porque minha divisa he es-
te ramo de verde tomilho com esta abelha, que o cerca, como disse
Plutarco;

Sicut apibus mel præbet thimus acerrima, & arediffima herba, ita homines diligentiores, & rebus adversissimis sepè numen aliquid conveniens, & commodum diserpunt.

E a temperança que se deve ter entre a antecipaçāo, & a tardança, & entre a applicaçāo, & o descuido, se significa nestes enlaçados ramos, o de Amendoeira, pois he a arvore mais temporāa, como diz Plinio:

Floret prima omnium Amigdala.

E a Amoreira a mais ferodea:

Mororum novissimè urbanorum germinat.

E sendo assim como to affirmo, dizeme o que pertendes, que ém tudo favoreceri teus designios.

Admirado o confuso Peregrino, conheco pella explicação da Donzella ser a Diligencia, levado de sua belleza, se lhe mostrou tendido, & humilde lhe disse.

Salhi do Palacio do Deos Apollo, obrigado de suas razoēs, a seguir a scienciā da Poesia, & para ser Singular, & unico nella, busco desvelado a sabedoria, fonte de todas as sciencias, para com ella me applicar à da Poesia, com fundamento, com intelligencia, & com acerto no levantar o conceito, no medit os versos, & no provar o assumpto; & pois mereci este encontro, com a assistencia vossa conseguirei o q̄ pre-tendo, para o que vos peço me expliqueis os effeitos da sabedoria.

He a sabedoria, disse a Diligencia, hum conhecimento das primeiras, & sobrenaturees causas, como disse Aristoteles.

Sapientia est cognitio primarum. & altissimarum causarum.

E sem sabedoria naō se pôde viver bem, nem com moderação, conforme o Seneca:

Hoc scio, neminem posse bene vivere, & nec tolerabiliter, nisi sapientia studio.

A sabedoria enriquece, & afermosea a natureza, conforme escrevèo Cicerô:

Sapientia ipsam naturam locupletat.

E o mesmo Cicero disse naō haver melhor coula, que a sabedoria:

Sapientia & ratione nihil sit melius.

E que a sabedoria seja a herdade de melhor preço, o disse Menandro:

Non est sapientia pessima traxisit.

Esta faz que o Sabio seja dito so, & bemaventurado, segundo o Cicero:

Sapiens autem semper beatus est.

Faz que o Sabio naō altere as leys politicas, nem perturbe os bons costumes

DOS SINGULARES DE LISBOA.

43

stumes com a extravagancia de sua vida, ou com o maõ exemplo della, como o refere Seneca:

*Non conturbabit sapiens publicos mores , nec populum
in se vivæ novitate convertet.*

E por fim, disse a Diligencia. quem quizer acquirir a sabedoria, persuadase que a naõ tem alcançado, que assi o ensinou o melmo Seneca:

*Puto multos ad sapientiam potuisse pervenire, nisi putas.
sent se pervenisse.*

Allegadas as razoens, le vou a Diligencia ao Peregrino por entre o es-
peço bosque, & entrou em hum aprazivel jardim, cujas paredes esta-
vaõ enlaçadas de fragrantes boninas, que com suas cores formavaõ à
vista hum laberinto de preciosas pedras, equivocandose o encarnado
da rosa com o aprazivel rubi; o branco da Angelica com a fermosa pe-
rola, o azul do Iacinto com a linda Zafira, o amarelo do goivo com o
fino topacio, o claro do jasmim com o precioso diamante, & as verdes
folhas em que se prendia luzida esmeralda, & em que gravadas cõpu-
nhão preciosa joya, com que se adornavaõ. Seu assento era de enreda-
das murtas, & enlaçado tomilho, de quem a subtil arte levantou lustro-
sas torres, arrogantes satyros, pomposas naos, & medonhos animaes;
mesclava com o meyo a variedade outras flores, como gyrafoes, Açu-
nas, clavelinas, & violetas, que tecidas formavaõ hum alcari fado thro-
no, em que o Sol ostentava sua fermosura, & manifestava sua belleza.

Em seu meyo presidia húa freſca fonte, que distilando por varias
partes o brando das agoas, dava alento às flores, & fer ás plantas, que
adornavaõ, vestiaõ, & compunhaõ a esta matayilha, a esta grandeza, &
a este ornato.

Suspensso parava o Peregrino, quando a Diligencia lhe dizia ; naõ
he esta a parte adonde te conduzo, & mostrandole húa sumptuosa casa,
o levoa a húa espaçosa escada de finissimo alabastro, em cujos degraos
estavaõ esculpidas em figuras do mesmò. A Inclinaçāo, o Entendimē-
to, & a Applicaçāo.

Esta he a casa da sabedoria, repetia a Diligencia, que senas allega-
çoẽs referidas ouviste seus effeitos, nas figuræ representativas verás
Iua causa, para subir a ella he forçoso, Inclinlar, Entender, & Applicar
às sciencias, porque com a inclinaçāo se estuda, com o entendimento se
aprende, & quem aprende as sciencias climaas, quem discorre sobre el-
las conheceas; quem as estuda alcançaas, & alcançar estas he comprehē-
der a sabedoria & quem tem esta graduale de Sabio, & este de nada
necessita, como disse Seneca,

Sapiens nulla re indiget.

Sobindo ao alto da escada estava a larga porta, que servia de entrada para a casa da sabedoria, & a hum lado se via a figura do Estudo, representada em hum mancebo de rostro palido, vestido de habito modesto, sentado; em a maõ direita h̄ua pena, na esquerda hum livro aberto, & a elle applicado, diante h̄ua lu z, & ao lado hum galo, & no p̄e tinha es- ta inscripçāo,

Estudar para saber.

Em o outro lado se via a figura da perseverança representada em h̄ua mulher de aspecto socegado, vestia negro, em a cabeça h̄ua grinalda de Amaranto, & em a maõ direita hum ramo de verde louro, no baixo es- ta letra:

Quem persevera no estudo, a sabedoria alcança.

Reparando o Peregrino nas figuras, lhe disse a Diligencia: Pintase o Estudo em a figura de hum mancebo, por ser mais apto para o trabalho de estudar. Pálido, porque o estudar com applicação costuma descôr rar os Estudiosos, como diz Iunenal na Satyra 5.

Hac te nocturnis iuvat impallisciere chartis.

Vestese de habito modesto, por quanto os estudiosos costumão sempre attender as couças moderadas. Sentado para mostrar o socego; & constancia, que se requere no estudar. A attenção, que tem sobre o livro, mostra a vehemente applicação que se deve ter no estudo para alcançar a sabedoria. A pena em a maõ significa a gloria de deixar sua fama, & aproprieitar aos outros cõ a doctrina, como o diz Perseo na Satyra 1.

Scire tuum nihil est, nisi te scire hoc sciat alter.

A luz aceza denota que os Estudiosos quando estudaõ, devem gastar muito do azeite com que se alimenta a luz, conforme aquella reposta de Demosthenes, perguntandolhe, como se havia feito tão excellente na Oratoria, disse:

Plus oly, quam vini mibi consumsi.

O galo he sinal da Vigilancia, & solicitud, que he necessaria em os es- tudos.

A perseverança se pinta de aspecto socegado, porq' aquella sciencia que se ha de applicar alguem, se deve escolher com madureza, como disse Chilon:

*Tardè quidem, & mature ad egredienda sunt omnia, ut
incepta perseveranda sit.*

Vestese de negra cor, porque esta he tão firme, que não admittē outra. A grinalda de Amoranto, de q̄ue se coroa, he porque suas flores nunca se

se murchão; & esta he a causa porque os Gregos lhe derão este nome, cõposto da proposição A, q̄ quer dizer, sem, & do nome Maranto, que significa murchar, que unida a proposição ao nome, formão a palavra sem murchar. O ramo de verde louro symboliza a firmeza na contiuuacão nos estudos, pois esta arvore se conserva em todo o tempo no mesmo ser.

Explicadas as figuras pella Diligencia, abrio as portas, que erão de espelhado Erano, marchetadas de branco marfim, & entrando com o Peregrino em a casa, cujas paredes, & tecto erão forradas de finissima prata, em o frontespicio, em tarja de ouro com letras azues estava esculpido este letreiro:

Domus Sapientie.

No meio da casa em hum sublimado throno de finissimo ouro, adornado de diversas, & preciosas pedras se colocava a figura de Minerva, Deosa da sabedoria sobre a cabeça do Deus Iupiter, com húa inscrição, que dizia:

A Deo isto exivi.

Assistião ante o throno em figura os Heroes insignes, & singulares professores da sciencia da Poesia, Homero, Horatio, Virgilio, Ouvidio, Garcilazo, Aristoteles, Luis de Camoës, Lope da Vega, & D. Luis de Gongora.

Depois de ver com attenção o Peregrino a riquissima Aula lhe disse a Diligencia: Esta he a casa da Sabedoria, que em tua figura te manifesto, & nella ves por assistentes os Heroes da poetica sciencia, que em esta se inclue a sabedoria, por quanto em os Poetas se comprehendem todas as sciencias.

A sciencia da Philosophia mostrou ter o insigne Poeta Luis de Camoës, quando tratando do visivel, & do invisivel, do que sente, & do insensivel, disse no seu Canto 1. Octava 62:

A ley tenho daquelle, a cujo Imperio.

Obedece o visivel, & o invisivel;

Aquelle, que creou todo o Emissario,

Tudo o que sente, & todo o insensivel.

A sciencia da Mathematica teve o mesmo insigne Poeta no conhecimento dos Planetas, na intelligencia dos climas, na divisaõ dos Ceos, como o descreveo no Canto 3. octava 6.

Entre a Zona, que o Cancro senhora,

Metta Septentrional do Sol lucente,

E aquella que por fria se arrecez,

Tanto como a do meyo por ardente, &c.

ACADEMIA III.

A sciencia da Astronomia teve juntamente o mesmo Poeta, entendendo a repartição dos signos, conhecendo o lugar das Estrellas, alcançando o nascimento dos ventos, como o mostrou no Canto 1.o octava 21.

*Deixão dos sete Ceos o regimento,
Que do poder mais alto lhe foi dado
Alto poder, que só com o pensamento
Governa o Ceo, a terra, o mar irado
Alli se acharão juntos num momento
Os que habitaõ o arturo congelado,
E os que o Austro tem, & as partes onde
A Aurora nasce, & o claro Sol se esconde,*

A sciencia da Geographia teve o mesmo Poeta no delinear as terras, no dividir os mares, que assi o confirmou no Canto 5.octava 4.

*Assi fomos abrindo aquelles mares,
Que géraçāo algua não abrio,
As novas Ilhas vendo, os novos ares,
Que o generoso Henrique descobrio;
De Mauritania os montes, & lugares,
Terra que Antheo num tempo possuio,
Deixando à maõ esquerda, que à direita
Não ha certeza della, mas suspeita.*

A sciencia, ou arte da Arithmetica teve também bem o mesmo illustre Poeta na explicação do algarismo, juntando numeros, como o fez no Canto 5.octava 2.in fine,

*Nella vē, como tinha por costume,
Cursos do Sol quatorze vezes cento,
Com mais noventa & sete, em que corria
Quando no mar a Armada se estendia.*

Scripturario mostrou ser o mesmo insigne Poeta no acomodar os lugares de todas as tres leys; da Natureza, da Escrita, & da Graça, como o refere no Canto 6.octava 81.

*Divina Guarda, Angelica, Celeste,
Que os Ceos, o Mar, & a Terra senhoreas,
Tu que a todo Israel refugio déste,
Por metade das aguas Erytheas:
Tu que livraste Paulo, & defendeste*

*Das Syrtes arenosas, & ondas fens,
E guardastes cos filhos o segundo,
Povoador do allagado, & vacuo mundo.*

Humanista foi o mesmo insigne Poeta na allegião das fabulas, acomodando as historias humanas, que assi o deu a entender no Canto 6.

octava 24.

*E o Deos, que foi num tempo corpo humano,
E por virtude da Erva poderosa
Foi convertido em peixe, & deste damno
Lhe resultou Deidade gloria sa
Inda vinha chorando o feo engano,
Que Circes tinha uzado com a ferrosa
Sylla, &c.*

Estas, & as mais sciencias (continuou a Diligencia) se incluem na Poesia, & sendo ella hum compendio de todos, em ella se inclue a sabedoria, & por essa razão nesta casa assistem em figura os Heroes da Poesia à vista de seu throno, por serem scientificos em todas as sciencias, como te referi nás octivas que ouviste; & pois chegaste, ó dito Peregrino, a ver o q pretendias & saiste do Palacio do Deos Apollo, como me recriste, inclinado à sciencia Poetica, & intentaste buscar desvelado a sabedoria, encôrtraste minha guia, & seguiste meus passos, ouviste minhas razões, & te referi com allegições os efeitos da sabedoria, & viste os degraos por onde se sobe para a alcançar, & entraste em a casa, que he esta em que assistes. E porque não tens mais que ver, nem que desejar, & as felicidades occultadas não parecem o que manifestadas lustrão, corre ligeiro a publicalas a Academia dos Singulares, manifestalhes o que vilte, com rogos os exhorta, com sumissões os obriga a que com diligencia se inclinem com inclinação se apliquem, com perseverancia estudem as sciencias, & particularmente ada Poesia, continuando em seu exercicio, assistindo, & frequentando as Academias, compondo, & escrevendo obras heroycas, fazen lo cada qual por ser o mais insigne, & o que o for merecerá esculpir seu nome no livro ultimo da Pyramide, & nelle eternizar sua fama, & immortalizar sua vida, a quem servirão de coroa as enlaçadas Eras, que o tempo não consume; & sendo assi, applicar selheha o verso do seu

Emblema:

SOLAQUE NON POSSVNT HÆC MONVMMENTA MORI.

Ao

Ao Presidente.

S O N E T O.

De Pedro Duarte Ferrão.

B Ella flor do Iardim da Academia,
 Credito de Minerva em toda a parte,
 Com quem o Deos Apollo igual reparte
 As galas com que nasce,& veste o dia.
 Se discorres com tanta bizarria,
 Pódem por Peregrino nomearte,
 E desde aqui ao Sol podes passarte
 A fazerle Oraçaõ em Romaria.
 Com tanta gala,& tanta subtileza
 Oraste desta vez,que amor procura
 Renderte o coraçaõ,pouca fineza;
 O que feliz naſceo minha ventura,
 Pois quando a liberdade me tens preza,
 Em teus Casseres vive mais segura.

D E C I M A.

De Antonio Lopez Cabral.

Não sei Costa singular
 com que possa meu engenho
 applaudirvos neste empenho,
 & voſſa Oraçaõ louvar;
 mas venho a considerar
 (ſe bem na razão atino)
 que he voſſo engenho divino,
 por ſciente,& principal,
 do Parnaso natural,
 & na Patria Peregrino.

Foi

Foi assumpcio destia Academia o robo de Elena

S O N E T O .

De Pedro Valejo.

DE Elena la hermosura peregrina
Robaste, ò Paris, con engaño injusto,
Y por venderle una delicia al gusto,
Le compras al decoro una ruina:
Si la Estrella de Venus te destino,
Por lograr tu apetito, a no ser justo,
Como profanas el saber de Augusto,
Si Augusto el Sabio Estrellas predomina:
Perdiste en fin la gloria de triunfante
Por conseguir de amor (con falso trato)
Un gusto, que fenece en uu instante;
Y pagando el hospicio con el rapto,
Para sati fazer horas de amante,
Quiziste eternizar culpas de ingrato;

S O N E T O .

De Pedro Duarte Ferrao.

SVspende el passo, ó fiera rigurosa
(Si ay fiera de un amor compadecida)
Llevasme el alma, y dexasme la vida,
Porque el darme la muerte es ser piedosa:
Robandome los ojos tenebrosa,
Dexaste en llanto, y penas convertida
A Grecia, que lamenta de sentida;
Quanto Troya festeja venturosa:
Feliz se augmenta aora tu ventura,
Quando al passo mi mal, y pena cresce,
O desdichado amor, ò suerte dura,
Y tu Grecia infeliz llora, y padece,
Que te ha dexado el cielo en noche obscura;
Porque en Troya tu Sol bello amanece.

SONETO.

De Antonio Marquez.

Paris, que en el materno albergue ardía,
Naciendo, como Fenix, entre el fuego,
Ioven se abrasa amante sin sociego,
Y en el alma de amor la llaga cria.
AElena sus finezas dirigia,
Ardiendo el coraçon en fuego ciego,
A cuyas llamas se seguieron luego
Los fuegos con que Troya se encendia:
Hurtóla, presumiendo hallar su suerte,
O por hallar su vida en su homicida,
Engaños, que un amante nunca advierte:
Pues en robá a Elena el Ioven fuerte,
Llevó la muerte en sombras de una vida,
Llevó la vida en riesgos de una muerte.

SONETO.

De Andre Nunez da Sylua.

ARde Paris no amor da bella Elena,
E arde Troya no incendio da victoria,
Sendo despojo de húa breve gloria,
Húa immortal; & repetida pena.
Que vivão, rigurosa a sorte ordena,
Nunca nos olhos, sempre na memoria,
Assunto fendo a lastimosa historia,
Que advertida os admira, se os condena.
Inda que obrou igual, foi mais activo
Do amor o fogo, que do odio a flamas;
E o mesmo excesso o diz com facil rogo:
Porque neste da forte empenho equivo,
Se as pedras destruio do odio a chama,
As almas abrásou de amor o fogo.

SONETO.

De João Ayres de Moraes.

BIsarro París, inclito serrano,
 Dexa el ganado en la floresta amena,
 Y rendido de amor a la cadena,
 Alleño sube, y rompe el Occeano:
AGrecia parte, adonde con su mano
 La sentencia firmó, que le condena,
 Porque al robar la fugitiva Elena,
 Fue despenarse el misterio Troyano:
 Sueñen pues de sus yerros los gemidos,
 Y de su pena con razon el lloro,
 Lamente en fuego la Troyana Corte,
 Pues en sus años vió, quando floridos,
 Que quanto Venus le promete en oro,
 Oy buelve en hierro el belico Mayorte.

SONETO.

De Francisco López Sueiro.

Lamentas Troya, com razão sentida,
 Sentida de húa pena mal lograda,
 Mal lograda, pois Helena roubada,
 Roubada foste tu da propria vida:
 Vida aquelle buscou, sendo homicida,
 Homicida fatal da patria amada,
 Amada sendo aquella, que enganada,
 Enganada te deixa, & destruida:
 Destruida ficasse perecendo,
 Perecendo contigo o ser áltivo,
 Altivo entao, mas hoje magoa sendos
 Sendo causa esse París tão nocivo,
 Nocivo, pois no amor de Elena ardendo,
 Ardendo deixa a patria em fogo vivo.

SONETO.

De Manoel Carvalho.

A Mor cruel, lo que tu flecha ordena,
 Etna será vorás a lo futuro,
 Llama se ha de mirar, rigido muro,
 Cenizas ha de hazer robusta almena:
Nocturno engaño en noche no serena,
 Presagios uno, y otro hará seguro,
 Y del Portido liso terso, y duro
 Hará ruina fragil b ella Elena:
Hurco de querer bien perdon merece,
 Iras escusa a Dioles offendidos,
 Y tu impiedad tus glorias escurece:
O Paris, no aprisioues los sentidos,
 Mira que a mor en la belleza ofrece
 Principios tiernos, fines destruidos.

SYLVA.

De Antonio Lopez Cabral.

O Tu que levantado
 Es suprema deidad del alto assiento,
 Pues en la tierra tu poder ha dado
 Furia al mar, fuerça al ayre, y rabia al viéto:
 Advierte que te invoco,
 Y tu deidad provoco
 A darme en este punto.
 Con que pague la deuda a tanto assumpto:
 Que pues Europa hurtaste,
 Y con ella tu gusto acomodaste,
 Tu raça me darás para que cuente
 Del Troyano valiente,
 Ladrón tan celebrado,

que

DOS SINGULARES DE LISBOA.

53

Que se hurtó un tesoro de contado;
Que pues ladron astuto
Fuiste en traje, y en sed dós veces bruto,
A pedirte me aliento,
Que me saques triunfante deste intento.
En Grecia portentosa,
Por sus hijos famosa,
Menelao ciudadano,
Ministrava el Imperio soberano,
Siendo tan venturoso,
Que vino a ser esposo
De Elena, aquel portento,
Que embidió para Sol el firmamento.
Era Elena tan bella,
Que nadie la igualava, sind ella;
Y era tan bien obrada,
Que a todos parecía ser pintada;
Pues eran sus cabellos
(Por ser en todo bellos,
Y divino tesoro)
Ondas del Duero, con arenas de oro;
Era su tés nevada,
Aspecto de marfil, frente de plata;
Y sus cejas crueles
Assombro de buriles, y pinceles;
Sus dos ojos risueños,
Celosos estremenos,
Que usurpavan al cielo los modelos,
Para seren temidos como cielos;
La narís no era plata,
Aunque era en parecerlo patarata;
Su mexilla traídora,
Imitando la Aurora,
Se reía en corales,
Al tiempo que lloraya sus cristales;
Tanto, que quien la via,
Admirado de verla le dezia,
Di, si ries, d lloras,
Pues imitas a un tiempo dós Auroras.
De contemplar su boca,

ACADEMIA III.

Quedava el alma loca,
 Pues mirava alli junto
 La medida, y color puesta en su punto;
 Tan rico era su cuello
 (Por lograr su cabello)
 Que por tener riqueza,
 Llevantava de rico la cabeza.
 Eran sus manos nieve,
 Por dô la vista su veneno beve,
 Y por seren cristales,
 Los dedos de sus manos son iguales.
 Sus pies, por dar desvelo,
 No dexavan estampas en el suelo,
 Y al querer regalarlo,
 No tenian sus pies con que ocuparlos.
 Que era alfin la rapasa,
 Tan muger de su casa,
 Que en las tres condiciones:
 Fundava de su estado las razones.
 Menelao lo publique,
 Y al dezirlo su llanto multiplique,
 Y su esperança muerta,
 A los hombres advierta,
 Que por la muger bella
 Se transforma un marido en clara estrella;
 Que por casos internos,
 Tres Signos de los doce tienen cuernos.
 Viola Paris un dia,
 Y como bella a todos parecia,
 Por tributarle el alma,
 Y por vivir en ella se desalma.
 Publicole su afecto
 (Que era por superior su amor perfecto);
 Y con gentil alijo,
 Consultando la voz con el cariño,
 Por la sogâ arrojar tras el caldero,
 Le dixo de una vez él, yo te quiero.
 Helena, que de hermosa se preciava,
 Por oir un te quiero las pelaya,
 Pareciendole de oro.

DOS SINGULARES DE LISBOA.

Responder al te quiero con te adoro;
Paris la entendid luego,
que un te adoro se enciende hasta en el Griego.
Acceptole el invite,
Y quiero le repite,
Tratando de robarla
Para mejor gozarla,
Por ser acostumbrado
A saberle mejor lo que es hurtado;
Y contento de dar en tal capricho,
Dio manos al labor, y el dicho dicho
En la mejor galera,
Que excedia del viento la carrera,
Por ser su movimiento
Ligero e executor del pensamiento,
Al castillo se acerca,
Quando un fuerte esquadron la torre cerca,
Y por cierta criada
(Que no es buena sin ajo la encelada)
El robo se prepara
(O quien a Menelao desto avisara,
Por saberlo primero,
Y no ser, como todos el postrero)
Entra Paris la puerta,
Que siempre una desgracia la halla abierta,
Coje Elena avisada,
Muestra venir forçada,
Por ser su suerte adversa,
Y con a Menelao se hazer la fuerça,
De tal suerte fingia,
Que a ella pareció que se le hiziera,
Y tan forçada era,
Que venia por gusto a la galera,
Y si no se embarcara,
Pienso que de forçada se quexara.
Ya Paris venturoso
Logra su dueño hermoso;
Ya con dichooso empleo,
Triunfó más allá de su deseo;
Pues que con mar bonanza,

ACADEMIA III.

En el cabo se halló de su esperanza.
 Largó vela el pataxe,
 Y alegres repitieron buen viage;
 Dieron a Elena salva,
 Pues despertó quando salia el Alva;
 Por ser cosa muy cierta,
 Que quando sale el Alva, el Sol despierta;
 De la salva assombrado,
 Recordó Menelao desesperado,
 Y no hallando su Elena,
 Los criados condena,
 Y sabiendo el successo,
 Para poder sentirlo con exceso,
 En la playa quexoso,
 Con llanto lastimoso,
 Para que con razon a Grecia incite,
 Vengança Griegos, Menelao repite.
 Perdó al ver la galera,
 Un coraçon de bronze enterneciera,
 Verle llorar tan tierno,
 Y con dolor interno,
 Al perderla de vista,
 Desecha la conquista;
 Entendiendo que en vano se desvela,
 Si el agua corre, y si el viento buela,
 Ya de cobrar su prenda desconfia.
 Pues como Sol se esconde en Thetis fría,
 Perdó en tanto desvelo,
 Le ministró la suerte un gran consuelo,
 Pues su dicha esta vez, aunque importuna,
 En los cuernos le puso de la Luna.
 Silva no más, detente,
 Que has sido por extensa impertinente;
 Perdó quien te silyare,
 Con Menelao su suerte se compare;
 Y el que un víctor te diere, de gustoso,
 Como Paris se vea venturoso;
 Y aquél que no dixiere que eres buena,
 Presto vea su capa como Elena.

S Y L V A.

De Sebastião da Fonseca, & Paiua.

VA de silva senhores,
 Porque he justo se prenda
 Quem este furtô fez, só para emenda,
 E para carcereiro.
 Húa silva he melhor que o limoeiro,
 Se bem o Presidente.
 Castêre tem melhor, mais excellente.
 Prendase este homicida,
 E a mesma silva pois lhe tire a vida,
 Que sendo matadora,
 Em menos o fará de hum quarto de hora;
 A devassa começo,
 Mas não terá sentença o tal processo,
 Que he cousa mui devaça.
 Não ter sentença a silva, nem ter graça;
 Em silva o que relate bem me fica,
 Porque quem he ladrão sempre se pica.
Silve embora o coitado,
 Iá que ha de sahir mal deste silvado,
 E quanto à silva, eu fico,
 De que tenha seu pico,
 E se assim lhe succede deste modo,
 Eu prometto o Author se arranhe todo.
Qnegocio senhores,
 Vai em cachão servendo,
 E teremos demanda, ao que entendo.
 Por tempo dilatado;
 Logo parece assumpto de letrado,
 Posto que o parecer da sua pena
 Se iguala ao parecer da bella Elena.
Mas ay, que não parece,
 E Menelao perece d' Monarcha infelice!
 Se he Elena furtada,
 Os ares mede onça, o golfo nada,
 Einda assim nada fazes,
 Se ati mesmo entre as maçs te não desfazes.

ACADEMIA III.

Deixas Elena, & vase,

Não ves tu que o rubi fôra do engaste,
Ou se perde, ou se offendê,
Pois isto mesmo assi de Elena entende,
Que por bella, & ferosa,
He pedra preciosa,
Largas da mão a pedra? pois começa
A sentir a pedrada na cabeça;
E se o caso ignoras,
O Sol no Ocaso está, que ausente choras;
Escura a minha pena,
Que aviso assi te dà, & te condena.

Paris, aquelle rajo,

Que Hecuba vio no seu fatal desmayo,
E entre sonhos já dava
Por perdido o morgado que esperava,
Pois por amor de Elena,
Elle Etna virá a ser de sua pena,
Aquella tocha ardente,
Que sonhava paria reluzente,
Se já a julgou de cera,
Hoje he forte leão, medonha fera,
Que para hum furor grande
He força que tivesse
Hua unha fatal, que o excedesse;
Aquella que sentença
Antes de haver nacido,
Teve de degolado & consumido;
Ia começa a pôr tudo a ferro, & fogo,
E por querer buscar hum desafogo,
A hum lacivo cuidado,
Apetece de Elena o degolado.

Ricutá, & verás logo,

Deste parto infeliz do monte Ida,
A quem derão pastores nova vida)
O caso mais estranho;
Verás de Paris funebres azares,
E desgraças de Elena sempre a pares.
Deixou do monte o gado
O pegureiro Infante disfarçado;

De Priamo herdeiro,
 Iada que disfarçado em pegureiro,
 E como feroz era,
 Deixou de ser pastor, para ser fera.
Na guerra valeo tanto,
 Que de peão humilde, pella fama,
 Foi de cavallo a Rey, que he mais que dama.
Teve certa noticia de que em Grecia
 A bella Elena estava;
 Que era bella, o retrato bem mostrava;
 Porque era desta forte;
 Guaardese cada qual, se teme a mortes
 O cabello tão bello, & tão danoso,
 Que se fez todo em ondas de raivo so,
 E farei mil apostas,
 Que se quebravão todas pellas costas;
 A testa mar gelado,
 Donde o sentido fica bem parado;
 Sem poder dar hum passo;
 Gelou leme o conceito, a outro passos;
 As sobrancelhas saõ, sem mais porfias;
 Não arcos para settas, mas fétias,
 Que neste mar navegão rumos certos,
 Porq estão de dous foes logrando os pertos.
Dous olhos de agoa saõ, seus olhos bellos,
 Passando nas ausencias mil desvelos,
 De seu charo conforto,
 Que he o mesmo húa ausencia, q̄ húa morte,
 Causindo grande magoa,
 Naufragar tanta luz em tão pouca agoa,
O mar de Alexandria,
 São as faces de Elena, doce Arpia,
 Tendo amor, por fermosas,
 Se nellas se embarcar, maré de rosas.
Hum Poeta o nariz:
 Desta sorte o descreve,
 Isla de plata en pielago de nieve,
 E he tal, que sem tormenta,
 Dizem que na tal Ilha sempre ventas,
 Do conceito me valho,

Por forrarme ao trabalho,
 Que em retrato de auguada,
 O mudar de pincel importa nada;
 Como he roubo o assumpto,
 Posto furtar ninguem de medo ouza,
 He força que se forte algua couza.

Cheguemos à Arrochella,
 O como a yejo linda, & julgo bella,
 Parece que o Ceo toca,
 A pedir yem de boca
 O conceito flamante,
 Riasse quem quizer, que eu passo avante;
 Mas por boca pequena
 Mormurar cada qual he grande pena.

O quem ao centro fora
 Para colber feliz choro da Aurora,
 Perolas que no mar vermelho habitão;
 Mas ay que já me grirão,
 Que quem perolas quer (não sei se o diga)
 Hum' busio lhe darão, ou húa figa;
 Inda assi estas cousas indecentes
 As venho a entender por entre os dentes;

A garganta o estreito
 No cristalino he, & no dircito,
 Donde afogados morrem
 Os que nelle de amor tormentas correm,
 E se o mar se levanta
 Morrem todos, como eu, pella garganta.

As costas já se fabe,
 Que quando mais as gabe
 Direi que saõ tão bellas,
 Que o mesmo amor quer dar à costa nellas.
 Os braços saõ tão ricos,
 Que affirmo sem enganos
 Não vi braços de mar tão soberanos.
 As veas saõ tão bellas,
 Que o Poeta melhor deseja tellas,
 Mas fiquelhe essa magoá,
 Que estas veas aqui saõ veas de agoá.
 No pé mé perco todo,

Porque não acho pè de nenhum modo;

E com isto arrenego,

Porque nem tomo pè, nem acho pégo.

Vanios do pè á mão, fém caramunha,

Porém da mão à unha;

Ià chegamos á unha? o furto temos,

Dentre as unhas a Paris o tiremos.

Partio Paris a Grecia,

E para o doce emprego,

Em Portuguez fallou & não em Grego;

Por quanto o Portuguez vive de posse

Ser de todas as lingoas a mais doce.

Roubou a bella Elena.

E descartouse amor da dura pena,

Iá se entrega assustada,

Iá animosa estù, já desmayada,

Iá resistir não pôde,

Do peito o coração ao rostro acode,

E correndo em dou; fios,

Os olhos que erão soes, já são dous rios;

Já se deixacahir falta de alento,

E entregue ao sentimento,

Paracismosa, fica

Pouco vivente sim; mas muito rica.

Do paracismo torna,

E de purpura orna

As faces cristalinas;

Que Paris não tocou, como divinas;

Posto as tinha em seus braços,

Serviolhe o paracismo de embaraços.

Mandou que navegassem,

Porq o furto entre as mãos lhe não achasse,

Chega a Troya, & solpeito

Que outra Troya levava já no peito;

O seu intento logra; & mal logrado

Imagino serà, mas nunca augurado.

O como temo Paris, que essa Dama,

Que chamas tua, seja tua chama.

Furtas a dama ao Rey ðvás afrontalo;

Pois levarás hum mate de cavallo,

Com que percas o jogo de tal sorte,
Que siga a infame vida, infame morte.
O silyva matadora,
Que estás matando gente ha mais de hū hora;
Acaba impertinente,
Porque hum tão peregrino Presidente,
Se a caso se desgosta,
Darà com tudo á costa,
E se isto foi furtar ao tempo as horas,
Eu não farei mais silyvas matadoras.

M O T T E.

O homem da caravella,
levas a morte contigo,
que essa mulher que ahi levas
he casada, & tem marido.

G L O S A.

De Antonio Serraõ de Crausto.

A Legre as vèlas ao vento
daya Paris desleal,
levando hum thesouro tal,
que era por bello hū portento:
Menelao em seu tormento
no porto sentido anhella,
& diz, amaina essa vèla,
deixa, deixame esse bem;
torna a terra, outra vez vem
6 homem da caravela.

Levas nessa fermosura
a preida que eu mais queria,
levas me minha alegria,
levas me minha ventura:
6 Paris, ô sorte dura,
se compassivo comigo,
repara no teu perigo,
repara na minha pena,
olha que em levar a Elena;
leyas a morte contigo.

Se levas meu coração,
porque me deixas com vida
vem a ser meu homicida.
que matarme he compaixão;
se te cevas na ambição,
se no interesse te cevas,
ao credito não te atrevas,
leva todo meu thesouro,
que menos estimo o ouro,
que essa mulher que ahi levas.

Olha que Elena ha de ser
de Troya hum incendio activo,
porque no fogo em que vivo
a Troya verás arder:
& virás a conhecer
já sem tempo arrependido,
falso, cruel, fermentido,
que essa ingrata, essa traidora,
por quē Grecia, & Troya chorar
he casada, & tem marido.

ROMANCE.

De Luis Bulhaõ.

OY que hurtada a Menelao
llevas a la hermosa Elena,
y de sus manos le quitas
la más brilladora prenda.
Pretende, ó Paris, mi pluma
acreditar tu fineza,
pues tiene aquesta de fina
quanto de luzida aquella.
Que a la vista de tu amor
fantasia pareciera,
si mirassen tus quilates
reduzidos a baxeza.
Pueden culpar tu ozadía,
mas pueden ver en su tema,
que el amor, y la cordura
tienen grande différence.
Quanto más que si es defecto,
den la culpa a su belleza,
que si ella te roba a tí,
no es mucho robarla a ella.
Nunca amante se habilita
aque'l que solo en su idéa
con un pensamiento amante
paga del amor las deudas.
El laurel quitas del riesgo,
pues quieres dessa manera,
que miren tu amor gravado
repetidas Primaveras.
Quien nombrara por amante
a Leandro, si no vieras

de tanta plata surcada
coronada su cabeza.
El antever los peligros
nunca es del amor effencia,
y por effo quizo Venus
que el amor ciego naciera.
Porque quien guarda el discurso
por ocultarse a la pena,
haze del amor negocio,
pues le quita una potencia.
Menelao tome vengança
de su injuria, pero advierta,
que en todo lo que postrare,
tus memorias representa.
Porque es tal el privilegio
de las acciones supremas
que pueden hallar la vida
donde topan la tragedia.
Quanto más que nadie duda
haver mucha diferencia
de redimir la ocasión,
a vengarsela por fuerça.
Al mar te arroja mostrando
a sus doradas arenas,
qué no solo de sus conchas
se pueden sacar las perlas.
Suelta pues el lino al viento,
no temas la fuerte adversa,
que para vencer peligros
llevas la mejor estrella.

ROMANCE.

De Bertholameu de Faria.

A Quella deidad de Grecia
en cuya ventura corta
de mas que humana hermosura
hizo verdad la lisonja.
Hurtada del Reyno Augusto
de aquel joven que le adora;
ansi se quexa en suspiros,
a los vientos, y a las ondas.
Menelao querido, dice,
y Paris tirano nombra,
que primero que el agravio
le lleva a morir las memorias.
Quien te muéve injusto Paris
al delicto a que te arrojas,
hurtando un cuerpo sin alma,
y una beldad sin su forma.
Si por hermosa me llevas,
mira que es acción imprópria
hacer de prendas, que obligan,
razón a culpas, que enojan.
Si para gozarle intentas
llevar contigo esta joya,
por el precio de mi llanto
todo mi dolor la compra.
Dame de mi llanto al precio,
que si por bella me robas,
en las lagrimas que arrojo,
me gozarás más hermosa.
Estos cristales que vierten
los ojos en sus congojas,

si son del alma pedaços;
por un cuerpo una alma robas?
Y si no te obligan Paris
tantas ansias lastimosas,
de coronadas ofensas
teme espadas vengadoras.
Zelos, razón y justicia
amenazan tu persona;
tres inimigos te buscan,
cuando una mugner baldonas.
No te fies en los muros
con que tu patria se adorna,
que son minas los agravios
con que las torres se postran.
Y cuando mi esposo ausente,
se adormesca en su deshonra,
para un Imperio alevoso
bastan mis ofensas solas.
Troya bolará en cenizas,
que en esta vengança honrosa
Sol me llamaron de Grecia
para ser fuego de Troya.
Mas viendo abordar la nave
en sus playas arenosas,
quantes agravios publica,
en tantas muertes se ahoga.
Desmayóse, y sus dos soles
muertos entre hermosas sōbras
de las traiciones de Paris
fueron primera lisonja.

DOS SINGULARES DE LISBOA.

65

R O M A N C E.

De Antonio Marquez.

Fineza fue, mas no culpe
El robar Paris a Elena,
Pues ausi librò a un amigo
De la carga mas molesta
Entonces fuera delicto
Quando le hurtasse la haciéda,
Pero en llevar quien la gasta,
No ay duda que fue fineza.
El robar a Elena a Paris
Fue tomar un peso a cuestas,
Y es tan lexos de ser culpa,
Que parece penitencia.
Robar quien almas robaya
Ati evidentemente bella,
No fue destreza de manos,
Perd de amor fue destreza
De la gloria robador
Bien lo puede ser qualquiera
Luego en robar una gloria
Mal pudo em Pariz ser pena.
Si dese robo amoroso
Toda la Troya se quema.

Que mucho es quando el amor
Es incendio de la tierra.
Si una tragedia se sigue
A tan amorosa empreza
Primerlo el alma de Paris
Sufrió de amor la tragedia
En robar a Elena Pariz
Hizo una accion mui pequeña
Pues llevó cosas del ayre
Que era mui airosa Elena.
Y se fue culpa de Paris
Desculpolo la belleza,
Que lo que el alma enamora
El apetito dezeya.
De prendas era ambicioso
Paris, y de muchas prendas
Y porque tuviese todas,
Llevó las prendas agenas,
Llevóla a Troya contento,
Perd en ella a Troya lleva
Poca nieve para el fuego
Poca paz para la guerra

R O M A N C E.

De Pedro de Vallejo.

S Eñores de Elena el robo
Sin ser poeta mal sia
Por ser un robo tan bello
Os le quiero descobrir
Elena fue nna mochacha
En euyo hermoso matis
Era candida la rosa
Y era purpureo el jasmin.
Airosa cierta mañana
Al prado quisó salir

Porque allá tambien en Grecia
Ay prados como en Madrid.
Flor viviente did a las flores
Documentos de vivir
Diziendole mudamente
Aprended flores de mi.
Paris un cierto moquélo
Destos que andan por ahí
Con los ojos siempre bajos
Por mirar el faldellin.

E

Era

Era el moço gentil hombre
segun me parece a mi,
porque no siendo Christiano,
era fuerça ser gentil.

Mesclando pues los temores
del llegar, y del partir
y en la fineza de amante
la verguença de rubi.

Si llego Paris a ella
y con palabras de aniz
le dixo loco de amores
este amante frenesi.

Elena de cuyos ojos
es el Sol un aprendiz
porque de sus luces bellas
aprenda para luzir.

Paris soy, el que a las tres
Diosas, las puse en un tris
pues todas tres estubieron
como reos perante mi.

A Venus di la mançana
del rubio metal de ofir,
y no se la diera a ella
se te ubiera visto a ti,

Mira qual es tu hermosura,
pues juzgando aquella Lid
tu me has puesto en tal estado
que me has de juzgar a mi.

Arrojado de las ondas.
he llegado a este Pais
que es de Flandes, pues no ay
más Flandes que verte a ti.

Vi la gloria de rus ojos,
y al punto llego mi fin
que nunca se ven las glorias
sin la pension del morir.

Informeme de tu estado
y dixerome (ay de mi)
que era Menelao el viejo
tu consorte, y mi Cain.

Mas si el es uiejo, muchacha,
para que quieres unir
los carambanos de Henero
con las flores del Abril.

Por contentarte se muere,
y sera arbitrio futil
apartarte de su lado
porque no llegue a morir.

El dexarte no es ofensa
aunque lo parezca ansi
pues no le quiere ofender
quien le procura el vivir.

Si he de ser feliz contigo
quien ha de culparme a mi
que procuré con tu medio
alcançar el ser feliz

Paris soi, y el asseguro
si a Troya quieres venir
que logres tambien en Troya
las delicias de Paris

Si eres Serafin he moso
na die nos podrá seguir
pues para bolar llevamos
las alas de un Serafin.

Esto dixo, y otras cosas
que yo no quiere dizir,
por no hazer este Romance
mas largo, que san Martin.

Si quiere pregunta en Griego
y ella que sabe latin,
huy le responde en Francés
que es en Castellano si

No pensen que es disparate
que anduyo Elena futil
en responder en Francés
al nego cio de Paris

Deste robo la pat tida
concertaron enre si
porque entrabbos en el robo
ivan horros, y a partis

En un bergantin se fueron
y bien se puede inferir
q dos tan grandes bergantes
fueren en un bargantin
Ubo un motin en Elsparta
luego que faltó de allí,
porque andan mui hermanados
los robos con un motin,

Y en fin ellos se acogieron
donde supieron cumplir
cada qual su obligacion
feminina, y varonil
Si ha sido el Romance largo
perdone la ley civil,
que no es delito el ser largo;
si le absuelve de roin.

ROMANCE.

De Antonio Senão de Castro.

I Nfandnm Regina jubes
renovar hum certo caso,
de que andão os livros cheos,
& cheos os cartapacios.

E da quinta ate primeira
não ha menino no pathéo,
que não relate esta historia
como a conta o Mintuano.

Em sum no assumpto presente
pelo docto mestre dado,
temos a Elena no mar
quando a Menelao no campo.

Furtida sem fer Mendoça
com razão à Elena chamo,
já Theséon foi seu pirata
hoje he Paris seu coassario.

Amigo de Menelao
fer muy grande Paris acho,
pois que o veio, a livrar
dos trabalhos de casado.

Não nego fer grande cousa
dos casados o estado
mas reger mulher, & filhos
a historce e porcao rabo

Sua mulher lhe furrou,
lindo saco de crusados
boa droga leva nella
quato eu não lhe arrendo o ga-

Por quanto em levar a Elena
leva juntos em seu dâmino

fuzil, isca, & pederneira,
mecha, fogo, incendio, & ryo.

Foge Menelao da gente
& dos rapazes velhacos
porque de seu nome só
o aó, aó, lhe andão gritando.

Com o dedo no nariz
& pelas barbas puxando
jurá Menelao vingarse
de Paris, & seus Trojanos.

Porque sente muito verie
em seu sogro transformado,
quando pela bella Europa
foi hum cornigero barco.

E para tomar vingança
jura ser tão temerario
q diz q hão de ser seus Gregos
todos alma de hum cavallo,

E porque teme no Inverno
que seja o carvão mui caro
diz que hão de fazer em Troya
carvão todos seus sol ados.
Paris q sulcando o mar
hia já de verga dalto
dizem que destas barbatás
estava rindo, & zombando,
E de quando em quando diz
quando o ve mais agastado,
não hajais nojo senhor

q a moça he limpa, & do Paço.

ACADEMIA IV.

Em que foi Presidente

JOÃO DA SYLVA PEREIRA,

Em 9. de Novembro de 1664.

Orou da maneira seguinte.



A M. Vespicio, a publicar com palavras minha insufficiencia, que sobre ser cousa tão civil estã, fora tambem impossivel pôr poder coartarse a breves clausulas, o que a penas cabe em dilatados periodos; além de que elcuzadas são palavras a inculcar o que facilmente pôdem declarar as obras. O que solicito; & ainda o que imploro he aquelle mesmo favor, que a pesar de meus deméritos, & ainda que o murmurasse minha incapacidade, me quiz habilitar a tão sublimado lugar: desdobrem estes ordinariamente as faltas; logo ao decoro de vossa eleição vos incumbe a procurar encubrillas. E saudeme o silencio, ja que me não pôde aplaudir a fama. Acrecento que não foi culpa de minha ambição, não anhelos de minha vaga gloria, mas preceitos sô de minha obediencia; se aquella por vicio, & por tal vicio, me pudera motivar desdouros, esta por virtude, & por tal virtude me podera grangear abonos. Gloreemse os mais de dignissimos Presidentes, que eu só de indignissimo Academicô me gloreo; que importa que eu hoje me veja Presidente dos Academicos Singulares, se me saltão os requisitos para scelo. Oh quanto melhor me fora possuir eu as perogativas bastantes à fazerme digno desta promosaõ que lograr o posto sem as vantagens de behemerito. Do lugar mais escuro pode fazer claro com seus esplendores a virtude, & os thronos mais levantados não pôdem cõ todo seu lusimento desterrar as trevoas do vicio.

do vicio; mas para quem quer livrar na brevidade as saltas da elegancia, he necessario que ate nos premios affecte o sincopado. Cestudo he louvavel, não só desta, mas das mais Academias o vincularse ao eminente posto de Presidente. o ventajoso titulo de Orador. & eu já me acomodara ao primeiro cargo, senão fora este encargo segundo; mas quem algum hora alcançou o doce do beneficio, sem agro da pensão; Fazer o papel de Presidente á secas, sem me introduzir nas jurisdições da Oratoria, me atrevia eu, & não houvera de dar (se consulto o meu genio) muito mà conta de mim: porque com affectar hum pouco o severo, & sacrificarme muda estatua ao silencio tinha comprido com minha obrigação, mas meterme em mais custos de prosa, isto he com peinadas frazes, & com methaphicos conceitos encarregar hum panegirico de tal forte ornado, que sem receio pudesse deixar resistar de tão cultas orelhas. *hoc opus hic labor est.* Este privilegio he de poucos, & dos singulares engenhos, que em tudo me forão primeiros. não tenho eu tão amigas as Musas, nem sou tão mimosa de Apollo, que possa sahir bem desta pendencia. Hora senhores eu não sei que lhe faça, por mi não hade quebrar, inda que o mais fraco, tão bo costume; quem tem pouco cabedal, dizem que pôde jogar seguros; ás agoas em que cahio, deu Icaro o seu nome.

Magnum iter ascendo, sed dat mihi gloria vires.

Percepitese em hora, quem sobio tanto, pois essa mesma ruina me ha de grangear a fama; será pois o assumpto de minha oração por vos diante dos olhos. se a isso bastar a minha energia; a formosura das artes, que professais, para que levados, & enlevados nos amores delles, não afroxéis hum ponto da costumada fineza. & para com efeito, & efficacia conseguir este fim me hei de valer do vosso nome, & da vossa empreza, das vossas lições, pois não podia de outra forte merecer louvor, senão fosse o argumento todo vissso.

Chamãoe os engenhos, que illustrão este Museo, os singulares: este Museo digo, morada das Musas, Parnaso de Apollo, Aula da discrisão, lugar da Eloquencia, Eschola da Politica, Arsenal das boas letras. Mina das melhores Joyas, Jardim de Minerva, Palestra de scientificos argumentos, Liga de discretas disputas; & para que o diga de húa vez, a Academia dos singulares; pouco tempo era ainda mais liberal; que o limitado, que le me concedele eu agora quizerá discorer sobre este nome, que a pezar do Lethco esquecimento; ha de viver na memoria da melhor posteridade: que he bem que não

salem os periodos de vida, que logra a Fenix, a quem como elle merece, o atributo, & o brazão de singular. Feniz he, ð singulares, & engenhos entre todas as do Orbe universo, a vossa Academia, pois como à quelle prodigo de Arabia, tudo o que voa lhe reconhece Imperios, lhe voa obsequios, por ter o privilegio de singular na gala, no luzimento, no retiro; como não poderei eu logo, se nesta Academia estou vendendo tanto notoriamēte estas semelhāças, se já não saõ excessos, proclaimalla no mundo por unica, por singular, & por Feniz. E que outra coufa he cada hum dos seus filhos, & alumnos, que hūa flamante Feniz, digão-no por mi, pois me falta a devida elegancia, os postos de seus engenhos aonde repartidamente os vemos renascer, & immortalizar aquelles escriptos, digo, que a penas nascidos, ja desdenhão o ninho, em que nacerão, por affectar mais dilatadas espheras, perigrinando hum, & outro emyspherio, sempre plausiveis, sempre singulares.

Para haver a devida armonia devem os nomes ser índices dos sujeitos, que brazen, & appeli ðos glorioſos em quem os não mercce, vem a ser antes ironias, que irrisoriamente declarão defeitos de quem os consente, que elogios dàquelles a quem dignamente convem. Lanço foi muito dos de Alexandre Magno o não consentir a hum Soldado, que se chamassem tambem como elle Alexâdre, visto não ter a mesma heroicidade: tanto importa que diga o nome com as obras: seja pois singular nos merecimentos quem anhela aondē coroarse com o sublimado titulo de singular. Quem deu o nome d'unica à Pérola, isto he unica, & singular, se não o luzimento, com que entre as mais se faz tampanho lugar. Entre os Poetas Hespanhoes alcançou assi a Antenomasia de Feniz, Lope de Vega Carpio, & entre os engenhos de Italia aquelle prodigioso Genis, que com a Enciclopedia das dou-trinas adequou hum todo de ventajes perfeitissimo. Aquelle que em breves periodos de vida vinculou esterilidades de fama, definao melhor seu nome o grande Conde Pico de Lamirandola, não forão outros os meus que ao cortesanissimo Acolti grangeou o nome de unico, & entre os sagrados Doctores a Feniz de Africa S. Augustinho. Segue-se agora o inculcarvos à consideração o fundamento, que teve a nossa provida em tudo Academia, em copiar naquelle galante empreza, que alli vedes, outros nove melhores da fama, hum Homero, hum Aristoteles, hum Virgilio, hum Ovidio, hum Horacio hum Lope da Vega, hum Gongora, hum Gracilaço, & hum Camoens, pois não foi outro a meu ver, que com retratos de tão singulares engenhos, & genios despertar vossa emulação, que posto que tanto tempo seja necessario para o mundo saber a luz com nova Fenize & se,

DOS SINGVLARES DE LISBOA.

71

& se algúas idades passárão esteriles desta Feniz dos engenhos , esta
nossa com felices auspicios sahe a desquitar este damno , com dar,
não húa , mas multiplicadas Feniz; facunda , & fecunda , esta Academ-
ia nasceo para dar singulares prodigios a Portugal em seus filhos , &
dos mesmos filhos, outros tantos partos de seus engenhos. Com pro-
videncia logo vos poem diante dos olhos . d dignos filhos de tal māy,
aqueles retratos, qual Aguia generosa ao Sol os implumes partos, para
que rayo, a rayo, & fito a fito bebão áquelle bello Planeta os rayos, es-
gotem as luzes , estudem os luziumentos sós por sós que merecerão
ser no mundo aquelles inclitos Varoens , seguir vos importa suas pi-
sadas , beber as luzes de seus elegantes escrittos , os lumes dos con-
ceitos, os esplendores das locuçoens ; nem desmaem vossos spiritos à
vista de tão agigantados passos , exemplo tendes no nesso Camoens
que pondo a mira tão alta, ousava de sy affirmar.

Podeis fazer que cresça de hora em hora

O nome Lusitano, & faça enveja

A Smirna que de Homero se engrandece,

Podeis fazer tambem que o mundo veja

Soar na ruda Lyra o que a sonora

Cythara Mantuana só merece &c.

Para exemplar de Heroicos poemas tendes na poesia grega , &
latina, os douis mayores Luseiros de toda ella , naquelle par sem par
de admiraçoens , hum Homero , por quem pleiteárão ciosas tantas
Cidades , querendoo cada húa por filho seu , & hum Virgilio , de
quem Mantua se jacta de lhe dar berço , Roma applausos , & todo
mundo louvores ; Virgilio que pôde dizer de Homero , que se lhe ri-
rou o ser primeiro elle a Homero , que fosse só de ambos fallou melhor
Petrarcha quando disse

E aquell' ardente

Vecchio a cui fur le muse tanto amiche

De Argo, & Micena, & Troya senescente

Questi cantò gli errori ele fanche

Del figluol de Laerte, & da la Diva

Primo pittor de le meriorie antiche

Aman, aman, con lui cantando giva.

Il Mantovan, que di per secogioj tra &c.

Do mesmo estillo Epico tendes para modello o grande Luis de Camoens nosso payano, mas quem louvarà Camoës, que elle não seja, sendo cada octava das suas, húa octava maravilha ; Camoens que como a outro Homero (até nisto seu paralelo) andão as naçoens à contenda sobre qual o hade perfilar ; digoão tantas, & tão repetidas traduçoens, pois a penas ha idio ma, & dialecto nobre que o não pretenda officiosa, & cortêsmente. & ainda em nossas vimos a Italiana com tanta gala escrita pela pena do raro, & peregrino engenho o S.C. A P com não menos alinho o gozamos em Ingles. E se elle disse de Homero.

*Esse que bebeo tanto da agoa Aonia
Sabre quem tem contenda peregrina
Entre si Rode, Smirna, & Losofonia,
Athenas, Ios, Argo, & Salamina.*

Com mais razão direi eu de Camoens.

*Esse que bebeo tanto da agoa Aonia
Sobre quem tem contenda porfiada
Entre si Roma, Galia, & toda Ausonia,
Iberia, & Lysia sempre eternizada.*

Para o Comico vos sirva de pauta a Feniz do Parnaso , o mimo das Musas, o Apollo de Hespanha para o Comico digo , porque nesta parte se vence o si mesmo, bê que nos mais estilos fosse tão peregrino. Pois para o Lyrico, ou para que fallemos com mais ruido, para o Dythirambo darvos quero o Cisne de Venusia , de cuja boca se derrama o nectar mais suave , a melodia mais doce , as cadencias mais afinadas , este mesmo vos darà documentos para o picante da Satira, para o urbano das cartas , idéa verdadeira de todo o salgado , de tudo o xistoso, & de tudo o galante. Semelhantes primores aprendereis do culto cordovès , & do Cortezão Garcilafo , para o elegiaco, amatorio, affetuoso, & triste a Nativanea de hum Ovidio . A Theorica a Poetica, Rethorica, Politica, Ethica, Phisica, & Methaphysica , o geral em todas estas sciencias , & outras que apontou o grande estagerita, nem cuideis que está alli ociosa aquella com que toda á roda se coroa a empreza.

DOS SINGVLARES DE LISBOA.

73

Dedicada foi esta arvore aos estudos poeticos , pela semelhança , & simpatia que entre si tem, della se coroavão os mel hores.

*Errabunda procax, auratis fulva Corymbis
Exterius viridis, cetera pallor habet;
Hinc ab his Vales cingunt sua tempora certis
Pallescunt studijs, laus diuturna viret.*

Dizo engenhoso Emblematographo Horatio

*Me doctorum hederæ præmia frontium
Dijis miscent superis.*

Symbolisa o seu palor , o que canção as colubraçoes es-
tudiosas tão necessário aos que por seus escrittos pre endem fama.

Vi dignus venias hederis, & imagine macra.

E se estes motivos não bastarem ao atrahir vossos coraçoens à a-
fervorar vossos estudos, à aguilhoar vossas vigias, apellai aos auxilios
dessa varia doctrina, que tão doutos, & scientificos Mestres à custa de
seus desvellos tão prodigamente vos franqueão , ah! tendes o politico
Tacito , o Moral Seneca , o culto Gongora , o rethorico Arles.
Prefai vos por tanto d singulares Academicos de tão autorizado nome,
acreditai como fazeis com as obras atão honrado titulo . E se he
certo que a fama não acompanha à vida , a vossa como he de Fenix da-
rà vida à propria fama. aplicai o útil d o engenho ao fino da vea, nem
vos pareça cousa ardua emprenderes o facil da poesia , que ainda que
vos custe trabalho não ha ah! cousa tão difficult , que diz o Sabio, que
tomada com bom animo não seja facil , astia a; penas na mesma pena
para vos ser motivo da gloria: *intenuis labor, at intenuis non gloria.* Por
onde:

*O premio lograreis, & a doce gloria:
Do trabalho que faz, clara a memoria.*

Foi Assumpto desta Academia o Amor
com que Tisbe se matou, por achá
a Piramo morto.

SO-

S O N E T O.
De Pedro Duarte Ferrao.

Por ver defunto el Sol, sin luz al dia;
 Llorava perlas la bísarra Aurora,
 Y la fuente, que al ver las se enamora,
 Con sed de más riqueza las bebia.
 Eu tierno llanto, ay Piramo(dizia
 La bella Tisbe, quando amante adora)
 Como pudo la Parca vencedora
 Dos almas devidir, que Amor unia.
 Aguarda pues, que el Cielo así lo ordena,
 Que muera quien nació para perderte,
 Rompa el azero agudo tanta vena;
Y mirese en los dós la misma suerte.
 Pues no quiero que Amor deva a la pena
 El termino feliz de mi muerte,

S O N E T O.
De Antonio Lopez Cabral.

Atrevido puñal, que rigurozo
 La vida de mi amor, fiero quitaste,
 Y la vida que tengo me dexaste
 Por hacer mi tormento más penoso;
 Si queriendo comigo ser piedoso
 Elestambre vital no me robaste
 Y mi muerte cruel no executaste
 Por quitarme el motivo más glorioso:
 Acabe mi dolor, mi pena fuerte
 Que por ser mi dolor el homicida,
 Desdicha no será, mas será suerte,
 Sea pues mi ocasión la misma herida
 Que es bien q el mismo esto que dé la muerte
 A quien la más macuna inspiró vida.

SONETO.

De Luis de Bulhão.

Pensaba hermosa Tisbe tu sentido
 Topar el dulce fin de su cuidado,
 Quando por premio de un amante estado
 Encuentras un estoque pre venido
 Al pecho le aplicaste enternecido
 Y quando en tu Carmin quedó bañado,
 No pareció que Piramo en su lado;
 Le ciñó, sinó el arco de Cupido;
 Como amante de Piramo quisiste
 Dar a la idéa dudas de ssa suerte,
 Quando la vida con tu amor venciste;
 Pues qual fuese mayor, pienso no advierte
 Si el Amor que en tu vida le tubiste,
 Si el exceso que obraste con su muerte.

De Antonio Marquez.

Vscó Piramo a Tisbe, y sus depojos;
 Sangriétos vió en las huellas de una fiera,
 Y presumiendo que su amor moriera
 Llamas exala el pecho, agua los ojos.
 A morir le conducen sus enojos;
 Sin que admitir consuelo el alma quiera;
 Y dando al hierro el pecho, que fue cera,
 Hizo camino al alma en mares rojos.
 Llegó Tisbe a mirarle desdichada,
 Pero viendo en su amante su homicida
 La vida entrega a la que sobra espadas;
 Acabe (dice) acabe ya mi vida;
 Que si al Amor el pecho dió la entrada
 Al alma el corazón de la salida.

S O N E T O
De Antonio Lopez Cabral.

SI Piramo murio, como esto i viva?
Si mi dicha acabò, como no muero?
Si mi bien me faltò, que es lo q' quiero?
Si mi mal empeçò, què bien me aviva?
Si el consuelo me huyò, quien me cautiva?
Si mi Amor me dexò, que considero?
Si mi amante partid, que es lo quiero?
Si mi muerte llegò, de que me priva?
Si no quiero vivir, para qué vivo?
Si deleo morir, venga la muerte,
Pues que para venir, le dei motivos;
Venga pues el pezar, mi bien conciente,
Que quién busca el penar, por medio activo,
El vivir le es azar, y el morir suerte.

S O N E T O.
De Antonio Serrao de Castro.

Los despojos de Tisbe disparcidos,
rotas las tocas, laços desatados
En tierra mira Piramo arrojados
En roxo humor bañados, y teñidos;
Muerto el discurso, y ciegos los sentidos,
Vivo el dolor, los males duplicados,
La muerte toma, fin de sus cuidados
Tisbe nombrando en eccos repetidos.
Tisbe mirando a Piramo su vida
Que era la vida, al fin que le animava
La muerte toma con su mismo azro
Demàs ha sido Tisbe aquella herida,
Que la herida de Piramo bastava
Para matarte con su golpe fiero.

S O N E T O.

De Ioanô Ayres de Moraes.

C Lavel sangriento del Capullo hermoso
De Babilon exelso Tisbe ayrosa
Sale a hablar a su dueño cuidadofa,
Por beber en sus labios lo amorofo:
Quita el manto en el monte, que furioso
Tíñe un Leon con ira ponçónosa,
Piensa el joven ser muerta Tisbe hermosa;
Y con la espada se mató rabiosos;
De la rama salió Tisbe escondida,
Y viendo a su querido exanimado,
En el azero mismo dió la vida:
Mas muera, que de aquesta suerte ha dado
A Babilonia fama ennoblecida,
Nobre a si, pasmo al mundo, y lláto al prado.

S O N E T O.

De Andre Nunez da Sylva.

I Nvejosa do amor, Estrella airada,
Por influxo fatal, hoje decreta,
Que os que forão tropheo da mesma seta,
Sejão despojo atroz da mesma espada;
A Piramo a desgraça imaginada
Ministra no puñhal morte indiscreta;
Se em Tisbe a pena, que sentio discreta,
No estoque deixa a morte vinculada.
Dividir pretendo tirana a sorte
Os corpos, & os affectos na ferida;
Mas em vão quiz romper o laço forte;
Pois morrendo na espada appetecida,
Não pode dividir a mesma morte
A quem uniro amor soube na vida.

De Sebastião da Fonseca & Payva.

Por mi vida Belisa, que el assumpto
 Vna gran necesidad me ha parecido,
 Matar se un hombre a si, desvanecido?
 Morirse uua muger por un defunto?
 Llegaras tu Belisa al mismo punto,
 Si le vieras tainbien amortecido
 A Belardo, que tanto te ha querido?
 Responde a la question que te pergunto:
 Belisa, que dar fin quiere al soneto,
 Y conoce Belardo lo que quiere,
 Acaba desta suerte este terceto:
 Ya ninguno galan por dama muere,
 Mitate tu Belardo, que yo prometo
 De hazer por ti lo mismo se quiziere,

S Y L V A.

Do mesmo Author.

O Contrato das Silvas
 Tomou a minha Musa;
 E hei medo se introdusa
 Neste metro de forte,
 Que no Museo ornato
 Gala queira fazer deste contratos;
 Mas não vos enojeis nobre congresso;
 Que por não silvar mais, silencio pessoso.
 Senhora Dona Musa Melpomene,
 Presteme desta vez vea perenne,
 Deme hum dom tão de ciso,
 Que o que tragedia he, pareça riso;
 Que ha mister hum dom grande

quem

Quem ha de fazer versos,
 Para contentar bons; calar perversos.
 Vá de funebre assumpto,
 Inda que vá topar nalgum defunto,
 Vista capuz Apolo,
 E seja tudo horror de polo a polos;
 As Irmãas enojadas,
 Assistão enlutadas,
 Que como femininas se lhe derem,
 Por gostar de dô dás, sempre dô querem,
 Parnaso se lastime, & entristeças,
 Pois a sentir começa
 A doce Cabalina
 Chorando rios de agoa cristalina;
 E se já foi discreta, & eloquente,
 Deixe de ser corrente;
 Iá mormurar não saiba,
 Pois vemos desta sorte.
 Tras do roubo de Elena tanta morte,
 Discorra pois a pena,
 E se não pôde já discorrer tanto,
 Valhamonos do pranto,
 Que sempre foi na força de hum tormento
 Discreto relator de hum sentimento,
 Chiton não bula nada,
 Que assumpto quer sair, de capa, & espadas
 Na maior das cidades,
 Que descubrir puderão as idades,
 Cuj os muros a fama voadora
 Canta com voz sonora;
 E por dentro se affirma com certeza
 Ser húa Babilonia na grandeza,
 Do globo Athlâte, & da arte tal rochedo;
 Que os mesmos Ceos tiverão delle medo;
 E por passar altivo alem do fogo,
 Em lingoa confundido se viu logo.
 Nesta pois patria insigne,
 Naceo Piramo, & Tisbe, ó dura sorte
 Que o mesmo q̄ dà vida inculque a morre
 Tão unidos viverão,

Que semelhantes erão;
 E de tal qualidade
 Que ambos hião contando a mesma idade
 Nos pueriles ánnos
 Forão, como he costume,
 Atomar das sciencias algum lume,
 Por q̄ o fogo de amor com mais affecto,
 Com a luz do entender, fosse discreto,
 Que a luz que não se apaga,
 Nem a morte a desfaz, que tudo estraga;
 Nas Aulas da Cidade,
 A pueril gastrão doce ida de;
 Podendo ler cadeira sem defeito;
 Hum, & outro do amor, que tem no peito;
 E com ser qualquer delles hum menino,
 Nunqua escreverão tosco, sempre fino;
 E ás linguages chegando
 (Obrigados porém de amautas chamas)
 Nunqua passar puderão de Amo, amas.
 Arismetica ouvindo
 Iá mais passar puderão da unidade;
 Que o verdadeiro amor; se na verdade;
 Sabe multiplicar merecimentos,
 Não sabe repartir os sentimentos,
 Erão de amor a cifra sem enganos;
 Pois tendo desoitō annos,
 Differão, já que agora,
 Desoitō annos fazemos, noves fora;
 Mathematicea ouvirão;
 Mas nunca Estrella virão,
 Se não que em Tisbe bella
 Via Piramo sempre a sua Estrella
 Figura levantarão
 Mas no Leão acháram
 Que os esperava a morte tristemente;
 Porém Tauro valente
 Lhe mostra triste a forte,
 Pois húa ponta só lhe ha de dar morte
 Na musica gastarão
 Poucos dias; por quanto se ajustarão,

No duo que seguião,
E como as consonancia entendião,
Das falsas não gostavão,
Porque quando cantavão,
Hera adestreza, & graça nelles tanta,
Que fazião mil passos de garganta.

Quando ás vezes jugavão
Do jogo da espadilha não passavão;
Enunqua de outros Naipes elegião,
Se não de espadas só, com que perdião.
Chegouse o doce tempo
Em q' outras cartas são seu passatempo;
E por serbe vedado
Do paternal cuidado,
Jugare mão por mão; diz Tisbe, eu passo,
E em reposta dá Piramo hum trespasso.

A mão dá Tisbe à seu querido amante,
porque triumphar pudesse;
& de affectos o bollo repuzesse,
Mas se amor os coloca em regios thronos
O jogo perderão, nunqua os abonos.

Entresi concertarão,
Que à noite a certo monte
Qualquer fosse esperar junto da fonte;
Desgraçado concerto,
Que por clausula teve hū desacerto,
Concerto desgraçado,
Que logo teve fontes de achacado.

Deixava o Sol o Ocaso,
E já chorava o monte o triste caso;
Quando Tisbe, que amante
Não sabe dilatar qualquer instante;
Levanta a rouca porta da couceira,
Por não fazer officio de palreira,
Nas mãos as roupas pondo,
Por não fazer estrondo
Ao campo sahio bem animosa,
Donde a fragrante Rosa,
E o Jasmin mais nevado
O parabem lhe dão de tal cuidado.

O Rio murmurando
 Lhe estava mil riquezas tributando;
 O Zefiro suave,
 Que discorria grave,
 Mil requebros dizia.
 E a madrasta do dia,
 Os rayos repartia aos enchentes;
 Os Platanos contentes,
 Defenlaçando os ramos que prendião,
 Por enlaçalla a sy se desfazião.

Quando as Diurnas aves

Cantando no seu tom Cançoens suaves,
 O parabem se dão do novo dia,
 E a fonte que corria,
 Com christalino Viso..
 Dava em lugar de choro alegre riso;
 Em fim tudo a celebra por Aurora,
 Porq̄ os Cãpos faz rir, quādo mais chora.

Chega à vista da Fonte,
 Por Piramo suspira;
 Do calor molestada o man'o tira,
 Desiste dos rebuços, (cos);
 Por quanto o seu amor não he de embu-
 Dizendo, a donde estás Piramo amado?
 Fraquea o teu cuidado?
 Quando o meu abrazado em vivo fogo,
 Busca sô nas finezas desafogo;
 Não te acordas de Tisbe, que te adora?
 Ay q̄ se acaba a noite, & chega a Aurora;
 Sem apparecer o Sol, que me sustenta;
 O terribel tormenta?
 O confusaõ fatal? ò forte dura?
 Que faças desgraçada a fermosura?

Acabou desmayada
 E fugindo assustada
 De hūa Fera que a fonte vem buscando;
 A dor fera, que sente, vai calando;
 Porém inadvertida o choro deixa,
 Que se o Leão ouvira a sua queixa,
 De Leão se tornara branda cera,

Sendo

Sendo Cordeiro já o que foi Féra.
 Matou na fonte a sede,
 E advirtindo no manto,
 Empregouisse de sorte nelle tanto,
 Que o sangue, que trazia
 Do javali que ha pouco morto havia;
 Ficou no manto todo de tal forte,
 Que motivou aos dous a mesma morte;
 Foisse a Féra ao seu posto,
 (Por quanto era Leão) dormir Agosto;
 Piramo que chegava,
 E às boninas por Tisbe perguntava;
 (Que depois q lhe pôz Tisbe os seus o-
 Se tornarão boninas os abrolhos.) (lhos,
 Chegou Piramo tarde,
 Que como em vivo fogo o peito lhe arde
 Do caminho tornava,
 Cuidando o seu amor, que a tráz ficava;
 E com estes receyos
 Escolhe hum de dous meyos;
 Buscando à fonte fria
 Para o fogo aplacar, que o consumia.
 Chega à fonte nevada,
 E vendoa toda em sangue estar banhada;
 O alento lhe falta,
 Do peito o coração de dor lhe falta;
 E perguntando à fonte,
 Pelo pasmo fatal daquelle monte,
 Lagrimas pela porta,
 Lhe offerta por reposta,
 E dando dellas fé (sem temer Féra)
 Busca pè na pégada que venera.
 Toma de Tisbe o manto,
 E o resto envida, todo o triste pranto;
 Para subindo a costa mais suinta,
 E o seu manto conhece pela piuta;
 Baralhouse com elle enamorado,
 Ganhando muita pinta o desgraçado;
 E por jugar picado o triste amante
 O peito atrayessar quer delirante;

E com ansia infinita
 Estas do coração queixas vomita.
Ay Tisbe dos meus olhos,
Ay meu objecto amado,
 Donde estás pedra Imã de meu cuidado?
 Que féra, ou que serpente
 A' vida te tirou tão cruelmente?
 E pois he novo cazo
 O que os olhos injustamente molha,
 O meu cazo tambem será em folha,
 E se a mulher (d' fera) me roubasse,
 E della mal usasse,
 (Aquelle a quē sāo curtos tantos gabos)
 A folha meterei atē os cabos;
 Que à vista desta afronta
 He muy justo morrer sobre húa ponta;
 E à vista deste susto
 Morra Piramo (Amor) seja ou não justo.
Entre lastimas tantas,
 Poz a espada no peito,
 E deixouse cahir nella direi os;
 Se bem foi com tal pressa,
 Que para a morte vir busca a travessa;
 A tempo que falia,
 Do Ocaso de húa cova o novo dia.
Mas vendo que o Leão o campo deixa,
 Começa nova queixa
 (E Geminis fermosos,
 Aquarios se tornarão rigurosos.)
 Porem já desmayada:
 Não pode dizer nada,
 Que à vista do que via,
 Queria lastimarse, & não podia,
 E abio parafismosa,
 Pôrém ficou mais rica, & mais fermosa.
Tornou do parafismo,
 Mas entrou noutro abismo
 De tormentos mortais, vendo q'a morte;
 Piramo lhe roubou daquella sorte,
 Iá para elle se chega,

Na mão defunta pega,
E sentindo que Tisbe lhe pe pegava,
Parece que ser viva desejava.

Palpitando lhe o peito,

(Porque era a bella Tisbe o seu obgeito)

Parece que dizia com cautella,

Morreramos ambos juntos Tisbe bella;

E Tisbe que entendia

O que o peito d'zia,

Cahio sobre a espada;

E assi como cahio, não disse nada.

M O P T E.

Suspiros, ayss, & finezas

mé hão de acabar a vida,

morro pelo que lhe quero

que vida tambem perdida.

G L M O S A E G I T

De Antonio Serrão de Castro.

Guarda o Leão, guarda, guarda
q vem baxado do mōte, (da,
quando Tisbe está na fonte,
& a Piramo nella aguarda
por seu mal Piramo tarda,
& Tisbe nas asperezas
do Leão foge ás ferezas,
deixando toucas, & manto,
& dà, & faz com grão pranto
suspiros, ayss, y finezas.

Chega Piramo & deitadas
vio estar no chão, que dor?
as prendas de seu amor
cheas de sangue, & rasgadas
elle as ergue, & levantadas
chorando diz, ó querida,
quem foi o teu homicida?
quem cruel te deu a morte?
que estas prendas desta sorte
mehão de acabar a vida.

Cego o discurso, & razão
sem discorrer o sentido,
o entendimento perdido
& só viva a temrazão,
trespassa seu coração
com huni estoque duro, & fero,
& diz, não me chamem Nero,
que se eu em Tisbe vivia,
& vivi por que a queria,
morr o pello que lhe quero,
Chega Tisbe, & quando vem
já Piramo morto estava,
vê se o coração pulsava,
acha que pulsos não tem,
a morte toma tambem
no mesmo estoque metida,
se juntos tiverão vida
juntos ambos vêm morrer,
& a doce vida perder,
que vida também perdida.

ACADEMIA IV.
ROMANCE.
De Simão Cardoso Pereira.

Detened Tisbe la mano
el duro estoque dexad,
que vuestro Piramo vive,
aunque muerto le mirais.

Las almas de los amantes
acostumbra Amor trocar;
viven poco donde animan,
donde quieren viven más.

En vuestro pecho viviendo
luego vuestro amante está,
que se gand por querido,
lo que perdió por mortal.

Si pues el hierro cruel
quereis al pecho aplicar
no quitais la vida a Tisbe,
a Piramo la quitais.

Detened pues el estoque
vuestro coraçon mirad
en él con vida hallareis
al que sin vida Horais.

Más ay, que os está diciendo
en aquele cuerpo fatal,

que es verdad, que está sin vida
y que es concepto lo más.

Si pues está sin aliento
aquele cadáver yá,
la vida, que le deveis,
con otra vida pagad.

Muera, muera vuestro cuerpo,
que es satisfacion igual,

lo que deve el alma al alma
de cuerpo a cuerpo pagar.

Morid pues Tisbe arrojada
dad a la muerte lugar,
que en vos es obligacion,
lo que en él fue voluntad.

Mejor vuestro sacrificio
en todo agora saldrá,
que el murid por un engaño,
y vos por una verdad.

Arrojose de obligada
Tisbe, y acabó fatal
muchos siglos de hermosura
en pocos años de edad.

ROMANCE.

De Antonio Serrão de Castro.

Meu senhor Piramo diga,
se he hoa cosa matarfe,
matele vosse embora,
& Tisbe que o acompanhe.

Quis o senhor Presidente
que esta fineza louvassem,
louva e embora quem quizer,
que eu não louvo disparates.

Antes digo, que hum, & outro
nalla tiverão de amantes,
& que forão nestas acção
ambos muy grādes basbaques.

Em matarfe se livrará
de hum sentimento muy grāde,
& morrer por não sentir
vem a ser commodidade.

Quem viye pera sentir
não quer que seu mal acabe
quem se mata vai buscar
na morte o fim de seus males,

Pouco quis o Amante a Tisbe
pois que chegou a enganarse
tendo por sanguue de Tisbe
de húa fera o triste sangue.

Se Tisbe, d' Piramo foi
 aquella adorada imagem
 que no templo de teu peito
 idolatra veneraste.

Pois esse cruel rigor,
 essa tirana cruidade,
 não em ti, senão em Tisbe,
 he certo que executaste.

Se Piramo foi, d' Tisbe
 hum retrato que pintaste
 na taboa do coração
 pera que sempre durasse.

Pouco o original estimas,
 pois o retrato desfazes,
 & sendo divina cor,
 em morta cor o deixaste.
 Não era melhor mil vezes,
 o morrer de amores antes,

que he húa morte muy doce,
& amargosa a que buscaste.

Não era melhor comer
 as amoras sem mancharse
 que ser dellas tintureiros,
 dandolhe esse roxo esmalte.

Nessa fonte da Amoreira
 melhor fora regalarte,
 do que sendo mar de leite
 em mar roxo transformar se.

Em fim por estas finezas
 no Inferno forão acharse,
 aonde senão de amor,
 em chamas de fogo ardem,
 Se o congresso murmurar
 de que estive hoje muy grave
 como o assumpto foi tão triste
 tambem foi triste o Romance,

R O M A N C E.

De Pedro Valejo.

Exremo de amor te juzgan
 Tisbe, todos los ingenios,
 pero yo quiero alcançarte
 en las cuentas deste extremo.
 Miedo tienes a las penas
 que puede sentir tu afecto,
 y assi procuras la muerte,
 mas que por amor, por miedo,
 Si mas ama quien mas siente,
 no es tu amor Tisbe perfecto,
 porque le quitas la vida
 por escusar el tormento.
 Si por ti muriò tu amante
 no lo juzgues por exceso,
 porque no es mucho morir,
 si andava de amores muerto.
 Sin duda de amor ignoras
 las finas leyes del duelo,

pues mal logras la fineza
 quando buscas el remedio,
 Siquieres de Amor ser Phenix
 revive a los sentimientos,
 que no eres exemplo raro
 quando sigues otro exemplo.

Pero es tanta tu porfia
 que agora Tisbe pretendo,
 ya que no puedo a lo grave,
 convencerte a lo burlesco.

No te bastava hum desmayo,
 y bolver tarde al acuerdo,
 con un suspiro alentado,
 y con otro sin aliento.

Llorar, y beber el llanto
 para tornar a verterlo,
 no comer nadie aquel dia
 sino es con gran secreto.

Dizir muy desconsolada,
que no ay para ti consuelo,
mostrar cara de Saturno,
y tener alma de Venus.
Pues a fe que esto bastava,
y que es muy grão desacierto
que quiera Tisbe ser boba
porque Piramo fue necio.
Si estás tú pecho serrado
de gritos, y de lamentos,
mira que no es buena cura
abrir con la espada el pecho.
Dizén que Piramo nunca
te tocó, pero yo pienso,
que tu quedaste opilada,
pues quieres tomar azero.
Y si a caso te lográs
hizo bien en morir luego
para tener en su muerte
algun arrepentimiento.
Que como te vió tan blanda,
jusgò por mejor acuerdo
acabar como un Catou,
que vivir como un Cornelio.
Por esto el Joven temió,
que pidiesseas casamiento,

y por no burlarte vivo,
te quiso dar pierro muerto.
Y si es de hierro el estoque
el mismo te está diciendo
que si por hierro te matas,
vienes a morir por yerro.
Para que quieres morir
sin llegar tu llamamiento,
es mejor el enterrarte,
que acompañar el entierro.
Si ese cuerpo de tú amante
te pide tantos excesos,
mira que es peccado hacer
cuanto te pediere el cuerpo.
Muchos al Infierno van
por los gustos, que tubieron,
pero tu por un desgusto
te quieres ir al Infierno.
No te mates portu vida,
que en este mundo pequeño
siendo la vida lo más,
todo lo demás es menos.
Y no penles que te engaño,
que esto que te digo mesmo
te lo dirá un boticario
antes de muy poco tiempo.

ROMANCE.

De Antonio Serrão de Castro.

QUANDO o claro Sol se absenta
deixando que o crespúculo
com migalhas de seus rayos
seja lanterna do mundo.
Quando calão Filomenas,
& sómente cantão Cucos,
voando torpes Morcegos
Passaros muy cabeludos.
E quando com garalhada,
& con chiíidos confusos

se recolhem os Pardais
dentro em hú poço profundo.
Sahio Piramo de casa,
levando direito o rumbo
a ver a fermosa Tisbe
fermosa quando poem unto.
Que não ha fermosa hoje
sem ajuda do grão Turco
digo do grão Sulimão
que as faz andar ao uso.

Hera Tisbe húa menina
 que para ser rica em tudo
 tinha os cabellos de prata
 piqueiros, & muito curtos,
 Trazia hum monhão postigo,
 que no maranhado, & ruso
 bem parecia tirado
 de cabeça de defunto.
 Tantos sinaes de bexigas
 tinha na testa, que juntos
 poderão servir de alcovas
 em o mar a mil yesugos.
 Nas sombrancelhas não fallo,
 a porquão húa Francês gurgulho,
 do mal, que lhe deu em Março
 todas lhe pelou em Junho.
 Os olhos, hum delles canto,
 que outro pagou por tributo
 a hum favor, que lhe fizerão
 na festa do gordo entrudo.
 Na graça, que tinha o outro;
 eu estou suspenso, & mudo,
 por que hera proprio retrato
 do de Polifemo bruto.
 A boea de Sacavem
 hera no grande, & profundo
 & junta com ás mais partes
 faz rica sellada tudo.
 Falavão por húa greta
 que em hum aposento escuro
 na parede estava feita
 tapada com seu tafulho.
 Por estar todas as noites
 com o silencio nocturno
 se arrulhavão os doux amantes
 qual Coruja com Corujo.
 Aqui fervia o amor,
 os requebros como hó punho,
 finezas como bagaço
 os conceitos por enxurros.

Alentado com o medo
 do pay de Tisbe caduco,
 levava sua pistolla,
 cujo cano era de chumbo.
 E deitando a cabecinha
 qual da calca o caramujo,
 de quâdo em quâdo espreitava
 se vinha o velho com chusso.
 Em fim decretão cazarse
 entre ambos a dous a furto.
 ordenando húa fugida
 de seu quintal pelos muros,
 Derão ponto que esperasse
 junto a hum florido monturo
 quem lá chegase primeiro
 ou fosse a pé ou em burro,
 Tisbe como mais ligeira
 que he mulher, & corre muito,
 sahio primeiro de caza,
 seu fosinho com bom lustro.
 Não le vava guardinflante,
 porque se o vento perjurou
 lhe erguesse os alparavazes
 fora para elle grão susto.
 Chega á meta finalada
 & ouvindo hum triste susurro
 de hum charco de Rãas capella
 se apea no mais enxuro.
 Leyava seu coroção
 mais tisnado que hú presunto,
 adevinhando successos
 apparentes, & futuros.
 Sentouse, quando chegou
 hum Leão fero, & sañudo,
 pôde ser que fosse gato,
 porque o medo muda tudo.
 Medrosa delle fugio
 correndo a quatro pés juntos,
 deixando toucas, & manto,
 que para mulher foi muito.

E como

E como o gato vio panos
logo nelles limpa o buffo,
ou de sangue de algum rato
ou de guelrras de cachucho.
Ella foise quando o pobre
vem mesurado, & fesudo
olha pera o chão, & vê
a touca rasgada em tuhos.
E como nella vio sangue
no peito lhe fez engulhos,
ficando sem se mover
mais direito do que hum fuso.
E adivinhando o successo,
que quem ama he grão letrudo,
tirou logo da farrusca,
que certo aqui foi verdugo.
E de sy mesmo carrasco
por amor fica desunto,
& pois por amores morre
juro a tal que he grande bruto,
Posto no time bunt gentes
se vio o pobre confuso,
vendo com intercadencias
irlhe já faltando os pulsos.
Antes de acabar gritou
& disse, por Tisbe juro
que antes quero aqui morrer
que viver casado em sustos.
Pella boca como odre
fallou, & com grande zurro

Aqui jasem douz amantes
Tão amantes como bestas
Pois quem faz cousas como estas
Bestamente saõ constantes
Morrerão como bargantes
Por amores, quem tal vio,
Que de ambos se não rio,
E deixou de ter amor,
Pois paga com tal rigor
A quem melhor o set vio;

chama a Tisbe, mas quando ella
chegou, já estava bem murcho.
E diz eu seja maldita
se por ti me vestir luto,
nem se deixar as janellas
a horas de lusco, & fusco.
Mas porque não digão mãos
que eu na morte não te ajudo,
ex arrepello as gadelhas:
ex dos olhos gasto o summo.
E querendose abaixar
destroncou selhe hun pantuso,
& cahindo sobre a espada.
os fez morrer ambos juntos
Depois dizem Escriptores
que a pobreta de amor puto
se meteo na simitarra,
& ser mentira consumo.
Que ella por não poder mais
se matou he caço justo,
que mal se achárão finezas
em mulhers neste lustro.
Húa Amoreira que estava
chegada a elles bem junto,
se ficou como era dantes
sem semeter em debuxos.
E hum poeta de agoa doce,
como eu que tudo he sumo
mandou abrir ò Picão
estas letras no sepulchro.

SINGVLAR
CERTAMEN,
 DOS SINGVLARES ACADEMICOS
 DE LISBOA,
 Em que foi Presidente.

ANDRE RODRIGVEZ DE MATTOS.

DON DE HOMERO, ARISTOTELES,
 Virgilio, Ovidio, Horacio, Camoens, Gongora, Lope,
 & Garcilaço; que saõ os Herões de sua empreza, offerecem húa
 novena de assumptos sobre nove composiçōens de Me-
 tros, com o interesse de premios para o Poe-
 ta, que sobre cada qual aparar melhor
 apena, ou tocar melhor a Lyra.

INTRODUCC, A O.

NO Templo da Fama (q vive lá nos Antipodas do esquecimento) se juntarão os nove Herões da Poesia, os nove Príncipes do Parnaso, & considerandose obrigados dos Singulares Academicos lhe resuscitarem seus nomes na esculprura de sua empreza, mostrando aos olhos de todos, o que de todos já avia passado dos ouvidos, (porque se a Fama não morre, ao menos caduca) querendose mostrar agradecidos, determinarão mostrar o desenho, & cífrarão a gratificação cõ o presente deste Certamen, entendendo que como nelle avião de conseguir os Academicos os melhores louros de Apollo, & as melhores coroas das Musas; era satisfação o motivo deste Certamen, dô empenho daquellas lembranças.

Tomada

Tomada esta resolução, pedirão à mesma Fama (que lhes vive sempre sogeita) que fosse a Embayxadora deste Certamen, para o trazer à Academia dos singulares, vaticinando de antes a celebriade delle, pois antes de composto se via famigerado. Pediolhe que dissesse q̄ havião escolhido por Juizes delles tres singulares engenhos do senhor Doctor Francisco Cabral de Almada, do senhor Manoel de Gallegos, & do P. Fr Andre dc Christo para que no Domingo 3.º do Mez de Novembro, repartissem os premios pelos melhores compositores dos assumptos; de cuja inteireza, & juizo fiavão que não ficasse algum merecimento queixoso, nem algum respeito favorecido; porque abundade da sentença le serve de justiça para quem compoem, serve de credito para quem julga. Acordado isto, despedirão a Fama com a carta seguinte.

CARTA DOS HEROES.

HOMERO Principe dos Poetas Gregos, Aristoteles Principe dos Philosophos, Virgilio Principe dos Latinos, Horacio Principe dos Lyricos, Ovidio Principe dos Eligiacos, Camoens Principe dos Portugueses, Gongora Principe dos Castelhanos, Lope Principe dos Comicos, & Garcilaso Principe de todos os Hespanhoës: a Vós Singulares Academicos vos enviamos muito saudar. Por quanto vivemos empenhados de vossas memorias, queremos mostrar o dezempenho de nosso agradecimento, pela Fama vos enviamos esse Certamen, para que nelle subão vossos nomes a gravaremse nas estrellas, & recee Apollo ou perder o nome de Sol, ou o Principado das Muzas. Valete.

PRIMEIRO ASSUMPTO.

Carpus hic mentes meliori numine compleat.

POr quanto esta singular Academia toma agora por sua Patria, a melhor Musa, na Virgem Maria Senhora nossa do Rozario, verdadeira Minerva na Sabedoria, Divina Dianna na Castidade, & Flora Celestial nas Rosas, offerece Fr. Lope Feliz da Vega Carpio seu singular devoto o assumpto da mesma Senhora para hum Soneto dedicatorio em Portuguez, em que se exagere, & prove, o acerto que teve a Academia em buscar seu patrocinio com a particular Invocação do Rozario; & ao melhor Soneto se dará o primeiro premio,

SEGUNDO ASSUMPTO.

*Ipse Parens vatum Princeps Heliconis Homerus.
Quo nullum Græco elarius ixtat opus.*

Vendo Homero q̄ fora Ulysses o objecto de seu Poema, & que este fora fundador desta Cidade, de quem ella tomou o nome para recordação de seu Herde, offerece por assumpto a fundação da mesma Cidade em hūa Canção real de seis Ramos d'quinze versos cada Ramo, em Portuguez; em cujo primeiro Ramo se descreva a fundação da Cidade, no que pertence ao sitio, & no segundo a gala della com o deleite de seu Porto, & no terceiro a excellencia que tem em ser Cabeça de tal Rey-no, & no quarto a grandeza que inclue em ser Corte de tal Rey, no quinto a opulencia q̄ esconde em ser o thesouro das melhores Indias, & no sexto a Fama q̄ promulga em ser Māy dos melhores Filhos; & para a melhor Cancão se dedica o segundo premio.

TERCEIRO ASSUMPTO.

Penes Deos homo; penes homines Deus.

Lembrando Aristoteles, que suposto que havia conseguido o Príncipado dos Philosophos, tambem avia alcāçado o Magisterio dos Poetas, admirando aquelles com suas obras, & ensinando estes c c m sua Arte, offerece por Assumpto a mesma Poesia, para q̄ em hum Epigrāma latino de onto disticos se descrevão seus louvores, & excellēcias, mostrandose com razoens, que fez mais na Arte q̄ compdz, do que na Philosophia q̄ escreveo; & para o melhor Epigrāma se offerece o terceiro premio.

QUARTO ASSUMPTO.

*Virgilium Cælo Phæbus demissit, ut efficeret
Mæoniam posset qui superare tubam.*

Virgilio compositor do grande Poema da sua Eneida; cujo fim foi sómente louvar a Eneas como fundador do Imperio Romano, por se não apartar deste mesmo intento, offerece por assumpto o Cōde Dom Henrique fundador deste Reyno; para que em dez octavas Castelhanas, se louve o dito Conde, mostrandose que grangeou mayor nome em ser fundador desta Monarchia, do que grangeou Eneas em ser fundador daquelle Imperio; & para as melhores outavas está dedicado o quarto premio.

QUINTO ASSUMPTO.

*Mantua Virgilio gaudet Verona Catullo
Pelignæ dicar gloria gentis ego.*

PResfando-se Ovidio de haver sido tão amante, que achou a arte do amar, &c o remedio do amor, offerece por assumpto este mote para glozarse em decimas.

*Amor que quando nascid
Vió su per dicion, y fue
Por delante con la fé
S è que fino fue, pero
Que fuese cuerdo no sé.*

E acabandose as decimas com legitimo sentido que he a ley da glosa, as melhores se prepara o quinto premio.

SEXTO ASSUMPTO.

Ditinuit nostras numerosus Horatius aures.

HOracio não esquecido do titulo de Lyrico, & do seu Mecenas, offerece por assumpto de quinze redondilhas castelhanas a grande excellencia que conseguem os Principes no patrocinio dos poetas, & para as melhores se offerece o sexto premio.

SEPTIMO ASSUMPTO.

Ille super Gangem furor exauditus & Indos

VEndo o grande Luis de Camoens vinculadas em seu sogeito assi as Armas como as Letras, que Justiniano quiz unir para estabelecimento de seu Imperio, pois tanto pelejou com a espada, como escreveo com a pena, offerece por assumpto de húa Sylva Portugueza d 60 versos a conquista da India, &c para o que melhor obrar se dará o septimo premio.

OUTA:

OUTAVO ASSUMPTO.

Illi⁹ immensos miratur Corduba versus.

Por quanto D. Luis de Gongora tem muitos Zoylosde suas obras, & Fiscais de seus versos, pelo culto que afetou, & escuridade com que escreveo, querendo desempenhar sua fama, ordena se faça hum Romance de 20. Coplas castelhanas em que se descreva que cousa he Poesia culta, & Poesia clara por modo jocosof, concluindose que o culto he mais excelente; & para o melhor Romance se offerece o outavo premio.

NONO ASSUMPTO.

Divinos vates longè superavit Iberos.

Garcilafo por ser o primeiro que depois da liberdade de Hespanha conseguiu a bondade dos versos, decreta se faço seis decimas Portuguezas em louvor dos Academicos singulares, aventajando os a todos os Academicos do mundo, assi pela era em que florecem como pelas obras que fazem, & para as melhores decimas se dedica o nono premio.

ORACAM

Do Presidente.

Pella diversidade das batalhas forão os jogos Olimpicos o retrato melhor da vida humana, porque foi sempre nos homens tão natural a contenda, que se vietão a fazer sinonimos o pelejar, & o viver.

Quatro inimigos reconhece o corpo, em outros tantos humores, & sahindo de sy mesmo a combater no largo campo do mundo em qualquer parte para donde aplica o sentido, manda pegar nas armas o cuidado; & ou se mostre valente no combate, rindose no trabalho com Democrito, ou se advirta cobarde no conflito, chorando na miseria com Heraclito, como tem por natureza o desalocego da vida; ha de seguir por força os infortunios da guerra, mas nem sómente a parte inferior se sujeita à sua tirania, proque tambem a superior padece em seus estragos, luta continuamente com o espiritual o corporeo; qualquero de nós he húa guerra civil, & servimos de Theatro à batalha mais cruel.

Não serà logo muito que imite o nosso entendimento com esta qualidade natural, ou os orgãos porque se forma, ou a alma donde procede.

Tamb-

Tambem contra os discursos se a pregoão as guerras , porque nenhúas causa se livra da jurisdição de Marte; bem o publica este Singular Certamen; bem o mostra este generoso Congresso, pois já de prevenida para hum literario desafio se torna hoje esta Palestra em campanha; resuscitando a Fama o valor de nove Herdes, & esgrimindo Apollo as Armas de nove Musas roçarão para este dia as trombetas de Parnaso, & provocados os engenhos com emulação generosa , se presentão na estacada competidores, & amigos; não como no Marcio jogo para ferir com as Armas só de Stillo Academicó para combater com as Letras. Pretende a Deusa Belona pela ruina os triunfos.

Discurrit Bellona furens cui terror evniti it comes,
Solicita o Deos Apolo pello rendimento as victorias.

Et placido crudum succendit Apoline Martem

Em os conflitos da guerra cede ao braço a razão , em os combates de sabeduria suscita-se ao discurso o poder; pelejando se adverte conhecido o que he soldado, escrevendo se admira venerado o que he discreto; deve o primeiro seu louvor a sua espada , reconhece o segundo seu brazão a sua pena, & nunca pôde ser sanguinolenta a batalha a donde he o juizo instrumento da peleja.

Mas nem por esta razão será menos cruel esta contenda, antes quanto mais agudas lhe consideramos as Armas, tanto mais perigosas devemos recear-lhe as feridas. Oppuemse nestes occazioens o spirito, combate nestes encontros o animo, & he este sómente o desafio donde entra mais airoso, o que chega mais armado , porque só nelle depois de pelejarse vem as Armas a medir-se; julgase a bondade dos Sonetos pelo artificio dos fechos, avalia-se a elegancia das Decimas pelo feitio dos Cabos; & se os Exercitos se presentão mais formidaveis quando se formão de Soldados escolhidos, razão he que se teme o horror de hum Congresso donde saõ os guerreiros singulares.

Oh! como he grave o pezo que tomei à minha conta este dia , pois tenho obrigação de fazer a maior discordia pacifica. & amiga a competencia maior , empreza que bastara para estremecer os hombros do Athlante mais robusto , dificuldade que pudera acobardar o valor do Hercules mais ouzado; mas sendo esta a accção em que devo temer maior perigo, não he a em que posso alegar maior fineza, porque se o effeito me elegeo neste lugár, sem meritos de afillado a ter preheminencias de Padrinho, eu saberei fazer q'se mude à vista de minha rudeza a dignidade de Presidente no officio de testemunha ; occuparei esta cadeira como quem ouve , & não como quem defende para que se acrecente o numero do applauso, sem que se manche a honra do patrocínio.

São os Certamens Academicos exame digno do literario valor; concorrem para elles os juizos com o melhor do que sabem, fabricando como engenhosas abelhas, do nectar de muitas flores a docura de hum só favo, inventouos a competencia, repeteos a ambição não para conseguir o interesse dos premios, mas sómente por lograr a gloria dos aplausos, porque contão os animos generosos seus triunfos pela honra & não pelo despojo. As poucas folhas de Louro q' bastavão para tecer em Roma húa Coroa fizérão os Romanos poderosas para conquistar hum Imperio, & o mesmo q' sem o premio da fama, era ludibrio do Zefiro mais benigno, considerado como insignia do valor, foi estímulo do coração mais cobarde. São estes combates crisol donde se purifica o Ouro do juizo, a esperança lhe ministra as brasas, o desejo lhe acende as lavarédas, & todos os combatentes se desvelão por tocar mais quilates que os da ley.

Tema emulação no peito humano a mesma simpatia, que a pedra Iman com o ferro, atrahe por qualidades ocultas, á sua vista se faz leve o que realmente he pezado, facil o que he dificil, natural o que he violento; considerase o discurso provocado, recea cada qual ficar vencido; sia a diligencia à ventura, trabalha nos thesouros da Scien-
cia, & vem ultimamente a enriquecer com a prata o q' se dà melhor com a mina. Formãose estes combates na esphera do juizo, para que entre a multidão de resplandores, & luzes venha a conhecerse o Sol como Emperador dos Astros; continuão se no jardim da Sabeduria para que entre a variedade de cores, & fragancias chegue a sublimarse a Rosa como Rainha das flores. São varios os Sógeitos de que húa Academia se forma, & para que não ande em opinioens o aplauso, he necessario que haja hum dia de juizo, a donde separado o mão do bom sentença o merecimento à justiça, para que com o logro da victoria, se cansem com maior incentivo os premiados, & com o sentimento da repulsa, trabalhem com desvelo mayor os excluidos.

Sempre fez cobiçosos a ventura, porque nunca he tão moderado o desejo, que se contente como quelogra; das cousas grandes se fazem os degraos para as maiores, & aquelles que conseguirão o mesmo que esperarão logo concebem maiores esperanças: assim he sucedeu a Alexandre quando chorava não havet mais que hum mundo, & aspirando seu nome à excellencia de Grande, desprezou as dilicias de Macedonia, por triunfar das resistencias da Persia; igual em tudo à generosa condição de Achiles, pois tambem se esqueceu das prosperidades de Ciro, por conquistar as repugnancias da Asia. Não se podem acabar as esperanças nos animos excellentes, porque não cabe em to-

do o Universo o coração de hum homem, sendo refeição pequena a fome de hum Affor; por a crescer victorias a victorias, se arrisca hum Pompeu com os Cossarios; hum Metello com Numidia, hum Mario com Jugurta, hum Scipião com Carthago; esta he nos Certamens Academicos a melhor utilidade dos que triunfaõ, crescer a aplicação com a palma.

Porém não achão os vencidos nesta acção conveniência menor, pois he certo tambem q̄ se aumenta com o trabalho o juizo; p̄de a ira fazer valente ao braço mais cobarde, faz aveixação brioso ao entendimento mais humilde. Rebenta a suavidade das Rosas da asperezza das espinhas, mostra-se a dureza do diamante nos golpes do martello, he a experiência dos males o melhor incentivo do valor, nos apertos se aparavaõ os alentos de Sášaõ, nas quedas se restituião as forças de Anteo; q̄ a seta q̄ ferio a Alexandro o desenganou que hera homem, abrindolle juntamente o peito, & o discurso, & aquelle que no favor da ventura seguia o mayor erro, no rigor da adversidade, yio o melhor desengano..

Hic sanguis est

Non liquor dix ut solius manere beatu:

Depois que Tarquino se vio despojado do Reyno, teve o conhecimentos dos amigos; generosa liberalidade do trabalho, pois lhe suavizou a perda das opulencias de hum Reyno, entregandole o logro dos thesouros da amizade, & para que mais se confirme este discurso, até a mesma sciencia deve o nascimento aos ultrages, pois he certo que não sahirá Minerva da testa do Deos Jupiter, se Jupiter não estivera ferido com a segur de Vulcano.

São logo estas acc̄oens Academicas convenientes a todos, pois ainda o mesmo sentimento acha razão de alivio, deve acomodar-se o nosso discurso a qualquer dos successos, sem que se mate o valor de Ayase, porq̄ levou o premio a facundia de Ulysses. São muitos os combatentes, & nove sómente os premios, & se do bom se hâde escolher o que he melhor, também esta como segunda razão p̄de fazer lisongeada a desgraça, porque de ser excelente o merito do vencedor, se faz menos penosa, a ruina do vencido; pelo melhor Troyano o disse o mayor Poeta,

Solamen habeo.

Mortis ab Emonio quod sis jugulatus Achile:

Mas suposto que o Certamen nos tem mostrado razoens de conveniencia, não poderei negar que o temor lhe descobre tambem motivos de repugnancia; he acção esta tão perigosa, que se poem nella o entendimento em julgado; fiasse aos affectos o credito, expoense a ficar vencida a melhor parte do homem, & juntos estes receos, se leva a victoria mais

DOS SINGULARES DE LISBOA.

99

mais agrado, fazem para o concurso mais horror; mas todas estas razões deixamos já convencidas, mostrando no Certamen húa, & outra utilidade, só me falta segurar hoje a todos a inteireza dos Juízes, pois evitado tão ordinario temor, soube eleger este Singular Museo tres Juízes em tudo Singulares, cujos admiraveis engenhos necessitão pouco de que eu os exagere, porq das vozes de sua fama os vimos todos retumbar os eccos nas partes mais remotas; aqui se ha de levar o premio sem o dezar da lisonja, & bade sentirse a perda sem a sospeira do agravio. Estamos recolhidos (ò Singulares Academicos) em o Porto mais seguro, donde sómente reina o Vento da Sibedoria, não se teme aqui a inclemencia de alteradas ondas, não se recea o furor de iradas tempestades, ha de dever a victoria ao rigor da Justiça, & não aos acatos da sorte, tudo deve à sua diligencia o Sábio, porque até na tranquilidade fabrícia, & quando na sem razão algúia vez o premio se arriscara, nunca o merecimento se perdera.

Cressa pois, ò Generoso combatentes a resolução do combate, trabalho a inclinação, apurele o desvelo, que só por este meyo se pôde conseguir o logro inestimavel da Scienzia, tesouro que se guarda sem temor joya que se possue sem receo, prenda que se segura de porfiadas idades, herdade que se izenta da jurisdição do tempo, empreza que se livra da tyrania do odio, & posseção que resiste aos estragos do ferro.

Avia saqueado Demetrio a Parria de Estilpo, & perguntandolhe que perdera; nada perdi,lhe respondeo o Philosopho, porque a guerra não triunfa das virtudes, & sabe Demetrio que os meus bens se mudão sem embaraço, porque os carrego no peito, & não nas costas:

Quasi o mesmo lhe succedeo ao Philosopho Aristipo, que da salvação de hum naufragio se achou peregrino com outros companheiros em a cidade de Rodas, mas abrindo os thesouros do juizo, passou de tal maneira desde necessitado a abûdante, q despedio para Athenas os amigos com esta maravilhosa advertencia:dizei aos Athenienses q tratem de ensinar seu filhos a adquirir fazenda que possa nadar nos naufragios! ò sentença verdadeiramente digna de escreverse com letras de diamantes pois ella só bastara para excitar os animos ao amor da Scienzia.

E sempre esta nossa Academia foi illustre Museo de engenhos Singulares, neste dia se levanta com a honra mais suprema, pois soube eleger por Prorectora a Virgem Senhora nossa do Rosário, em cuja Soberana Invocação podemos espantar todos da verdadeira Scienzia o melhor fructo, que assi nolo segura o patrocínio de húas flores que tomârão os antigos por emblema da elangancia, confirmado em o adagio latino. *Vidimus loquentem rosam,* & melhor deduzido em a discreta fabula que

Cirilo repete desta sorte.

Achávase no campo húa Romeira vestida pomposamente de folhas, copiosa de estendidos braços, carregada de coroados fructos, & toda desvanecida em sua fertilidade, vendo que se enredavaõ seus ramos nas espinhas de hum rozal lhe disse desdenhoza, *quam vanum est florere sine fructu.* O como he cousa vam continuar sem fructo em florecer, obstantar todos os annos essa encarnada soberba sem passar nunca de ser ludibrio dos ares; mas a tanta locura da Romeira não mudáraõ as Rosas de cor, & meneando em cada folha húa lingoa defendérão com palavras de nacar sua pompa; não entendas, lhe dissérão, ò nescia presumida que nasces com ventagens de mais util: atite produzio a natureza para servir ao homem no sentido mais grosseiro, & por essa razão necessitas de passar da flor ao fructo, *nobis autem ex puritate substantiae flos ipse fructus est.* Porem nós como nascidas com melhor privilegio abrimos como fructo a mesma flor, servindo com o agrado à vista, & deleitando com a suavidade o cheiro. Bem dezia eu logo que faõ as Rosas o melhor geroglifico da Sabedoria, pois andão tão unidas as flores da elegancia com os fructos da sciencia, que pôdem dizer com as Rosas. *Nobis autem ex puritate substantiae flos ipse fructus est.* E assi se chegou a fabular de hum rozal caduco com quanta mais razão se deve crer de hum Rosario Celeste, a donde com eterna duração he o patrocinio seguro, pois empenhamos a Senhora na Invocação do Rosario com a melhor memoria de suas excellencias porque também, como a Rosa com admiravel prodigo sem perder a flor de ser Virgem, passou no melhor fructo a ser Mäy.



SEGUNDA ORAC, AM DO CERTAMEN
De Antonio Marquez.

Agora que a corrente cristalina
 de Aganipe fecunda,
 por diques de alabastro se desata
 de donde a planta alada, & peregrina
 à Elicon inunda
 com fugitiva neve, & pura prata.

Agora que de Apolo o rayo ardente,
 (sobre hum, & outro monte)
 nem sombra admite, nem eclipse sente,
 sempre em bello Oriente,
 nunca em triste Orizonte,
 & que o mais se admira,
 que faz da frecha pennas, & do arco lyra.

Agora que das Musas o decoro,
 em capella florida, & doce coro,
 alterna com agrado
 Tiorbas de Marfim, Arpas de Prado.

Agora que da Fama
 [cuja vđz pelos Astros se derrama]
 cujo numem secundo
 tem por culto o louvor, por templo o mun
 se pára o movimento (do,
 para dar novo alento a seu alento.

Agora dos Singulares,
 que o mundo reverente
 vos dedica Triunfos, & ergue Altares,
 entraí com passo grave, & com mão d'estra
 na Singular palestra,
 vereis em tantas glorias,
 que se seguem os vivos às victorias.
 O Musa, se a meus rogos algum hora
 solicita acudiste,
 nunca melhor que agora
 infunde, dicta, inspira, ilustra, assiste,
 verás de teus Alumnos Singulares,
 que a Fama busca os astros pelos ares.

SINGVLAR CERTAMEN

Mas para que te invoco ò Musa humana,
quando outra Musa tenho soberana,
que no Pindo Celeste,
dos r̄yos de outro Sol melhor se veste,
cuja fonte Hipocrenne
he a fonte da Graça mais perenne.

A vds do mar Strella sempre bella:
(Ave Maris Stella)

nesta empreza que toco,
imploro, solicito, exclamo, invoco,
para que em vesso amparo,
o culto seja vosso,
sendo o meu verso claro;
& porque meu discurso se acrisóle
daime spirito vds genio divino,
dirà da Peregrina, hum peregrino.

E se vossa luz bella
à Terra, ò Mar, ò Ceo parce Strella
com tal Luz, tal Strella, & Ferosura;
em Mar, em Terra, em Ceo terei ventura;
& se sois Vds ò Virgem Peregrina
de Belleza Divina,
& por Vds no baxel dos Síngulares,
das sciencias navego hoje os mares,
com tal Rosa em viagens tão ditas
terei em mar de flor, mar de Rosas.

Depois que esse Planeta rubicundo,
(que em praça de Zafira transparente
com resplendor luzente
corre animando o mundo)
decretou no Parnaso levantado
entre esses nove Herdes, & as Musas nove:
o Singvlar Certamen celebrado;
sahio a Fama logo,
corrando o vento, & exalando fogo;
& em leve movimento
o fogo excede, & transcede o vento,
cem labios de coral no rostro brando
nos hom̄bos, mãos, & pés, comazâs cento
lúas cortando o ar, outras contando,

vaga.

vaga discorre o ambito da terra,
de monte em monte, já de serra em serra,
ali a vè o Persa, ali o Scitha,
o Arabe a vè; & o Toglodita,
& veldz finalmente chega a donde
a Aurora nasce, & o claro Sol se esconde.

E eu que em tão nas confusas soledades,
(bem como peregrino
que entre dificuldades,
o caminho ignorando,
se este seja, ou aquelle está cuidando)
estava então confuso,
quando o rumor difuso
penetrando os ouvidos
ás potencias passou desde os sentidos.

Apenas levantei a vista, quando
vi a Fama voando,
cujo clarim de prata aqui animava,
ella o tocava, & elle ao Ceo tocava,
para lhe disse, ò filha da ventura,
para ò māy da enveja,
que o que mais te deseja,
te persuade, te roga, & te procura;
fogesme por ventura
porque abrazado em fogo
te quero, solicito, busco, & rogo?
Senão es, como a sombra triste, & ofusca,
que foge a quem a cegue,
& cegue a quem a busca;
pois es tão clara, bella, & tão luzida
não fujas a quem dà por ti a vida.

Já movida a meu rogo
com bello desafogo,
& com afavel cara,
o voo deixa, quando o curso pára;
que pretendes me disse, ò peregrino,
que nessas soledades tão confusas,
solicitando as Musas,
o passo perdes, juntamente & o tino?
deixa pois por agora o doce estudo,

vem comigo, verás comigo tudo
quanto me manda Apolo,
que publique de hum Polo a outro Polo;
na Academia verás dos Singulares,
no Certamen que Apolo fez de acento,
os vivas cento a cento,
os aplausos milhares, a milhares.

Disse & pegando em mi cõ a mão d'neves
sem fazer mais detença
sobre h̄ia nuve dença
me leva de improviso pelo ar leve,
& reprimindo o alento
ao voo fez clausula, & ao vento;
parou em fim, adonde
nada à vista se escondez
que em lugar eminente
se assentou sobre a nuve transparente.

Daqui verás, me disse, recostando
a cabeça em meus peitos
o Heroico Esquadrão desses Sogeiros,
que à Aula caminhando,
seus nomes nas Strellas vão gravando;

Vês como ali se juntão num instante
aqueelles, cuja Fama
felice, se derrama
veldz, desde o Poente, tē o Levante,
cada qual sem segundo
o mundo o aclama, & o publica o mundo;
& saõ porque se diga em toda a parte
Matos, Ferrão, Cardoso, Sylva, & Duarte.

De esforra parte vem com largo passo
os que secão as fontes do Parnaso,
pois desse sacro monte
cada qual me parece que he h̄ia fonte,
os que saõ, se o teu gosto mo demanda,
os douz Costas douz Sylvas, & h̄ia Miranda.

Repara a esforra parte
verás aqueelles em quem o Ceo reparte
desse Apolo os thesouros,
que coroados vem de verdes louros,

cujos

cujos nomes, repara, estão n os astros
hū Bulhão dous Carylhos, & dous Castro s

Lança daqui a vista
verás aquella Esquadra que se alista
nā campanha de Apolo rubicundo
dando envejas ao Ceo, glorias ao Mundo,
cujos nomes já mais terão desfares
Cabral, Faria, hum Fonseca, & Ayres.

Repara desta parte nos tres rayos
que aos engenhos do mundo dão desmayos;
cujas tres Musas de arte peregrina
hū Ibera, outra Lusa, outta Latina
duvida o mudo todo
qual mai; fecunda seja em sua esphera
se a Lusa, se a Latina, ou se a Ibera,
mas não se sabe em causa tão difusa
qual he mais, se a Latina, Ibera, ou Lusa
cujos nomes ferão sobre o desejo
de hū Mello, de hū Tilhier, & de hū Valejo.

Vè como dessa parte
vemos tres, a quem sobra engenho & arte,
pois com famoso empenho
a tudo mais excedem na arte & engenhos
estes de minha vòz clara & sonante
assumpto ferão sempre relevante,,
cujos nomes não sey qual he primeiro
se Campos, se Faria, ou se Pinheiro.

Daquella banda vè como caminhão
aqueilles cujos nomes Singulares
da memoria se adorão nos Altares
porque ao Templo da Fama se encaminhão,
cujas vozes difusas:
galhardamente animão as tres Musas,
Caliope, Melpomene & Talia
em Pimentel, Soeiro, & em Garcia.

Ao Certamen caminhão todos juntos
tratando dos Assumptos
de que fui nuncia alada,
levando dos Herdes a embaixada;
onde entrando na Aula peregrina

SINGVLAR CERTAMEN

de rayos ilustrada, & luz divina.

vi para tanto engenho, [nho,
ser pouca a minha voz, mas grande o empe-
que qualquer Singular se bem se mede
sobrepuja ao louvor, à Fama excede,
& o que mais se acredita
he ver nascer a enveja desta dita.

Mas eu que por empreza agora tenho,
me disse prosegundo
por decreto do Pindo
publicar pelo mundo tanto engenho;
para tão grande empreza
ainda he curta a vòz, & a ligereza,
pois claramente vejo.
que excede a meu officio o meu desejo.

Mas se eu de hum Homero celebrado,
de hum Virgilio aplaudido
as glórias izentei do triste olvido,
sendo a que era de antes,
tendo forças bastantes,
bem posso eternizar os que venero
pois a Virgilio excedem, & a Homero,
para isto se prepara
meu sonoro Clarim, minha vòz clara,
& para que me explique
tanto alento se aplique
a meu Clarim fecundo,
que desde aqui me entenda todo o mundo;
& meu sonoro acento
sobre as azas nevadas desse vento
por estradas mais bellas.
và bater là nas portas das Stellas.

Disse, & das bocas cento
hūas yozes fahirão
tão activas, que là no Ceo se ouvirão
penetrando o seu ecco o firmamento;
vaite agora assistir na Academia
(me disse) pois bem vez daquella parte
coão Apolo reparte,
a Clio, a Melpomène, & a Talia;

bem

bem vèz daquella banda sem recato
 Tersicore, Caliope, & a Erato,
 & que por outra via,
 vai Polinia, Euterpe & Utanía,
 em cujas mãos de neve por victoria
 os verdes ramos levão que dão gloria;
 a palma digo, & o louro
 por quem mil passos deu o Pastor louro;
 como qual vão as Musas coroando
 esses que agora na Aula estão certando,
 & que em meu curso, & no clarim fecundo
 voando espalharei por todo o mundo,
 cujos vivas, & aplausos
 excederão aquellas
 do mar areas, & do Cœo Strellas,
 & a cujos nomes prestarão devotas
 adoraçōens as partes mais remotas,
 pois ao Singular nome
 que faz a Apolo guerra
 he limitado o ambito da terra;
 por estes Singulares soberanos
 se hão de esquecer os Gregos, & os Romanos
 pois com fatais empregos (nos)
 aos Romanos excedem, & aos Gregos;
 & os antigos Poetas celebrados
 menos serão lembrados,
 quando por todo o mundo o ecco passe
 de que este alto valor em Luso nasce,
 & o mundo adverteirà suspenso, & muda
 ser dos antigos fabula já tudo;
 & só aos Singulares:
 Statuas levantarà, Padroens, & Altares.

Assi foi prosegundo & foi voando
 os ares penetrando,
 em cujo seguimento,
 com passo torpe & triste movimento
 hia a infame Enveja, o Odio triste,
 & a destraçō que a todo o bem resiste.
 pretendendo alcançar a Fama leve
 para mancharlhe o candido da neve;

porém

porém que em vão pretende
o que quer ofender quem se defende
com armas da verdade,
pois nunca a sombra offende a claridade.

Eu do que vi admirado,
do que ouvi suspendido,
se estava então em mim ou não, duvido;
porém, daquelle extasi acordado
desde essa Eterea via
ignoro quem me trouxe a Academia,
onde vejo que quanto disse a Fama,
& com quantos louvores vos aclama;
aplauso he limitado,
pois mais alem da Fama aveis passado,
porque quando aqui vejo
hum Matos, hum Tilhier, & hum Valejo;
hum Cabral, hum Fonseca, & hum Faria;
hum Ferrão, hum Cardoso, & hum Garcia;
hum Pimentel, hú Duarte, & hum Pinheiro
hum Caryalho, hum Castro, & hum Soeiro,
& outros mais que melhor dirà a Fama,
pois he sospeito aquelle que mais ama,
enteendo o Singulares eminentes,
que sois pasmo das gentes,
q em Certamen tão Regio, & tão profundo;
palma o mundo, de ver glorias no mundo.

TERCEIRA ORAC,AM DO CERTAMEN

De Sebastião da Fonseca, & Paiva.

Misterioso dia
em que tanto alcançou a Academia,
dignissima Senhora,
desta Aula Soberana Protectora,
que presidindo bella
de Trono o Sol vos serve sendo Strella;
Fonte que por Divina
muito atrás deixais hoje a Cabalina;
Musa tão soberana,
que soubeste vencer o ser de humana,
porque as eras altivas trepadoras

não

não pudefsem postrar vossas melhoras;
 antes em toda a era
 fosseis de tantas flores Primavera
 Censflora dos errados,
 Secretaria fiel de meus cuidados;
 Mestra dos ignorantes,
 que da verdade fogem delirantes;
 Brazão dos Singulares,
 dedicandoyos já novos Altares;
 & do Congreffe todo
 que vos sabe applaudir do mesmo modo;
 já que sois Presidente,
 Secretaria excellente,
 se sois Mestra, & Censflora Peregrina;
 a Vds só tomarei venia divina,
 que donde de Maria o Sol assiste,
 de todos os mais Astros se desiste.

Misterioso dia
 em que tanto alcançou a Academia;
 pois navegando as ondas procelosas
 sómente hoje levou maré de Rosas;
 & com tão rara estrella
 pode largar a vella,
 que inda que pegue nella prevenida,
 não poderá morrer se leva a vida;
 & da esperança o cabo as duas pontas
 quando lhe tomem contas,
 nas contas achará tantos extremos,
 que da Esperança o cabo passaremos.

Capitania divina
 que nos vem amparar pela bolina
 com todo o pano largo, pôsta á capa
 tirando os que em Bethlem gastou na lapas
 ð como vem pomposa
 empavesada ja de tanta Rosa
 da terra do Rosario,
 que hum furacão contrario
 lá no mar de lepanto
 fez que tomasse terra,
 & de Rosas ficasse a viva guerra.

Com o Farol nos braços
nos mostra que sigamos os seus passos,
& o meu pataxo pobre
à vista de tal Luz, animo cobre,
que a falarlhe a guia,
num rochedo em pedaços se faria.

Quizatreverse aos mares
obrigado porém dos Singulares,
que de Tenente o posto
querem que sirva aqui sem estar dispostos
quando criou raízes
este lenho nos matos mais felices,
& agora o poem a risco
de se fazer coroa de algum risco;
sem munigoés navega,
& aos mares se entrega
sem ter defença alguma,
já por baixo se vê da densa escuma,
já pelota dos ares,
já medindo o profundo desses mares,
já confuso se engolfa, & se marea,
já o piloto area,
já por falta de lastro,
parece que de rastro
o levão os confusos elementos;
offendido dos mares, & dos ventos;
& arvore seca já, sem leme, toca
as strellas no Céo, no centro a roca.

Porém que sónlio he este?
que tromenta, ou pataxo,
he este em que me acho?
se estou na Academia,
que furacão he este em que me via?
se estou nesta cadeira substituto,
que se me dá que brame o fero bruto?
& se na Academia orando em verso,
que se me dá que o ar seja perverso;
se de tantos Doctores assistido,
que mais dita, ou favor, que ser perdido;
se a vista de hum raro Presidente

tão discreta Oração, tão excellente
como estouçoçobrado?
se de tanto juizo acompanhado,
como estou em perigo?
se dos Mestres tambem o rumbo figo,
como feito pedaços?
o pouco cabedal faz embaraços;
este humilde talento
& menor pensamento
os mares lhe levanta de tal sorte,
que a cada instante vê presente a morte.

Porem aquella Strella,
que de Norte me serve por ser bella,
minha incapacidade:
quer a sua amparar benignidade,
& leuando tal guia,
Orador p'osso ser da Académia.

He pois aquella empreza sacrosanta
(daquelle doce Fructo rica Planta
Proteccora desta Aula mais discreta,
porque veja o Poeta:
que o juizo em leilão poem nesta praça;
que o verso hade ter cota, extremo, & graça;
(inda me não desvio))
que ha de ter graça, extremo, conta, & fio,
& porque me não colha,,
posto a Rosa tem folha;
ha de esta folha ser misteriosa;
Penetrai húa Rosa,
vede o pé tambem feito,,
vede o bo tão perfeito,,
o abrir do capullo pela Aurora;
mostrar se ao meyo dia tão senhora,,
declinair sobre atarde;
& para que se guarde
de quem quer profanarlhe o ser de rica;
espinhos tem discretos com que pica.

Que o verso à Rosa imite
o Poeta famoso solicite;
ao pé no fundamento sempre rico;

SINGULAR CERTAMEN

& pé como o da Rosa com seu pico;
pé tão fundo, & tão alto,
que seja ao mōr juizo sobressalto.

O botão imitado
sejá no culto já, ou no fechado,
que posto saibão todos que he de Rosa
dentro o ser de fermosa,
oculta de entendida;
& no mesmo que oculta he conhecida
assí a Poesia levantada
tenha a substancia dentro disfr açada;
porque he fatal grandeza
o que valente he fingir fraquesa;
mas não desminta a capa mentirosa;
que o que dentro se oculta he tudo Rosa;

Ao capullo que logo
pela Aurora se obstenta cor de fogo;
abridose fragrante
imitará quem for mais elegante:
começando frondoso
para vir a acabar conceptuoso.

E se no meyo dia
obstenta a Rosa mais soberania,
tenha o verso seu meyo
donde mostre a melhora;
& logrará Zenit, Occaso, Aurora.

Se a Rosa sobre a tarde
(depois que de seu ser faz bello alarde)
desmayada declina,
nesta acção nos ensina,
que declinar devemos,
& para aclauſular nos preparamos,
que acabar sem fazer intercadencia
he desgraça fatal, ou negligencia.

Imite à Rosa bella
nos espinhos que tem, mas com cautela;
porque pique sómente
quem se atreva insolente,
& assí lhe certifico
ser Rosa no flamante pompa, & pico

Nesta

Nesta Aula mysterioza
 hoje tudo semelha a pura roza,
 porque se está brilhante
 logo no mesmo instante,
 que se obstenta encarnada,
 he das mais flores todas adoradas;
 a nossa Academia
 logo no mesmo dia,
 em que brilhou discreta,
 se lhe vejo render todo o Poeta,
 as mais Aulas deixando,
 & a esta seus afféctos tributando.

No discurso dô dia
 obstenta mais flamança a bisárria,
 & defolhas ornada
 Venus do prado he, flor nacarada;
 dividindo o Capulho
 com carinhoso orgulho,
 com mysterio fatal em partes finco,
 sendo mimo do Sol, do prado brinco;

Na mesma altura vejo
 este parto feliz do meu desejo;
 empenho do meu gosto,
 por quanto logro a dita neste intento
 de primeiro Orador, & seu cimento.

Desses livros as folhas
 imitaõ dessa roza as folhas bellas,
 sendo da fama estrelas,
 & do Capulho as divididas quinas;
 (sortes mais peregrinas)
 nestas Cadeiras finco
 as vemos comparadas,
 se bem no quarto Ceo já colocadas.

Quinas mysteriosas
 donde o terno das casas luminosas
 os mysterios mayores tem cifrado,
 por nos favorecer apaixonado.

As flores envejosas
 de ver tanto luzir as puras rozas
 (ou já por aplaudilas)

SINGULAR CERTAMEN

novas galas se vestem por servilas;
de fogo sae o cravo,
a mosqueta de neve,
& se ao ar das mais flores não se atreve
pena rão desairoza,
affirma em fin que ataõ florida guerra
se convocaraõ flores como terra,
porque todas as flores
lhe forão tributar ternos amores;

As aves voadoras
mais presadas do ar que de cantoras
com rara melodia
lhes vaõ todas cantar, Ave Maria.

Os Planeras contentes,
mormente Diana bella, que de enchentes
faz cristalina praça
com rica voz lhe diz: Chea degraça,

O Zefiro mais brando,
que descorría grave,
cantou com voz suave:
divino Norte & luz, que a mente figo;
o Senhor he contigo.

A Primavera, & Flora
offerecendo vaõ à bella Aurora
a menor flor que traz A bril diante
desde a viola humilde, à flor gigante;
cantandolhe sonoros bem me queres,
benta es tu Virgem pura entre as mulheres.

As plantas digaõ todas
(húa, & outra aqui entre)
bento he o fructo, Senhora, do teu Ventre;
sempré louvada sejas;
pois q̄ he (naõ desconhece hū tronco bruto)
do teu ventre, Senhora, bento o fructo.

O prado todo a vozes
com sonora armonia,
mil vezes repetio, Ave Maria.

E pois a Rosa bella
hoje he brilhante sol, luzida estrella,
& lhe tributa Apolo

quau-

quantas luzes produz de Polo, & Polo;
 & Parnaſo com docta confiança,
 pois hoje nesta Roza a esperança,
 & as nove irmans discretas
 influem devaçāo aos seus Poetas.
 Tratai ó Singulares,
 de espalhar vossa fama pelos ares;
 pois tendes com Maria soberana
 divino metro, & arte mais que humana;
 ja de Aganipe a fonte
 bizarrias desponte,
 que esta fonte de graça cristalina
 como he fonte divina,
 ha de ver todo o Mundo,
 que se aquella conceitos influhi,
 esta fará divina a Poezia;
 & com farol taõ claro
 prosegui, que ja agora,
 tendo vds taõ divina Protectora,
 vos a flegura a dita mil acertos
 para vir a gozar do Sol os pertos.
 Acabouse o processo,
 se foi demaziado,
 a culpa de outrem foi, que eu sou mandado.

Q VARTA ORAC, AM DO CERTAMEN.

De Ioaõ Duarte.

GRANADA os melhores talentos em caracteres de veneração
 a inextimavel prenda da sabedoria. Lavra aõlhe os Singulares
 coroas de eminencia, & firmezas de duraçāo.

Por eminēte foi a sabeduria coroada Rainha de todas as prē-
 das: por excellente vinculada em firmezas de perpetuidade; que mal se
 lograria a superior eminencia, faltandolhe o seguro da firmeza; & pou-
 ca estimaçāo fora devida à firmela perpetua, se a naõ coroasse húa pren-
 da regia, & superior. Elegante mente o diz a nossa empresa nesses dou-
 geroglificos de eminencia, & firmeza: húa em as letras, & outra em os
 livros representadas.

São os livros os amigos mais fieis, os conselheiros mais puros, os juízes mais rectos, as guias mais certas, as experiencias mais suaves, & os dezenganos mais prudentes; tudo alcança quem os comunica; tudo acerta quem os consulta, tudo consegue quem os trata; tudo senhora quem os estuda; até os corpos celestes que por eminentes o cupão lugar superior confessão esta verdade, & se humilhaõ aos dictames de hum sabio,

Sapiens dominabitur astris;

E com rezão Senhora as Estrelas quem tem a superior estrella de sabio.

São as heras plantas, que sempre florecem, verdores que nunca diminuem; esperanças que sempre reverdecem, antidoto do esquecimento & espelho da firmeza: Não lhe abate seu ver dor o caluroso de hum estio: não lhe diminue sua esperança o dezabrido de hum inverno; resistem sempre firmes a toda a variedade de tempo, sem padecer a comum ruina da variação; permanecem triufantes sempre contra os lamentaveis estragos do esquecimento.

Desta forte unidos & abraçados estes douos simbolos de firmaça, & eminencia, se coroaõ superiores, & se eternizaõ perpetuos. Os livros em sua piramide levantaõ as heras à eminencia mais superior; & mutuamente as heras com sua firmeza asseguraõ a duração perpetua desses livros, como a letra o dis melhor,

Sola que non possunt haec monumenta morti.

Estas só memorias não podem a cabar, que não tem forças o tempo para extinguir sua lembrança, nem o esquecimento. he poderozo para obscurecer as luzes da sciencia; que nesse Castello ou piramide de livros á castellada, & coroada de firmezas, ou cercada de heras muros fortissimos para resistir a os combates da ignorancia, ás oposições da emulação, & aos a saltos da enveja, permanece firme, & se aclama vitoriosa contra o lamentavel estrago do esquecimento, & contra o irreparavel golpe da variedade, q'sendo em tudo vencedora, aqui só se postra vencida.

Isto em sumi he o que thegora descobriamos na quella mais eloquente que muda pintura; mas sempre foi misterioso accordo dos sabios: nunca deixou a dequadamente penetrar á primeira vista, ainda da utiléza más fina, & da agudeza más prespicaz, que sempre sua contemplação vai descubrindo novas excellências. A ultima, & maior de todas conseguiu hojē nosso dignissimo Presidente, pois soube com a maior ventura encontrar a mayor felicidade; & com amelhor é leição grangeámos o maior crédito, dedicando, & consagrando esta Academia em o patrocinio da quella sempre immaculada luz purissima, & Santissimo

Claustro.

Claustro da Sabedoria infinita, a Virgem Senhora nossa do Rosario, em cuja protecção lograremos os fructos, que as flores de suas fragrantes Rosas nos prometem, & nos assegurão.

Mas agora *Si licet exemplis in panis magnibus uti.* Esta sanctissima dedicação já estava insinuada na pequenhez daquelle empresa.

Os livros conhecem todos serem amora da, o lugar, & o trono da Sabedoria; alli vive, alli se acha, & com a Igreja Catholica confessamos todos, que o Clauastro, & Cadeira, & o assento da Sabedoria he a Virgem Senhora, & assim lhe deprecamos, *Seiles Sapientiae;* podemos logo com propriedade aplicar, que a Piramide de livros Clauastro das Scienças humanas, representa aquella Piramide de Graça, & Livro purissimo da Virgem Senhora, onde escreveu, & claufulou a Scienzia infinita do Divino Verbo. Na orla, & cercadura de heras podemos tambem entender o Rosario Sanctissimo, & debaixo daquelles verdores descobrir a purpura das Rosas; porque sendo as Rosas interiormente Rubys, & exteriormente Esmeraldas, fica o verðor esmeraldino qual das heras, indicativo da purpura interior qual das Rosas.

E com maior propriedade se combinarmos o nascimento das Rosas com o desta Academia, onde equivoca a determinação não sabe rezolver qual foi o exemplar, qual a imitação; não sabe determinar se as Rosas nascem como a Academia, ou se a Academia nascce como as Rosas.

A Rosa nasce em berço de Esmeralda, & á pennas vestida nesta primeira gala de sua infancia & alentada na firmeza de sua esperança, comete oposições de abrolhos, rompe esquadroes de espinhos; a huns atropela, a outros derriba, & a todos vence. Victoriosa, & superior a todos larga as mantilhas de seu nascimento, descobre as purpureas galas de sua fragrancia, & acclama o triunfo de seus alentos, & o que tè li soy esperança de victoria he tudo ja aplauso do triunfo.

Nascce esta Academia humilde, & coartada no abrevia do de sua esperança, opposta, ou exposta aos abrolhos da murmuración aos espinhos da enveja, & às tyranias da ignorácia; que pondò todas o bastaculos à sua duração, a pertendérão sofocar, & consumir em o berço de seu nascimento; mas ella com singular alento rompendo dificuldades tantas, desprezando o mordaz murmuador, derribando o malevolo envezozo, & deslizando o incapaz ignorante, alentada sómente em o verðor de sua bem fundada esperança, no meyo destes abrolhos, & espinhos, sahe hoje vencedora, largando as mantilhas de seu humilde nascimento, acclamando victoria, triunfa revestida com a gala mais flamante de seu luzimento, em a purpura das Rosas Sanctissimas de sua dedicacão.

Aqui logrando o mayor triunfo, não tem que anhelar mayor aplauso, nem que temer já mais perigo, que pois soube fazer a melhor eleição, consiga o mayor acerto, & logre à mayor felicidade.

Agora sy que segura permanece, & com segurança triunfa, será mais propria a ltera,

Sola que non possunt hæc monumenta mori.

QVINTA ORAC, AM DO CERTAMEN.

De Andre Nunez da Sylva.

SObre quatro Orações, que por victoria
(Roxi de Iericò divina, & pura,
unica flor da eterna fermozura)
sobre quatro Orações, que por victoria,
em sua graça achârão sua gloria,
que poderá dizer o meu cuidado,
que em mim não leja culpa, em vós enfado.

Quinta Oração agora, quinto empenho
tosco por meu, por quinto impertinente
temo que mate a gente,
& o meu temor está muy bem fundado,
que o quinro sempre foy muyto arriscado,
mas o lugar do medo me assegura,
que inda que he quinto, como só procura
que nel le guarde o mandamento vosso,
ser matador não posso,
pois firme me fugeito
a guardar hoje aquí quinto preceito,
& confirme ao que sinto
matador não serei se guardo o quinto.

Porém vamos avante,
que a quinta nos espera.
Oração quiz dizer, mas pois na esphera
do verso me não coube, seja embora
esta quinta Oração, quinta de Flora.

Precizo foi o assumpto,
galante está por certo,
não por erro, & fica por acertos,

que:

que he bem esta Oraçāo fuisse distinta
se quinta em ordem, no deleite quinta,
mas do que dito temos
vejo me pedis contas com extremos,
julgandome por tollo
em chamar quinta ao jardim de Apollo.
Se objecto sois, se sois luzido emprego
desta minha Oracāo [por mim] de cego,
& tudo em vds saõ flores, Rozas tudo,
melhor for a estar mudo,
que com inculto termo desluzido
quinta chamar ao que he vergel florido,
se a quinta tem jardim, tambem he certo,
que nella divizamos
troncos agrestes, & robustos ramos,
mal, pois logo atribuem meus primores
nome de quinta, ao que he jardim de flores;

awg' le

Oh numero fatal, numero esquivo,
ex aqui tuas obras, teu encanto,
mas se eres matador, de que me espanto;
porém pazes façamos
Academicos meus, que se notamos
melhor este suceso,
se em testeia me meteis entre o Congresso,
suposto que a paixāo os peitos dome,
inda proprio lhe vem de quinta o nome,
& se licença dais a meu juizo
não só direi que he proprio, mas precizo,
porque logrando a nossa Academia,
em vós as flores que fecunda cria,
& em mim a sylva agreste
tendo de tudo com porção distinta,
quem lhe pôde negar que seja quinta;
seja pois muyto embora
quinta bella de Flora,
que para vos tirar todo o cuidado,
vds as flores sereis, eu o sylvado,
nē he desdouro em mim, & em vds louyores
pois sempre sylva-fuy, vds sempre flores.

Vamos pois combinando

apezar dos crueis murmuradores
 os versos com as flores,
 que desta quinta bella,
 sendo flor cadaqual, passa de estrellas;
 Rosas saõ os Sonetos propriamente,
 deste nobre jardim resplandecente,
 que não devia ser em nada adversos,
 das flores a Raynha, o Rey dos versos,
 & he razão pois com termo nunca ingrato:
 huns de outros saõ exemplo, & saõ retratos
 pois se escrevem aquellas
 ao mundo leys em suas folhas bellas,
 estes (se bem me fundo).
 daõ em quatorze regras leys ao mundo:
 & se a Rosa brillante
 por mostrarse monarca do fragrante
 do tempo atropelando.
 o precizo d'sdouro,
 purpura veste, & se coroa de ouro;
 o Sôneto tambem só com sentido
 que o feche chave de ouro, persuade
 a sua Mageſſade;
 pois só concede a ley sempre guardada:
 à pessoa Real chave dourada,
 temos na Academia de Lisboa
 o Sôneto com Ceptro, & com Coroa:
 Principe de la sangre
 quem não de ser agora sem gravado,
 que se no campo logra o posto o Cravo,
 neste bello jardim não sey que diga,
 livreme Apollo aqui de alguma brigao:
 As Canções generosas
 subit ao lugar alto procuraraõ,
 mas como eraõ Canções logo cançaraõ;
 As Endechas sentidas
 tristes, & prezumidas,
 tambem subir quizéraõ,
 mas embargo as violas lhe puzeraõ:
 as Sylvas não se atrevem;
 nem procurar o posto ouzadas devem;
 que

DOS SINGVLARES DE LISBOA.

121

que suposto que ilustres, & frondosas
por seu contratador vivem fermosas,
pois sua rama seca,
reverdece na voz do graõ Fonceca,
como tambem me arranhaõ
perdem por miti quanto por elle ganhaõ.

Vicente de Espinel com graõ porsia
as Decimas dizia

que ao lugar se opuzessem, pois levavaõ
dez de vêtagem aos mais que o procuravaõ,
mas elles lhe differeão, calte bruto,
que implica ser Monarcha, & ser tributo;
mas pois estou perplexo, & dilirante.

& o lugar está vago, & vacilante,
sem termos lizongeiros, & perversos;
nelle heide colocar todos os versos,
porque se todos saõ taõ excellentes,
taõ Príncipes, taõ altos, taõ scientes,
& da yea saõ filhos bella, & rica,
que a cada qual' picada cõmunicâ,
Príncipe de la sangre sem extremos
confessilos devemos,
pois he certo que saõ a boca cheia
Príncipes no valor, partos da yea,

Temos composta á bulha,
& o lugar bem provido,
eu temo ser comprido,
pello que recolhendo a vela larga
será razão que lance em terra a carga;
mas antes que o discurso
de que (por não cançar) o fio corto
amaine, lance ferro, & tome porto,
deixaime que vos diga, ó flores bellas,
que ás flores glórias sois paixão ás estrelas;
& que saõ voossos bellos resplandores
mimo de Apollo, de Minerva amores,
Crescei ditosas, & vivei luzidas,
devos azas a fama, o bronze vidas,
que he bem sejais o admiracão da esphera,
pois vos afsiste eterna Primavera

fe

se patrocinio tal, hoje escolheste,
se taõ dízoz: amparo mereceste,
oa certo vos segura
na feliz eleição, feliz ventura.

SONETO.

Hoje aos Ceos docemente se remonta
A discreta eleição que Heroes fizemos,
Hoje com tanto aplauso, ser podemos
Da celebrada Athenas, doce afronta;
Esta maré de Rozas que reponta,
E com extremo, & conta crescer vemos
He devida a Heroes que tendo extremos
Luzes saõ de que Apollo faz mais contas;
Procurai Singulares tais favores,
Que se vos dão com nãos tão generozas,
Buſcai por baixo da agoa estes amores;
Embarcai, não percais monçoens preziozas,
Porque achareis em Deos pégo de flores,
Se em Maria levais mare de Rozas.

SONETO.

Fragrante Roza em Iericò plantada,
Como a Lua fermosa, esclarecida,
Como o Sol entre todas escolhida,
E como puro espelho, immaculada;
Virgem antes dos seculos criada
Para May do supremo Autor da vida,
Para fonte de Graça dirigida,
E de toda a desgraça rezervada;
Pois a vossa Rozario se dedica
Esta Academia, no que tanto acerta,
Conſagrandose a vós divina Rosas;
Claro, patente, & manifesto fica,
E conclusão he sem falencia certa,
Que do mundo ha de ser a mais gloriosa.

SO:

SONETO.

FEniz (á melhor Muſa consagrada)
 A Singular rēnade Ácadēda,
 E porque Rozas gera, extremos cria,
 Co Rezario melhor sae coitada;
 Nelle escolhe feliz, logrā acertada
 Sagrado affilo, singular valia,
 Para por elle ser com mais porfia
 Tanto cōmo sy mesma eternizada;
 E vós por singular, ó Virgem pura,
 Neste vosso Museo de engenhos varió
 Propicia lhe inspirai felicidade,
 Que por vós ha de ser com mais ventura,
 Ou já extremo do melhor Rezario,
 Ou já Parnaso da melhor cidade.

SONETO.

SOuhando vio Iacob húa alta escada,
 E pellos degraos della que descia
 A natureza Eterna, que queria
 Vér se em braçōs da humana despôzada;
 Na Caza de Iacob busca morada,
 Onde flor da raiz achar podia;
 E por ver que do tronco ella subia,
 A faz de filha Māy, Esposa amada;
 Esta Flor, esta Escada sois Senhora,
 A quem nossos discursos dirigimos,
 Nossa advogada sois, dē Deos sacrario,
 Eleita estais de nós por Protectora :
 Ea! Vâmos com vosco, que subimos
 Pellos degraos, que tem vosso Rozario.

S O N E T O

Toda de rayos, & de Sol vestida;
To de brilhantes estrellas coroada,
 Pizando sombras se de luz calçada,
 Vencendo pennas,toda a gloria unida;
Esra de Deos a Prenda mais querida,
 Donde o Divino Verbo teve entrada
 Sem que porta se abrisse pois cerrada
 Entrou por ella o Sol a darnos vida;
Este mimo do Ceo , esta Belleza,
 Entre Rozas a mais divina Flora,
 Singulares lograls, ò que grandeza!
E que luzidos que vos vejo agora,
 Que se tinheis hum Sol por vossa empreza;
 Mais brilhareis, logrando Sol, & Aurora.

S O N E T O.

NAõ de Lourós caducos coroada;
 Mas de Rozas celestes, Virgem pura;
 A Academja assistis, que a tal ventura
 Por favor singular foi destinada;
 Nos ámbitos do mundo celebrada
 Será, quem em servirvos só se apura;
 Que só a protecção vossa he segura,
 E toda a outra gloria van, sonhada;
 Pois já Musa Celeste patrociña,
 Eleva dos engenhos Singulares
 Os progressos de vossa grão doctrina;
 Das boças espalhai Rozas a pares,
 Que se da cauza nascem tão divinas;
 Justa razão he que ornem seus Altares.

SONETO.

A Lto Misterio da clemencia Trina,
 Arca insigne do sacro Testamento;
 Luz que lá no siderio firmamento
 He mais que o sol, estrella perigrina;
 Hoje ó mistica Roza nos ensina
 Candida a fé busquemos vosso a lento
 Porq conheça o mundo hū novo augmēto
 Na que se vos consagra Cabalina;
 Agora pois que está Aula reverente
 Com justo a certo, & devaçāo canora,
 Busca vosso favor, mostrailhe a fronte;
Que entaõ a banharà sacra corrente,
 Se vós fores Angelica Senhora.
 Divino Apollo da Castalia fonte.

SONETO.

A Ti de Jericò Roza fragrante,
 Vnica flor da eterna fermozura;
 Dos Singulares a Acadenia jura
 Por Singular Patrona, & forte Achlante;
 Encada espinho teu, qual de Diamante
 Ponta luzida, firme se assegura;
 E em cada folha descrever procura
 Contrá o tempo suas o bras mais constanças;
 Se em húa Roza só tanto interessa,
 Ó como serà sempre venturosa
 Quando nella hum Rózario lhe floreça
 Bello jardim com tanta flor fermoza!
 E se as estima pondoas na cabeça
 Laureada serà com tanta roza.

SONETO.

Com discreta eleiçāo sois escolhida,
Deste jardim de Apollo padroeira,
Pois sendo vós a Musa verdadeira,
Erro fora invocar Musa fingidas;
E sendo Roza em Jericò nascida
Que jardim haverá que vos naõ queira?
Se tendo a estimāçāo por estrangeira;
Por Divina trazeis com vosco a vida.
Inspiray pois, qual Musa, sabio alento,
E qual Roza do Ceo, a Academia
Com flores sustentai do Eterno assento;
Pois ja pôde dizer, bella Maria,
Que de jardim passou a firmamento,
Por alcançar em voz Roza, & Thalia.

SONETO.

AVós Flor celestial, eterna Roza,
Que o Sol diviuo em glorias vivifica;
Esta Academia insigne se dedica
Em metros culta, em votos misteriosa;
Felice impulso, inspiraçāo gloriosa
Hoje ao vosso Rozario a sacrificia,
Pois se por elle extremos multiplica,
Ditas consegue, & seguran ças gozas;
Porque delle cultiva as santas flores,
Que a devaçāo produz, & o Ceo exalta
Misterios colhe, em discriçōes florece,
Patrocínios alcança em seus louvores,
E para sy da estimāçāo mais alta
Nos Rozarios que invoca, as croas tece.

SONETO.

A Vôs Sagrada Musa, digno erario
 Do melhor Rey, do mais sublime imperio
 Hoje consagra em singular misterio,
 A feito singular, concurso varios;
Trema de murmurar todo o aduersario
 Se lhe aveis de influir calor Pierio,
 Que naõ pode offendere seu vituperio,
 A quem sabe invocar vosso Rozarios;
Tronquesse a voz, acabesse o murmureo
 De quantos ousaõ, com rigor notorio
 Nossas flores cortar; ò sacro lirio,
 Porque na fé desse Rozal purpureo
 Das flores hade ser esta Aula emporio;
 Pois vós as flores colocais no Empirio.

SONETO.

Por Singulares, & unicos, o Mundo
 Com razaõ vos aclama, & vos admira;
 Pois se naõ vê segunda a vossa lira,
 Nem ao vosso dictame vê segundos;
O patrocínio procurais jocundo
 Daquella, que nos campos de zafira
 Brotando rozas, ambares e spira.
 Se com mão liberal, com pê fecundos
 Decreto fabio foy, se fê sincera
 Que a mais divina Flora altivamente
 Invocasseis nas flores mais fermozas:
 Porque logrando eterna Primavera,
 Fosse vosso Acade mia florecente
 Jardim suave de frâgrantes Rozas.

SONETO

OH que de Rozas amanhece o dia
 Porque entre Rozas madrugou a Aurora;
 Trazendo em braços esse Sol que agora
 Dá novo fer ao sol da Academias;
Evós do Norte estrella a todos guia
 Sede com Rozas tantas protectora
 Deste jardim, pois sendo a melhor Flora
 Semellas, & sem vos mal parecias;
Aula gentil, divinos resplandores
 Rayo a rayo logray, que a luz mais bella
 De Maria vos dá mais superiores;
Oh quanto brilhareis quando Deos nella
 Soube recuperar com tais primores,
 Entre rozas hum sol, Aurora, & estrella.

SONETO.

AVós dévina & singular Maria,
 Que do Rozario às flores dais fragrancia;
 Este jardim das flores da Elegancia
 Eleger por amparo só devias;
Aurora sois, que igual as flores cria,
 E he bem que a quella mesma pollulancia
 Que ao jardim do Rozario foi ganancia
 Seja logro ao vergel da Academias;
Seas flores sois amparo necessário,
 Como diz do Rozario o Paraizo
 Eos conceitos saõ flor no lindo, & varios;
 Bem vosso amparo intentaõ, que he preciso,
 Se presedis às flores do Rozario;
 Que presidais às flores do juizo.

Leyson o merito

CA

DOS SINGVLARES DE LISBOA.
AO SEGUNDO ASSUMPTO DO
Certamen.

129

Cançao.

DE Portugal a prenda mais vistosa;
do campo Elijio a gala mais fecunda;
de todo o Mundo o celebre portento,
De Vlyses Grego a Fundaçao famosa,
do d'estro Nauta a gloria tem segunda,
cantarà minha Musa em brando acento;
Pois meu rouco instrumento,
& minha voz groceita,
acompanha Thalia,
He L'sboa a primeira,
que em Espanha numera a geografia
por no mais occidente situada,
E por ser povoada
mostrão seus orizontes,
que tem de morades sete montes.

He seu clima por fresco saudavel,
que saõ seus verdores campos por divinos;
o que seus áres saõ por temperados;
He seu posto gentil tão deleitavel,
que seus fructos por serem peregrinos,
de todos no Mundo procurados;
Seus campos esmaltados
com diversas boninas
a fazem delcitoza:
Logra flores divinas
[ainda quando Phebo a Picis goza]
por venceer os jardins de Citherèa,
O Tejo a lizonjea,
& por banhala ufano,
perde o nome de Tejo no Occeano.

He seu sceptro regal por eminente,
& seu iurisperudente Consulado
do Reyno todo o movel mais seguido;

He seu nome fatal por excellente

SINGULAR CERTAMEN

no mundo tão querido, & estimado,
que he de todos por medo obedecido;
He dos seus tão temido,
que suas dignidades.

costumão aplaudilas.
Dezaseite Cidades,
& quatrocentas & catorze Villas,
não se podem contar as conquistadas;
Por serem dilatadas,
que são suas Conquistas,
para contadas não, mas para vistas.

Se quizera contar sua grandeza,
contara por mayor a gloria altiva
com que exemio o jugo mais tyrano.
Pois que soube eleger sua fineza:
Affonso sexto, que triunfante viva,
Pera freyo, & terror do Castel hauo:
E foy tão soberano
seu voto nesta parte,
que então pode seu brio:
Com tão valente Marte
perpetuado ver seu senhorio,
& tem sido com elle tão ditoza.
E de Deos tão mimoza,
que em tudo o que lhe pede,
àlem dò que deseja lhe sucede:

Admira todo o mundo o seu thezoaro,
quandô sabe que as Indias do Oriente
lhe dão joyas de preço inextimavel;
Tem de claros Diamâtes, & fino Ouro,
tributos, que lhe dà barbara gente
de riqueza, & valor consideravel,
Pór ser tão admiravel
seu Erario opulento
deixarei que o publique:
Pór notavel portento
Melinde, Monemungo, & Môçambique
pois que Aljofar, Robys, Perolas, Prata,
Llie ofertão com mão grata,
Cofala, Ormuz, Qniloa,

Cochim, Ceilão, Malaca, Dio, & Goa.

De seus filhos se preza por famozos
& com elles de gratide se acredita,
pois teme o mundo seu valor constante;
São seus peitos por fortes tão briozos,
que o Ethiope seco, & o frio Scita,
os ueneraõ na parte mais distante,
E seu valor gigante
os Romanos temerão
quando a seu peito ingrato
Portuguezes vencerão
Certorio, Anibal, & Veriato,
& deoses lhe chamou a antiga gente.
Quando lá no Oriente
derão á Patria fama,
Albuquerque, Pacheco, Cunha & Gama

AO MESMO ASSUMPTO

Canção.

Donde o Tejo nos braços do Occeano
perpetuamente sem morrer espira,
pagando feudo ao mar em doce prata;
a cabeça do Imperio Lusitano,
que o Cœo coroa, que o universo admira,
jaz imortal, imensa se dilata:
aquella que retrata
o Mundo em sy, pois nunca comprehendida
por montes, & por valles estendida,
não cabendo nos valles & nos montes
parece tem por termo os Orizontes;
Lisboa em fim, a quem o Mar & o Rio,
hum cinge, outro cõpo em com gala, & brio,
sendolhe os dous no adorno, & no conselho.
o Rio guarnição, o Mar espelho.

Se da Cidade a maquina pomposa
he no mundo admiravel quanto bella,
igual he de seu porto a Magestade,
pois com emulação sempre gloriosa,
lhe os baxeis, & os edificios nella,

SINGULAR CERTAMEN.

fazem Cidade o Mar, Mundo a Cidade; cadaqual com vendade,
a fama vendo com que o Mundo atroa;
Lisboa intenta ser, quer ser Lisboa.
O mesmo Sol que os doura, & q os admira;
se distinguilos quer, logo dilira,
& só se persuade com certeza,
a que symbolo sendo da grandeza,
nelles descobre com saber profundo;
hum Mundo fixo, outro protatil Mundo.

Porém se a competencia mais se apurá
conveniencia foi, não foi desvio,
estratagemia foi, que não foi guerra,
porque advertido cadaqual procura,
que o que à Terra sobeja logre o Río;
que o que no Mar não cabe goze a Terra;
& nada disto erra.
a providênciâ sábia, que era justo,
que avendo este Babel, que ao Ceo dà susto
de ser Cabeça, de ser Trono usano
de hum Rey no soberano,
que por ley da ventura nada escaça
tão grande Mar, tão grande Terra abraça,
ocupasse (deixando ao Sol absorto),
a Terra na Cidade, o Mar no porto.

Mas q muito, q heroica, altiva, & bella;
faça Lisboa seu poder notorio,
logrando privilegios contra a morte,
se quando a luza canoniza estrella,
sendo joya do Sol, do Mundo Emporió,
do Portuguez Monarcha he digna Corte;
daquelle Affonso forte,
que foi no venturoso, & nobre parto,
Sexto Planeta, do Planeta Quarto,
a cuja soberana Magestade;
inda he breve tão inclita Cidade,
mas não a tendo o Mundo mais perfeita;
he bem quellhe compita, inda que estreita,
& que proprio confessse o mesmo espanto,
para tanto Monarcha Emporio tanto,

E com re zão, se nelle vè cifradas
de todas as cidades as grandezas
da planta do universo, o commun fructo,
pois (como ao mar os rios) dezatadas
de todo o mundo todas as riquezas
o busçao e por comercio; ou por tributo;
o Ethiop bruto,
o Malabar cruel, o Mouro indigno,
o Persa, o Turco, o Tartaro, & o Chino;
o Franco, o Belga, & quantos vivem donde
a Aurora nasce, o claro sol se esconde,
por varias vias por distintos modos,
à feira universal concorrem todos,
julgando cadaqual mudo & absorto
porta do Mundo, de Lisboa o Porto.

Se a Patria pell os filhos he famoza,
quem com Lisboa a competir se atreve?
quem ser à com Lisboa comparada?
Roma diga se foi mais venturoza,
Athenas diga se mais glorias teve,
ou seja pella penna ou pella espada,
tanta acção celebrada,
que com elles reparte,
Nas Aulas Phebo, na scampanhas Marte,
be justo seja em couz a tão notoria
testemunha fiel de sua gloria,
& se por ser suspeito não for crido,
eu me contento, & tomo por partido,
que dos Alumnos teus, ò Patria bella
as grandezas repita só Castella.

levou o premio.

AO TERCEIRO ASSUMPTO. EPIGRAMMA.

Doctrina princeps, preclaris splendor Aihenis,
Normas qui dictas carminis, & sophiae;
Hac procte meritas geminat tibi fama coronas,
Tempora quæ cingant tempus in omne tua,
Quæ tamen ex ipsis pulchrosit mayor honore,
Anceps, aq dubia est res agitata nimis,

SINGULAR CERTAMEN

Præ sophia pugnat qui dñs ei u, aut quoque rhetor.
 Suadet ut, jungit verba soluta modis:
Hoc vult ut pateat rationibus ipse sophistes.
Hoc vult, quod verbis, non ratione vigeat.
Attamen aduersum, quod si prælata poësis.
Non solum verbis, sed ratione patet.
Nam variis verē potuit qui nomen habere,
Quod dictat, verbis, & ratione ligat.
Ergo doctrinæ Princeps, si gloria magna:
Ex sophia fluit ex carmina summa tibi.

EPIGRAMMA

Si quis Aristotelis doceat exponere raras,
 Ingeniūq; amplas dicere possit opes:
 Ille quoque & dicat, quem multis dives aristis:
Pinguia Trinacriæ vestias arva Ceres.
 Tot peperit gemmas: tot purā sydera luce,
Quot doct' à liberos candidu ille manu.
 Sed micat hos inter, qui carmina digerit apto:
Ordine & ad normam quodque poëma regit;
 Edocet hic Musas, quid sit feiisse decorum,
Quoque loqui liceat tempore, quoque modo.
 Seu gravis incedit grandique innixa cothurno:
Melpomene, acco sive Thalia brevi.
 Magnus Aristoteles hoc libro prodidit uno;
Quantum vir mentis posset & arte simul.
 Cetera quippe docent homines, quæ scripsit; si ipsas
Parnasi Divas gemmeus iste liber.

EPIGRAMMA.

Qui solēt ingenio facundas pangere versus,
Numine divino carmina sacra ligat:
Solvetus eximius, lucet generosa Poësis.

DOS SINGVLARES DE LISBOA.

135

Ille micai radians, hæc numerosa micat.
Est rutilum pratum, Musarum grata corona,
Sed virei hoc florens, hæc redimita viret.
*Magnus Aristoteles, veteris mirabile saecli
Prodigium sophiae delitosus honor.*
Carmina per iractans fuit inclitus arte Poësis,
Nam sibi Musarum gloria maior erat.
Rem magnam aggressus docuit, quo carmine posse
Dulcisonam vates sollicitare lyram.
Obscuram docuit sophiam, docuitque Poësim
Plus tamen Aonia nobilis arte fuit.
Namque hominem reddit, qui reddidit arte sophistas
Qui reddit vatem, reddit arte Deum.

EPRIGRAMMA.

Indicat Aristotelem plus egisse in Poësis a re
Cōponēda, quā in totius Philosophiæ machina

ERIGENDA.

MAgna starigites, è Cælo digna loquutus;
Dum sophiam, & sophiae dogmata scuta docet.
Sed maiora quidem, Cæloḡ maranda loquutus;
Dum Musam, & Musæ jura, modosq; docet:
Namq; hominem ex bruto sophia si dogmata fingūt,
Ex homine una potest fingeri Musa Deum
Illa solo, Cælo ista suum genus optima ducit
Illam homines, boni es hanc docuere Dei
Illa chaos rerumq; rudes fusé explicat ortus.
Ista rudes faciliter conu, & ornat acu.
Vtilis illa quidem, sed quam labor inflat amarus
Vtilis hæc multo nectare suscipit placeas

Tandem inter sentes sophiae labor hæret, amenoſ
Aſt inter flores carmina Muſa canit.
Ius dicant: quidni divina. Poetica punctum
Vule cum dulci miceat; omne ferat.

THEMA ACADEMICVM

Laudare Aristotelem Epigrammate ſexdecim
versibus conſante, & ostendere iſum maiora
feciffe librum de Arte Poetica componendo,
quam cæteros, quibus Philosophiam
complexus eſt.

Nomen Aristotelis ſophiae venerentur amantes
Et tanti celebrent aurea scripta viri
Sive agit in logicis, & mentis à cumino pugnat,
Abdua naturæ ſive aperi eſtudet.
Seu variōs animæ affectus describit & idem
Cæleſtes motus & meteora dœcet.
Hæc ſpecioſa quidem meritaq; volumina fama
Inclita ſunt: longa nec moritura die.
Cuncta tamen ſuperat, qui lege poema certa,
Et verſus fieri præcipis arte liber
Ille ſtagirite ſummuſ ſuir aethero forti:
Qualicer Alcidæ ſuſtinuiſſe, labor.
Namq; vagos in tra mensuram arctaſſe poetus;
Quemq; illi ſeruent impoſuiſſe modum.
Marius ego reliquis, que toto fecerit rivo.
Clarus Aristoteles, hoc opus eſſe puto..

Este Epigrama levou o premio.

DOS SINGULARES DE LISBOA. 139
QUARTO ASSUMPTO DEL
Ceratmeni.

En como grango mayor nombre el Conde
Don Henrique en ser Fundador de sta Mo-
narchia, que Eneas en fundar el Imperio
Romano.

O C T A V A S
Glosando en cada una un verso del Poema
de Don Luis de Gongora.

PARA asunto tan grande, y llevantado;
Todo el Castalio Coro se llevante,
Que de mi genio el metrico euydado.
Ni es dulce, ni es canoro, ni elegante:
Las nueve hermanas en congresso armado
Valor me den, y nectar arrogante
Para escrivir en limitadas horas,
Estas que me dito Rimas sonoras;

Calle el aplauso, calle que de Eneas;
Encarezca la voz por todo el Oribe,
Enmudezca en las aguas Eritreas,
y el mar, que el Nilo bebe, y Tygris sorbe
Las hijas de Amfitrite, y las Napéas
Hagan que el viento el-ecco les estorbe,
Porque logre mi asunto en mi porfia
Culta si aunque bácolica Thalia.

Y tu que al grande Eneas vinculaste:
Elegante Poema que escréviste,
Y sus altas hazañas celebraste;
En Rimas que famosas compusiste
Tu que con elegancias admiroste
El mundo en aquell tiempo que le viste
De sugeto mayor la gallardia
Escucha al son de la Samplionia mia.

SINGULAR CERTAMEN

Aunque el Imperio tal grandeza adquiere,
 Que casi el Orbe a su valor se fia,
 El lecho viendo donde el Sol se muere,
 No vid la cuna donde nace el dia:
 Hasta en esta grandesa le prefiere
 Vuestra gloriosa, y larga Monarchia,
 Pues se ve suo en suencion no oculta
 El Sol que nace, el Sol que se sepulta.

4

Si el Imperio en las armas ha tenido
 Fuertes alumnos del furioso Marte,
 Si atento alas lehualas ha aprendido,
 Quantas Minerva sciencias le reparte,
 Portugal de tal suerte ha florecido.
 Que le excede en valor, le excede en arte,
 Con ventajas logrando soberanas
 Divinas letras armas no inhumanas.

5

Si hasta Albion las Aguilas bolaron
 Y del ultimo buelo a Tule vieron
 Vuestras Quinas gloriosas admiraron
 El mar, donde las Ossas se escondieron:
 De Tapobrana el termino passaron,
 Y a sus Conquistas terminos pusieron,
 En nuevo mundo, hallando con renuevos,
 Para nuevas conquistas mundos nuevos.

6

Si el Imperio Theodosios y Trajanos
 Logro felice en tiempos no malignos;
 Tambien Vitelios tuvo, y Domitianos,
 Del ser humano fieramente indignos;
 Mas vuestros invictos Reyes soberanos
 Todos han sido de los sceptros dignos,
 Pues sin ninguno corromper las leyes,
 Padres fueron del Pueblo nuestros Reys.

7

Si el Imperio en hazañas, y en sciencias
 Fue un tiempo del orbe las delicias,
 En costumbres bolvió llas insolencias,
 Por decretos passó las injusticias:

Vuestro

Vuestro Reyno con jnistas excellencias
Docto en las artes, fuerre en las milicias,
Siempre fuè con razon, siempre sin susto,
Sancto en costumbres, en las lèyes justo,

8

Que el Imperio en Canas debelado,
En Tarsimeno, y Trebia fuè vencido,
Una ves de los Galos ocupado,
Por los Samnites otra ves rendido:
El Reyno vuestro nunca fuè domado
De estraño Reyno vencedor ha sido
Siempre, ganando en Marciales glorias,
Triunfos del Moro, al Espaniol victorias.

9

Si ha sido Eneas de la Julia gente
Progenitor que heroas mil numera,
Vos teneis sucession mas excellente,
Mas numerosa, de mas alta esphera;
Y tanto mas que en ella eternamente,
Por la rason que el cielo considera.
En vuestro Reyno, que su Dios ha visto,
Quiere establecer su Imperio Christo.

10

Si en excellencias tantas le precede
A quel Imperio el Reyno, que fundastes,
Vuestro renombre al del Troyano excede,
Pues mas vencistes que el, mas alcançastes,
Ni competiros, ni igualarlos puede
Nadie en el mundo, pues en el lograste.
Ser Fundador de un Reyno a quien el Polo
Dara solo un redil, y un Pastor solo.



AL

AL ASVUMPTO DEL CERTAMEN
Del Rey Don Alfonso Henriquez.

DE aquel Príncipe heroico, y soberano
Rayo fatal de Agar, de Luso Atlante,
Cuya espada valiente, y dura mano
fue terror del soberbio, y vil Turbante:
Y tambien de aquel Príncipe Troyano,
Que una ves fué vencido, y dds triumphantem
Ha de ser argumento, y con mysterio,
En qual mas nombre obtuvo por su Imperio.

2
Por el Troyano estan de los Annales
Maravillas las lenguas publicando;
Y por Alfonso heroico, los fatales
Prodigios de su diestra estan clamando;
Si en el valor los hazè el mundo iguales
En Imperios se van asemejando;
Mas vea el mundo de uno en los progressos
Las ventajas del otro, y los excesos

3
Eneas del incendio lastimado
(Vengança de los Griegos merecida)
A conquistar salid ya despojada
De una parte del alma mas querida:
Antes de conquistar fué conquistado,
Donde a penas libró la propia vida,
Y despues del incendio, y del fracaso,
Imperio y nombre tuvo por su braço.

4
Mas Alfonso, que en mas divino fuego
Abrasado salid contra la Luna,
Que de blasón le sirve al Turco ciego.
Conquistò sus provincias nua, a una,
Nô fué Conquistador, no como el Griego,
Ni se vió conquistado vez alguna,
Mas de zelo de fe, y amor armado
La Tierra con el Cielo ha Conquistado.

Que peregrino Eneas, y perdido
Bulcasle puerto en tiera con fatiga,
Fuè remedio a sus males preyenido,
Que nunca falta quien la dicha siga;
Mas Alfonso dè zelo revestido,
Seu valor estimula, y fuerça obliga;
Edificando solo por mysterios
En cimientos de fé, de Dios Imperio.

6

Ni los fertiles campos de Laureto
Infestados, estavan; y oprimidos;
Menos executò por su respeto,
Quien los venció, no siendo defendidos:
Mas del Principe Luso el grave afecto,
Barbaros infinitos ya vencidos,
En sus campos de sangre nunca enxutos,
Ciembra muertos cogiendo dulces frutos.

7

El Troyano forçado de sus males
Erige nuevo Imperio a sus ruinas,
Y vencido en las suertes desiguales
En las tierras fabrica peregrinas;
Mas Alfonso de espiritos reales
Alcança por blazon las sacras Quinas,
Pórque alfin merecid su sancto zelo
Fundar la Patria, y asegurar el Cielo.

8

Echò la primer piedra al edificio
De su Imperio el Troyano cuidadoso
Mas de sus descendientes el suplicio,
Fabricò la ruina a su coloso;
El florecid en virtud, ellos en vicio.
Acierto en parte en esto lastimoso,
Y el nombre soberano que tuvieron,
Tyranos lo ganaron, y perdieron.

9

Alfonso, por destino soberano,
Su Imperio establece entre victorias,
Para que a Dios divino, el hombre humano,
Adoraciones dè, publique glorias.

Suceſſ-

SINGVLAR CERTAMEN.

Sucesores dexd, que el mundo usano
Admira en las hazañas más notorias,
Pues en valor, y zelo en grande parte,
A Neptuno dan freno, y jugo à Marte.

16

Entre uno, y otro Herde esclarecido ;
Entre uno, y otro braço celebrado,
Queda el Troyano puesto en el olvido,
Queda el Luso en los astros colocado :
Aquel porque su Imperio se ha perdido
Este porque su Reyno ha dilatado,
Tanto le excede el Luso peregrino.
Quanto va del humano a lo divino.

QVINTO ASSUMPTO.
MOTE.

*Amor que quando naciò
Vio su perdicion, y fuè
Por delante com la fè,
Sè que fino fuè, pero,
Que fuese cuerdo no sé.*

GLOSA,

V N ganapan atreyido
pretendid cierta moçuela,
echizo del Aldeguela
dulce afrenta de Cupidò;
fino la busca, y rendido,
la primer vez que la viò,
el alma y vida le diò;
y sin ella muerto anduvo,
que nunca más fino estuvo,
amor, que quando naciò.
Con su padre en la ciudad,
la viò Viernes por la tarde,
y el pecho que en fuego le arde
le entregò la libertad;
el padre le dixo, andad

no deis de los hombres fè,
el pobre que ya no la vè,
jura que a de hit a buscarla,
sabiendo que en encontrarla
viò su perdicion, y fuè.
A dos bueltas la encontrò
sola, y puesta en una plaça,
en quanto el padre a la caça
fuè de un licor que se yò;
mas el que sola la viò,
llegosse su piè ante piè,
y a fè (le dixo ella) que
se viene mi padre a hora;
y el dixo, vamos señora,
por delante cõ la fè.

No mire usté la fineza
de buscarla, por mi vida,
que es queza tan crecida,
que puede tener alteza:
ella que nada le peza
de oyllo; le dixo, nd
quiero mas finezas yd
vase no sea grosero,
que en buscarme cavallero
se que fino fue; però!

Però dise! a caso duda
[le dixo el galan] que soy
el q más que todos doy
favores tanto a la cruda,
dudo [le dice señuda]
que de sus veras no sé,
otra ocasión busque usté,
sea cuerdo, y tengatino,
(y el dixo) amor que fué fino;
que fuese cuerdo no sé.

AL MISMO MOTE, Y A SUMPTO DEL CERTAMEN G L O S A.

Al verte Pascoala mia,
luego nascid de mirarte
el deseo de adorarte,
sino fuese idolatria,
bien dichoso fué aquel dia
en que mi amor te mird,
y rendimientos te dió,
pues con afecto divino,
nunca pudo ser mas fino
amor, que quando nascid;
Nascid pues amor de verte
tan usano, y tan contento,
que tuviera por tormento,
mas que el perderse el perderte,
però advertiendo en su muerte,
por tu engaño, y por su fe
quilo poner freno al pie
que busca su perdicion
pero con buen coraçon
vid su perdicion, y füe.

Al zagal a que adoravas,
que se llamaya Però
mi amor admitido vid
quando ami amor despreciayas;
a Però solo estimayas

con tanto cariño que
desconfidí mi amor, y fué
a vengarse de tu error,
mas yo le dixe, mi amor,
por delante contra fá.
No te ofendas le dezia,
que Pascoala a Però quiera;
porque una muger es cera,
y fuego una cortezia:
este afecto le devia,
y discreta le pagó,
mira si lo sabre yd
(que no hago de tu mal gala);
sé que amante fué Pascoala,
sé que fino fué Però.

A mi amor le convenci
con razones desiguales,
y en el quedaron los males;
pero las glorias en ti;
yo nescio le persuadi,
y arrojado le obligué,
yo de mi mesmo diré
en este penoso empleo;
que fuese nescio bien creo,
que fuese cuerdo, no sé.

SINGVLAR CERT AMEN
AL MISMO MOTE, Y ASS.VMPTO

Glosa.

Pero Gil y Blas Benito
dos zagalos de la aldea
enamoravan Finea,
que lo siénte por delito :
en ojos bien chiquito
nascid amor, si bien crecid
con su desden, y se vio
que con el desden picado
estava más alentado
amor, que quando nascido.
Ambos al amor rendidos
se vieron, mas el temor
Hizo a Blas qué del Amor
Huya perdicion, y olvidos
a riesgos tan conocidos,
los llama el amor, y aun que
a penas Blas mueve el pie,
Pero Gil con valentia
Aunque vio que se perdia,
vio su perdicion, y fué.
Al primer passo que dió
perdió la esperanza Blas,
Pero Gil con brios más
con la fe se adelantó:
Finea luego admiró

que al tiempo que Blas no dío
un passo en amor porque
en el desden se perdiessé
Pero Gil bizarro fuese
por delante con la fe:
De amor el laurel merece;
Pero Gil si amante afina
(en el rigor que examina)
lo que el desden desmerece
Blas si al amor obedece,
no sé como lo mostró,
o lo hiziese bien, o no,
en ju garlo no me meto;
ni sé si fué Gil discreto,
sé que fino fué pero.

En los acazos de amor,
demás está la cordura,
que en amantes lá locura
es la cordura mayor:
al desden, y al desfavor
adora Gil quando ve,
que Blas reportado esté
al riesgo, y en caso tal
Gil amante fué cabal,
que fuese cuerdo no sé.

AL MISMO MOTE, Y ASS.VMPTO, GLOSA.

D El amor accion triunfante
és, y la más superior,
mostrar se al principio amor
en las fuerças más gigante :
esta excelencia constante,
a todas las prefirió,
porque nunca se advirtió
en el trono magesto so
más firme, y más poderoso
amor, que quando nascido.

Fuera luego acecion indigna,
si rezelando enbaraços,
atraz diera amor los passos
por no topar su ruina ;
gloria alcançó peregrina
aquel amor, que en la fe
tan constante se vio que
adelantó en la intencion
fué, y vio su perdicion,
vio su perdicion, y fué.

Porque en él dichoso encanto
(del amor gloria y veldes)
quien ama más, es más Dios,
quien ama menos, no es tanto:
razón luego para espanto
no dà el amor; ni la sé,
cuando su perdición ve
en caminar más ovante
con el querer por delante,
por delante contra fe.

Querer por solo querer,

solo esto se llama amar,
que el querer por obligar,
no es amar, es pretender:
amor que en un propio ser

quizo siempre, y siempre vid
cierta su ruina, y no
se desdijo en tal estado,
que sué se muy mal premiado
sé que fino fué perdido.
Fino fué, pues la excellencia
que lleva el amor consigo,
es vencer al enemigo
cuando ay mayor resistencia;
el riesgo en la cōpetencia,
aparte del credito fué:
quien pues puño firme el pié
en dudar de este primor
en las materias de amor,
que fuesse cuerda no sé.
Levou o premio.

SEXTO ASSUMPTO DEL CERTAMEN.

MAs a los Principes toca satisfizo el claro Apeles,
dar a los hijos de Apolo, ni con su fincel Lisipo.
el premio y favor que solo habíase i En el tumulo de Aquiles,
a raros hechos provoca. llora el inclito guerrero,
Sin el patrocinio justo, por ver que tuvo de Homero
que illustraron las Camenas; los pinceles más sutiles.
ni grande fuera Mecenas, Pues es ultra en señores
ni tan celebrado Augusto. Favorecer a los fabios,
Que importa dorados techos, i acabense los agravios,
ni los marmores de Paro, y comiencen los favores.
Si a manos del tiempo avaro A usar aquesta fineza
suelen acabar desechos. dijo un grande Emperador

Vivirán assí memorias, condarles tanto favor
de los Lusitanos Martes, me enseñó naturalaleza.
que alienta el honor las artes, Seguid tan discreto exemplo
y las artes las victorias. amparad quienes aclama,

Ni se hallan medios tan raros, y subiereis de la fama
para vencer los olvidos, con tales plumas al temple.
que los favores devidos a la virtud, De si misma la virtud,
a los ingenios preclaros, premio honor, y tesoro,
Al gran hijo de Felipo solo por vuestro decoro,

ni con valientes pinceles,

se os pide la gratitud.

Si conviene por officio
a nobles ser liberales
en estos varones tales.
Se bien logra el beneficio.

Victorias de espanto dignas
poruestro esfuerzo alcançadas:
merecen ser celebradas.
de plumas tan peregrinas.

Vuestras glorioas fatigas:
en el silencio confusas
pueden celebrar las musas
quando las halleis amigas.

Si las obras mas perfectas,
tal valor no diera el canto
bastara el sonoro encanto
con que adulan los poetas.

ASSUMPTO SEPTIMO

SILVA

Levárião premio.

D'E bronzes tres cercado tinha o peito
d' duro, robusto ferro & intratavel
o primeiro que ousou fiar a vida
de agoa, de vento, & de hum tecido lenho,
admiravel empenho;
pois conhecendo a ja quasi perdida
da empreza principiada naõ desiste,
temerario, que Dedalo no effeito
mais inda, & na invençao mais admiravel
mayor que destes foi temeridade,
se bem dizerse deve valentia
taõ prudente ousadia,
da fé de Christo em zelo só fundada
taõ firme que a mayor dificuldade,
& ao perigo mayor, facil resistiu
& daquelles primeiros Portugueses,
que a pelagos de Sal profundos, largos
fíaraõ novas Argos,
caminho pellas agoas inventado,
& por ondas abrindo nova estrada,
que depois de patente inmensas vezess
a seus nauticos foys menos patente,
& até por prodigiosa,
ao proprio Salamaõ difficultosa.
Estes pois, como incertos navegando
as mais remotas terras vaõ buscado
& donde em sum parar lhe de ventura,
a frota ja perdida, ja florente,
con animos mayores,

de

de trabalhos austeros vencedores,
 entre dubios cuidados fluctuantes
 dos mares quasi já desbaratados,
 forte feliz logrado , & oportuna,
 o porto ocupão, donde o Sol nacido
 crepundios pueris na terra infancia
 conhece a penas mal, de que he cingido:
 estes os pés em terra pondo ovantes
 dos que na original gentilidade
 iguais saõ (circunstancia
 de que nace concórdia, & amizade)
 forão bem recebidos, bem aceitos,
 fé guardada, & de Christo a fé admitida;
 Porém mal a perfidia Mauritana
 sincera fé profana,
 & aos Lusitanos já quasi seguros
 novo cuidado dá novo desvelo,
 armas tomaõ, & contra os Agarenos
 com a espada da destra mão brandida,
 os Lusos valerosos, fortes peitos
 nos primeyros ensayos
 coriscos saõ, nos ultimos saõ rayos:
 torres lhes poem por terra, escalaõ muros
 em fim dominão tudo: eu digo o menos,
 o mais Timantes diga com hum velo,
 ou do Cyclope hum dedo ena taboa breve,
 em que gloria raõ larga mal se escreve,
 de tantos propria, que aqui fora immeuso,
 copia dar de seus nomes por extenso:
 o Autor do assumpto, hū delles cõ a espada,
 com pena a dā melhor , mais apurada,

A CONQVISTA DA INDIA

Sylva.

C Ante de novamente agora a fama
 quanto bella admirou, gloriosa aclama
 recite aquella gloria
 do yallor singular unicà historia

SINGVLAR CERTAMEN

aquelles immortais altos Espíritos
 cujos nomes em laminas escritos
 desde onde morre o Sul, & nace a Aurora
 logra o Ceo, teme o Mar, a Terra adora:
 aquelles digo sempre soberanos
 primeiros Argonautas Lusitanos:
 que por não vistos mares, que mediraõ
 novos Mundos ao Mundo descobrirão,
 que por não vistas terras que passarão
 novos Reynos ao Reyno conquistarão
 as Quinas tresladando, & introduzindo,
 onde a penas Apollo repartindo,
 seus lúzidos ensayos
 introduz luzes; & treslada rayos,
 fazendo ao Indo, & ao Ganges soberano,
 vassallos desde então do Tejo ufano
 pera Lisia ajuntando pella guerra
 Reino a Reino Ilha a Ilha, & Terra a Terra,
 por quem todo Oriente a Lisia rara
 Glória dà, valor cede, auges prepara.

E em tributo abundante
 quanto cobra de fé lhe paga a mante,
 a quem rendido Apollo
 de juro prometeo de Polo a Polo
 não ter officio mais, que ser sómente
 tochá dos Luso lenhos diligente;
 a quem tambem Neptuno
 tornando felhe humilde de importuno,
 entrega com palavras mui suaves
 de hū, & outro Emisphério ambas as chaves
 porque só o Luso Imperio sem segundo
 mande o Mar, reja a Terra, impere o Mudo:

A quem afeiçoad o fero Marte,
 ou por medo, ou por fama em tódā a parte
 perpetua paz comete ao Lusitano,
 admirandose Jove soberano
 de ver já pella terra
 andar buscando a paz o Deos da guerra:
 buscava com razão, que presumia
 do valor Lusitano, & ousadia

que não tendo no Orbe, & redondesa
já mais que conquistar com nova empresa
causaria outra vez sem temer rayos
sobresaltos a Jove, ao Ceo desmayos;
desta conquista donde os Lusitanos
provárão por valor, ser mais que humanos,
feliz Colon primeiro
foi aquelle famoso aventureiro,
que com begrina Estrella
nesta conquista bella
com teu nome ajunta sse d' illustre Gama,
gloria a gloria, honra a hóra, & fama a fama;
sendo ao grão Macedonio em grão volume
se nova enveja não, novo queixume,
para seres de Lisia em rara historia
timbre da Fama, & brazão da gloria.

Esta Sylva levou o premio.

ASSUMPTO OCTAVO.

Romance.

Z Oilo que dar no puedes.
En metro razon alguna,
para que con tantas nescias
lo que no entiendes censuras!
Entender, para que nescio
no te ostentes, no presumas
la del verso, pues del campo
ni aun entiendes la cultura.
De Gongora en los poemas
a juzgar no te introduzgas:
que en ellos solo quien tiene,
aguileño juicio a juzga.
Y si a caso comedido,
para saber me perguntão
qual sea la poesia
clara, qual sea la culta;
Cortéz te daré repuesta.
si mis palabras no mudas
te fueren, como esforçoso
si de juicio no despuntas,

Es la culta una admirable
poetica arquitectura;
del que en metrica materia
introduxo arte vitruvia.
Es subir, no temerario,
con los rasgos de la pluma,
y con las alas del juicio
a la esphera de la Luna
Y la poesia clara
no es aquella, que no obscura
haze a bulto consonancias;
bien que oy esta mucho abulta.
Es aquella, que palabras
entre si, selectas junta;
y selectos pensamientos
explica, fino de vulga.
Entre estas ai competencia;
porque Lope aquella culpa
con muchos: Gongora solo
dice, yo nd bajo, ellos suban.

La decision de la causa
es ambigua, incierta, y dubia
problema, Dios de dos caras,
y de cabeza ninguna.

Yo pues con la mia poca
figo la materia assumpta,
y a una parte aqui me clinos
no haziendo a la otra injuria.

No niego que es bueno el claro,
y que el que tinieblas busca,
pero en el moral hablando,
a mala malicia summa.

De la comica no niego,
ni de la heroica escritura
que es el modelo mas claro
la substancial medula.

Pero en el exornativo,
en que Dón Luis se aptura,
mas luce la frasi altaiva,
y mas quando mas oculta.

Porque mas el pensamiento
a tormenta del que estudia,
si mas del estudio saca
quando menos se apresura;

Y lo que demas a menos
ba en qualquiera compostura,
de metro, en la inteligencia
del lo proprio ba sin duda.

No la ay pues, que al verso culto
es razon que se concluya,
deversele mayor gloria,
porque mas se difficulta.

Gongora de arte tan rara
artifice primo (arguya,
lo que quiziere la embidia)
del Panarso, es non plus ultra.

Y de Gengora la fama
contra la ignorante turba
en Hyampco, y en Thitoreo,
suene resonante tuba.

De la poesia escura
es antipoda la clara,
afse esta galas aquella
esta recusa las galas.

Pan por pan, vino por vino,
y tambien agoa por agoa
dise, tan clara como ella
y en lo frio la aventaja

Mas no es mucho si desnuda
siempre de sus tropos anda,
y con razon por desnuda,
ya de todos despreciada.

Hizo voto de pobreza
bien que en esta semejança,
de sus Padres los Poetas
no degenerasse en nada.

No vereis en sus poesias,
ni por ojos de la cara
de la Belisa mas bella
los Zafiros y Esmeraldas.

Claros son estos Poetas,
mas claros no son por fama,
que quien tiene tantos ojos
ver muy bien sabe sus faltas.

Claras son, mas del escuro
silencio a manos acaban,
y es muy justo, que assi mueran
hombres, que siempre nos matan.

Las rimas, que las paredes
componen claras, nos dañan,
que tan enormes pecados
atun las paredes no callan,

Melpomenes y Thalías
Tersipeores las hermanas
nunca llamarse quizieron,
y ningunía Dona Clara

Es la poesia culta
de questa en todo contraria;
pues

pues si aquella serpit humi,
esta al Cielo se llevanta

Peregrinas locuciones

como peregrina y rara
siempre afecta, y como culta,
el adorno y la elegancia.

Metafisicos concetos

con asleo de palabras,
vestir fabe, y escritos nobles.
por proprios espejos ama.

Por aqueste estilo mismo

tanto en el mundo se exalta
aquel culto Cordovés,
gloria, y honor de su patria.

Para dar opimos fructos

así se cultiva y labra:
la tierra, que fin cultura
de abrojos se viste, y malvas.

Con vigilias, &c sudores

el noble laurel se alcança,
el que las uñas se pierde
eternos aplausos gana.

Narcisos de vuestras coplas

dexad la ciega Philaucia,
que quien de si se namora
a muy poca gente aguadas.

Al Poeta que no borra,

que no lima, no trabaja,
ni las Musas favorecen,
ni le acompañan las gracias.

En un siglo que es tan culto

sólos cultos genios campan,
y al que contra el uso viste,
como al que es surdo le tratan;

La elcuridad que en los cultos

los claros por viejo achacon
fres tropieço para el necio,
lisonja a quien la declara;

Vds otros pues, que aspirais
subir a las cumbres altas,

del Parnaso, con desvelos
servid a tão lin la Dama.

Romance.

M Andanme ustedes q explique
qual es culto estilo, ó claro;

iten: que aquel sea el bueno,
quando sea aqueste el malo.

O vds (si no digo, o tus)

contra Gongora Aristarcos,
tapar quiero vuestras bocas
con estos pies, no con manos.

Mas porque de inculto icluto
no despunte empeño tanto,
ni de claro en claro le yerre,
vaya de estilo mulato.

Es pues la culta poesia
ayroso un leer penado,
por lo recito appetito
golosina por lo espacio.

Quando es otros si la clara
como pasteles de aquatros,
sin copa de escaramusa,
poco adobe y puro caldo.

Más bien como cauta xivía
vomitá en torno al remango,
negra tinta en que se empaña,
y al pescador dexa en blanco.

Misteriosos se habellitan
a por huir de censurados,
en mascaras culteronas
aun los conceptos más flacos.

Con dezir uno en la riña,
medias teneis, ya dixo arto,
que a horra por sus ensanchias:
vos sois un grande borracho.

El vallenton que lo ignora
responderá deslumbrado,
bien dezis que prevenido
ya mais mehallareis desgalço.

Y si en claro lo expusiera,
llevara de cien mil palos,
ved de lo claro, y lo culto
qual es mejor, culto, ó claro
Pero dexó legas frases
quiero hablar de maestrago
ansí me entendiera yo,
como ostentara milagros;
Del Purgatorio oloroso
las animas sin pecado,
que es la paz de su appellido
provanças de su ser casto.
Yo las ruego encomienda das,
que vengau sin mas repara
apoblar humano Cielo,
si es verdad q ay Cielo humano.
No ay mas, que lindolno ay mas,
valgate Dios por cultaço!
mas sepamos lo que cifra,
y oxalá que lo sepamos,
Es pues; que de aquel bolçon
las pastillas de resguardo,

para el cielo de la boca
las pido, porque las amo.
Mas si de estorvo me sirve,
al provarlas, mal provado
el argumento de arriba
con las razones de abaxo;
En reverencia me escuchen
este sylogismo raro,
que he de provar ser no culto
de la yema nobre, y hidalgo,
La yema excede a la clara
(sic argumento, audiamus]
lo mas culto todo es yema,
todo clara lo mas llano.
Ergo mejor es la culta
(que es la yema que señalo.)
y peor en todo el gusto
la clara, que es lo dexado.
Señor Don Luis viñtor, vñctor,
ya se compuso su agravio,
que por su honor me he partido
a las veinte, y aqui he llegado.

Leyou premio;

ASSUMPTO NONO.

DECIMAS.

ACademia foi de Athenas
hum lugar pouco distante
fresco, frondoso, elegante,
que o Sol penetra va a penas
dõnde entre sombras amenas
Platão que ali residia,
& que ali nascido avia,
Sedulo philosophava,
& a discípulos dictava
Normas de Philosophia.
De Academias mais tratar
aqui parecera insania,
se em outra Tulio em campania,
a Platão quiz imitar,
porque aqui só celebrar

esta Academia convem
em que estamos; da qual bem
se vê q entre as mais do mundo
em tudo, não & segundo,
o lugar primeio tem.
E com razoens evidentes
se conclue esta verdade,
Alumnos em calidades
tem a Academia eminentes
Almuños tem excellentes
em virtudes, & em sciencia,
logo com clara evidencia
he, que esta Academia flor
he de todas a melhor,
infalivel consequencia.

O pro-

O proprio pois que florece
em era tal, bem se prova,
que de periquito a trova
tanto em outras resplandece:
esta Academia conhece
a perfeição da poesia
se outras ha que o dia
fazem, donde se reparte
honra assi, que perde a arte.
o valor pella valia,

Firmão, a razão segunda
desta Académia os fogeitos
na poetica perfeitos,
raros na vea fecunda,
admiração he profunda
esta, que haja em tempo tal,
perfeição em tudo igual,
quando sómente apparecia
o nome logra de essencia,
essência de accidental.

Do tempo as imperfeiçõens
opposta a ignorancia infesta:
fazem ma is luzentos desta
Académia as perfeiçõens,
obras de illustres Vároeus,
& doctos que exemplos dão,
dó mundo a todos estaõ
mostrando que claramente
esta Académia florente
mais inda que a de Platão.

Academia Singular
mais que Fénix dando a pares,
os engenhos singulares
vieste o mundo espantar,
não sei em que ba de parar
tanto assombrar, & luzir
pois vejo, que competir
ninguem quer cõ teus engenhos
por ver que em tantos empenhos
de ousados hão de cahir.

Aquella insigne Lisboa,
que entre toda a redonda se
facilmente por Princesa
das outras Cidades soa;
a que a fama já coroa
por tal singularidade
Academia; na verdade
era muito conveniente
o Parnaso mais florente,
a mais florente Cidade..

Aqui amorada tem:
das doutas irmãas o Cdro ;
& pera ser com decoro
tal morada lhe convem:
da meliora o parabem
assy as Musas se daõ,
& à Académia, com rezão,
com ver preferencia tal
de não ter no mundo igual,
alègre logra obrafaõ.

As Académias, que a fama
soube entregar à memoria,
já por ti perderão glória,
que empenhada só te aclama:
nem he muito se si inflama;
empregoar teus louvores,
pois sa ão tais os teus primores,
que excedes a todas ellas,
como o Sól vense as estrellas ,
& como a Rosa às mais flores.

Nem pouco interesse ganhas
pello tempo em que floreces,
pois feliz cantar mereces
as Portuguesas façanhas:
nestas já glórias estranhas,
que gozas, cultiva as artes,
em que dóuta te repartes
enchendõ de Fama os Polos,
haja em Portugal Apolos,
pois sustenta tantos Mártes.

Pera

Perá ser das prendas norte
alcançaste a melhor era
em que ao louro em laça a era
na qual vez a melhor corte
nos engenhos passapdrte

tens para ser immortal
num Affonso liberal
tens o mais ceguro arrimo;
Affonso das Musas mimo,
dilicias de Portugal.

ASSVMP T O N O N O

*Decimas em louvor dos Academicos Singulares aventurejando os
a todos os Academicos*

B Em pôde a fama nos ares
formar com docil furor
hum particular louvor
aos Herdes mais Singulares;
bem pôde nos seus altares
colocálos; pois saõ dignos
dos aplausos mais benignos,
entrando com tal farol,
na casa do mesmo Sol,
se o Sol nas casas dos Signos

Tem tomado (ha tal fineza)
por empresa quem tal crera
fazer livros nesta era
sendo a era a mesma empresa;
as outras Aulas lhe pesa,
de não trebutarlhe o verso
pois com estillo preverso
qualquer outra Academia
a penas foi companhia,
& esta será sempre terço.

As outras Aulas, & Athenas
tem no templo da memoria
a penas luz de húi gloria,
& esta tem por gloria as penas;
qualquer Poeta he Mecenas
nesta Aula; mas o que importa,
he que fique a Fama absorta
vendoa dos Deuses crisol.
tendo dentro em casa o Sol
& Mercurio junto a porta,

Se lhe preside húa Rosa,
rica flor do altivo Imperio,
he toda hum puro misterio,
& he toda misteriosa;
Aula que he tão venturosa
(pellas ditas que lhe vemos) Singulares não deixemos,
pois nenhum de nós ignora,
que para ser Protectora
fez esta Senhora extremos.

E pois nos busca húa Estrella
importa por não ser tosco,
se ella faz contas com nosco
fazer estremos com ella;
penetrêmos com cautella
aquella divina Aurora,
& pois nos ampara agora,
pague o nosso afecção fino,
dizimos ao Deos Minino,
& decimas à Senhora.

Não terá nenhuim desvio
esta com tal protectora;
que sempre preside a Aurora;
nas Aulas do seu rocio;
& pois com afecção pio
nos dais tantas melhorias
louvemos as Poesias
da que com vistoso alarde
para a cabar muito tarde
começa às Ave Marias.

AO MESMO ASSUMPTO.

E Se Planeta lusido
por sô lhe chamarão Sol,
com ser de todos farol
ese nome ha merecido:
assim [se he bem advettido]
nesta Academia sem par
o mesmo vem a lograr,
pois por diferentes modos,
sendo vulgar pera todos,
por ser só he Singular.

E se o nome que excede,
& sobre a fama voou
menos he porque se herdou;
mais porque se mereceu:
esta que hoje transcedeu
a esfera do pensamento
logra mais merecimento;
pois tem por obras sem par
o nome mais singular,
& o mais nobre nascimento.

E se he dâ dita favor
lograra melhor idade;
porque está a felicidade
em ter do tempo o milhor
desta Academia o primor,
que já a dós Gregos desterra;
do tempo as ditas encerra,
pois pera este tempu faz,
Coronistas pera a paz;
Escritores pera a guerra;

La naquelle idade de ouro
eses Museos universos
tinhão thezouros perversos,
& aqui versos por thizouto :
que fora grande desdouro
em Museo taõ peregrino
como este, hum tal desafio:
mas aqui com mais excesso,
nē se vêde o que he sem presso,
nē se compra o que he divino
Sede Alexandre as proesas
tanto nome lhe adquiriraõ,
que juntos se competição
os aplausos, & as grandezas
com mayores estranhezas
esta Academia a meu ver,
áquele saba exceder,
pois por modo singular
tem obras pera admirar,
tem nome pera vencer.

Quê do ouro, & dos diamantes
quilates, & fundos vio,
que era o Sol se persuadio;
causa de effeitos brilhantes;
assí em modos semelhantes,
quem no Museo fez reparo
notou ser prodigo raro
pois tem filhos por destino,
que saõ ouro pelo fino,
& diamantes pelo claro.

Leverão premio.

Fim do Certamen.

ACA-

ACADEMIA

SEXTA,

Em que foi Presidente

JOÃO DE CARVALHO, E SOVSA.

Em 23 de Novembro de 1664.

Orou da maneira seguinte.



E as nevoas da inveja pudérão extinguir hū lusimento grande; & se os erros da malícia pudérão sincopar húa grandeza nobre, a esta fizera acreditar hoje hū paradoxo claro, àquelle fizera luzir hoje húa theorica certa: bem he verdade que os Presidentes meus predecessores tem ocupado este lugar pera lusimento da Aca demia, & hoje se proveo a Cadeira só pera lusimento do Presidente. Em as mais occasioēs os Presidentes acreditáro a Cadeira, & hoje a Cadeira ha de acreditar o Presidente: que ha lugares, que cõ seu credito honrão aos sogeitos mais píquenos, & ha sogeitos, que com suas prendas condecorão os lugares mais subidos; a todos ha designado pera o lugar o merecimento proprio; a mim me ha introduzido nella o favor alheo, que merecer pouco, & consegueir muito, ou sãõ identidades que só conhece o favor do tempo, ou sãõ synónimos, que só constroe a sem razão da sorte. O merito em os mais fez conhecer a eleição por oportuna: o indigno em mim fez avaliar o beneficio por intempestivo; Em todos o superlativo das prendas lhes dilatou o premio, que costumad estas ser temora do galardão mais merecido; Em mim o superlativo da forte me adiantou a incapacidade; que costuma esta ser emprego da ventura mais propicia: porém nestas razões descobre meu paradoxo, & minha theorica a este nobre Acteneo mayor lusimento, & mayor grandeza, mayor lusimento, porque offerecer o lugar a hum sogeito idoneo, he querer interesar lusimentos proprios em merecimentos alheos: porém designar o sogeito iudigno pera o lugar acreditado, he querer

serlhe prestar as luses, que o insuficiente lhe dificultava, & he mayor lusimento poder prestar luses, que recebellas: que naõ fora o Sol Monarca de lusimentos se de alguem os recebera, & se de alguem os muruara. Mayor grandeza, porque se o beneficio de presidiarios se houvesse de coartar só pera o merecimento, seria justiça, naõ seria grandeza: escolher os sogeitos pera o lugar he primor da justiça, particularizar os talentos pera o beneficio he acháque da magnificencia; que naõ julgara Vespasiano o dia por perdido em que padeceo desmayo sua grandeza, se houvera de limitar os objetos de sua liberalidade: Concluo pois desta theotrica, & deste paradoxo, que quando me elegeis incapaz, diligencias o melhor lusimento, & a melhor grandeza, & assi seria ocioza toda a desculpa pera escuzarme, que como he resulta de vossa magnificencia a eleição de meu sugeito, devia eu mais pedila, que obedecela. Nem menos vos hei de conciliar a atençāo, que o que podia duvidar minha desconfiança errada, me assegura vossa favor propicio, & seria offendelo presumirlhe contingencias; seria ignorallo duvidarlhe a atenção:

Lá navegava hū hora Cesar com māres taõ embravēcidos, que o menor delles o ameaçava, ou ser sorbo de hū abismo, ou ser rapto de hū nuvē, Vendo Cesar ao Piloto com razão timido, pois entre a morte, & a vida havia só a distancia de hūa breve taboa, lhe disse, que era fiar pouco de sua ventura temerlhe o naufragio: assi eu faria pouco de voso favor, se duvidasse em vòs benevolia atençāo, em cujo agrado consiste ou a ventura, ou a desgraça de hū Orador. Verdade he esta em que a meu favor offerece Quintiliano, *In nebīs iste bene & male audire.*

Varios, & elegantes geroglificos fabrīcou a sabedoria á veneração dā antiguidade, com que significou suas excellencias, & cō que mostrou seus efeitos; porém se entre tanta autoridade, se faz lugar meu parecer, hey de dizer hoje que a Arvore he dā sabedoria o geroglifico mais idoneo: porque he della pera este lugar o melhor sinificativo; & porque tudo differão os primeiros, tenho pera mim que Aristoteles cuidou já ser a Arvore geroglifico dā sabedoria, quando fallando della disse, que suas rayzes erão molestas, porém os fructos doces. *Sapientia radices esse orarias, fructus autem dulces.* E como quer que aquella celebre Academia de Athenas, que foi berço das sciencias aonde Aristoteles, & seu mestre Platão dictaraõ, se interpretre no Grego, *Locus numerosus*, lugar povoado de arvores, bem pode ser que daly tomasse a sabedoria o nome, & que fosse esse o motivo, que o Filosofo teve pera imaginar arvore à Sabedoria. Larta em hum tratado que faz de *Revelationibus*, diz que os ritos antigos venerārão as arvores por divindades, & o prova cō dous lugares dos historiadores mais juridicos; Plinio, & Tacito. E se he certo q pera

pera com elles as arvores eraõ idолос geroglificos da sabedoria eraõ bẽ fundada a adoraçāo, porque só em a sabedoria se achaõ participações de divindade; não me arriscaria eu a dizello, se me não assistira o favor do Angelico Doctor S. Thomas quando diz *Sapientia, quia formaliter sumus sapientes, est quædam participatio divina sapientia, quæ Deus est.* Supposto pois esta paobabilidade, em que me fundo pera constituir arvore geroglifico da Sabedoria, será neste lugar obrigaçāo minha mostrar quais sejaõ as rayzes que a sustentem, quais as aguas que a fecundem, quais os fructos de que se coroe, & Aristoles que me apadrinhou o geroglifico, me enca-minharà pera o discurso. Serão pois as rayzes da arvore da Sabedoria o estudo, & liçāo dos livros; as aguas que a fecundem, o exercicio das le-tras; os fructos de que se coroe, hum nome gloriozo, & húa fama eterna.

*Quanto ao que toca à liçāo dos Livros,
como rayzes da Sabedoria.*

He a liçāo dos livros culto do entendimento, gala do engenho, lustre do talento, maxima da perfeiçāo, & constitutiva da heroycide de húa sogento; he crysol donde se palleão os erros do nescio; a sentença media-na se estimā platonico aphorismo em o erudito, o apothema discreto se avalia rudesia em o ignorante, que costuma a estimāçāo humana muitas vezes preferir os trabalhos de hum estudo cançado, as prestezas de hum engenho sobido. Este pois definido estudo, & liçāo dos livros saõ as rayzes que sustentão a arvore da Sabedoria: E assim deve o ambicioso dos fructos della augmentar lhe as rayzes, pera que lhe subaõ os trócos; que não pôdem continuarse os progressos da arvore, quando enferma a continuaçāo das rayzes. Crelce húa arvore, vagão dilatados seus braços pelo fluido corpo dos ares, prendese de colonias verdes, tocase de flores, vestese de fructos; porém se a inclemencia do tempo lhe introduzio corrupçāo em as rayzes, as folhas caducaõ, a flor se murcha, os fructos se malogrão, & a que era em a presumpçāo. Babilonia verde pera caricias de Amalthea, se reduz à inutil tronco pera ministerio de Vulcano; Crelce também assi a arvore da Sabedoria, vagão seus troncos entre os aplausos da estimāçāo dos homens, colhense as flores dos Poemas em as Academias, invejâse o fructo do nome, & fama, em o mundo; porém se as rayzes do estudo, & liçāo dos livros desmayaraõ em o progresso, os aplausos se minoraõ; os Poemas fraquejaõ, & o perdido fructo se la-stima. Por tanto deve o ambicioso dos fructos da sabedoria iterar assiduamente o estudo, & liçāo dos livros que não pôde conseguir se a glo-ria de hum credito eterno, sem a pensaõ de húa molestia difficil. Pois per-
ra que Hercules lograsse o credito que hoje repetem os Clarins da fa-

ma em o theatro do mundo, foi necessario lhe custassem os trabalhos de sua clave. *Herculem duri celebrant labores.* E esta he a razão porque Aristoteles chamou ás raizes da sabedoria, amaras, sapientia radices amaras: porque havião de custar ás molestias do estudo. Que grandes raizes teve a sabedoria daquelle Principe da Oratoria Grega Demosthenes? cento & sete annos, que teve de lição continua (diz Hugo) lhe forão breve lisonja ao desejo de haver estudado mais: porque disse em a ultima hora da vida, que se lastimava só de que o buscasse a morte em tempo que começava de saber, *dicens se dolore, quia egredieretur de vita quando sapere cepisset.* Oh se os homens se podessem presuadir que começavão a saber, quando mais sabem, o pequeno seria grande, o grande feria mayor, o mayor seria maximo; observarião que a mais dilatada idade era curta pera lograr as noticias da lição; q pelo assi entender Seneca disse, q desde o Oriente de sua puericia até o Ocaso de sua vida, não havia deixar o empenho de seus estudos, *Studio me dabo, & si à pueritia usq; ad longissimos aetas terminos vita producatur, praestandum est his occupationibus.*

Quanto ao que toca ao exercicio das Letras.

Este pôto tratou elegantemente o Presidête da segûda Academia cujo nome calo, porq quero q sua modéstia me fique devedora destâ lisonja, a ella me devia remeter; mas por ser parte esta do assípto, & argumêto, q tenho tomado, o tocarei brevemente. Pouco importa q a arvore se presuma em a Primavera encelado verde, se lhe faltar o annual exercicio das aguas: pouco importa q a arvore da Sabedoria se presuma dilatada cõ as raizes da lição, adqueridas de muitos annos, se lhe faltar o exercicio das Academias; toda a plâta com o exercicio das agoas se perpetua; toda a sabedoria cõ o exercicio das Academias se eterniza; he a continuação das agoas em as terras vida da melhor planta; he a falta do exercicio em as letras, morte da melhor sabedoria. Diogenes Laercio diz que o Philosopho Arissipo comparava o sojeito que estudava muito, & se exercitava pouco, ao homem que muito comia, & se exercitava menos, & com grande rezão: porque faz o alimento em o estomago a primeira decoação convertesse a melhor parte delle em húa substancia chilosa, passa pelas veas lacteas ao figado, gerase aqui o sangue, que repartido por todas as parres do corpo humano se converte em substanciam aliti, coni o que se alenta o corpo: & se corroborão as forças: mas se em o sojeito não hove exercicio efficiente de calor pera gastar o alimento, & não ficar indigesto o chilo, as agudezas da vista se embotão, as potencias se encruão, & as forças se entorpecem. O mesmo sucede ao sojeito esfudio-
so sem exercicio; recebense os conhecimentos das liçoes em os senti-

dos exteriores, & em virtude de especies internas passão a receberse no entendimento, com o que se intendem, & augmentão as raizes da Sabedoria, mas se lhe falta o exercicio, as noticias se confundem, os habitos se corrompem, & o entendimento se perturba: q tem mostrado ja a experientia ser o exercicio o crisol de todo o lustre, o complemento de toda a perfeição, & o principio de toda a utilidade. Repentinos contagios, & innumeraveis corrupçoes ouyera hoje, se as agoas do Oceano não andarão em continuo exercicio; em caliginosa, & perpetua Noroega estiverão sempre nossos antipodas, se o Sol não repetira sempre seu orbital exercicio; não gozarão os corpos sublunares os influxos dos Celestes a não andarem estes em circular, ou alpiral exercicio; & se aordem da Natureza se podia preverter á falta de movimentos ; com mayor rezão a arvore da sabedoria se podera arruinar a falta de exercicios , porque sem estes toda a accção lie morta, & toda a erudição difficult. Aristoteles me authorisá esta verdade. *Tria potissimum ad sapientiam necessaria esse: naturam doctrinam, & exercitationem, exercitatio enim nisi natura, & doctrine accedit, nil solida eruditio hauries.*

*Quanto aos fructos desta Arvore da sabedoria; que dizia:
eu serem o nome glorioso, & húa Fama eterna:*

He o bom nome carater da Nobresa, filho da generosidade, & herdeiro dos aplausos a melhor entidade em o discurso dós annos se atenua , o bom nome em a diuturnidade dós tempos se calefiqua; tudo em o mundo se logra com a pensaõ de corruptivel, só o bom nome se goza com a preservação dò incorrupto; he finalmente o bom nome húa qualidade cuja ambição deve transcender por toda a generosidade; foi tanto o desejo em Múcio Scevola de deixar nome em o mundo, que se resolveo a entrar os arrayaes del Rey Pórsena Rey, dos Estruscos, só a fim de lhetir a vida; que costuma a ambição do nome glorioso, & da fama eterna facilitar os riscos de húa breve vida ; por não perder o premio de húa eterna glória .. Aquelle intrepido animo de Julio Cesar enyejou tanto a fama, & nome, que o valor de Alexandre. soube adquirir em o mundo, que diz Cayo Suetonio chorara junto à sua sepultura, *quasi praetextus ignoravam suam, quia nihil dum à se memorabile actuum esset, in qua astate jam Alexander Orbem terrarum subigisset.* Este nome pois, por quem Scevola arriscou a vida, & por quem Cesar derramou lagrimas, saõ os fructos de que se coroa a Arvore da Sabedoria, saõ os fructos a quem Aristoteles chamou doces, *sapientia radices amaras, fructus autem dulces.* Saõ os fructos, com que se eternisaráo tantos Héros em o mundo.. Não vivera hoje matriculado em os livros da eternidade. Xenophonte So-

cratico,

eratico, nem lograra a gloria de Scipião Africano, trazer sempre cõ sigo suas obras, a não ter sido professor da sabedoria, deixara Homerode viver celebrado em os annaes do tēpo, & deixara Alexandre de estimar em meuos os despojos del Rey Dario, que a sua Eliada se Homero não tivera acertado com o caminho da sabedoria; & finalmente em o templo da Fama se não observarião hoje tantas memorias dessa clara Grecia, a não florecer tanto nella a Sabedoria.

Tenho mostrado como o estudo, & lição dos livros erão as raizes, que sustentavão a arvore da sabedoria, como o exercicio das letras erão as agoas, que a fecundavão, como o nome glorioso, & fama eterna erão os fructos de que se coroava. E como he certo Senhores Academicos que lograes este fructos, porque se destes saõ premissas as flores, como disse Cypriano, *fructus non invenitur in arbore, in quo flos prius non apparuit*; reconhecendo o mundo em vossa sabedoria as flores de Poesias tão discretas, & liçōes tão eruditas, como poderá duuidarvos os fructos de hū nome glorioso, & de hūa gloria eterna; & se pera o logro destes fructos dizia eu com Aristoteles le requerião raizes molestas; & assiduos exercícios, oh! que molestas raizes as vossas; oh! que assiduos exercícios, pois entre o labarinto de vossas occupaçoens, sabe vossa primuroso devello surtar as horas ao descanso pera satisfação do que toca a esta Academia; mas quando se collio a Rosa sem os espinhos, quando se conseguiu a gloria sem trabalho, disse o Erasmo à este intento. *Vi Rosa fl̄s uniu omnium longè gratissimis, de spinis nascitur, si ē ristibus, & asperis laboris fructus capitur jucundissimus*. Frequentai pois Singulares Academicos; vossas lições, repeti vossos exercícios, continuai vossos poemas, pera que gozando esses fructos do nome glorioso, & de fama eterna, sejais à Patria luzido credito, ao mundo admiração eterna, aos presentes bem nascida inveja, & aos futuros imitação difficile.

S I N G U L A R I , S I N G U L A R I S A C A D E M I A E

Præsidi Domino Joanni d' Carvalho e Souza,

Cujus orationis assumptu fuit.

Arborum cum sapientia similitudo.

Incerti Authorum.

E P I G R A M A .

P Ræside te, quoniam sapientia dicitur arbor,
Scire tua & truncos lingua discreta facit.
Quæ tamen hæc dicenda arbos! quam dicere facit,
Inter se certant Laurus, Oliva, Cedrus.
Ipsa rogata tamen (reor) hæc sapientia dicet:
Arbor ego si sum, non nisi quercus ero.

ACADEMIA VI.
A O M E S M O .
De Antonio Marquez.

CANCION.

O Tu, que de laureles coronado,
de triunfos ceñido,
al lugar has subido.
donde Apollo por verte se ha baxado;
presta aliento à mi voz porque resuma,
tus aplausos al rasgo de mi pluma.
Presta aliento! parece que a ti solo.
invoca mi cuidado,
mas anduyo acertado,
porque te reconosce nuevo Apollo;
y de tus luces claras lo percibo,
que esse Apollo es pintado, y tu eres vivo.
Del sacro Monte subes a la Cumbre
a presidir a flores,
y entre tantos primores
eres rayo del Sol, del Cielo lumbre;
pero de lo que el mundo mas se assombra,
es ver rayo sin riesgo, y luz sin sombra.
Quantos dignos subieron Presidentes,
milagro al mundo fueron,
porque admiracion dieron,
a la imbidia, a la fama, y a las gentes;
mas tu en esse lugar con mas desvelo,
a la fama das gloria; imbidia al Cielo.
Oy Presides, o Juan, a Singulares,
y con tal Palinuro,
creo que va seguro
el discreto baxel, de nescios mares;
y en el viento mordáz oy le atropella;
pues le tomas el Sol, y das estrella.
Quien llegó a escucharte, Presidente,
y de tu dulce pluma,
vio los rasgos en summa
advertido sacó por consequente,
que a pesar de la imbidia, y de su pena;
eres en pluma Cisne, en voz Sirena.

Sí eres Juan, Singular, cosa acertada
 fue presidir a tantos
 singulares espantos
 desta fertil Palestra celebrada;
 pues pera Sabio em todo te aclamares;
 presides Singular, a Singulares.

Nó esse trono es el premio de tus partes
 porque más se te deve,
 y no el mundo se atreve
 a competir tus sciencias, y tus artes,
 mas de tus prendas, q oy el mundo aclama;
 tu misma vñz sera, tu misma fama.
 De tu docta oracion vivas te ha dado,
 el Congresso entendido,
 pues tienes presidido
 de tal modo que quedas deseado;
 y no es mucho te den vivas, no esquivas,
 que a quien es immortal se devén vivas.

Atrevida cancion deten el buelo
 porque es poca tu pluma
 à llegar al que ensuma
 es Luz, es Rayo, es Sol, es Dia, es Cielos;
 mas se aplaudir le quieres de algú modo,
 calla todo, y ansi lo dirás todo.

*Foy aßumpto desta Academia húa
 Dama ferindo lume.*

E P I G R A M A.

Alexij Collotes de sentilet.

D Um flava duri silicis abditum in venis
 Ignem licoris excutit rudi ferro;
 Ilapſa tenuis formiti, repentinam
 Sciutilla lucem fudit, & levii motu
 Serpens propinqua quæq; flamma cōbuſſit.
 O fuge, decoræ, qui licoridis vultum
 Aspicis amator?ne; miser, cinis fias.
 Nam quanta posse credis hujus ardentes
 Incendia oculos excitare quum tantas
 Niveæ ſcire potuerint manus flamas.

SONETO.

De João Duarte.

EM lâminas de bronze costum a va
Gravar o mundo o que guardar queria,
Con que à furia do tempo resistia,
O que do tempo reservar tratrava.
Tambem em taboas de Ouro eternisava
Ao que maior estimação devia
E sempre em húas, & outras se imprimia
O que com mais respeito venerava.
Hoje nem saõ de Bronze, nem saõ de Ouro
As taboas, que guardar o mundo deve
Guarnecidas do sempre ingrato louro.
Pois quer Apollo, que outro a gloria leve,
E húa oração, que he seu melhor tesouro.
Em húa taboa de carvalho escreve.

Ao assunto Academicoo.

SONETO.

De Andre Nunez da Sylva.

AFerir costumada a fermosura
Em Nise com soberba bisarria,
Como tirana os corações feria.
Tambem ferir intenta a pedra dura;
Que sintão golpe igual hoje procura
Se o peito duro, a pederneira fria
Porque tributem doce idolatria
Todos à luz, que em sua luz se apura.
Oh presumpção cruel? oh trato injusto?
Com quem he cera a força, vento o rogo,
Suspende do rigor cegos effeitos.
Porém não vibra o golpe, que he muy justo:
Que da mais dura pedra tire fogo,
Quem fogo tira dos mais duros peitos.

SONETO.

De Pedro Duarte Ferrao.

COn bella mano, y ayroso movimiento
Hieres el pedernal, Filis hermosa,
 Buscando en el centellas cuidadosa
Quando rayos te sobran ciento a ciento;
 Detiene de la mano el fuerte aliento
Y no seas con todo rigurosa
 Muestrate con la piedra más piedosa
Que hasta en las piedras se alla sentimiento;
 Si en la duresa imitas Filiz bella
Esfa a quien tu rigor fiero mal trata,
Hiere tu pecho que es más duro que ella.
 Mas ó como haces bien Filis ingrata
 Sigue el influxo de tu rara Estrella
Hiera las piedras quien los hombres mata.

SONETO.

De Antonio Marquez.

Hieres el pedernal, porque despojos
 Saques del Sol (ó Nise) con tus manos,
 Sin ver que de tus ojos soberanos
 Puedes sacar más lumbre sin enojos.
 Lo que puedes deber a tus dos ojos,
 No á istromentos lo debas inhumanos,
 Y si por ti se abrazan los humanos,
 Buscar más fuego en piedras, son antojos.
 Alfin el pedernal (ó Nise) herido
 Con el rayo que exalas más luziente
 Queda con tanta luz desbanecido.
 Y de verse en tu mano transparente
 Esse que solamente piedra ha fido.
 Oy es piedra preciosa solamente.

S O N E T O.
De Ioaõ Ayres de Moraes.

POrque sempre me foge Anarda bella,
Sò pela noite a busca meu cuidado,
Que quem pretende a Dama descuidado
Ou não conhece Amor, ou quer perdella.
Vi, que o lume ascender quis sem cautella,
Pois sendo o mesmo Sol fora escusado,
Toma o fusil na mão com modo irado,
Fere o seixo, vem fogo, ascende a vella
Acesa a luz os olhos com que mata
Pondoos em mi fugirme ja procura
Roubando as almas neste desafogo.
Quando isto vi, lhe disse, ò tente ingrata,
Aprende, aprende dessa pedra dura,
Que tocada co ferro exala o fogo.

S O N E T O.
De Antonio Serrão de Castro.

PEdio Nise o fusil, pedra, & mais isca,
Ha sim, que me esquicia tambem mecha,
Sendo ella pederneira que me esmecha,
E fogo que me tem feito faisca.
Por mais que a pedra co fusil petisca,
Pera ferir o lume não fez brecha,
Porém vendo, que tudo tinha pecha,
Tudo fóra deitou cruel, & arisca.
Então lhe disse eu, fera tarasca
Dentro em meu coração o fogo busca,
E não o busques dentro nessa lasca.
De ouvir minha razão toda se ofusca,
A pedra toma, zás, logo me casca,
E com a isca o rosto me enfarrusca-

Pùz a mão na farrusca
 agora em tal successo
 me diga o meu Congresso
 se estou desagravado
 com hum Soueto de entrudo
 que leva cola, & vai enfarruscado.

M O T E.

*Corações de aço puro
 entranhas de pederneira
 se dantes eras tão firme
 qüem te fez dessa maneira?*

G L O S A.

De António Serião de Castro..

PAra que com tal rigor
 feres lume Nise ingrata,
 quando teu rigor me mata,
 & me abrazo em teu amor,
 se fogo mais superior
 em teus olhos conjecturo
 de que nada está seguro,
 deixa esse instrumento vil,
 que não ha mister fusil
 coração de aço duro.

Essas pedras são mais brandas
 Nise que teu coração,
 ao fuzil se abrandarão,
 & tu a mi não te abrandas,
 & pois que com pedras andas
 tomara minha canceira,
 que foras dessa maneira,
 que ellas se rendem ao sincel
 & em ti sempre acho cruel
 entranhas de pederneira.

D E C I M A S.

De Luis Bulbão.

SUSpende essa mano avara
 su ambicion Filis e enfrena,
 pues busca nna luz agena
 con dos Soles en tu cara;
 deten la mano, y repara,

Qual essa pedra, esse aço,
 já eu firme te achei
 se então mil glorias logrei,
 logo he pena quanto passo:
 com rezão extremos faço,
 em ver meu mal se confirme,
 & pera que mais se affirme
 he verte tão variavel,
 hoje qual isca mudavel,
 se dantes heras tão firme.

Nesse aço meu sofrimento
 vejo, & tua esquivança,
 no fumo tua mudança
 & na pedra meu tormento
 minha esperança no vento,
 que sempre foi lisongeira,
 & se dantes pederneira
 foste no firme, & agora
 tão ingrata, & tão traydora,
 quem te fez dessa maneira.

que mirando tu desvelo,
 faciendo una luz, reselo
 si te llegan a mirar,
 diran que pueden faltar
 tambien rayos en Cielo,

De tu mano la pureza
sustiene essa piedra dura
ella es fuego, y tu blancura
nieve por naturaleza;
y así piensa mi rudeza
que tu nieve la mejora,
no tiene duda que a hora
estando en tu mano, luego
bien puede exalar por fuego
el rosio de la Aurora.

Suelta pues esse eslabon
dexa esse pedernal bruto,
porque trabajar sin fructo,
no lo admitte la razon;
q verás en conclusión,
pues la razon atropellas,
que esse mismo fuego sellas;
y salir es desvario.
quando el ayre de tu brio,
puede matar las centellas.

Siempre fuiste rigurosa,
así que no ha sido en vano
tener piedras en la mano,
por lo que tienes de hermosa;
y tanto que no se goza

tu mano sin hazet mal,
pues tu condicion es tal,
que se puede presumir,
que no hallando à quien heris
has de herir un pedernal.
No quites esfes ardores
bien te pnedes reportar,
pues bastan para abrazar,
solamente tus fulgores;
son tus intentos mayores,
y porque ninguno baxe
an tenido por ultraje
si algo cõpitate en dureza
que en mirando tu firmeza
no te rinda vaçallaje.
Si es alivio de los males
no padecer solamente
juzgo que ay quien se lamente
tambien con los pedernales,
d Filis, no los iguales,
en golpes a mi passion,
que obligan a compassion
si heridos de ti se cuentan,
que hasta las piedras no sientan,
lo que llora un coraçon.

DECIMA S.

De Pedro de Vallejo.

Firis fogo minha vida,
& assi vo fso rigor medra;
que húa pedra com ser pedra
se sinta de vds ferida,
tiranamente advertida
vos ensayais neste jogo
porque meu amante rogo
vos a che tão sem razão
sempr com pedras na mão,
& sempr ferindo fogo.

Se essa pedra, luz tão pura
vos offerta em seu quebranto,
como a quem vos ama tanto
vos negais pedra tão dura?
& se essa pedra procura
dar tanta luz, castigada,
como sois minha adorada,
mais que a pedra empedernida
pois ella oferta ciendida
& que vds negais amada.

Se busca vosso rigor
fogo com tal desafogo,
pera que quereis mais fogo,
que o fogo de meu amor,
& se não logra o favor
por meu muito bem podeis
buscalo em vós, pois sabeis
que neste amante queixume
sendo de meus olhos lume,
em vós o lume achareis.

Mas ay de mim que cuidais
nesta minha petição,
que mens olhos pedras saõ
pois os olhos me quebrais,
sem vista, pois me deixais
com tirânico despego;
mas não lograis neste emprego
que eu fique menos constante
pois me fazeis mais amante:
quando me deixais mais cego.

A quem não causa desmayo
vervos e lgrimir, sem erro
o fuzil,arma de ferro,
& a pedra tiro de rayo,
parece que neste enlayo
prometeis com desafog
estragos a todo o rogo
ruinas a todo amor
pois com helico furor
pondes tudo a ferro, & fogo.

Com razão posso infetir
que cuida vosso rigor
que essa pedra he de valor
por ser pedra de ferir,
porém se pera luzir
tanta dureza depõz
aprendamos della nôs
logremos de amor as medras
não queiraís q as mesmas pedras
se levantem contra vós.

D E C I M A S.

De Andre Rodriguez de Mattos.

Clori se fogo quereis
dessa pedra que feris,
pouco meu dano advertis,
mal vosso rigor sabeis,
mais facilmente achareis
em vós artificio igual
pois mostrais ao natural
uzando rigores mil,
na condição o fusil,
& no peito o pedernal.

Admira em termo tão brave
ver que a pocos golpes logo
sahem faiscas de fogo
por entre dedos de neve,
mas Fabio a provar se a treve,
que he natural essa accão,
pois mudais na condição,
equivocamente cheas
em neve da pedra as veas,
& em fogo as veas d'el, não;

R O M A N C E.

De Simão Cardoso Pereira.

Que poco fnego que esconde
Clori aquesse pedernal,

pues todo el fiego del mundo
dentro de mi pecho está.

Heril-

Herilde se quereis fuego,
porque yo sé, que os dará;
si una centella la piedra,
mi coraçon un Volcan.
Parad, parad con los golpes,
de herir las piedras dexad;
que en perdonar a las piedras
vuestras copias perdonáis.
Y sind quereis dexarlas
herid vuestro pecho más;
pues en el, Clori hallareis
el más duro pedernal.
Pero pienso que de fuego
no teneis necesidad,
pues para abrazar los hombres
vuestrlos ojos sobraran.
De rabia pienso que herís
el pedernal por su mal,
porque viendo vuestro rostro
mui hecho piedra se esta.
Herilde pues Clori hermosa
dalde de golpes, mas ay,

que las piedras son más blandas,
que vuestro pecho será.
Centellas algunas echan
y vuestro pecho fatal
a los golpes de mis ruegos
ni una centella echará.
Pienso que buscáis el fuego
Clori pera calentar
el yelo de que os hazeis,
la nieve de que os formais.
Mas si el fuego de mi pecho
Clori os caliente tan mal,
lo que una hogera no puede,
mal pocas chispas podran.
Dexad pues aquefles golpes
bella Clori, pues mitais
que piedras no tienen almas,
que den a vuestra beldad.
Almas teneis en los hombres
dexad las piedras, dexad,
basta, que de aras os sirvan
no es menester dellas más.

R O M A N C E. *De Valerio Vieira de Quintilben.*

A Narda aquella Serrana,
que sirve en la Primavera.
de gala a sus flores, siendo
la mejor flor de Amalthea.
La que por tiempos mostró
disfraces de lo que era
pareciendo todo fuego,
y siendo nieve de veras.
La que buelta a mis suspiros
con el desden, mi amor déxa
por Fabio, a quien la ventura
diò prendas de merecella.
Esta del Amor herida,
busca el fuego; qual la Cierva

el agua; porque en sus llamas
curar quiere las tibiezas.
Un no sé que de una noche,
d' visitas, d' carta sea
(no lo assechan mis discursos,
porque ya mis zelos empiezan).
La traé de un quarto, a otro quarto
inquiriendo palaciega,
los instrumentos, que inculcan
muerte fatal a la cera.
Busca en el fuego el remedio,
para que en sus lavaredas
halle antidotos de luz
lo que le oprime tenieblas.

Del es lavon al impulso
obstinado en la materia,
se vió el fuego en Anarda,
mas no se mira en la yesca.
En el pedernal mas duro
el hierro estampó su fuerça;
porque el intento oprimido
diessé refugio a la pena.
Baldona todo el desvelo,
aun quando ella mas proterva;
porque mueren en la nieve
de sus manos, las centellas.
Brotan llantos los afectos,
no brotan los ojos perlass;

que quāndo es lavon el llanto
no es mucho los Cielos. Huayan
Como de mis ojos sale
el agua(lamento ella)
una ascuá y de mi pecho,
dentre tantas no saliera?
Cessem pues tantos tormentos
porque no es bien q̄ ansí muera
quien tanta fé ha guardado,
morir con faltas de vela.
Y bien más que desmayada,
como ella; mi voz suspensa,
se quedó; porque sé cierto,
que no es mi voz de Academi

ROMANCE.

De Sebastião da Fonseca, & Paiva.

Maria aquelle protento,
aquelle pastro de todos;
que fendo Planeta quarto,
he hoje o primeiro assombro.
Aquella pedra mais viva,
aquelle mais vivo escolho,
que quiz ter coração de aço,
porque ferisse bem fogo.
Por matar sem resistencia
a pescar vai, porém noto,
que queira dar fé do rio,
quem nunca deu fé do choro;
Sahio tão de madrugada,
que o dia ficando absorto;
de ver à Aurora tão bella,
quis tardar de vergonho.
Pisando os duros rochedos,
& os riscos nevando-toscos;
tudo o que prodúz he neve;
tudo o que motiva he fogo.

Sobre hum rochedo se fenta,
ou sobre hum penhasco bronco;
& antes do Sol ser nascido,
se vió na penha o Sol posto.
Offendida de si mesma,
pede a seus olhos socorro,
porque he de neve Marica,
porque saõ dous soes seus olhos.
Vendo que os olhos lhe negão,
despacho tão piedoso;
ferir quer lume, que he tal,
que tẽ fere o mesmo fogo.
A pederneira do peito
tirou, & o fusil dos hombros;
que lhe serve de colar,
a luz que fusila o rosto.
Se bem pera ferir lume,
já que empenha nislo o gosto;
que mais aço que sei peito,
que mais isca que seus olhos.

Ferio

Feri o lume ao qual applica,
materia vil, pobre colmo,
que vindo em nome de palhas,
teve mil fumos de hum sopro.
Vendo pois que ardia o facho
acodio Belardo ao posto,
porque os olhos de Marica,
dão sempre rebate a todos;
Da novidade admirado,
lhe diz Belardo queixoso,
mata esse fogo Marica,
já que feriste esse fogo,
Porque me feriste o peito,
ques que morra deste modo?

ou não passe eu de ferido,
ou passe esse incendio a morto;
Não quiz responder Marica,
por se escutar ao piedoso;
que não ha tão dura pedra,
que não a reduza hum choro;
Ausentouse a Ninfâ bella,
deixando redes, & fogo;
porque escusa fogo, & redes,
quem abraza & prende a todos;
Ficou Belardo sentindo,
de tanta fé tal destroço,
pagando [se bem cançados]
tributo ao rio seus olhos.

R O M A N C E.

De Antonio Lopez Cabral.

INES aquella menina,
de tão singular belleza,
que faz a Academia hoje,
por singular menção della;
Aquella, cujo cabello
ninguem sabe com certeza,
se nelle o Ouro se apura,
se o fogo nelle se atea.
Tais estratagemas usâa
com a brancura da testa,
que com neye acende fogo,
& com cor de paz, da guerra,
Aquella que com dous arcos,
de tal sorte a tira as flechas,
que as lança ferindo fogo,
só por ferir mais com ellas.
São tão bellos sóis seus olhos,
que se huns oculos pusera,
por vidro queimara as almas,
nos corpos fogo acendera

Hum brazeiro em sinza branca,
nas faces o rostro ostenta,
perdoe a Rosa, & o Jasmin,
que pinto Ines à fugueira;
Entre as faces o nariz
tanto de branco se preza,
que nos quer dar a entender
que no fogo se pratea.
Aboca botão de fogo,
por encendida, & pequena,
de perolas abre fontes,
cauterios nos cravos deita.
Se u torneado pescoco,
pois tal incendio sustenta,
pôde ser por levantado
o monte Vesuvio, ou Etna.
Se seus peitos por maçãas,
Paris derana contenda,
quem duvida que serião
por quem Troya se acendera;

Suas mãos abrazão tanto
que Amor nellas atormenta
a quem com sombras de gloria
oculras dà tantas penas.

São por pequenos scus pés,
& por notavel prestesa,
de cristal exalaçōens,
& em Ceo de neve cometas.

Se sabia Inès ao campo
incendio das almas era,
por ter no donaire hum Pico,
& hum rayo na ligeireza.

Mas que muito fosse hum rayo,
por ser em tudo ligeira
& andando ferisse fogo,
quem o feria quieta.

E tanto que estava hum dia,
ferindo húa pederneira,
cançada de ferir almas.
por não lhe achar resistencia.

Eu a vi, & por sinal
em ferirme andou tão destra,
que achou em minhas feridas,
pera seu ferir as mèchas.

Tão bellamente feria
que com tal gala, & prestesa
faria abrafar se amante
o coração mais de pedra.

O fuzil tinha nas mãos
com tal graça, que eu diffira
que fendo hum fuzil sómente
era das almas eadea.

Servia de isca a seu fogo
hum coração por finesa,
& o que em fogo recebia
sustentava branda cera.

Não he muito que por fino
sinta de Inès à spresas
pois saõ seus afagos golpes,
& seus favores offensas.

ROMANCE.

Dé Ioão Pereira da Sylvia.

Ayrosa con breve azero
toca una piedra Filena
a dò halla a pocos toques
mucho fuego en poco piedra.

Imagina quien la vè
tocar la piedra tan diestra
que dè su mano la plata
en piedra dè tocar prueva.

A sus lindos toques salen;
ciento, a ciento las centellas;
que de sus brillantes ojos
reflexos parecen que eran.

Todas salen vergonçolas;
a lusir en su presencia;
que al resplandor dè sus lusos
no ay luzes que resplandeçan.

Hiere lumbre la muchaclia
con tal donaire, que en ella
el herir le está a matar
en hermosa competencia.

Pergunta herido de Amor:
quien biriendo la contempla
que haria con el matar,
quien con el hirit recrea.

Más que el Sol rica de luces
en diamante se bolviera
se allí de sus luces ricas,
piedra Iman, la piedra fuera.

Pórqué en tal mano se vè
puede afirmar de soberbia,
que a las más ganó por mano,
fer la más preciosa piedra.

Vcn

Vencedora se presummas;
quando con las más contienda,
que por señal de victoria
logra la palma más bella.

Porque se pegue la llama
sus divinos ojos cierra,
que a no cerrarlos primero
toda la yesca se ardiera.

Piedra escusa pera herir
esta hermosura discreta
que de la piedra en su pecho
tiene el fuego, y la ruedesa.

Duda absorto quien la mira
al encender de una vela
se enciende su blanca mano,
y enciende la blanca cera.

Una carta lè de Fabio
a dò amante deletrea
una alma en cada palabra
y una vida en cada letra.

Leendola cautelosa
de un soplo que ambar anhiela
ala vela el fuego quita,
y al amor se lo acrecienta.

ROMANCE.

De Gabriel Ignacio de Miranda.

EN un pedernal Narcisa
el fuego solicitò
como pide al pedernal
lo que le diera mi ardor.

De la piedra saca el fuego,
que es costumbre abrasador;
sacar fuego una belleza,
quando es piedra un coraçon:
Hierca la piedra, y tambien
a tiernas almas hiriò,
a la piedra con azero,
a las almas con Amor.

Quando sale el fuego al hierro,
que facilmente applicò
es de sus ojos la fuerça,
y no del hierro la accion.

Quando mueren las centel las
Estrellas las jusgo yò,
que allí caduca su luz,
porque allí brillava el Sol.

Sino fue ya que ostentando
su nevada perficion,
se extinguio cada centella
quando tanta nieve viò.

Si bien las breves centellas
con mi dichia iguales son,
que a penas lusid mi dicha,
quando luego caducò.

Hizo en fin la lumbre, y luego
la compara el Niño Dios
con la lumbre en su luzir,
con la piedra en su rigor.

ROMANCE.

De Antonio Serrão de Castro.

GRaças a Deos que me vejo
livre do mar proceloso
de hum Certamen donde vi
tantos com rezão queixosos.

Sendo que eu joguei de fora,
não me quiz meter no corro,
que sempre achei mais seguro
o ver de palanque os touros.

Antes

Antes quero meus assumptos
adonde os meus motes gloso,
& dando por esses trigos,
estes Romances componho:
Em fim à pintura de hoje
corro a cortina, & amostra
pera ver a Fabio, & a Nise,
do modo que agora os ponho:
Nise està ferindo lume,
Fabio vem ferindo fogo,
ella pera fazer migas,
elle chorandoas, que he tonto:
Tanto ama Fabio a Nise
como o cachorro ama o osso,
ella a elle como o gato
tem amor ao cachorro:
Escuzados saõ, lhe diz,
esses instrumentos todos,
sendo teu coração pedra,
teu peito aço riguroso.
Se te falta a físcia tens
meu coração amoro so,
que inda à vista dessa neve
em chamas se ábrafa todo:
Mas ay, que inda nessa pedra,
mais brandos effeitos noto,
pois no golpe do fusil
corresponde com seu logro:
E na pedra de teu peito
pôdem meus olhos tão pouco,
que já mais húa faísca
tirarão por mais que choro,

A todas estas terñuras,
que dizia o pobre moço
tem ella hum ouvido surdo,
& tem outro ouvido mouco:
E no livro dos secretos,
diz hum Autor curioso,
que orelhas de mercador,
faõ ouvidos deste modo.
Ella vai dando na pedra,
até que com hú golpe, & outro
teve o lume com que acende,
diz otoante, que hnm rolo,
Tanto que Fabio vio lume
lhe pedio com grande rogo
acendei Nise essa vella,
já que eu por vds me morro:
Ella lhe diz rigurosa,
vá buscar lume a hum forno,
que não levará meu lume,
nem pello lume dos olhos:
Esse rigor Nise ingrata
não te sirvirá de abono,
que não sou excomungado,
que me negues fogo, & lodo:
Ella lhe virou as costas,
elle ficou muito tollo,
o irse ella, & ser de noite,
he certo que era sol posto:
Fabio se auzenta chorando,
& o hirse assi he notorio,
que foi sem lume de Nise,
sendo lume de seus olhos,

ACADEMIA

SEPTIMA,

Em que foi Presidente

LVIS DE MIRANDA HENRIQVES.

Em 30. de Novembro de 1665.

Orou da maneira seguinte.

Donde me acolherei, tudo he tomado.



Exclamar desta maneira me obriga o enleio em q. hoje
me vejo subindo a tão alto postò, falso das prendas, nù
das prerrogativas, dezadornado dós talentos, que fazem
benemerito desta Cadeira a hum sogeito, que ha de ser
Presidente dós Sabios, Apollo dos Poetas, & Corifeo
dós entendidos. Tem orado deste lugar com valentia,
& com galá, tambem Demostenes mais fecundos, &
fecundos, que os de Grecia, Túlios mais eloquentes de Roma; não ouve
lugar na Oratoria, que escapasse a seus engenhos, não ouve conceyto
metafisico, que fugisse a seus genios, não ouve locução culta, fraze ali-
nhada, periodo concertado, que não inculcassem a admiraçao seus es-
critos: testemunhas fieis, do que digo, podeis ser singulares Academicos,
pois com aclamações nacidas mais da admiraçao; que da lizónja, com
ruído cortez, com vitores repetidos aplaudistes tanta copia nas pala-
vras, tanta abundâcia nos conceitos, tanta armonia nos discursos, tan-
ta suavidade nas vozes, tanta alma nas accões, & ainda nos ademais tâ-
ta graça, de tal sorte, que parecia que a mesma loada, & o terno das gra-
ças de suas bocas derramava o doce Nestor, & suave Ambrosia da me-
lhore erudiçao. Cale a fabuloza antiguidade as cadeas de ouro, que sa-
indão da boca de seu Hercules Gallico vinhão aprizionar os ouvidos de
tanto theatro que embevidamente o ségria, porque o que nelle sóy fa-
bulosa, nestes rayos, & ríos dá eloquencia reconhecemos ser verdade: do-

celidade, atenção, & benevolencia procuravão que tivessem os seus ouvintes, os antigos Oradores; mas pera o conseguir se ajudavão do artificio; docelidade, atenção, benevolēcia, & ainda extasis achão em seus ouvintes os nossos Oradores, mas sem estratagemas da invenção, com a efficacia simidos discursos, como o poder dos argumentos, & com o encanto da concetuoza, & conceytuoza armonia, assi o publica vossa urbanidade, & assi a cortezia das pedras, & das paredes desta Aula o confessara, a darlhe a natureza vozes pera o a gradecimento. Mas se estes Orpheos, & Amphiões Lusitanos pôderão mover as pedras, seria em virtude de sua armonia candra por merce de seus músicos, & suaves acentos, eu só as poderei mover contra mi, que não he locura piquena, mas antes digna de pedras querer eu embaragar este lugar não se fazendo pera os indignos as Dignidades, pois quando menos venho a comerter nêsta accão doux delictos, & a sé que não piquenos; & vem a ser defraudar vossa curiosidade de hum curial Presidente, & eu tomar posse desta Cadeira, não o podendo fazer em conciencia, pera que com mais razão venhais a dizer.

Mirad con quién, y sin quién.

Gostosa forá pera mim a Presidencia em que me vejo, senão vinculara á quelle doce, o âgro de terme precedido tantos Presidentes, & dignissimos todos desta esplendida dignidade; Singulares Apóllos, & pòllos em que seguramente podia livrarse tanto pezo, pera que a ésta fortaleza de Minerva se pudesse aplicar com propriedade o verso que diz.

Arce quibus altus Apollo præsideret.

Annãoz á vista dos Gigantes sempre fíçao dezayrados, & as estrelas maiores fazem que as piquenas não possam brilhar; já o disse o melhor Panegerista

Est hoc natura sideribus ut parva, & exilia validorum extorris obscurat.

Grande desalumbramento foy est meu em tomar posse do que não hey de saber dar conta, querer moderar as redeas do mando quem não tem capacidade pera governar se assy mesmo. Senão tenho o fio de Tezeu, pera que fuy entrar neste laberintho? Lindo Automedo nte, & lindo Tifis tendes em mi; oh quanto melhor fora por a barca em mente quem nunca mereceu subir ao Parnaso, que arriscar ao naufragio hum galeão tão de alto bordo, qual he este de que heje tomo o leme na mão, sem ter mão pera tal leme (me dirá)

D'altri homeri è somache d'uoī

o Petrarcha, & aquelloutro engenho com a sua empresa de Athlante

Mayus opus.

Que os Presidentes haõ de ser os sageitos de mais prendas, dotes, &

prerogativas, os mais alentados, os de primeira Hierarchia, & classe, à natureza mesma o dicta se muda conformemente aos dictames da rezão Luzes, & noticias tenho disto no nosso Estoyco discreto, Vejamos a gala com que q diz nestas moldadas palavras ao intento.

Natura est enim, dix o ornamento de Cordova, potioribus deteriora submittere. Mutis quidem gregibus aut maxima corpora præsunt (notem o præsunt), aut vehementissima. Non præcedit armenta de gener taurus, seit qui magnitudine ac cæteros mares vicit. Elephantorum gregem excelsissimus ducit, inter homines pro sumo est. op timus,

Delicto fora de leza Magistade destas palavras o querer eu agora romancealas a quem melhor as discílra; só acrecento que se este louvavel costume praticado ainda da natureza de se dar o primeiro lugar aquem he primeiro nas ventajens se. observa no bruto, & irracional, com quanta mais rezão o deve guardar o racional; assy o aconselhão graves, & elegantes pennas. *Imperaturum omnibus* (diz o celebre Panegerista) de Trajano *eligi debet i ex omnibus*, & também o Tacito o corrobora. *Optimam quenq[ue] electio invenit.* Ia-se os meus negocios conspirarão com os meus dézejos, que saõ de não querer, mais paga dê meus serviços que o servir de novo, a fôro de bom Platônico. Conheço a força destes argumentos, mas também reconheço a de vossa cortezia, que na minha ponderação prevalece contra todas ellas.

*Fuerça es està a la fémia:
soy tomado,
bastara vuestro mandado,
quanto mas tal cortezia..*

Equivoquesse està vez o mando com a obediencia, parece a hum viso q presido, & a outro, & quiçà ao mais certo que sirvo tenha aparencias de vontadé, o que na realidade só foy sacrificio, & risignação a votos cortezes, não a negociozas peytas se dêve està eleição foy força està se suave, & ouxalá que as minhas fôssem em tal que pudessem fazer verdadeira a esperança que dê minha capacidade formou a vossa cortesia, mas oh quantas esperanças lleva el viento, nem me culpeis esta introducção de larga pois todo o campo dâ Oraçâo não bastava pera as desculpas, mas já que isto me não he possivel, dey xado a hum lado os desmayos, & arrojandomo ao pêgo de tão ardua materia hei de seguir a empresa, pois quando mais preplexo estivi, com estes receyos me vejo alentar o meu sâ com està suave cantiga.

*Lo que se ha de acometer,
de que sirve el dilatar,
de los viejos es dudar,
de los sagales hazer.*

Sou contente, voume a esta Oraçao de cego composta de panegirica, & parenetica, pois de ambas casas hade rezar & arezoar louvores, & exortaçãoes, mas vejo já me censurão; quando a penas começo dizendo, q̄ só tem lugar os elogios, & que estão demais as admoestações em húa Academia dos Singulares, a onde tudo he singular; ora deixaime dizer que na continuaçao consiste a victoria, a esta como ponto essencial pretendendo tambem persuadir, vamos aos encomios, & o primeiro lugar se deve a esta frequencia rara, a esta continua assistencia, a esta continuaçao já mais vista. Vds não vedes o concurso deste Museo, a quem condecora com sua presença o mais granado da Corte, o mais sepilhado dos juizos o mais elevado dos engenhos, o mais culto dos genios, como se esta cōpetindo a curiosidade, emulandose a applicação, & aplicandose o estudo, o desvelo em aprender, a prodigalidade no ensinar, o fervor da conferêcia, o primor das disputas, o valor das resoluções. Tratai pois de dar ensâchas a este jardim de Apollo, porq̄ hão de vir a não caberos fogeitos; em outras Academias averá muitos vazios que encher, mas esta dos Singulares vem já estreita a tantos Academicos dezejosos de se matricular nella; oh sede, ou antes hydropezia nobre do saber, oh louvavel a mbição de aproveitar, oh tempos felices aos exercícios de Palas, favoraveis aos estudos de Apollo, proprios, & propicios às Musas, a quem nem Marte com o ribombar de seus instrumentos altera, nem Neptuno cō suas nauticas fadigas diverte; não cedem às armas a toga, nem à laurea à lingoa, mas unidas em laços de amizade, em vinculos de união, em ligas de concordia se dão as mãos, se unem, & se abraçao. Demos vivos a elle nãos mesmos, & depois com as outras nações.

Naquelle Portugal, que chamarão o Velho, sendo (q̄ então nacia) florecerão as Armas, & foi seculo de Ouro pera o Ferro, mas cō queixa das letras que estavão sepultadas no esquecimento, erão cortadoras as espadas, mas não tambem cortadas as penas; não havia este consorcio, & amiza de em ambas as profições, mas desta falta se origináro muitas faltas, porque se ovvera escritores que aquelles heroicos feitos souberão encomendar à immortalidade, não carecera Portugal daquellas gloriosas proezas, que pera exemplo da posteridade erão dignas de immortal memoria, & de perpetua fama. Defraudosse esta de tão necessarios

exemplos por falta dos escritores, que ocupados nas armas o mitião as letras. Tacitos ouvera de ter a Lusitania se tambem se aplicara às Academias naquelle tempo, pois o natural de seus engenhos singular em todas as idades, com a devida cultura no lo estava prometendo.

*Dizem dos nossos passados,
que os mais não sabiaõ ler,
eraõ bons, eraõ ouzados.*

Dizo Lyrico cortezão, mas vede o que acrecenta.

*Eu nau gabo o não saber
como algúns das graças dadas,
gabo muyto os seus costumes,
doem se oje não saõ taes,
mas das letras, ou profumes:
de quais vejo o danno más.*

Venha pois este seculo dourado em ambas as profissões a desagravar Portugal deste descuido, a desquitar com usura esta perda, a emendar este erro, uzem do arnez, & do estillo, seja cada Pórtuguez bem nacido hum Cesar in utroque, tomndo hora la espada, hora la pluma. cõ Garcilaso, & Camoës, que como exemplares de todo o primor desde aquela taboa volo estão ensinando.

Bem vedes quanto realce dão a hum Várão militat estes adornos, & quanto monta em hum sabio o saber tambem jugar das armas : ambas estas nobres profissões conjurão amigavelmente. A mesma Palas se transforma em Belona, tão fôra está de implicar hum com o outro estudo; ouvi outra vez o Portuguez Hora cito.

*Hum Marquez de grande conta:
por seu esforço, & saber;
para a paz, & para áfronta.
alança, soy a dizer,
cos livros não se desponta.*

Isto quanto a nós façamos agora hum cotejo deste nosso memoravel, quanto feliz tempo com o dos Romanos, & viremos a tirar as notorias ventagens do nosso ao seu, com o testemunho de seus mesmos escritores com quanta tibieza, ainda affectionadamente procedião no seu nos dirá cõ elegancia o menor Plinio, se bem o mayor juizo daquelles tempos: estas fáç as suas queixas,

*Magnem proventum poetarum annus hic attulit. ut ro mensi Aprilis nullus fere dies aero nō recitat et aliquis juvat me quod vigent studia profundi se ingenia hominum,
Et sunt nro.*

Atéqui parece que falava esta culta pena mais dô nosso seculo , que do seu; pois dizeime discretos, & singulares Engenhos em que era ouve em Portugal ral fertilidade de Poetas, tal colheita de Poesias como nesta nossa? Novidade he esta pera a Lusitania, dar tanta novidade de metros, sem que Ceres, Palas, & Pomona faltém com a sua abundancia, pois cuidava certo maleante dezidor que implicava húa com a outra sentença mas adverti nas palavras seguintes, que saõ as do intento, & vereis que não concordão com o fervor, aplicação & diligencia que experimentamos; Tamelsi (prosegue o Plinio) ad audiendum pigre coitut plerique in stationibus sedent, tempusq; audiendis fabulis conterunt ac subinde sibi nuntiari jubent an jam recitator intraverit an dixerit prefationem an ex magna parte evolverit librum tum demum actum quoque lente cunctantq; veniunt nec tamen permanent sed ante finem recedunt alij dissimulantes, & juriū, alij simpliciter, & libere. At Hercule memoria parentum Claudium Casarem ferunt cum in Palacio spatiaretur audissq; clamorem causam requisiſſe cumq; dictum esset recitare, Nonianum subitum recitanti inopinatum que venisse nunc Aitorissimus quisque multo ante rogatus & idenidem admonitus aut non venit, aut si venit queritur se diem, quia non perdisserit, perdidisse. Hora combinai agóra este estar pelos cabellos, este fazerse de rogar pera ouvir recitar aquellas crespas Orações, & alinhados Poemas a renitencia, & violencia que mostravão o dar por perdido o tempo mais bem gastado, o ruido & pompa do entrar, a pressa do sahir como gosto, com a assistēcia, & atenção dos nossos Academicos. Índices saõ dos seus afectos as demonstrações exteriores, vereis que cada um dos nossos ouvintes representa com todo o primor a imagem de hum Harpocrates aplicando o dedo à boca, & os ouvidos ao encanto suave das vozes, à armonia dos discursos, à elegācia das palavras, & se a cezo romipem este retorico silêncio he pera dedicar as lingoaas ao louvor, ao aplauso, a admiração.

Não menos queixosos daquelle descuido se mostravão outros Autores, baste por todos o Seneca. Cessu omne studium, & liberalia professi si ne illa frequentia dezeris angulis praudent.

Mas já me está chamando, & executando por seus louvores o assunto relevante da vossa empresa, & esta bastava a darmo hoje muito que fazer, a ser ella só o emprego, & empenho da minha Oração, mas acomodarmehei ao tempo por não corresponder mal a vossa benevolēcia, alem de que me tirou já desta obrigação a sempre bem aparada, & apurada pena do senhor João Pereira da Silva, engenho tão conhecido por seus elegantes escritos, & mais por aquella obra digna de seu spírito, que ha de dar tanta fama às victorias Portuguesas, & que sedo sahirá à luz para satisfazer os dezejos dos que as esperão; mas tornemos

do assunto, o que era louvar a vossa empresa, a qual contem muito à
vizo em pouca taboa, & foi esta a em que se salvou a Poesia, que tantos
nausfragios tem padecido por cauza da ignorancia, nella tereis Singula-
res engenhos lugar em algum tempo tambem se quizeres seguir, & ob-
servar estes astros de primeira grandeza, pois a este fim dezejosa esta A-
cademia de vossas melhores volas propoem patentes aos olhos, & ainda
mais aos da consideração sejam despertadores de vossos estudos ipoe-
ticos, aquelles novas da fama, aquelles a quem as nove Irmãas influirão-
& infundirão tanto dos sens. dons .. Hum. Homero por quem contendrão sete Cidades sobre qual o devia ter por filho , como se vê neste
distico que refere Aulo Gelio nas suas noites Aticas lib. 3. c. 12. & Ci-
cer. pro Archia poet.

Mas pera louvar a tão sublimado engenho me liey de valer do si-
lencio, ou pedir ao elegante Patrculo os ralgos da sua pena. Clarrisimū
deinde Homeri illuxit. ingeūm in quo hoc maximum est quod nōqz ante illum quē
ille imitaretur neque post illum qui cum imitari posset inventus est. Unico, & sin-
gular foi este engenho, & como tal o tornais por pauta vds que sois, &
vos presais de Singulares, que ainda que este Author assi a boca chea o-
chame inimitavel, & q não teve nem antes, nem depois desy semelhâte,
foi porq inda não havia no mundo o nosso Feniz Portuguez Camões,
o qual vos deixou já alhanado o caminho não só de imitalo, mas tâmbem
de excedelo. Tambem tendes pera farol, Norte, & Idea de como hão
de ser os poemas a hum Virgilio gloria de Mantua, mimo das Musas,
& invejando mesino Apollo, Virgilio unico tambem não só neste, mas
nos mais estilos. O sublime bẽ se vê na sua Eneida, mediocre nas Ge-
orgicas, & o teuuue nas Eglogas, sabendo unir em sy o que a natureza
repartio pelos maiores tres engenhos de Homero, Hesiodo, & Theo-
crito. De Camões não direi nada, porque não posso dizer tudo, só vos
encomendo a veneração que se deve a Varão tão preclaro, não perca-
por natural, quem soube ser tão peregrino , & se em vida foi de valido
da ventura, se já ao menos depois da morte celebrado da fama , a este di
Nocturna versate manu versate diuina, pois nelle achareis tudo o que os ma-
is differão & o que os outros não alcançarão . Que vos direi do Venu-
fino Cisne Príncipe facilmente de poesia Lyrica, unico tambem, & sin-
gular na Satyrica, pois no pleito que tão renhido anda de a qual se deve
o primeiro lugar nesta parte, não lhe faltão os melhores votos, pois na
urbana cortesia das Cartas, quem sel he igualou, em que poeta se acha a
sua dicacidade, o seu sal, & a sua galantaria. Pera o culto crespo, & eler-
vado, eu não sey outro que se atreva a emular a hum Dóm Luis de Gó-
gora, seuão só que querido voar com as penas de Icaro queira v̄r a in-
correr

correr nas mesmas penas, bem ouvistes já dizer delle un Feniz, un Gógora, y un Apollo.

Se quereis ser claros no mundo pella clareza do estillo ahí tendes a hum Lope da Vega Feniz singular, & por antonomasia o Feniz, elle vos ensinará em varias partes de suas obras a excelencia deste estillo: El verso claro, y el borrador obscuro. Y la vega es clara, y intrincado el toto. Imitayo tambem na Gramatica poesia, ou em parte della aonde se excedeua a sy mesmo, & introduzi tambem esta nas principais especies na poezia, no nosso idioma, & Dialecto; pois nem ao de Espanha, nem ao de Italia, nem ao Latino, nem ao Grego aonde se achão estas escritas deve nada, não só nas veras, mas tambem nas burlas, que nelles se querem.

Tambem tereis muito que seguir na rica vea de hum Ovidio pera o afectuoso, mais que pera o afectado, aonde deixo o terço, o puro o elegante, o suave, o cortezão Garcilaso não só singular, mas primei ro em enriquecer a Espanha cõ os metros de Italia, &c de quē disse Camões.

Passarà celebrando o Tejo u fano

O brando, & doce Lasso Castelhano.

Finalmente aly tendes Aristoteles que foi o Oraculo de todas as sciencias, facultades, disciplinas, & artes liberais, que foi discípulo do mayor mestre Platão, & mestre do mayor Monarca Alexandre, & como disse o Marino

*Qui se termina il tutto e qui se amira
il miraculo eterno de Esta gira.*

Singulares exemplos vos propoem a Academia pera que sejais Singulares, bem sabeis que a poesia não sofre mediocridade

Modicribus esse poetis.

Non dij non homines non concessere columnas

Acabei os louvores ainda que nunca ouverá de acabar, & muitos assumptos dignos de louvor deixo, porque vou ja sendo muy compido. Resta exortarvos a que continueis estes exercicios nobres, porque na perseverança consiste o acerto. *Exitus alia probat*, disse o Ovidio, & o Retrarchia *La vita al fin è l'di loda la sera.*

Hoje que dos Poetas logro o sceptro
he forçá q tainbem vos falle em metro,
porque isso que se uza não se escusa,
porém breve ha de ser a minha Músa,
que húa vez que se atreve

de indulgencia ha mister tambem o breve;
 mas em dia estamos do juizo,
 & temo de poet. agora o fizoo,
 mas se mostrei de prosa meus peccados
 uaõ os de verso a ser manifestados,
 pera que vejaõ que fui taõ preverlo,
 que na prosa pequei, & mais no verso.

Clunes do Tejo, que em Canções suaves
 Ao nascer despertais a bella Aurora,
 Que adulor senaõ deixa de outras ayes
 A armonia ensinada mais canora;
 Quâdo cõ maõs de rosa, de ouro as chaves
 Tomou, abrindo ao Sol, & logo sfôra
 Sahindo,vẽ com olhos sonolentos
 Despertos só dos musicos acentos.

Spiritos soberanos, que este côro
 Frequentais pera dar espanto ao mundo;
 Huni estílo me dai alto, & canoro,
 Húa voz elegante, húa som jocundo:
 Falarei com acerto, & com decoro,
 Se no vosso favor hoje me fundo,
 Pois pôderei sahir de tanto empenho
 Se co assumpto també me dais o engenho.

As artes liberais, letras amenas
 Objecto sejaõ doce dos amores,
 Lusitanas adornem as Camenas,
 Este Parnaso seu com varias flores:
 Esqueçafse por vos a antiga Atenas,
 E as Musas vos concedão seus favores,
 As Musas, & as Graças, que aqui rindo
 Helicona terão, Libetro, & Pindo.

Ornamento de Lysia, spritos raros
 Segui com tal fervor nobres estudos,
 Emendai cos escritos vossos claros
 Afectados das letras os descuidos;

Mostrai, que tambem ser fabeis preclaros
Nas penas, como em lanças, & em escudos,
E esta idade feliz, seculo de our o
Por dobrada victoria alcance o louro.

Naquela Singular vossa divisa,
Hum Camões Portuguez, da Patria gloria;
A seguir tal estrada vos avisa,
E do tempo alcançar tambem victoria;
Nem vos cauze horror ver que hojé se pisa
Pera vir a alcançar nome, & memoria
Aquelle falso, & vaõ contentamento,
Que pera ilusaõ da alma gera o vento.

O's Poetas do Tejo, Lyma, & Douro;
E do Liz, & do Lena celebrados,
Que em plectros d' marfim, em cordas d' ouro
Seus numeros cantã raõ tam limados: [ro]
Pera grato das Musas ser thesouro
Pór vós no mundo sejaõ renovados;
Mostrando que ainda ha na Patria chara
Vea rica, alto engenho, idea clara..

E tu Docia Academia que levantas
Teu nome Singular junto às estrellas;
Tu que de Portugal as glorias cantas,
Em Poemas, que só saõ dignos d'ellas;
Tú a quem tecendo vaõ; por glorias tantas,
De Ouro as Musas immortais Capellas,
Prosegue, dando assy no ardor fecundo,
Gloria ati, fama a Patria, espanto ao mundo;



AO PRESIDENTE.

Louvando seu engenho, em satisfaçāo de hūa quisixa.

SONETO.

De Ioaõ Pereira da Sylva.

DOESTO Miranda, a cujo engenho deve
Apollo estimacão, Minerva gloria,
Cujas obras, já Lizia por victoria,
Em bronzes grava, em laminas escreve,
Essa, que este Museo suspenso teve
Divulgai Oração, porque em memoria
De hum Polo, a outro Polo, em rara historiâ
Loue o mundo, eu exalte, a fama leve.
Divulgai, que Oração tão elegante,
(Que he de conceitos mil docta Floresta)
Não teme a enveja que o louvor desfama,
Por ella a fama já de hoje em diante,
A ninguem mais que a vós fazer protesta
Famoso em gloria, & glorioso em fama.

Ao mesmo.

SONETO.

MIentras gentil Museo de polo a polo
Gloriosa adquiere, solicita ufana
Grave rumor, con trompa soberana
La fama, amante de tu nombre solo.
A ser deidad en el Celeste Polo
Tu idéa se levanta más que humana,
Do a pezar de la embidia deshumana,
Mimo es de Jove, admiracion de Apollo.
Portus obras desde oy del Dios de Delo,
La grande dignidad para ti cobras,
Que a pezar lograrás del tiempo esquivo.
Sea dellas archivo el mismo Cielo,
Que es para tales, y tan grandes obras
Poca la tierra para ser su archivo.

SONETO.

REal spirto, per virtute humile
Per tutto lo universo pellegrinò
Che incanto si gentile, alto, i divino
Fay te stesso divino, alto i gentile;
Per questò si gentil legiadro stile
Que solpesi hebe anoi canoro Ciguo
A la fama immortale aprircamino
Comincia il mondo in lodi mile amleze
Di iduoi Ludovici, que di fama
Fur per l'apre sue uno, i altro degno,
Presso te sono stelle a par d'il Sole.
Te d'ambo il mondo vincitore chiama
Poi che con più ardente i chiaro ingegno
Vinci ambo, uno in spirto, altro in parole;

Amesmoi

PIGRAMA OB TASTICON.

Aut tu nostra tuis, suspēdas pectora verbis
Aut canto incantes decte Miranda tuo;
Carmine vel certes variō in Certamine tollis
Ingenio genium semper ad astra tuum.
Duplici jam Phæbo omnis illustrabitur orbis;
Cum radijs Phæbus, Carmine tuq; tuo;
Non obitus timeat per te jam Lisia Phæbi
Si ille nitendo perit, tu periundo nites.

Era assumpto dest'a Academia a fabula de
Abala,

SONETO.

De Luis Bulhaõ.

DÉ que huyes Atalanta? que el sentido
 La causa ignora de tu buelo airado,
 Y en tus plantas reselami cuidado
 Que dexas el delito cometido.
 Hipomenes, los passos affligido,
 Te sigue com su aliento fatigado,
 Y tanto que le miras acercado
 Eres rayo del Cielo devido.
 Con tu belleza anzadie compassiva,
 La causa de tu buelo publicaste,
 Pero de culpa la razon te priva,
 Que si corriendo a Hypomes miraste,
 No es mucho que te ostentes fugitiva,
 Si el coraçon del pecho le robaste.

SONETO.

De Andre Nanez da Sylva.

TA sem alento Hypomanes corria,
 Jà voava Atalanta sem alento,
 E se elle parecia pè de vento,
 Ella rayos de luzes parecia.
 Competida nos dous era a porfia,
 Mais que os olhos, os via o pensamento,
 E cada qual a seu cuidado atento
 Terra ganhava se maçans perdia.
 Qual Paris, ou qual Serpe o moço astuto
 Húa & outra lançava lisongeira,
 Ella as colhe, elle vence, ella declina;
 Se deu mas mais ganhou; porque no fructo
 Se izenta dos desaires de ligeira,
 E se arroja aparenrias de Divina.

DOS SINGULARES DE LISBOA.

1945

S O N E T O.

De Pedro Duarte Ferraõ.

S Igual ligeró Hypomenes àquella
Echisq del amor galá del prado
Y como a morir buelà su cuidado
Sus alas le prestò la Nympha bella
Mide veldz quanto la plata sellas
Y quanto el claro Sol dexá pisado
Aguardá, espera dixó, aun desdichado
Pues si le faltas, le faltò su Estrella.
Pero que importa ingrata fugitiva,
Si al a mor que te sigue más constante
Le huyes más rigurosa, y siempre esquiva.
Y si Estrella del Cielo eres brillante,
aun por esto mi suego más se aviva,
Pues eres fixa al mal, y al bien errante.

S O N E T O.

De Antonio Serrão de Castro.

Corre Atalanta en su rigor constantes,
En ligeresa al viento desafía,
Corre Hypomenes firme en su porfia,
Pero la bella Nympha ya delante.
Viendo que pierde pues el firme amante,
Las tres maçanas de oro que tenía
Atroja, y Atalanta que las via,
Por cogerlas parò luego al instante.
Hypomenes ya pierde sus cuidados,
Ya victorioso triumpha de Atalanta,
Quedó vencida, quien venció ligera;
Que mucho, si los tres pomos dorados
Aspides de oro fueron a su planta,
Remoras de metal a su carrera.

SO

ACADEMIA VII.

SONETO.

De João Ayres de Moraes.

Por lograr de Athalanta a fermosura
 Hypomeues veloz corre com ella,
 E Veus preparandole a cautela.
 Em tres pomos a dita lle procura;
 Parte ligeira á meta que assegura
 Filha dos Ventosa tagáz donzella;
 Lançalhe o moço de ouro a maçaa bella
 Em que colheo a propria desventura.
 Aprenda agora della a mais fermeira
 Neste estrago fatal que o nobre infamia
 Tantos exemplos pera não perderse.
 Porque ilação se vio sempre forçosa
 O profanarle o credito na Dama
 Quando das prendas intentou vencerse!

SONETO.

De Sebastião da Fonseca, e Paiva.

Veja lá como joga; lia tal correr!
 Por ventura jugamos a brincar?
 Se me topar voſſe pôde ganhar;
 Porém semel parar ha de perder.
 Quero lançar os dados, ſó por ver
 Se posso tantas perdas desfarrar;
 Ay que ternos lanceis ha de raivar,
 Que ha de por pera alí quanto tiver?
 Se voſſe fe prezava de tafur,
 Porque quiz tão bom nome desluzir?
 Quando foi de abuicio tafur mõr?
 Voſſe fe tornará Leão Monsiur,
 E fe intentou tainbem de me foquir,
 Tudo quanto ganhou me ha de repor.

R Adiante Planeta que aprestado,
giras do mundo a roda
(sem nunca estar cansado)
umas vezes com luz, outras nublado;
comigo te acomoda,
& nesta Silva infunde
hum caprichoso humor que me fecunde;
pera que neste assumpto de Athalanta,
venha a ser esta Silva a Almiranta;
que pois fizeste sposta
de correr pels posta
atraz de Daphne bella;
quero agora pintarte outra como ella;
que suposto esta fosse mais ligeira,
não te ha de parecer como a primeita;
pois em teu desvario
tão somenos ficastes de teu brio,
que viste em tua escolha
teu bem nacido amor tornado em folha;
sendo tão mal logrado,
que teu primeiro amor viste troncado;

Mas já sem zombaria,
emprestada te pessó a bizarraria,
pera que de Athalanta
a mais ligeira planta
em claro metro cante,
que só com teu favor sahitei triumphante;

Athalanta del Rey de Scito filha
era do mundo outava maravilha,
pois era no correr tão afamada
quo nunca a viu ninguem estar parada :
seu retrato pintar vos bem quizera
se o pintala correndo não temera,
mas se a tinta não for da mais subida
desculpém me que a pinto de cotida;

Tão louro era o cabello,
que vem aqui a pello,

ACADEMIA VII.

por ser rico thesouro
chamarhe hum pino de ouro,
que o metal resplidente
aplicarle ao cabello he mui corrente;

São tais as sobrancelhas,
que por serem iguais correm parelhas;
São seus olhos por bellos,
dessa tocha do Ceo breves modellos;
com elles tanto inflama,
que de sua belleza corre fama;

Nas faces tem enfeite
conserva sangue, & leite,
que tem sua belleza
e perfeito notavel correnteza;

Sua boca he tão rara,
que nenhuma com ella se compara;
todas querem ser della preferidas,
por ficar mais vermelhas de corridas;

São seus peitos, & mãos tanto húa couzaz,
que já mais ninguem ouza
julgalo diferentes
pellos verem ser alvos tão correntes;

São seus pez por ligeiros,
dos mais bem vistos olhos dous argueiros,
pois quando á vista ocorrem
grande perigo os olhos nelles correm,
& ella então se contenta
quando os olhos que a vem correm tormenta;

Quem a mala quizesse,
por mais joyas de preço que tivesse
senão fosse corrente,
gastava seu amor baldadamente,
& muita rezão tinha
em asside tratar (por vida minha)
que o amante que a sua dama serve
he muito bem que observe
estarle obêdecendo,
& quanto ella mandar fazer correndo;

Muytos galanteava,
mas a nenhum seu gosto se inclinava;

& tão soberba era,
que por sempre pizar a Primavera
tratavão seus rigores
de átropelar correndo as bellas flores;

De tantos era amada,
que era no inculto bosque venerada :
muitos amantes tinha,
mas como a seu humor nenhum convinha
nenhum delles queria,
& com todos corria
sómente por corcelos,
& com elles cortia por vencelos.

Mas Hypomenes sabio,
por com elles não ter algum relabio
de Venus procurou o patrocinio,
& por melhor sahir com seu designio,
lhe contou deste modo,
P.A.pásanta Justa,o cazo todo.

Alma Deuza de Amor porque em o mundo
hum privilegio goza sem segundo,
pois sois em quem vos chama
Mãy,amiga,& molher,terceira,& dama,
inda que sois primeira,
sereis por esta vez minha terceira.

Iâ Isabeis que Athalânta
a que por ser ligeira,o mundo espanta,
he aquela enimiga,
que a vostra protecção buscar me obriga;
já que forão tão grandes meus peccados,
que húa dama tomei,salta valados,
pois tem por passa tempo
vencer na ligeireza ao mesmo vento;
fazeimâ Inamorada,
que eu prometo correrlhe a piogada;
tornaima enternecidâ,
que de corrente eu a farei corrida,

Venus que por terceira
em fazer seu officio era a primeira,
ajuda o pobre moço,
& com grande alvoroco.

ACADEMIA VII.

tres maçãs todas de ouro lhe offerece,
com que a dama vencesse,
dizendo toma, toma,
& essa dama doma,
toma estes de ouro pomos;
& não tornes aqui com estes momos;
toma estas maçãas bellas,
que tu me regarás mil bens por ellas;
batalhas na carreira,
que se a cazo ella for intereceira,
& colhelas quizer quando as botares
tratarás de mostrarlhe os calcanhares,
& em duas palhetadas
acharás tuas contas ajustadas;
que se as carreiras de ambos forem justas,
tu pagarás o porte, & ella as custas.

Veyo o moço florente
por não caber na pelle de contente;
a Venus deu as graças,
& agradeceu-lhe as traças,
prometendo (se fossem verdadeiras)
de lhe correr em Chipre húas carreiras;

Veyo o dia aprazado,
foise à prassa com a dama confiados;
começou a carreira,
& botoulhe as maçãas na dianteira,
& querendo spanhalas ella, logo
as de villa Diego
tomou elle corriendo, & co as pelotas
lhe sobrou ás botas,
vencendo na carreira,
mas não foi a primeira,
que por colher maçãas ficou rendida,
que ouye quem por maçãas perdeu a vida;
& he moe da que corre,
que quem come maçãas de vivo morre.

Ficou lhe Hypomenes descançado,
mas não ficou, pois que ficou cazado;
que lhe dem Athalina Scenlue manda,
pois que pera cazar corseu demanda,

& lhe

& lhe foi concedida,
por ter pera a lograr folha corrida.
Faça a Sylva aqui pauza,
que se o feiro parou não corra a causa,
E se alguem mormurar que foy roncera,
linda por mal feitor corra a carreira.

M O T E.

*De correr venho cançado,
de cançado me assentei,
já achei o que buscava,
agora descançarei.*

G L O S A

De Antonio Serrão de Castro.

Hypomenes aqui vem
magro mais que húa faneca,
pois que correo Seca, & Meca,
& olivais de Santarem.
Busca Athalanta seu bem,
& de correr esfalfado,
mão estã pera cazado,
pois que diz em termos tais,
(dando suspiros, & ais)
de correr venho cançado.

Venus então lhe apareisse
por dar a seu mal a cura,
que por velo à dependura
enforcado lhe pareisse:
& dizlhe que mal he esse,
dizeo, que eu to curarei?
elle responde, não sei,
sei que me vejo morrer,
& por não me poder ter,
de cançado me assentei

A Deus entao a seu mal
(pera que a cura lhe preste)
dálhe maçaa de Acipestre,
porque contra os cursos val:
outra lhe dà peitoral
da anafega que guardava,
outra chainha lhe dava:
elle vendosse com tres,
diz agora desta vez
jáachei o que buscava.

Desafia a Ventoinha,
que já corria primeiro
elle maçãas de craveiro
lhe bia largando aziuhaz;
Athalanta se detinha
por colher maçãas de Rey,
chega elle à meta da ley,
dizendo já com victoria,
já sois minha, minha gloria;
agora descançarei.

REDONDILHAS.

De Pedro de Kallejo:

EN Redondillas menudas
quiero cantar maravillas,
pero an de ser Redondillas,
mas que Redondas agudas.

Dificiles de Atbalanta
cantar los passos y a casosa
porque fueron mas sus passos,
que mis passos de garganta..

Hija del Rey Seneo era,
y hasta agora no se sabe
como una muger tan grave,
fuese muger tan ligera.

Pintarla me dá cuidado
por ser tan viva en su esencia
que puede haber diferencia
de lo vivo a lo pintado.

Mas ami gusto; y plazer
la pretendo retratar,
porque questo de pintar,
es pintar como querer.
Apresurarme pretendo,
porque, segun voi pensando,
es fuerça pintar bolando
muger que vivid corriendo.

Y ningun pintor presunia
pintar la mejor en tela
que para pintar quien buelano
ay pincel como la plnm.
Su pelo de Oro excellente
era, y segun mi ralguño
si el pelo tuviera cuñ
fuera m' neda corriente.

Quedó la nieve prendida
de su frente blanca y bella,
queriendo correr con ella
mas que consienta nevada.

Con tal proporción sus cejas
se obstantavan medias Lunas
que no pudieron ninguna
correr con ellas parejas.

Eran sus ojos balientes,
tan corrientes en matar,
que quien los quiso mirar
hizo a los suyos corrientes.

Eran sus mexillas floridas
las Mosquetas, y las Rosas
mostravan por vergonosas
haver quedado corridas..

Solamente lá afilada
nariz, que en medio se metea
por no tener cavalléter
no podia correr nadie.
Su boca era cosa poca,
y lastima ocasionava
el verla, pues siempre andava
corriendo sangre su boca.

En buena fisoguomía
su garganta, cristal era,
porque se viaj por fuera
lo que por dentro corría.

Sus pechos, ay quién los speche,
aun que su opiniön mal trata,
que eran dos pomos de nata,
por estar corriendo lechíe.

Los pies bien se echan de ver
ser pequeños y apocados,
porque es fuerça estar gastados
de puro andar y correr.

Yo no sé si era donzella,
mas sé que sus amadores
todos tomaron sudores
quando corrieron con ella.

Siendo

DOS SINGULARES DE LISBOA.

199

Siendo a todos tan patente,
y a todos tan recatada
conseguió el ser honrada
por los medios de corriente.

De sus amantes me espanto,
porq aū mismo tiépo escuchó,
que ellos la quisieron mucho
quando los cansava tanto.

Todos echavan mal lance
porque corrían peor,
y en las cuentas de su amor
ninguno le dava alcance.

En su riqueza fiada
no ay dicha que no le sobre,
porque si ella fuera pobre,
ella se vicra alcançada.

Los amantes que tenía
engañava por mil modos,
porque corría con todos,
y con ninguno corría.

ella pues, supo inventar
un raro modo de huir,
pues dexándose seguir,
no se dexaya alcançar.

Eran los pactos tiranos
para lograrla despues,
d correr más que sus pies,
d morir luego a sus manos.

Toros antes de maridos
eran sus amantes ciertos,
porque al fin quedavá muertos
despues de quedar corridos,

Hypomenes, que tambien
era co n fina locura
amante de su hermosura,
y objecto de su desden.

Viendo el peligro tan cierto
no dexò de proseguir,
porque no siente morir
quien anda de amores muerto.

Invocó todo el favor
de Venus en esta hora;
por ser grande corredora
de los negocios de amor,

Las alas del Dios flechero
(le dije) me presta oy,
porque aunque tan firme soy
con ellas seré ligero.

Y pues Athalanta es
en correr tan desigual
dale un remedio ami mal,
d dale un mal a sus pies.

Prueve una gota entre tanto
esta animada pelota,
que si provate una gota
ella no correrà tanto.

No quiera Athalanta; no
bobilla, y impertinente
siendo una muger corriente
ser más honrada que yo.

A fé que me causa riza,
(buen humor conmigo gasta)
si ella se precia de casta
yo la haré presto castiza.

Aqui te traigo un thesoro,
en tres maçanas dichosas;
mira como son hermosas,
todas tres son como un Oro.

Y quando Athalanta bella
más que tu corriente usana,
caer dexa una mançana,
verás la caer a ella.

Nada la podrá valer,
porque me dixo el Dios Momo
que siempre tubo este pomo
virtud para hazer caer.

E a parte las carrieras
pues oy Athalanta ganas;
porque en aquellas mançanas
ella tendrà para peras.

Quedate a Dios que a la par
los dos n̄os prodemos ver,
tu descançar por correr,
yo correr por descançar.

Partiose la Diosa bella,
quando Hypomenes con brios
se presenta al desafio,
fiado en tan buena Estrella.

Quiso purgarse, y sue error,
no hazerlo con modo breves
pues con una purga leve,
cursara mucho mejor.

Quanto en esto le injurio,
pues pudo en este paseo
por ser Mercurio correo
tomar polvos de Mercurio.

Athalanta sin desmayo
salio con bello arrebol
tan hermosa como un Sol,
tan ligera como un rayo.

Por haver passo mas alto
en la carrera de amor,
para saltarle mejor
calço la patos desalto.

Partieron pues con tal ância,
ella, y el, que sin mentir
ojos que los vieron hiren
no los veran más en Francia.

La moça con passo experto
le passó luego al cuitado,
quando el viendose passado,
pensó que estava ya muerto.

Mas una mançana bella
le arroja con tanta gala,
que al punto con esta bala
la pudo passar a ella.

Pues su dorado intérrez
por lograr tales despojos,
piedra Itman fue de sus ojos,
y remora de sus pies.

Con todo corre iracunda
tan veldz, que el recatado,
segunda vez apretado
le echa mançana segunda.

Si la tercera no fuera,
no la pudiera vencer,
que siempre con la muger
vence mucho una tercera.

Con todo algun grande enfado,
tubieron muy importuno,
porque salió cada uno
como un Leon desatado.

Sacasse deste exemplar,
que la muger d'emas rueda,
con el oro ha de estar queda,
aunque no lo quiera estar.

ROMANCE

De Pedro Duarte Ferrão

V A de Romance Señores,
que agora me corre a vea,
& tem que maçãas lhe botem,
temo que deixe a carreira.

E pois que vai de corrida
bem ferá que agora venha
(se pôde ser) assistirmo
há Mala corriqueira.

Athalanta bello assunto
da Singular Academia,
& a que corridas deixou
as mais diuinhas bellezas.

Aquele mimo da Aurora
se bem que dô Sol inveja,
pois que no termo mais breve
corre quanto o Sol rodea.

A desa-

DOS SINGULARES DE LISBOA. 201

Adesfio sabio

(valhame Deos) quem tal crerà
que buscasse desafios
quem foge sempre ás pêdeias

Mas ay que briosa ao campo

sabio desta vez tão bella,
que Amor por ter melhor Mây
nascer outravez quisiera.

Quando Hypomènes galhardo

alentado ao posto chega;
& como fém alma vinha,
desalmadá furia ostenta.

Aqui venho, disse, ingrata:

porque em teu rigor se veja,
qué d' sabes amar por força,
d' queres matar por teima.

Ligeira corre mas tâ,

que effes pès em que me levas
como em prata se desfazem
me hão de parar por colhela.

Não corras que vás pezada,

ó se queres correr, deixa
hum coração que roubaste;
que por fino muito pesa.

Se corres pera matarme

pouco d' cruel te presas,
pois em dilatarme a vida
me multiplicas as penas.

E assi puderas tirana

vingarte sem páo, nem pedra,
quando pera quem tem adora,
tens em teus rigores létas.

Porém cuido bella Nympha,
divino impulso te leva,
pois dando as costas ao mundo,
tua propria terra deixas.

A nada responde a moça
antes corre mais de pressa,
pela perderem de vista,
olhos de quem vista era.

Porém Hypomènes vendo
de Athalanta a ligeireza,
que sempre nos bosques corre
com velocidade a fera.

Se valeu de tres maçãas
dá quella divina Deusá,
que por ser hum Páriso
lhe dà maçãas com que atenta.

E lançandolhas ao passo
a fez parar, linda treta,
porém verse o Sol parado
não foi esta a vez primeira.

Vencida ficou no campo,
& viúvria manifesta
pelo prado se publica
contra Rosas, & Asucenas.

Descuidarão os amantes
das graças rendér aquella
que as maçãas lhe deu de graça
pera os ver peccar com ellas.

E logo entrando no templo
ficarão de tal maneira,
que elle Athalanta parece,
Se Athalanta o que antes era.

ROMANCE.

De Francisco Lopes Sueiro.

A Thalanta aqu' ella moça
que por ser lindá, & ser bella,
quando na belleza mata
lie da mesma enyeja, enyeja.

Aquella que nos cabellos
tantas mil almas enreda
que em suas douradas ondas
corre a tormenta, tormenta..

Aquel-

Aquella que faz que a Rosa,
& o Jasmin, tenhão contenda,
& em seu rosto tenhão ambos
se dão mil quedas, mil quedas.

Aquella, que qual Narciso,
se enamora de sy mesma,
& só de ver se assi fica
quando a todos cega, cegas:

Corria tanto que os ventos
excedia em ligereza,
& della porque os vencia
dos ventos se queixa, a queixa:

A todos desafava,
& o mais ligeiro receia
não queira Marte com elle
(Deos da peleja) peleja.

Ella usana, o mundo todo
já desafiar intenta,
& os juizes faz que estejão
pera a contenda, com tenda.

Em certas mágicas fiado
Hypomenes ja lhe aceita
desafio, & já com ella
posto, em parelha, emparelha.

Correm ambos, & mil almas
hião pegadas a ella,
que pégadas não fazia
com que a mesma area, area:

Mas com tudo elle venceo
por virtude do Ouro immensa,
que do ouro não se mostra,
inda a mais izenta, izenta.

Elle a toma pella mão,
& ella muy corrida chega,
cobrindo o rosto, & já branda
porque a vencera, vem cera.

Chegarão ambos a hum prado
cançados de tal maneira
que ambos juntos se puserão
em a relva fresca à fresca.

Já muy desfeita do corpo
Athalanta se contempla
que, inda assi Leoa fica
(quando mais desfeita) feita.

Elle sedas vestir quer,
sem que tenha bens, nem renda
mas feito hum Leão vestia
em lugar de sedas, cedas.

R O M A N C E.

De Antonio Serrão de Castro.

DE Athalanta cantar quero
hoje de corrida a historia,
porque as couças de Athalanta
sempre forão pela posta.

Descrever quiz suas partes,
nariz, olhos, testa, & boca,
mas por mais que o procurei
sómente a vi pelas costas.

Que a quem curioso queria
fazer della algúia copia,
só mostrava os calcanhares
& se punha empolyorosa.

Tão igualmente ligeira,
tão igualmente ferosa
era, que só estas partes
correm iguaes com a moça.

Mas com ferem tão iguais
tinhão distinção notoria
de arroba era a fermo sura,
& a ligeiresa era de Onça.

Tambem tomava tabaco,
& tambem cospia em roda,
que de húa mulher corrente
são estas as partes todas.

Jugando com as amigas
agaratuza, ou a polha
nunca ganhava por mão;
mas por pè ganhava á todas.

No gana perde, & enxadrés
se jugava, a toda a hora
dava mate de cavalo,
sempre tinha livre a Sota.

Com ser a moça sádia
muito saã, & bem disposta
por não lhe faltarem curssos
purgas tomava, & a posmas.

A esta leita com azas,
a esta ligeira corça;
esta exalação com pés,
& correo de mãs novas.

Pretendia todo o grupo,
queria toda a pessoa,
ou pera a terem por Dama,
ou receber por Espousa.

Qual lhe lançava húa vellia
de amizades corretora,
que já correo a carreira,
& o mundo já deu as costas.

Esta lhe dezia; Mâna,
minha bela, minha Rosa
não he bein que húa donzela
ande correndo tão solta.

Tomai estado, & sereis
de vossa casa senhora,
não deis que dizer ao mundo,
quem caza, não se deshonra.

Hora tomai meu conselho,
não sejais menina, tolha,
deixai a correaria,
serà vossa a ruanova.

Nenhum effeito fez nella
esta oração tão devota,
antes então se mostrou
mais que nunca rigurosa.

E logo por ordem sua
na Cidade se pregoa
hum bando que cuido eu
devia ser nestá forma.

Diz a Senhora Athalanta
que ella será premio & joya
de qualquer que na carreira
alcançar della victoria.

Mas ao que ficar vencido
ella por suas mãos próprias
diz que ha de tirar a vida
feita húa cruel Nerona.

Sumirão se seus amantes.
& quando delles grão copia
queria correr com ella,
não ha quem com ella corrá.

Porque a huns detão frieras,
a outros lhe deu a gotá,
a outros calos, & caimbra,
outros mijaa, o nas solás.

Hypomenes mais discreto
favor de Venus implorá,
que de fazer amizades
bem podia pôr escola.

O Deuza que dos amores
sempré fosse proteetora,
olha que do Deus teu filho
esta rapariga zomba.

Enciname hum fervedouro;
pera que ella por mi morra,
& se hê moeda sem ligia
tua marca se lhe ponha.

Sáhio a Estrella de venus,
& lhe disse muy rizónha,
ja queres que seja texto?
inda sirvo pera olha.

Estas tres maçãas te dou,
que das Hesperides hortas
me mandou húa comadre,
& húas pocas de bolotas.

Com estas tres pellotilhas
faras coufas monstruosas,
quando ella jugar de pés,
tu com ella de mãos joga.

Vê como com ella corres,
olha não te descomponhas,
has de por o pé candeu,
como poem os mariolas.

Se na carreira correndo
por te parar cantelosa
dançando fizer floretas,
fazelhe tu cabriolas.

Vailhe deitando as maçãas,
largalhe húa, largalhe outra,
& ás tres o diabo a fez,
elle amigo te socorra.

Foyse a Deuza, & Hypomenes
alegre á Cidade torna,
está por todo o concerto,
& que ha de venceer blasона.

Ambos se poem a correr
sem calçar botas, nem esporas,
se ella corria à gineta
corria elle à estardiota.

E logo ao sahir do estadio
ja ella ventagens toma,

larga então húa de Abrantes
que ella toma curiosa.

Torna a correr, &c parece,
que fugia criminosa
a justiça, porém ella
fugia a misericordia.

Outra vez leva avantagem,
outra da Lourinhã hota,
deitalhe outra de Colares,
com que a moça fica absorta.

E em quanto come maçãas
elle da victoria goza
com aplauso popular,
que com vinctores atroa.

Entrárão de romaria
no templo da Mây famosa
que deu ao mundo mais Deuzes
que tem as arvores folhas.

Não sei que lá sucedeo,
porque a sua historia conta
que elle sabio hum Leão,
ella feita húa Leoa.

E pera hum marido he
transformação mais honrosa
antes em Leão de Albania
do que ser toro de Europa.



ACADEMIA OVTAVA,

Em que foi Presidente

FRANCISCO LOPEZ SVEIRO.

Em 7. de Dezembro de 1664.

Orou da maneira seguinte.

Solaq non possunt hæc monumenta mori.



UE coufa tão propria he da ignorancia, N.N. unirse sépre nos desacertos à ousadia; & q coufa tão certa he na confiança dos principios a mayor ruina. Não pode coração lograr os fôros de entendido aquelle, a quē deslustrão as acçoēs de ousado; só pode ter de Sabio os atributos, quem o sabe ser nos conhecimentos proprios, q como estes sejão a melhor informação de todo o merecimento, claro e fáci seguirende os melhores acertos.

Isto supposto, & como infalivel conclusão assentado, cuja prova foi sempre a mais certa experiencia, entro eu agora a fazerme a mi estreitas, & bem fundadas perguntas. Ignorancia grande, saber pouco, & ouzadia muita que me pôdem grangear? que? hum discreditio, hum precipicio, & huma ruina. Que me fica logo pera que nesse tão certo perigo seja remedio, & nesta infalivel tormenta sirva de taboa a meu naufragio? sómente acho restarme hum grande conhecimento proprio.

Perguntando-se ao Philosópho Thales Milezio qual era a coufa mais facil, & qual a coufa mais difficult, respondeo. Que a coufa mais facil era (*alterū monere*) ensinar a outro; & a coufa mais difficult (*se ipsum cognoscere*) conhecerse a si mesmo; cuja opinião vejo eu agora totalmente frustrada na minha, porque pera mi a coufa mais difficult sa he (*alterū monere*) & a mais facil (*me ipsum cognoscere*) & assim com este conhecimento heide ver

o pe-

o perigo pera evitalo, & hei de vos ver à vds pera meu socorro, pera q
ao melimo passo que acolá fugir, com esse a vds discreto me retirar; &
pera que se aqui me chegarem as luzes deste Sol, em vds me alomeem os
rayos de vossa sciencia, que he tal, que ainda aos mais lemitados sujeitos
faz capazes da mayor grandeza.

Em deleites de argentada, & nevada éama, sendo fresca cuberta a
mimoso relva, passa hum cristalino arroyo tão recopilado em sua brevi-
dade, & tão breve em sua pequenhez, que a deteñicas da menor planta,
as plantas sutis, com que mais passeava do que corria, detém obsequio-
so por mostrarse atanta gala com rezão rendido. E admirado de ver a
ponipadas árvores, das folhas a gala, & das flores a fragrancia, & a bel-
leza, suspenso atanta galgaria, assumpto dava ao mayor espanto; & sem
poder apartarse da melhor recreação da vista, repetindo lemitadas, se
bem agradecidas endechas em seu murmurador susurro de cada qual ce-
lebrava o melhor galanteo. Mas ay? que entre tanto que estes descansos
lograva a mais venturosa, húa repentina tempestade lhe tirou os mais fe-
lizes logros de seu desejo, porque envejoso o Ceo da gloria; que lhe via
possuir, estimulado com as furias dos trovões defata as correntes de
seus olhos; & fazendo a terra theatro breve de suas magoas, a inunda
com os labyrinthos dos crecidos rios, que cercando o breve arroyo, lhe
assaltão o seu descanso, & em sua rapida corrente dão com ella nas on-
das de hum Oceano, onde o fazem tombar sobre seus hombros o conca-
vo pézo de hum thádeiro aquelle, que era muy satisfeito [de ser admira-
ção de tão florido prado.

Assi eu que neste jardim de Apolo breve arroyo me entretinha na co-
sideração de vossas admiráveis poesias nas arvores de vossas oraçõens;
nas folhas de vossas discretas palavrás, & nas flores de vossos delicados
conceitos, de sorte entretinha meu desvelo; que era minha admiração a
melhor pág de meu desejo. Quizerão levantarme ao mar de Presidete,
engolfarmen tas ondas de húa Oracão, quando era incapáz de ouvirvos
por não entender o precioso de vossos discursos; o que tudo me facili-
tou o muiço que anhela a vontade a sacrificarme a voso obsequio,

Sed q, non possunt habere monumenta morti.

Considerando qual fosse o assumpço pera meu desempenho, & qual
o empenho de mitha obrigação, totalmente me via perplexo na escolha
sem acabar de resloverme em tanta duvida. Quebrantando todos os
sentidos vacilava o discurso, & atormentadas todas as potencias flu-
tuava o entendimento, até que illustrado com as luzes deste Sol, que a
todas nos alomea sua empreza me deu motivo à mais gloriosa pena, &
como isto fui idea nossa, con mayor rezão approuei a escolha, que agora
dando

dando cauza a meus discursos, ferá de tres considerações o melhor objecto. Tres excellencias acho neste verso *Solaq, non possunt hæc monumenta mori*, porque no *Sola* acho húa singularidade infinita, no *non possunt mori* acho húa izenção singular, & no *monumenta* húa memoria eterna. Vamos à primeira excelencia, que be.

Húa singularidade infinita.

He a singularidade o melhor, & mais firme alicerse de toda a exceléncia; não se pôde dar excelencia grande sem que avincule a si o titulo de singular, porque este he o que dá realce a toda a melhor excelencia; assi o diz Seneca. *Eximia raritas commendat*. Ser pequeno entre os grandes humilharia, & pouca sorte de espiritu. Ser grande entre os grandes humildade, mas não he excelencia: Ser singular entre os excelentes, isto si que he motivo da maior admiração, & efecto do melhor prodigo.

Não tem hum edificio tanta estimação quando tem a excelencia imitada de outro, porque à vista da excelencia daquele, perde muitos quilitates este em sua valia; & a rezão disto he clara, porque como o aplauso que este atrahia à sy sendo singular, & unico, se reparte com aquele de quem he igualado, fica deminuindo, & perdendo este em sy os creditos que aquele grangea nos igualados abonos.

Ha na cidade de Piça, estado de Florença húa torre que (conforme a tradiçõe de muitos) parece que está arruinado, & q aos passageiros ameaça com sua queda, prometendolhes hū fatal sepulchro em suas ruínas. Ao artifice deste prodigo que mais parece empenho da natureza, do que excelencia da arte, perguntou o Duque de Florença se poderiainda fazer outra torre igual aquela; & porque lhe respondeo que sim, o mandou matar, porque tirandole a vida atalhassse a ocazião de competencia na obra de sua estima, considerando que só então poderia ter aquela obra o titulo de excelente, quando lograsse os privilegios de singular.

Toda a igualdade foi deslustre no igualado, ao mesmo passo que foi reprehendido: porque como tudo o que he comprehensivel denota nos sujeitos lemítatio, nūqua pôde haver nelles o realce da exceléncia. Quanto mais levantado hum monte, tanto mais ardua te m a subida, & por isso de poucos intentada. Não forá o mar por grande respeitado, se algú hora lhe tivessem achado o fundo; nem o Sol forá nas luzes estimado se se deixara comprehendêr dos olhos. Quem quizer ter a excelencia de singular, hade pertender ser monte, & hade procurar de Sol o fulsimento, porq' desta sorte fará o empenho plausivel, & será sua gloria seu medido premio; assi o disse o Graciano no seu heroe, *Quanto más gloriosa el empleo, más gloriosa la plausibilidad.*

Considerado estive com grandissima atenção porque causa à esse objecto das melhores idéas, a esse assumpto dos maiores discursos, à Fenix digo, lhe tributassem todos os engenhos tão celebre aplauso? Não me sabia determinar na rezão, atè que vi a entender que todo o aplauso lhe procedia de ser singular; porque suposto que a gala de suas penas, o dourado de sua garganta, & as mais partes de seu corpo sejam hū breve resumo de toda a perfeição, & hum recopilado empenho da natureza; com tudo tambem esta em muitas outras aves mostrou a sutileza de seu pincel & a galhardia de seu dibuxo. Não logra rambem estes aplausos, porq renacendo de suas cinzas he excepção das tytanias da morte, mostrandose imortal nos logros de húa vida; porque tudo isto merece sendo unica, & todos estes aplausos atrahe sendo singular; mas antes digo que porque he unica, & porque he singular, por isso de suas cinzas renasce, & por isso imortal se eternisa. He a prova desto fundamēto muito evidente. Suponhamos que se davão duas Aves Feniz: estas por boa ordē da natureza, havia de ser húa do sexo masculino, & outra do sexo femeñino: Estas duas Aves havião de gerar, & procrear filhos, estes a outros & assim multiplicados não havia já necessidade de renascerem, porquanto ja nos filhos se conservava a memoria de seus progenitores; & se renascesssem, & procreassem juntamente seria o mundo todo estreita, & limitada esfera pera tāta multidão; pelo qual incôveniente, & por não se admitir tão grande infinito, nūqua podia se fado, muitos renascer; do q se colhe claramente, que se hoje renasce he porque he unica, & porque he singular, por isso resnacendo logra da morte os mais diroso triunfos.

Hora pois Singulares Academicos, que fazeis que não aspirais a ser com rezão singulares, & não pretendeis immortalizar vossa fama, sendo Feniz no Oriente de vossas luzes? Não vos acobarde nada, porque he excelencia de húa grande empresa o dár alentos ao animo pera emprenda; Assi o entēdeo Seneca *Crescit animas quoties cepti magnitudinem cogitato*. Se vos faltão os incendios pera execução de voso desejo, sirvãovos os rayos deste sol pera despertar vossos talentos, & se vos faltão os aromas preciosos pera theatro de vossas glorias, aqui tendes estes nove Herdes, cuja honrosa competencia sirva de estímulo a vossa ousadia. A estes por agora imitai, aquē depois gloriosos excedeui, porque de outra sorte não podereis lograr o titulo de Singulares.

Imitar sómente he não querer exceder, porque assi como aquelle, q só trata de pdr os pés nas pegadas q outro deixou, nūqua pôde correr de sorte que o chegue a alcançar; assi rambem que se contenta só com a imitação, por sua culpa, & infelicidade não terá mais superior a excelēcia. Pensamento he este de Angelo Policiano. *Vi bene currere non potest,* qui

qui pedem ponere studet in alienia vestigijis, ita nec bene scribere; qui tanquam de prescripto non audet egredi: postremo scias infelicis esse ingenij, nihil à se promeere; semper imitari. Todos os estudos tiverão os principios amargosos, mas depois legrarão os fins suaves; Studiorum radices, diz Aristoteles amare, fructus autem dulces; Assi que com o exercicio vos eternizareis singulares, triunfando dos mesmos tempos no alcance do mais ilustre blazão. *Solaq. Et.* Terço mostrado a primeira excelencia; que era húa singularidade infinita, vamos à segunda, que he,

Húa izençao singular.

Sempre foi a izençao tribunal pera onde appela a liberdade; todo o que he izento dizemos que he livre, porque he tão saboroso este nome de liberdade, que sendo izençao só hum meyo pera a alcançar, já na empreza delle nos prometenios os ditosos fins de o posluir. Aquella he melhor izençao, que avincula a sy a melhor liberdade, & aquela a mayor liberdade, quando mais duro tiver sido o cativeiro. Primissas são estas que nos obrigão a inserir, que a mayor pençao do mais duro cativeiro he da morte.

Mas inda assi não he esta a morte que mais se deve sentir, outra há q se deve mais chorar: perder a vida do corpo isso he pagar tributo de nossa pouca sorte, perder a vida do nome, & da fama, que poderamos acquirir he sómente o que se deve lamentar, porque o que acolá he desgraça, aqui passa a ser culpa, & floxedade nossa.

Que generosamente soube contraminar os poderes desta morte, com as industrias da outra o Grande Emperador Carlos V. que tendo senhoriado todos os imperios da morte, da fama, quis assegurar os triunfos e procurar a morte da vida, dando credito áquela voz,

Carlos, Carlos, tu vanidad te engaña,
que el saber morir es la mejor hazaña.

Julgando que só isto lhe faltava pera consumação do mayor triunfo. E na verdade accção foi esta digna de tal valor, pois despresando todas as ocasiões que tinha de extender mais seu nome no retiro dellas; pozo o *Nō plus ultra* à sua fama, buscado húa morte pera effeito de izetarfe de outra.

Só em hum animo generoso, & em quem não tenha poder à desgraça se pôde dár a excelencia de izençao, porq estes sabem só izentatse de seu poder como que conhece que o seu mayor castigo he a izençao, porq que esta he tambem vingança, & satisfaçao de algua pena recebida.

A Lcoa não cõebe, né géra mais de húa só vez, & a rezão disto (como diz Lope da Vega) he q como o feto quâdo quer sahir a luz tenha já criado as garras no espacio de 20. meses, q andou no ventre pera haver de sair delle, com as unhas o vem rompendo; sendo escandalo penoso da mesma

mesma māy, aqual desde aquele instante professa divorceio eterno como Leão, que por mais que a busque, ella com o lembra das dores generosa se auzenta, querendo nestā izençāo e squiva vingarse da pena que lhe motivou o antigo ajuntamento, & assi izenta sābe frustrar a occasiāo, que lhe podia dar molestia.

He a izençāo nāo só gloria de qnem se izenta, mas tambem naquele de quem se izençāo causa grande estimação. Amou Apollo a Daphne & por mais que os rogos, & as caricias procuravão no peito da Nynfa hūa gloriosa entrada, já mais lho consentio hūa esquivança izenta, porque resistindo ella a todos seus amores, antes quis ler hum tronco izento, q̄ esposa de hum Sol rendido. Invejoso Apollo desta accāo gloriosa lhe prometeo que aquela izençāo que a ella lhe cauzava gloria, havia de ser pera elle a honra mais perpetua. *At quoniam conjux mea non potes esse, Arbor eris certe dixit, mea semper habebunt te coma, te cythara, te nostra laura pharetræ.* Como se differe, nāo só hāde cauzar essa izençāo em ti gloria, mas em mi ha de motivar a mayor honra, que lie tão generosa a izençāo; que nāo sō he gloria de quem te izenta, mas tambem naquele de quē se izenta causa a maior estima.

Já dezejei saber porque causa hūa Arvore, que no dar dos fructos se mostra tardia, seja más estimada do lavrador, do que as outras todas, quando os fructos a seu tempo saõ pontuais em pagar os tributos da natureza. Parece que a deligencia destas havia de atrahir com mayor empenho do que a outra a graça do lavrador, & ser objecto de sua estimação. Hora olhai a Arvore que he pontual nos fructos mostra sujeição, & cativeiro em nāo querer discrepar dos lemites, & estatutos do tempo, & a quella que parece se vai el quecendo no natural tributo, - vai tratando de izentarse da sujeição de tributaria. *Hā si, & vds Arvore tendes as raizes na terra, principios rāo baixos, tendes espíritos rāo levantados que aspirais à excelencia da izençāo,* pois estimevos o lavrador com mayor empenho, & fejão vossos fructos dadivas & lobornação do mayor Mōnarca, & de vds aprendāo os homens a buscar a liberdade da fama pelos meyos da izençāo da morte, já que vds sendo hum tronco o que tinha sombras de dominio, soubestes aspirar a querere vitalo.

Que raramente imitou esta Arvore Aristoteles, izenitandosse dos poderes da cruel morte, do qual contāo que quando entregue ao sono queria administrar a seu corpo os breves instantes de hum descanso, fazendo instantanea cyncope a seu continuo trabalho; punha hūa bolla de ferro na mão, & debaxo hūa urna de arame; para que caindo a bolla dentro com o estrondo lhe a divertisse o seu descuido. *Vt cum dormientis manu exsuffi, sphera in subdum vas inuidisset, sono illius inquietus exigeret.* Que desfor-

te queria dominar os poderes da morte , que por que o sono he húa sua representação,neminda a menor sombra delle consentir queria,

Aprendei pois agora Singulares AA. já que sabeis quão honrosa he húa izençāo singular, ponde se quer os olhos nesta empresa, & principalmēte nesta Hera, porque nella tēdes o symbole mayor de toda a izençāo, & o melhor emblema de toda a generosidade. He a Hera no durar immensa; & parece pue cansaō os mesmos tempos de lhe esperar os ultimos fins da vida, vereis que sempre busca pera seu arrimo os muros, como quem procura contra às tiranias da morte pera sua defensa o melhor emparo; & assi izenta ndosse a seu dominio, chegar a ser de vossas ideias o melhor prototipo; vestida de verde vos está assegurando na esperança a promessa de vossos trabalhos. & á vista do premio, que he o lugar deste Sol, inda o mais tibio animo toma pera a mais ardua empresa os ma- is corroborados alentos; & assi alcançando o vóssio desejo entre estes heróes o melhor triunfo, sentados neste throno enchereis o Antartico pdlo com a fama de vossos merecimētos, & esparsindo os rayos de vossas lu- ses, eclypsareis os breves crespusculos deste Sol, & sobre tudo ao pé da tarje de vossa escudo entalhareis o blasão de vds bem merecido *Solág, nō* &c. Tenho mostrado as duas excelencias , que eraõ húa singularidade infinita, & húa izençāo singular , resta agora a terceira que he

Húa memoria eterna.

He a memória a melhor prenda, que aquire húa acção ilustre, contra- poense totalmente ao esquecimento; he de toda a fama o melhor empê- nho, & serve de dār hū conhecimento universal daquelles que a mère- cêrão por suas obras. Assi o disse Cassiodoro. *Vbi que cognoscitur quisquis fa- ma testi lundatur*, Sendo que tudo acaba com a morte, ficando despojo vil de suas tyranias: bellamente o disse Ausonio,

Miramur perisse homines, monumenta satiscunt,

Mors enim saxis, nominibusq; venit.

Não são com tudo estes versos impedimento aos Varões entendidos! pe- ra atalharem os progressos de suas obras, porque estes conhecem muito bem que a contraposição da morte está no alcance de húa fama , assi o ay conselhou Virgilio excentemente,

Sic si a cuig; dies breve, & irreparabile tempus

Omnibus est vita: sed famam extendere factis

hoc virtutis opus.

E assim com este conhecimento desprezão os lucros humanos, para- quirir da fama os inestimaveis preços sentença he de Cassiodoro. *in illi animi est fama diligere commodum, nam qui effectat fama commodum, pecunie negligit augmentum.*

Sê bem cuidassém os homens quam gloriösa couza he a memoria depois dos ultimos paracismos de húa vida, eufico que todos anhelassem anciosos da eterna memória os não vistos privilegios. Vítoso se pôde chamar aquele a quem a sepultura não servio de carcere á sua memoria, & venturozo quem pode sugeitar o cadaver sómente à clausura de húa pedra, & livrar o nome pera ser procurador de húa illustre fama; bê neficio que se pôde reputar, & estimar pelo mais excelente. *Maximum natura beneficium oblivionis nescire deflum.*

He a memoria hú espiritu vital de toda a monarchia, porque assi como apartada a cabeca de algum corpo lhe ficão os espiritos vitais que a alimentão nas auzenças da alma, assi tambem a memoria desfeita húa monarchia fica alimentando com o espirito vital do nome, a vida, que se conserva co rescente calor da fama. De q servia a Achiles ser tão grande se Homero lhe não resuscitasse as memorias; & de que servia a Eneas a piedade, a Catam a inteiresa, a Socrates a prudencia, a Aristoteles a justiça, & a Alexandre a liberalidade, se a memoria de suas obras lhes não levantasse heroicas statuas no templo da Singular fama.

Chorava Alexandre sobre o sepulcho de Achiles, & não lamentava, como dizem muitos, o não tello imitado, porque já o tinha excedido, & bem se proya isto do que delle dizia Seneca. *Alexander orbis magnus est, Alexandre orbis angustus est.* E assi o que era só causa de suas lágrimas, era tello lido na Illiaca de Homero, invejandolhe a dita da memoria, que por causa deste o mundo todo a Achiles tributava, considerando que era só dita nas emprefas grandes a occasião de possuir húa ditoza fama.

He tão excelente a memoria depois de finalizada a vida, que he pequena a mayor monarchia para ser preço bastante de sua estimação; por que essa monarchia sup postó que tenha grande duração, toda finalmente experimenta os estragos de húa ruyna, & bem se viu na dos Gregos, Ungaros, Romanos, & outras mais; & julgo eu que de todas nenhuma foi mais felice do que a de Tróya, pois tendo logrado as prosperidades de húa vida, & as ditas grandes com que florecia, vejo a gozar na morte, & nas ruynas a felicidade de húa memória tão prezente nas ideias humanas, que parece que há breves instantes, que essa memoria teve os berços na fatal ruina. & nista pôde Grecia com razão envejar, pois lhe alcançou, & grangeou nas ruinas a melhor fama, quando no sepulcro do esquecimento a imaginava sepultada.

Que Espia, & que Atalaya foi da fama, perseguidolhe a todo o risco de vida os alcances com húa sofréguidão barbarica, Hétostrato, aquele, que abrazou, & arruiniou o templo de Diana; o qual vendo a dita de ser nomeado, & considerando faltarhe capacidade pera aquilla por me-

lhores

lhores meios, se expoz a grangeala cõ tão perniciosos incêndios. Oh espírito insaciavel de nome eterno, q' cada vez q' és objecto de minha idea me lastimo de tua pouca consideração; & te imagino desgraçado em tal empresa, vendo que esses teus espíritos podião cõbater húa monarchia, & seres gigante contra a melhor coroa, pois quem sabe anhelar as memórias de húa fama, não lhe faltão disposições para ser Monarca.

Iá que a ventura vos concede, Singulares AA. nesta Academia tão honrosos meyos, que fazéis que vos não expondes a alcançar os ditosos fins? São os meyos o exercicio, a continuação, & o trabálho; porque sem elles não se pôde ver a execução de hum desejo

Qui studet optatam cursu coniungere metam

Multa tulit felixq; puer, sudavit, & alfit.

Quanto mais que à vista do premio ninguem recuazão buscat os alcances, & quando naõ tivereis outra mayor satisfaçāo, que os voſſos escritos, & obras, era bastante para o mayor empenho; porque como diz Seneca, he premio de húa boa obra a mesma execução della, *Nullum recti facti premium, quam fecisse.*

Tenhome desempenhado das tres excelencias que vos prometi, húa Singularidade infinita; húa Izenção singular, & húa memoria eterna; & para hú talento tão limitado como o meu, não foi pequena sorte de meu desvelo. O que agora resta sómente he fazermos todos os que a qui estamos húa viagem ao templo da fama, onde avemos achar as tres excelencias, que eu vos pude descobrir. Pera esta viagem saõ necessarios ventos prosperos, mares locegados, & sobre tudo húa nao q' aqui vos quero descobrir a mais forte, & a mais segura que se pôde desejar.

Os mates que hâveis de navegar saõ os do entendimento; & as ondas do discurso, os traís prosperos ventos; & os Zephiros mais suaves saõ os voſſos Sônetos, Sylvas, Cânçoēs, Detimas, Romances, &c. que estes nenhūa outra couza saõ mais que o alento do monte Parnalo, & o Zephiro de suas flores. O calco da nao o mais forte, & o mais seguro he esta Aula, & esta ilustre Academia, a quem entregandovos com todo o affeto, vos prometo nella a mayor segurança. Servindolhe de leme o desejo, porque sd cõ elle pôde houver nesta Nao o melhor governo. Pera mestros tendes estes Nove Héroes, de quē podeis escolher a medida de vosso gosto aquele que vos ditar o melhor exemplo, que vos affirmo serem estes os mais fortes, & contra quem naõ pervalecem as borrascas do tempo, pois os naõ rendeo do esquecimento a fatal ruina. Pera vellas tendes as folhas desta Era, que as naõ excedem os mais fortes, & tapados linhos, pois aqui saõ o symbolo da mayor constancia, onde batendo a forçados ventos, que eu já vos mostrei, caminbareis em breyes instantes, o

que outros em dilata dos seculos alcançarem. O norte por onde vos hâveis de governar não ha de ser, naõ, a breve luz deste Sol, porque rendes húa sermôsa Aurora, a cujos rayos desmay a o mais luzido resplendor, & a cujas luzes perde todo o juzimento o mayor luzeiro; & em fim pera q. sendo breve diga tudo , a Virgem Sanctissima do Rosario, a quem não vos pareça novidade chamarlhe Norte, porque a Igreja se antecipou já em darlhe este titulo, apropiandolhe de Norte o Epiteto. *Ave maris stella,* & pois esta ilustre Academia com tanto acerto a tomou por sua protectora, sirvir vos hâ de Norte pera a viagem mais segura. Finalmente os marinheiros que hão de tomar a seu cargo a vigilância desta Nao, & que hão de sopportar tão grande empenho, hão de ser o exérccio, o sofrimento, o cuidado, & sobre todos a continuaçâo, porq estando estes em vigia, caminhareis sem os receyos de ficar encalhados nas ocultas praias do esquecimento.

Teimos a Nao armada, demos à yellâ, desamarremos as anchoras da ignorancia, & busquemos os altos mares da Sabedoria. Mas vejo que a vozes me clamais pelos Pilotos, & que à falta delles recusais o empenho pois neciamente duvidais cobardes, porque neenhâua couza tendes com maior abundancia do que estes pera vosso governo. Quatro tendes, que sendo os Mestres desta Nao, vos hão de servir de Pilotos.

Tendes o grande Andre Rodrigues de Matos, que resolvendo as cartas de marear de hum Seneca, vos expoem ao mais seguro caminho, & vos facilita a melhor viagem. Tendes o Sapientissimo Andre Nunes da Sylva, que com a Politica de hum Tacito, sabe mandar os marinheiros a seu tempo pera que não discrepem breve instante do melhor cuidado; Tendes o Insigne Antonio Marques, que com a util agulha de hû Gongora vos está mostrando o Norte pera a viagem mais segura. Tendes finalmente no doctissimo João Duarte quem vos governe o leme com a sua Rethorica, que neenhâua outra couza, he mais que o governo de toda accâo, ao leme de toda a eloquencia,

Hora pois Singulares AA, embärquemos nos nessa tão segura Nao; & vamos buscar os templos da ilustre fama; a mare he de rosas, os ventos saõ de caza, o caso he seguro, o leme forte, os mastros rijos, as vellas sans, o Norre divino, os Pilaros finalmente insignes. Obriguelmos poys obriguelmos aos marinheiros a que se embarquem, parramos da playa da necedad, desamarremos as anchoras da ignorancia, & vamos buscar os altos mares da Sabedoria, pera que com vento em popa cheguemos aos templos da fama, onde alcancâdo as excelencias de nossa empresa, húa Singularidade infinita, húa Izençâo singular, & húa memoria eterna, postos no mais alto de suas torres, batendo o estendarte de nossos mereci-

merecimentos ajudados com os Clarins da fama, possamos dizer de Nós mesmos, *Solaz non possunt hac monumenta mori.*

AO PRESIDENTE

SONETO

De Joaquim da Costa Cacete.

INsigne Presidente, quem pudera,
Ter a Lira de Orpheo, de Apollo as Flores,
Pera melhor dizer vossos louvores,
Porque a fama imortal vos conhecera,
Querer engrandecervos he chimera,
Naõ gozando das Musas os primores,
Que merecendo eu ter os tais favores,
Em louvarvos a todos excedera.
Pois mostrais com primora sutileza
De voso engenho em metro taõ sobido,
Tomando por assumpto a noſſa empreza,
Neste Mûeo de Apollo repetido
Voso nome ſera, com a grandeza,
Que merece por ſabio, & entendido.

FOI assumpto desta Academia húa
Dama, que depois dc sangrada fe
lhe foi o sanguem.

So-

ACADEMIA VIII.
S O N E T O.
De Pedro Duarte Ferrao.

Como el Coral, que en fuente se desata,
No se ha de hir por pies, Filea querida,
Quando vos para huir poco advertida,
Es cierto, que le hazeis puentes de plata;
Mirad, que amor de verlo se maltrata,
Y no seais del todo tan perdida,
Mas yo pienso perdeis, Filea la vida,
Pues de riquezas vuestro amor no trata.
No se pierda mi bien vuestro tesoro,
Sino quereis, que amor pierda el sentido,
Pues valen los Rubyes mas que el oro,
Pero dexad, que el Cielo ha permitido,
Que quanto amante, dulce dueño adoro,
Todo lo mire en piedras convertido,

S O N E T O.

De Antonio Serrao de Castro.

Mverta de amor, y enferma Nise estaba,
Muerta de amor por Fabio su querido,
Enferma de un dolor tan atrevido,
Que sus bellos luseros eclypsava.
Por vivir del amor, Fabio buscava,
Por sanar del dolor, golpe atrevido
Rompe sus venas, y el casir rompido
La blanca nieve en purpura bañava,
Sangrada Nise pues, Fabio venia,
Y viendole venir su bella amante
Nuevos corales brota la sangria,
Que como muerta estava por constante,
De una muerta de amor sangre salia,
Viendo su matador estar delante,

SONETO.

De Antonio Marquez.

SAngrada Cloribella en el pie breve,
Al sueno se entregó mal advertida,
Pue, con el movimiento aquella herida,
Luego ruby graniza, y nacar llueve.
Fabio que amante a verla así se atreve
Con suspensa atención enterneida,
Reparaser la sangre en la corrida,
Torrente de coral, de fuente nieve,
Depertad, dixo Fabio, Clori hermosa,
Que la sangre se os vá del pie herido,
Fugitivo Ruby, corriente Rosa.
No querrais de vos diga el Dios Cupido,
Que os picó su laieta rigurosa,
Y de picado el nacar vá corrido.

SONETO.

De Joao Ayres de Moraes.

Enfermó la bellissima Medora,
Y dize la razon, que fueron zelos,
Que quien amante abraça a los desvelos,
Tanto más zela, quanto más adora.
Llega un verdugo, y rompe con traidora
Mano, el almino sin tener rezelos
Del castigo de aquel, que hurtó a los cielos
El fuego, por quien oy su pena llora.
Recoge el pie, y adormecida un rato,
Rompe la sangre toda vergonçosa,
Solo a quejarse del amante ingrato.
Mas dexa bañé a tanta nieve hermosa,
Que con este mortifero rebato
Dá desmayos de Venus a la Rosa.

Agora pois, que neste assunto e' quivo
me obrigaes, fermosissima Filena,
que húa filua descreva a minha pena,
silva farei sómente, porque agora
tenho em vós o motivo nesta hora,
pois estando picada, em tal aperto,
fora impróprio por certo,
que outro metro fizesse a minha Musa;
se vossa pè ferido me offerece
a silva, que vos tenho prometido,
produzindo com dictas riguroosas
de planta de cristal, campos de rosas;

Mas como poderei deste sucesso,
a causa relatar, sem que primeito
a vossa sangue culpe de ligeiro,
& a vós inadvertida vos publique,
para melhor dizer, he justo sique
em perpetuo silêncio sepultado,
vossa pouco cuidado,
assim o digo, que rigor parece
não sintaeis vossa sangue fugitivo,
pois he tal vossa amor a tudo elquivo,
que de vós não diria, sem que não minta,
que por ser sangue meu, he força o sintae;

Persuadirse não pôde a minha idéa
vos faltasse o sentido,
he mais certo, que estava adormecido,
ou por falta do sangue, que brotava,
e' eu cruel vossa alento nos deixava,
& a quem primeiro commiteeo a morte,
vio Filena entre o susto desta sorte.

Entre Zonas de olanda recostada,
a quem rendeo cruel a enfermidade
(se he que dizer se pôde com verdade),
que o divino tambem enfermar pôde,
Filena estava, & linda parecia,
que nos braços da Aurora o Sol dormia,

era tudo candor, & tudo alvura,
em sua compostura
se divisiava estar em campo breve,
pelago de jasmims, campo de neve,
em tal brancura a vista equivocava,
por ver se divisiava
a Filena de olanda cristalina,
por largo espacio que para ella inclina,
distinguir não podia em tal demanda,
se tudo era Filena, ou tudo Olanda.

Dilatava o cabello em crespos rayos,
pela almofada donde o rosto estava,
& mui ao natural representava
rayar o Sol de seu dourado pello,
por montes de gelado caramello,
posso dizer da testa cristalina
ser tudo neve a candida pureza,
que se de neve, & sangue à natureza
a formou para in veja do luzido,
sejame permittido
dizer tudo, era neve sem cautella,
pois todo o sangue se ausentava della.

Entregues ao descanso tinha os olhos,
elles não pintarei sua cor linda,
Soes lhe não chamarei, que nesse tempo
rodava sua luz noutro orizonte,
mas porque delles seus poderes conte,
pello que nelles experimento agora,
antipodas ficamos em tal hora,
mas em falta de suas luces bellas,
não lhe podem tirar serem estrellas.

Dizem que quando amor andou na escola
lhe ensinara que a boca de Filena,
& seu nariz lhe fosse, quando escreve
ponto de hincas virgula de neve,
& se morrerá dessa enfermidade,
presumo na verdade,
que salvarse em tal hora poderia;
pois era gloria quanto nella via.

Ao breye interpatente sis de vida;

ACADEMIA VIII.

rendida estava esta fermosa Dama,
quando amor em vós alta assilhe clama;

Filena acorda; irá fôr a vendedora
olha que perdes a melhor fazenda,
que as Indias produzirão mais remotas,
olha que incantamente de ti lanças
o que ellas te offerecem por tributo,
tanto assi que o ihesquro refetido
a teus pés o verás offerecido.

E como o Sol na sua luz primeira
apparece nas poitas do Oriente,
cuja luz se não conta por ardente,
sendo os rayos que ostenta brilhadores,
não rayos verdadeiros mas fulgores,
abre Filena os olhos neste aperto,
& no lustro que teve, he muito certo
não podia deixar por assustada,
de ter a circunstancia de enfiada.

O pé busca, & por certo dizer posso,
que o buscava com mais propriedade,
& assim fui na verdade,
que por pequeno o pé não duvidava,
que perdido na cama o procurava,
eu o julguei sem dúvida perdido,
porém como seu pé era o ferido,
cuido nutra Filena o descubrira,
se o rastro de seu sangue não seguira.

Com modéstia Filena o pé descobre,
quando hum jardim à vista se offerece,
onde açucena, & rosa,
sobre qual delas seja mais fermosa,
mostravão bem renhida competencia,
por averem de ter a preferencia,
& distinguir não pôde meu tentido,
qual tenha em ser mais bella prefeição,
& porque nada no jardim faltasse,
quiz a sorte lograsse
húa corrente de coral luzida,
da fonte de alabastro procedida,
apparecer os rayos não quizerão;

poque discretamente conhecêão,
que de Filena o pè nesta porfia
Príncipe de la sangre presidia,

Se alguem vira a Filena desta sorte,
quando em sangue seu pè tinha banhado,
presumira no sangue que vertia,
qual diamante seu pé lavrar queria.

Filena toma o sangue, & tão constante
que da luz não eclypla o menor rayo,
nem se rendeo ao minimo delmayo,
& julguei que não foi a vez primeira
(por isto não me espanta)
que Venus vio ferida a bella planta,

ROMANCE.

De Antonio Lopez Cabral.

Marecella da minha vida,
dizei de que estas enfermaz,
referime vosso males,
minorareis vosas penas.
Dizemme que estas langrada,
quem me dera, quem me dera,
que essa vea dos rigores
fosse da langria a vea.

Dárvos brinco de sangtia
minha aféição bem quizera;
porém teme que por doce
vossa retrato pareça.

Se vossa louro cabello.
a minhas ordens tivera;
fizera de ovos reaes
húa bem feita capella.

Por ser na alvura tão rara;
he tão branca vossa testa,
que por feita de alfenim,
meu amor vo la offereça.

Por vos dar hum lindo doce
nessas vossas sobrancelhas,
vos dera para o fastio
raizes de escorcionearia.

São tão verdes vossos olhos,
que por elles eu vos dera,
sobre pastilhas de boca,
limoensinhos de conlerya.

Que erão confeitos de rosa
vossas faces eu distera,
pois tem dos brancos cor brácas
dos vermelhos a vermelha,
Por branco he voso nariz
de tão refinada mescla,
que pudera ser por lasca
fino açucar da Madeira.

He vossa boca por doce
breve beiçinhos de freira,
se não he de hum maçapão
(por encarnada) se reja.

Quando partis essa boca
mostraes nos dentes por ella
mil perfeições marquesinhás,
finas amendoas confetitas.

Vossa garganta por fina,
tão sonora gárgantea,
que quer mostrar por suave
ser de diagargante feita.

Vossa

Vossos peitos cristalinos
tanto meu amor respeita,

que por finas bolas de ovos
nesta ocasião os tivera,
São tão alvas vossas mãos,
que por brancas eu dissera;

que nellas vos poz por dedos
caneloés a natureza.

Se em vossos nevados pés
a branura se recres,
por partidos caramellos
meu amor yo los presenta.

O m'is que aqui não declaro,
por não ser dado ao posta,
pudera suprir a falta
de toda a fruta cuberta.

Se lois brinquinho de alcócos,
sereis da sangria a prendia,
que nada eu podia dar vós,
como daryos a vós mesma.

Desmayais vos minha vida,
não sabeis que assi me peza,
porém assi desmayada
dais lições ás açucenás.
Deixai que corra esse sangue,
& dai ás Rosas licença,

que só com vossos desmayos
serão encarnadas ellas.

Iá que de vossos rigores
procede minha doença,
deixai que esse sangue corta;
só para que eu convaleça.

Que se prediga á ferida,
langue ás olandas dispensa,
justo h'ê que derrame sangue
quem beber o meu deseja.

Mas não deixais que he crueldade,
que tanto rúbl se perca,
se não he que por ser dura
queréis dar por sangue pedras.

Que tenha vossa rigor
com meu amor tal senreira,
que sómente para mim
nem carne, nem sangue tenha.

Se dizem que he o amado
eo amante h'ña coula mesma,
olhai que he meu esse sangue,
pois me corre pell as veas.

Não querais que diga o mundo,
que foi tal vossa inclemencia,
que fizestes ás olandas
contra meu amor bandeiras.

ROMANCE.

De Sebastião da Fonseca, & Paiva.

Senhora Marica, he certo
que o Doutor sangravos manda,
vos doente, & eu com vida,
eu com vida & vós sangrada.
Como se estás tão fermosa,
& tão luzida, vos sangra,
se em vós o pico se pica,
para que he vertos picada.

Nunca vejo a bella Aurora
mais luzida nem mais guapa,
porque vós trazeis doulos lodes,
ella a penas traz hum de ancas.
Vós andaeis toda de neve,
ella de taes cores anda,
que parece muchachim
na festa da Annunciada.

Outra dança temos nós,
mete-me em bea; ha tal graça
que me peça a musa agota,
que pinte Marica em dança;
Em sum se isto he mão perdida,
venhão chacotas à praça,
que a procissão da Cidade
vem hoje em sinal de graças.
He Matica pôr izenta,
por fera, & por deshumana,
há serpe, com quem brinca
o rapazinho da aljava.

O carro dos hortelões
saõ do seu cabello as tranças,
que he feito todo de louro,
& quebra a cada passada.

Atesta lie (Deos me acuda)
a dança da bugiganga,
que parece que está morta,
toda neve, & toda branca.

São arcos as sobrancelhas
das dançadeiras de Alfama,
donde travegas minipas
tirão a terceiro as almas.

Da mulatinha a chacora,
saõ dos olhos as pestanas,
que se lhe dança de capela;
ellas nas dos olhos andam.

Os dous gigantes sómente
saõ os olhos desta dama,
& o nariz pay dos gigantes,
que entre os dous gigantes baila.

Dançadeiras saõ as faces
de colares, bem ornadas,
pois de Colares também
saõ as maçãas encarnadas.

São os nacarados beiços
lindos boi latini de Itali,
que sendo a guerra da vista,
saõ do gosto a paz mais franca.

A dança dos instrumentos
me parece a linda barba,
que entre contorncias ricas
sempre a vejo andar quebrada.

A giganta me párete,
a sua rica garganta, nel aço
que por se prezur de altiva,
sempre sobre os hombros anda.

As mãos, com certeza affusto,
que lão do terreiro á dança,
pois vestindo se de neve,
sempre andão com dez espadas.

O carro dos tançeiros
me parecem as espaldas,
pois nos dous arcos dos hóbros,
cae segura a garganta.

Os peitos saõ duas Pelas,
& tão pequenas rapazas,
que por serem fatigue leite,
inda parecem de mama.

Os pés serão dâncadotes,
por fazerem bem mudanças,
não o que dança o canários
mas o canário que dança.

Vem senão quando o barbeiro,
que o seu saltarello baila,
quando tem organa nostra
na fenda dependurada.

Bate à porta com tal presta,
que fica a dama assustada,
pede luz fecha a janelha,
poem sobre a cadeira a capa.

Mete a lanceta na boca,
ata a fitaço tacto apalpa,
& ao passar do braço à vez,
sentio Marica a borrasca.

Desmayada, o rostro inclina,
& andou Marica acorda,
pois le lhe roubão leu sangue,
vai traz do tesouro, que lama.

Com borrifos de meus olhos
tornou a si quebrantada,
& voltar a se ao barbeiro,
se não estivera tão fraca.
Ficou bella, & carinhosa,
ficou sendo ativa, branda,
que como o sangue perdeu,
não soube mais ser fidalga.
O quantos retratarão
Marica assi delmayada,

fazendo a testa atadura,
lanceta o nariz delgada,
Os cabellos listão dourado,
os beiços fonte de nacar,
caramello o braço rico,
os olhos pucaro de agoa,
Mas por fugir do commum,
quiz em dança retratá-la,
que para os que são doentes,
he melhor que enterro dança.

ROMANCE.

De Antônio Serrão de Crausto.

CVido que ainda não cessamos
de fallar em Atalanta,
que o mesmo he dama corrête,
do que dama delatada.
Hoje a todos os Poetas,
a vya se lhe desangra,
po que hão de ser os efeitos
assí compaixão as causas.
ANile temos doente
sangrada, & mais desangrada,
não sei se no braço, ou pés,
que o assumpto o não declara.
Quem tem sangue faz chouticos,
não os fará a coitada,
porque quanto sangue tischa
hoje tem querer derrama.

Fabio lhe vem acodir,
& a pobre de Nile acha,
las yenas con poc i sangre,
bem ferida, & mal atada.

Não lhe pode distinguir
a cor da colcha da cama,
que entre lo roxo, y lo verde,
a cor já tinha mudada.

Fogelbe o sangue do corpo,
vendo a Nile delmayada,
que ate em ficar tem sangue
a ambos amor iguala.
Sempre foi tão liberal,
Nise, a quem com ella tratá,
que por lhe dar quanto tem,
o sangue das veas larga.
Não foi culpa do barbeiro,
que elle a venda bem lhe atava,
mas a culpa foi do amor,
que para si a desata.
Hoje rios de rubis
temos em fontes de prata,
& por canos de zafiras,
diluyios ha de granadis.

Hoje a neve está purpurea,
& a purpura está nevada,
a escarlata feita aminhos,
os arminhos escarlata.
Outra Venus temos hoje,
que estando no píe picade,
não só húa Rosa tinge,
todas as flores esmalta,
Hoje

Hoje a folha de hum papel,
que na brancura avantage,
da açucena a branca folha
com sangue está rubricada.
Todos quantos vem a Nise
qualidade tem fidalga,

não só tem sangue no olho,
nos olhos o sangue lhe anda,
Já cheguei às quinze coplas;
onde este romance acaba,
se o sangue não estancou,
a minha veia se estanca.

ACADEMIA NONA,

Em que foi Presidente

JOAM AYRES DE MORAES.

Em 14. de Dezembro de 1664

Orou da maneira seguinte.



STA he a segunda vez, que minha infusſiciency occupa esta Cadeira, & na verdade fora eu o mais discreto, se (receando os que a illustrarão tanto) com mais justificadas razões me acatelara aos perigos, que por levata da me promette, que

Felix, quem faciunt aliena pericula certum.

Húa vez accitei, & mil me arrendi, porque conhecendome não ser para tanto pezo Atlante, era força temesse as obrigações deste dia, maiormente quando nelle dei tanto ao través com este luzido cargo:

Hie currus est Phaeton.

Mas se

Turpius egitur cum non admittitur hospes.

He força mostre que obro melhor na obediencia, q no sacraficio; E assi-

*Os braços cruzo & as minhas armas rendo,
Que eu debaixo das lanças me defendo.*

Mas ah! a quê arrojo inutil, se a sorte me tem desenganado? Que poderá dizer quem se considera destituido do flôrido do estudo & do cõceito! Esta consideração fazia à meu desejo, quando entre os cuidados, que me despertavão, & os receos, que me opprião, me animou vossa benevolencia. Animado com esta, me determinei resoluto a dar princípio a minha Oraçāo, & começando o discurso a desenrolar as vellas, fui vadeando os baixos de minha insufficiencia, aqui nas scillas da incapacidade me vi perdido, alli nos cabrides da ignorancia me vi allagado, mas como o nome de amigo atē os coraçoēs barbáros rende:

Nomen amicis barbara corda moveit:

Me servio de mais seguro lenho a maõ da curiosidade, a quem eu em algnm tempo tive pôr fiel Achates de meu desvelo, a qual tomandom e pella mão, me levou a hum alegre campo, onde parece tinha todo o seu imperio Flora, onde só cegandom e o trépido do temor, me disse estas palavras:

Depostas as duplicadas razoēs, que tês para sentires teus pezares, te rogo me digas por agora, quem a este lugar te ha conduzido? Saberás amiga (he respondi, hum tanto mais alegre, por entender que alli topava a ditta, que anciolo buscava meu cuidado) que não sendo eu suficiente para discípulo, fui eleito para Presidente na Academia dos Singulares de Lisboa. Consideraime sem vista para estudar cuidadoso, se talento para presidir discreto, & o peor he; sem quem movesse a pena a meus dictames, que supposto diga o Filosofo: *Menon opportet studere, sed studuisse; bem deve entender, que a terra que o lavrador não fende cõ o arado, dà em setaōs o que havia de propuzir em fructos:*

Negletis urendam hylix innascitur agria.

Esta he a causa que me obriga a investigar algum assump̄to, em q possa fundar minha oração já tão forçosa; se podes benevolia valerme, quizerá me não desemparrasses por agora, porque ajustandote comigo, facilmente conseguirei dito so a minha empresa, que *cum duo concordes veniunt victoria certa est*. Como já me appellidaste amiga, tornou a curiosidade, corre-me por obrigação o soccorrente, que foi sempre discreto lanço da nobreza, o valer a quem se socorre della, quanto mais na afflīção que representas, me será já forçoso hoje o valerte; pello trabalho se conhece o verdadeiro, como disse Ovidio:

Scilicet ut flum spectatur, in ignibus aurum.

Tempore suo duro est inspicienda fides.

Nenhum outro lugar proseguió ella, podias buscar mais adequado a seu.

leu intento, que este a que te guiou a ventura, porque nelle ; ainda que entre os laberintos de hum encanto, se faz hoje húa aparatoso ^A de-
mnia; assistirlhehas curioso, & do que nella ouvires, melhor se te facil-
tará o que prerendes; & a penas com húa vara que na mão levava, a ter-
ra toca, quando com hum tremendo trovão, que parece de seus exes ca-
hião essas cristalinas espheras, & a terra para recolhelas abria as horrí-
das entranhas, baixando hum negro chuveiro de grânizo de agoa, aber-
tas as catharatas celestes, senti tambem abertas estas minhas; & assi nos
achamos em outro lugar mui diferente, com cuja vista ficou tão soce-
gado o temor que me havia salteado, que já me considerava nas agoas
letheas mergulhado, pella pouca lembrança que tinha de tornar. Dalli
nos passamos a outro mais vistoso campo, onde a encarnada Rosa vesti-
da de purpura, & coroada de ouro, Rainha das flores se ostentava ; o
vermelho cravo, formando de cada folha lingoa, zeloso de tanta fermo-
sura, publicava a todo o prado guerra; a candida açucena já de medo se
enfiavão as folhas; o cheiroso junquillo em forma de amores da miuda
mosqueta se levantava pálido; a tubarozá está angelica ; o jasmim deli-
cioso, a clavelina alegre, a violeta por mais que se tocasse , estava triste,
o girasol cobarde, & o lirio arrogante, & a todos alentando brandamē-
te o Zephiro, alma nova dava. Dalli pouco distante vi, que despenhan-
do-se com tanta violencia de hum risco levantado hum caudaloso rio, no
furioso romper das escumosas agoas, qual outro Alpheo buscava fugi-
tiva outrá Aretuza, & como de tanta prata se ostentava prodigo, també
com ella argenteava a terra de hum visinho bosque , ultimo adorno do
campô dilatado. Alli entre os densos ramos das arvores copadas , que
tocando hium laberinto verde, servião de dilatadas adargas aos lumino-
sos rayos do Planeta luzido, se ouvia o Roxinol suave , que na melodia
de seu canto das tiranias de Tereo se estava ainda queixando, o palreiro
Pintacilgo no farpado de sua lingua cantava tão suave, que a corrente
do arrebatado rio, esquecida do natural curso, q parece por ouvilo em
lamber os pés das circumvesinhos flores se detinha; o vulgo dos outros
passarinhos formando alternados choros de desmarchada musica, huns
levando o costumado sustento aos saudosos filhinhos, outros brandamē-
te cortando o ar sereno, estes sobre as brancas pedras do rio lavando os
clarins dos biquinhos, aquelles de flor em flor, & de ramo em ramo, ro-
mando estreita residencia aos tomillhos, fazião alegré pasmo à vista, &
deleitavel admiração aos mais fentidos ; de húa parte já mordido dos
galgos o convertido Acteon enredado nas râmas, se attedia avaliar por
melhor a delgadeza dos pés, que o frondozo das pontas; da outra se ou-
via o rugir do Leão, o bramir do Touro, o uivar do Lobo , o berrar da

Cabra, o ballar da Ovelha, o saltar do Cordeiro, o correr da Onça, o
finchar dos Cavallos, o latir dos Caens, & o vozejar dos Cassadóres; em
fim que tudo era pasmo, & tudo admiração era; mas como o Sol já cor-
ria estampado a estampar o luminoso dos rayos em laminas de vidro,
guiamos o lento passo até húa bem quadrada sala, em cuja fronte, em
letras de diamantes se lião estas palavras:

Domus Sapientie.

E em seu principio entre duas cabeças, que formavão hum monte se via
húa fonte deleitavel, que descarregando medonhas carrancas de hú du-
ro brônze, sobre pias de candido alabastro innundações de cristalinas
agoas, me convidou alegre a nellas mitigar meus ardores; & a penaç vi-
tinha por remate a figura do Pegaso, por cujo pé rebentava húa trosso
de cristal derretido, quando me considerei na Cabalina, em que enve-
joso da Poesia, me desejava banhar ha muito tempo; mas como *Nihil fit*
ab omni parte beatum, me divertio deste intento o repentina estrepito de
muitos ataballes, o alegre de innumeraveis clarins, o suave de infinitas
musicas, a quem buscando eu curioso, meachei em outra tambem qua-
drada casa, cujo techo era de diaphano cristal; nas paredes se vião es-
culpidas todas as fabulas dos Poetas, que deixo de repetir por ja sa-
idas; o pavimento era de alabastro; no meio della se collocava humtro-
no de ouro, a quem cobria o claro do diamante, o azul da zafira, o ama-
rello do topacio, o branco da pèrola, o encarnado do rubi, & o verde
da esmeralda, em cujo resplendor a minha de novo se cegava. Susten-
tavão a este globo de lúcidas estrellas tres figuras, a que o lugar do meio
occupava, era a da Poesia, que vestida de hum pedaço de Ceo, na
mão esquerda tinha huma frauta, & huma lyra, & na direita, com
que da cabeça tirava húa coroa de verde louro, húas bordadas letras,
que dizião:

Accipe pro meritu, pramia digna tuis.

Na parte esquerda estava o Sono, que representado em hum bem dis-
posto mancebo, vestindo negro razo, semeado de estrellas de branhida
prata, na mão direita tinha a vara de Morfèo, & na esquerda em tarjas
de ouro com letras negras, este verso de Horatio:

Quandoque bonus dormitas Homerus.

Pizava a figura da Morte, que recostada sobre o braço direito, no ei-
quierdo em tarja de negro Evano em letras entalhadas de marfim candi-
do, se lia este verso:

Sultus quid est somnus, nisi gelida mortis imago.

Da parte direita estava o Desvelo, figurado em hum mancebo de rostro
palido, que vestindo roupas moradas, sobre hum vigilante dragão, na
mão

mão direita tinha a bôlla de metal de Aristoteles, aos pés a sua bacia, & no braço esquerdo em tarja de ouro guarnecidá, aquelle verso de Juvenal:

Ad te nocturna iuvat implescere chartis.

E depois de haverme rebatado hum extasis os sentidos adverti, q chegandose a mim a curiosidade, me disse estas palavras. Este he o lugar a que meu amor te ha conduzido. Apollo he o que preside, os que assistem saõ os gravíssimos Poetas deste encanto, tu ouvirás agora o que pretendes, eu sempre te hei de acompanhar como fiel. Mal havia posto o ultimo fim a estas palavras, quando tornandome pella mão, & sentando-me em hum dos ricos assentos, que para o concurso dos Poetas estavão prevenidos, vi que lobindose Apollo ao exelso do trono, tirando a diadema dos rayos, como já em algum tempo a Phaetonte fizera:

Deposuit radios, nū sūḡ accedere natum.

Tomando por assumpto a nossa empresa, começou desta maneira.

Solaq̄ non posunt hæc monumenta mori.

Supposto que os prestantíssimos Presidentes nas Academias passadas tẽ esgotado as excellencias da poesia, hoje que minha Deidade vos assiste, me corre por obrigação o intimarvos a gloria, que o heroyco de vossas obras vos promete que estas saõ só as que immortalizaõ os discretos; a experiençia nos ensina esta verdade, que vemos a muitos, que querendo eternizar seu nome, muitas vezes gastando a vida no difficultoso de hum empenho, nem por isso melhor se immortalizão, que só aquelles, que com a pena na mão illustrarão seu nome, julgamos por eternos; a muitos canta a fama de sua trombeta nos aplausos, não sendo ainda bastantes para repetilos seus multiplicados eccos, que esta perpetuidade não tiverão, porque sendo esta honra, ou pella força de seu braço aquirida, ou por mãos da ventura grangeada, como seja honra, que lhe concedeo o tempo, as Heras lha destroem, mas como nos Poetas assista minha influencia, he certo suas obras haõ de permanecer eternas. *Solaque non posunt &c.*

He muito para admirar o desenho com que hum Principe em húa estatua, que a si proprio mandou levantar glorioso, quiz que melhor se lessse o nome do Princepe orador, que triumphante; & certo foi esta de seu engenho a mais aguda traça, porque parecendolhe que o tempo podia escurecerlhe o nome de Grande, quiz que melhor se gravasse nella de orador o melhor nome, conhecendo, que se o tempo a tudo diminuesse: *Damnoſa quid non eminuit dies* não podião as idades profanarlhe o sagrado do nome de entendido: *Solaq̄ &c,*

Se repararmos en quantas cousas em si contém o universo todo, acharemos, que nenhum a permanece. Morrem os Reys, & acabão os Príncipes, sive Reges, sive Príncipes erimus coloni; porque a morte tanto se oppõem ao sceptro levantado, como ao cajado humilde, tanto se atreve aos Paços de hum Rey, como à chossa de hum Pastor.

Aequo pulsat pede

Pauperum tabernas, Regumque turres.

Vereis também o sumptuoso de hum Palacio, em enja levantada obra empenhou todo o resto da arte o artifice excellente com a injuria do tempo derrotatse; porque o tempo vil, que tudo troca, & mudia, fez que fosse ruina o que foi paismo, & que cahisse estrago o que foi admiração; arruinão se os edificios, caem as torres:

Excelsæ graviore casu, decidunt turres.

Ao levantado outeiro com a continuaçao do tempo vereis campina raza. As arvores, que por levantadas coroaõ essas esferas de verde rama, quando não as postre o tempo, as abraza hum rayo:

Ingentes quercus annos fulminat annos.

A pompa das flores não dura mais que hum dia; *Tam brevis una dies; tam longa aetas rosarum est.*

Vede vds o que faz o tempo! Hora passemos da injuria destes á eternidade do nome; aquelle á tudo diminue: *dumno si quid non*, & este sempre permanece, porque não menos que hum Deos lhe assiste: *Est Deus in nobis.* E por isso elcapa á imortalidade do esquecimento:

Sola que non possunt, &c.

De grande crédito servem as letras aos viventes. Pellas armas passaram muitos do vencimento à Ovação; da ovação ao triumpho, do triunfo ao imperio, mas toda esta honra em húa coroa de louro se cifrava. Escrevem lhe os historiadores á vida, mas não lhe eternizão a morte, vivem honrados, mas não vivem gloriosos, podem levantar-se grandes, mas hão de acabar abatidos; porque como a ventura encontra sempre as ordens da natureza, o que começa grande, acaba humilde, & o que começa humilde, acaba grande. Dyonisio, Rey Syracusano, nascendo entre as purpurás rozagantes de Rey, encontroulhe a ventura á natureza, & vejo a acabar mestre de mininos em húa escola humilde. Bajaceto vestindo húa marlota, a quem bordava o confuso de varia pedra-ria, vejo a morrer em húa gayola. Tamo lham soberbo pella coroa chegou a tal miseria, que servia de escallão para o mesmo Bajaceto subir a seu cavallo. Pello contrario Socrates, sendo humilde Escultor, deixou o officio, deuse ás letras, fezse Philosopho, & acabou glorioso. Anaxagoras envejoso da immortalidade, deixou ás riquezas que lograva,

como

como se estas lhe servirão de impedimento para a gloriaa que aspirava, deuse ás letras, & sabio Philosopho, & cõfessou que não fora elle eterno, senão pefecção ellas: *Non essem (inquit) ego salvus, si isti non perissent.* O Philosopho Bias, navegava imprudente o manso focego das maritimas agoas, fazendo o liquido elemento, siguidilhas de cristal, quando baralhados os ventos se trocou em levantados Alpes, o que dantes era focegado tapere de boninas, & a nao em que fiava as suas grossas fazendas, vio rotaçãs as vèlas, quebrados os mastos, & despedaçado o lenho, & a penas em húa estreita raboa a vida salva, quando arrojado de húa onda à terra, caminha a Athenas, dasse aos estudos, & sabio Philosopho, & avaliando por melhor o que aprendera, que o que perdéra, rebentou nestas palavras.

Tunc secundis ventis navigavi, quando naufragium feci.

Ahi! que então navegava eu com as vèlas cheas, quando me perdi, donde se infere quanto melhores saõ as terras, que as Monarchias, quanto mais se avalião os estudos, que as riquezas. Eagora venho eu a entender em o que disse o Poeta, que cedessem as armas, às togas, & os louros às letras:

Cedant arma tote; concedat laurea lingue.

Quatro, a meu entender, saõ as columnas, em que a machina do mundo se sustenta: Nobreza, Armas, Riqueza, & Letras. Dilataóse os imperios pello sangue de hum Principe, que os governa, porque se faltat a cabeça, perecerão do Reyno os outros membros, que

Cum caput dolet; cetera membra dolent.

Amplificase pellas armas, como bem se colhe de húa justificação, que à patria dava hum moribundo soldado: d'patria (dizia elle) *utri equidem o-filio, & opere non defiu.* Pellas riquezas se sustenta, porque as riquezas saõ os nervos da Republica, & pellas letras se conserva: *Salus autem ubi bona.* Conhecendo bem hum Princepe esta verdade, mandou levantar a hum Philosopho mais de trezentas estatuas, porque se conhecesse, q se a morte teve jurisdiçao para tirar-lhe a vida, não a teria para tirar-lhe a fama; mas que muito se preservandose da immortalidade, fazem se pouparam vidas, & não se arruinarem as cidades, como bem contão as historias de Alexandre, que perdoou a Thebas, por estar dentro d'ella o grande Pindaro, mas não me admiro, que sobejando os creditos da fama, remontarão à eternidade a muitos; digaõno os Romanos, de quem escreveo Titulivio; digaõ Alexandre, de quem escreveo Quinto Curcio; digaõ Mecenas, de quem escreveo Horacio; digaõ Eneas, de quem escreveo Virgilio; digaõ Ulysses, de quem escreveo Homero; digaõ Græ-

ACADEMIA IX.

232

Grecia de quē escreveo Solō, & os mais. Em fim só este attributo se deu aos entendidos, porque se o tempo os podia acabar a elles, elles souberão vencer ao mesmo tempo: *Solaq, non possunt;* &c.

Que os entendidos eternamente vivão, a experiência o mostra a muitos, como já dissemos, canta a fama excelsoſ Príncipes, Cresſos ricos, Capitaēs valerosos, estes dominarão imperioſ aquelles lograráo honras, eſtoutrōs ſubjectarão povos. De Alexandre diz Horacio, que para dilatar mais ſeu imperio, atē com dadiuaſ fendia das cidades as portas inimigas. Os Ricos brilharão honrados, porque as riquezās as honras lhes concedem, como diz Claudio: *Dit censuſ honores.*

Censuſ amicitias, pauper ubique jacet.

Os Capitaēs expertos embraçando o escudo, & empunhando a espada, tambem contarão as honras pellas feridas, que, *quod vulnera, tot decora,* como lá bem diſſe hum Valeroſo, mas a estes não lemos que os eternize a fama, porque este merecimento só se estende aos entendidos, como do verso conſta: *Solaq,* &c.

He o entendimento o ſol do nosso pequeno mundo; véreis q quando o terreno está com a capa de eſtrellas rebuçado, alma nova lhe dá o Sol, quando nos Orizontes ſae luzido com suas luzeſ, ſe retirão as ſombras com os ſeus rayos, as nuvēs ſe desfaſem, em fim que tudo fica claro, & tudo alegre ſica. Do mesmo ſe nos communica a Scienſia, nas penas alivio, conſolação nas queixas, nas ſoledades companhia, & alegria na maior tristeza, como diſſe Ugo: *Si quis familiariter scientiam amaret discerit, & ei sapius vſcare voluerit, jocundum valde reddit vitam. & maximam in tribulatione preſtat consolationem.* Ahi nessa empreſa tendes patente a prova. Que outra couſa vem a ser esse Piramide, por trazernos à memoria a morte deſſes inſignes Heroes, mas que hum tumulo funesto, porém como o Sol lhe communica os rayos, iſſo que atēgora foi monte de cinzas levantado, hoje o vedes de luzeiros trono, porque aſſiſtindole Apolo, fecundo pay da Scienſia, eſſe tumulo de horrores ſe reduz a thearto de luzeſtos, & tanto ſe avantaja a tudo o mais a Scienſia, q parece que atē à mesma virtude ſe avantaja. Não o digo eu, diſſeo Chriſtſomo: *Præcedis enim scientia virtutum cultum.* E a razão que dá hea ſeguinte:

Quia nemo potest fideliter appetere quod ignorat,

Et malum niſi cognitum ſit non timetur.

E tem razão na verdade, porque só ſabe fugir ao mal, & seguir ao bē, quem logra os attributos de entendidos: *Solaq,* &c. Mas para que me canço em encarecer os louvores das ſciencias, ſe ella naquelle verso eſtā publicando a ſua grandeza, esta fazendo os entendidos, vos mete

nas estrellas. *Sapiē, dominabitur astris.* Se estas pela prudēcia, & vos intiv-
vos faz de Deos amados: *Dei sapiētes amant, & oderunt maledicētes.* Estas pelo
conhecimento das couzas eternas vos izentão das culpas: *O terreni pet-
care boni virtutis amore.* Esta em fim vos faz sagrados, quando Poetas,
como diz Ovídio:

At sacri Vates, & Divum cura vocāmur.

Com armoria confusa de varios instrumentos, deu alegre fim à sua
oração o louro Apollo, deixando saudosos os ouvidos dos encantados
Poetas, & depois que os doutos Mestres derão fim a suas scientificas li-
çōens, & o discreto Secretario leo suas elevantes obras, finalizouse a
tarde com hūa alegre musica das Musas, de cujo adorno, & gala, o pa-
fmo seja a retorica, & o emmu-decer do discurso; logo se chegou a mim à
Curiosidade, dizendome estas palavras. Estimarei que a oração, que
ouviste, & a grandeza que a teus olhos tens presente, servisse de delei-
te a teus ouvidos, & de utilidade a teus intentos. Mas porque o Sol já
busca saudosos os braços de Thetis fria, busquemos tambem a mesma
saída d'este encanto.

Agradeci os avisos à minha Curiosidade, por motivarme os dese-
jos de vos assistir diligente, & assi nos apartamos saudosos, porque com
a continuaçō daquella breve tarde, já tinhão crescido em nós efféctos
novos. Agora quizera eu satisfazer as obrigaçōens deste dia; mas por-
que o Sol a dar luz a outro emisphērio de nós se auzenta, fiquevós pois
por oração desta presente tarde, a que de Apollo ouvistes, que para ser
boa basta ter de sua o nome, se para enfadárvos, o repetilla básta.

Agora pois, discretos Academicos, que vistes a grandeza das sciē-
cias, & que na doutrina de nossos doutos Mestres; dando passo ao uni-
verso todo, com o scientifico de suas liçōens discretas, vedes retratada
vossa gloria, quero en que estimulados nella, não desistaes desta occupa-
ção discreta. Os que saõ jubilados, com muita razão hão de assistirlhe
cuidadosos, porque a nossa vida assi como com o trabalho se consome,
tambem sem elle periga; como disse hum Sabio:

Vita humana simili est ferro; quod si excereas.

Atteritur, si non exerceas, rubigine consumitur.

Oblique bem que entendia ésta verdade Serrano, quando dava ao tra-
lho da laboura as horas que lhe sobravão dos despachos:

Sudabatque gravi consul Serranus aratio.

E os que começo, com muito maior causa, hão de seguir este exercicio,
porque supposto lhe amargue o difficultoso no principio, sempre saõ os
fins mui deleitosos, & quem ha de lograr o doce, ha de passar pellos es-
cameis do amargozo: *Dulcia non meritis &c.*

Direis, como dizem muitos, que não querem ser Poetas, por não serem
lábres, & eu digo que he melhor ser mendigo discreto, que rico nesi-
cio, porque sempre foi consequencia d'á riqueza a necessidade; quanto mais
que por lograr o nome de discreto, deixarão muitas as riquezas, como
tenho já provado, & assi que todos vos dai à lição d'os livros, porque
deste modo então vos poderei dizer o que lá dizia Phelipe a seu filho
Alexandre:

Quare aliud regnum quando te Macedonia non capit.

Com que sendo cada hum de vós credito de Portugal, admiraçāo ao
mundo, será pouco todo para caber vossa grandeza, buscad pois novo
Reyno, & novo mundo, em que caiba vossa nome, quando para elle se-
rão poucos os jaspes, os alabastros, & os bronzes.

Ad Presidentes.

SONETO.

De Luis de Bulhão.

Deu ingenio conoce mi rudeza,
O discreto Orador, y bien advierte,
Que quanto en lóz es te robó la suerte,
Eu discrecion te dió naturaleza.
Si del rigor padeces la dureza,
Por te dar una pena en todo fuerte,
Aunque te puso en sombras de ua muerte,
La dicha quiso darte la viveza.
Si tu vista padece los destoyos,
No los tiene tu claro entendimiento,
Ni los veran los repetidos Mayoys:
Pues oy conosco de tu grave affiento,
Que si la noche te robó los rayos,
El Sol te quiso dar fuluzimiento.

S. O.

SONETO.

De Pedro Duarte Ferrão.

Bolar al Cielo, ó docto Presidente,
Podrás seguro en alas de tu fama,
Sin temer los abraços dessa rainha,
Ni recelar del Sol el rayo ardiente.
Subé a lograr el trono más lujante,
Quando dós veces singular te aclama
El mundo, que en aplausos se derrama
Por oir tu dictar tan eloquente.
Si son del Sol tus rayos tus despojos,
Por ser en ti mayor el luzimiento,
Contra la suerte olvida los enojos:
Que treguas puso el Cielo al sentimiento,
Pues las puertas cerrando a tus dos ojos
Te abrió las del más claro entendimiento.

REDONDIHAS.

De Antonio Marquez.

Que dirá de vos mi pluma,
cuando es tan corto su buelo,
si el querer llegar al Cielo
es querer tocar la espuma.
Mas si es forçoso dezir,
por lo que devo a cortez,
prestadme aliento esta vez
para que os lepa applaudir.
De vuestro orar peregrino
todo el mundo está admirado,
mas si sois hombre sagrado,
que mucho que oreis divino.
Bien mereceis tales cargos,
bien ganais tales despojos,

pues sois Cupido en los ojos,
y en el juicio sois Argos.
No quizistes ser primer
Presidente celebrado,
para que en los que han passado
tuvieses más que vencer.
Nadie llegó a conseguir
como vos en tal lugar
aplausos por el obrar,
triunfos por el dizir,
Quando de tal fuerie oráis
se admiran por varios modos,
de que no mirais a todos,
mas que a todos admirais.

Los que son más afamados,
hazén todos sus aciertos,
los más con ojos abiertos,
mas vds a ojos cerrados,
Desta empresa, aquel postrero
libro, para vds quedó,
que si un Homero le abrió
es bien le cierre otro Homero.
La corriente sin de laires,
que vuestro dezir desata,

es el río de la plata,
que passa por buenos ayres,
De vuestro decir con alma,
bien la victoria se abona,
que pues teneis la corona,
es bien que lleveis la palma.
A nadie seis importuno,
quando orais por tales modos,
que sois bien visto de todos,
aunque no veis a ninguno.

ROMANCE.

De Sebastião da Fonseca, & Paiva.

Víctor senhor Presidente,
vossé nesta casa orando?
de quando acatão devoto,
que he isto, vossé dà chasco?
Se orar quizer outro dia,
occulte-se no seu quarto,
porque in cubilibus vestris,
parece mais acertado.
Dar armas à hypocrisia,
não parece acção de sabio.
& quem ora tão discreto,
não ha de entrar ignorando.
Em extrais vos vi posto,
como se fora desmayo,
dos olhos perdida a vista,
do rostro o ceño mudado.
Fezse junta para versos,
& fustes tão visitado,
que o Secretario de Apollo
não sahio de vossa ladra.
Sangrouse vos tanto a vea,
que estive quasi assustado;
se as arterias do juizo
rasgareis senhor a caso.

Portém não farão rubis,
perlas sim de valor tanto,
que na balança do gosto
sobem quanto mais se abaixão.
De cdt. senhor a dictastes,
sem olhar para o traslado,
que não ha letras à vista,
á vista de valor tanto.
Este maior dos Planetas,
que nos assiste ensinando,
hoje com vossas lições,
quer subir a coroavos.
Estes Heroes, que di fama
são os Perineos mais altos,
hoje de Atlantes vos servem,
posto altivos humilhados.
Estas Heras trepadoras,
que ao Sol se atrevem trepando,
a penas ao pé vos chegão,
porque vos julgão mais alto.
Esse trono que occupaes,
se a muitos tem levantado,
vds hoje o pondes nas nuvens,
para que passea ser rayo.

Os singulares discretos,
que até hoje forão parto
da Cabalina eloquente,
faõ aborto do Parnaso..

Em fim humilhados todos

vos dedicação mil aplausos;

porq quanto mais se humilhaõ,
mais o senhor vos levantão..

Foi assumpto desta Academia húa Dáma ; que
saindo de noite em trajos de homem a buscar a seu
amante, encontrandose com elle, pelejaram sem
se conhecerem, & pellas feridas que se derão em os
peitos, se conhecérão.

(SONETO)

De Pedro Duarte Ferrão.

V Enciendo sombras de la noche obscura
Y salió la bella Nise al campo hermosa,
Dando embidias al Sol, mate a la Rosa,
Que el traje muda amor, no la hermosura.
Con aliento, y valor Celio procura,
Y con armas le busca cuidadosa;
Quando sin conocerle rigurosa
El hilo cortar quiso a su ventura.
En batallalos dós, sue rte tirana,
Los pechos se rom pieron, dura estrella,
Que la inverte procuras, mas temprana:
Mas dexa que el amor todo atropella,
Pues ya por puertas de coral, y grana,
Nise a Celio miró, y Celio a ella.

SONETO

SONETO.

De Antonio Lopez Cabral.

Busca Elisa a su amante desvelada;
 Mudiando el traje en varonil semblante,
 Que no pudo caber su fe constante
 En furos feminiles encerrada;
 En la calle le encuentra, y de su espada,
 Sin conocerle al pecho de su amante
 La punta arroja aguda, y penetrante,
 Por verse de la adversa trastassada;
 Conocense los dós, y en recompensas
 (Delarina olvidando los resabios)
 Sus finezas quedaron más extensas:
 Ya no repiten quexas sus dós labios,
 Que es bien, q un golpe no rubrique offensas,
 Quando ensenán sus hojas desagravios.

SONETO.

De João Ayres de Moraes.

Do penoso de huns zelos mal tratada
 A Fileno procura Aonia bella,
 Que inclinada por força de húa estrella,
 Instantamente o busca desvelada;
 Fecha a seu pendor desesperada
 Os olhos, a bellissima Dóñella,
 E embraçando intrépida a ródella,
 Em gala juvenil empunha a espada.
 Indo a buscálo, encontraõ se, & ferizes
 Pelejão com valor, quando dós aços
 Feridos, se coñecem pellas vozes:
 Mas já presos de amor, forte nos laços,
 Deixão de Marte as armas por atrozes,
 E fazem que o tropheo se ganhe abraços.

S O:

SONETO.

De Sebastião da Fonseca, & Payva.

Para roubar a Fabio a liberdade,
A saltar sahio Anarda bella,
E posto vi bra rayos como estrella;
Outras armas lhe presta a crueldade.
Topa com elle, & com ferocidade
Contra Fabio se tenta contra Arrochella;
Se foi accão de amor, ou da cautella,
Não sei, porém, não fôi coriosidade.
Fabio, que a mesma accão discreto aguarda,
Observando de amor raro preceitos,
Lhe diz cortez, que amor não tem refolhos,
Se para saltar sahiste Anarda,
Já que igualmente estão rotos os peitos,
Aroubar coraçoens, toquem teus olhos.

SONETO.

De Antônio Serrão de Castro.

Hoje aparece Nise Marimacho,
Vestida em traje de homem por capricho,
E de casa sahio como hum esguicho,
A buscar quem por ella andâ borracho,
Seu amante, que era hum Francez gavacho,
Armado também vejo como hum bicho,
E lhe disse ao passar junto de hum nicho,
Tenhase para lá, senão o racho.
Em postas o farei como hum cachuchio,
Ellê a mi moelhei com este arrocho;
Conhecêrão se já picado o bucho:
Ellê de a ver, ficcu feito hum mingochó;
Mais humilde, & mais brâdo, q hû Capucho,
Ella ficou berrando como hum mocho.

Narua dos Escudeiros
Me atirârão c'hum estoque,
Repárei co meu broquel,
Não me ferissem de morte.

G L O S A.

De Antonio Serrão de Castro.

Vizes, Corregedores, Ambos forão pelicanos;
Alcades, & Beleguins, nos peitos ambos feridos;
Escrivaes, & mais Malsins, & entaõ forão conhecidos;
Meirinhos, & Ovidores, depois de terem os danos;
Provedores, Auditores, nacéraõ estes enganos
Almoraceis, & Porteiros, de ella vir feita hum' Maioel;
Zeladores, Quadrilheiros, elle diz, sorte cruel,
acudão, porque ignorantes he muito grande a ferida?
brigando estão douz amantes, não, porque eu já minha vida
na rua dos Escudeiros. reparei com o meu broquel.
Acudaõ com partasanas, Eu Fábio, ó sorte dura,
com chuços, com álabardas, lhe diz Nile, tens grão dor?
com pistollas, espingardas, não por certo meu amor,
com traçados, com caten as, que isto he húa arranhadura;
cacha porras de espadanias, grande foi minha ventura,
com pedra, porque dem coques, & grande foi minha sorte
porque já começa o choque, livrar de teu braço forte,
já Nile ferida hc, & de teus golpes mortaes,
& diz, acudaõ me, que que foi muito golpes raeas,
me atirârão c'hum estoque. não me ferissem de morte.

R O M A N C E.

De Luis de Bulhaõ.

Toda com luto vestida
estava a terra enlurada,
senti mentos inculcando
pello Sol, que se finara.

Era ao tempo que Diana,
abindo essa eitherea lala,
por mais visinha da tecta,
pezame lhe tributava.

Cuido que era quando a noite
pello meio se rachava,
sendo tochas funeraes,
essa maquina estrellada.

Quando hum dom Fabio morcego,
que tanto que o Sol faltava,
piezandose de valente,
rondava toda a calçada.

A buscar Filis sahio,
todo o seu corpo disfarça,
por fôra muito valente,
mas por dentro tudo nada.

Quando Filis de esperar,
cuido que estava enfadada,
em trajos de homem tambem
o busca mui patarata.

Apollo seja comigo,
porque he força retratala;
& pois vai para a peleija,
seja o retrato por armas.

Mil rayos saõ seus cabellos,
que dizem que as marteladas
na forja de seu padrao
o cego rapaz forjara.

Seja a resta por hem feita,
por luzida & por ter larga
o campo, donde Cupido
batalha publica ás almas.

De leus olhos dizer posso,
& das pestanas douradas,
que a qualquer coraçao servem
de setas a hum tempo, & ballas.

Saõ as faces por macias
duas fermosas adargas,
que em redondo se acaitelaõ
com sua franja encarnada.

O perigo da peleija
a seu nariz lhe clama rá,
mas seja hum buido estoque,
que nunca passou de marca.

Sua boca (va de veras)

húa bem feita granada,
que abrindo se julgaõ todos,
que em tanto fogó se abrasa.
E dé leus luzidos dentes,
quaes diamantes procurava
de tanto incendio cruel
lançar matadoras lascas.

A garganta húa clavina,
que nos hombros encostada
der ruba mil alvedrios,
& postra mil esperanças.

Não faz duvida que os peitos
desta valente rapaza,
se não saõ pèlas de chumbo,
que haõ de ser pèlas de prata.

As maõs he coufa sabida,
que lhe chamaõ dez espadas,
& para este caso dizem,
que hum barbeiro lhas prestara.

Mas hum vezinho me disse
que sempre as tivera em casa,
por quanto para Centuria
esta moça se ensayava.

Em leus pés a minha Musa
dous grãos de munição acha,
que em bem ajustados pontos
servem de gostosa carga.

Naõ quiz levar vigoteira,
no que andou bem ajustada,
que Fileis nunca bigodes
reve no rosto, nem barba.

A qual, porque não deixasse
nesta hora de ser arma,
era hum sexo bem roliço,
por redonda & por locada.

He certo não quiz trazer
consigo laya de malha,
porque vindo em traje de homem,
a quiz recular por laya.

Po jem não deixa com tudo
de hir por dentro bem armada,
pois por baixo do vestido
vão noil laminationas de ptata..

Se vai a fallar verdade,
ella vai mui carregada,
temo não se possa ter,
& que na pendencia caya..

Por minha vida que fermo
que se Fabio a encontrará,
do modo que a retratei,
dentro no Ispaô parâra..

Sabio Files desta sorte,
& com tudo iuda levava
mil delicias à nerona,
mil perfeições agastadas..

Considera aqui o Leitor,
se o Meirinho a encontrará,
& lhe apalpara os calções,
como estaria esta dama..

Mas ella zombava disso,
supposto naõ tinha vars.
Alcaide foi de entremez,
& denoite meirinhava..

Ao dobrar de húa travessa,
a Files Fabio topava,
& em seu canto cada qual
se pozem som de batelha..

Ao passado Presidente,
agora lhe perguntára,
que caula estes doux tiverão
para virem ás pancadas..

Epi o caso (so que eu presumo)
que entre ciumes, & raiva
Fabio imaginou que o vulto
a Files solicitava..

Procurando conhecelles,
Files occultou a cara,
& puxando das tizonas,
logo se vitaõ celladas..

Ambos crueis te ferirão,
nos peitos & colmo estava
no peito de Files Fabio,
& Fabio em seu peito guardia..

A Files, não era muita,
que por estas estocadas,
para que se conhecessem
a vista tivesse entrada..

Mas foi muito ver denoite,
emfim cada qual te abraça,
& muito simplez os doux
se metêrão dentro em casa..

Se o retrato pareceu
pará, iste não vai nadis,
por quanto por parvoisse
se retratão boje as damas..

ROMANCE.

De Antonio Serraõ de Craijo.

POIS todos fazem retratos,
he bem que hum retrato faças,
mas serà ríco feitio,
que pellas tuas te acha..

He Nise rua das flores,
& tambem tua da graça,
mas todo o amante que a vê
tua ferrugosa lhe chama..

He certo que seu cabello
na rua da ciepa anda,
na dos ouives de ouro,
& tambem na tua larga..

Seja a testa boje o Rocio,
pois tem arcos com tal gala,
cada qual o arco do ouro,
em que amor flechas dilpara..

Nos olhos a boa vista
sempre está serena & clara,
& poi hit no pino vai,
a rua do Sol abrala.

Aqui nas janellas verdes
duas meninas rasgadas,
se não o bairo da Estrella,
tambem não o da Esperança.

A da Rosa das partilhas
em suas faces se aparta,
partilhas iguaes fazendo
entre neve, & elcarlata.

O nariz raa do outeiro,
se não he a da Atalaya,
ou na rua da ametade
he marco, que amor levanta.

Outros que o vem entre flores
dominare em Rosas tantas,
o pocinho dentre as hortas
dizem que he bem se chamara.

A boca à boca da rua
minha musa não compara,
que he beco da fermosinha,
ou he a porta almagrada.

O amor Casa da India
a fez porque sempre exhalá
ambar, que sempre respira,
aljofar, que sempre guarda.

A ruia de barba ledia
he sua barba engracada,
se não he marco salgado,
pois húa covinha o marca;

Será o canal de Flandes
a sua bella garganta,
pois sem ser a Noruega,
tempre he neve congelada.

As mãos, & dedos por hitem
aos ourives da prata,
passaráo pellos torneitos,
& ficaráo torneadas.

O peito cupbal das bollas,
se não ssó as de Athalanta,
he porque a prata ao ouro,
he certo aqui se aventaja.

Os pés se ssó dous bequinhos;
que como hum ponto só calça,
o beco de cabe hum só
he hum, & o tro o das damas.

O demais saõ os cubertos,
& que seja, amor me manda
beco de deixio estar,
& que o assumpto me parta.

Que esta dama por ver ruas
húa noite se disfarça,
trocando-em espada a roca,
em cálçoens mudando angoas.

Em busca de seu amante
sahio com espada, & capa,
parecendo o que não era,
quando o que era occultava.

Ser bella Venus encobre,
ser hum Adonis mostrava,
& tendo as armas de amor,
hoje traz de Marte as armas.

Ao dobrar de húa esquino,
seu amante que chegava,
& travarão se em razões
sobre elle passa, ou não passa;

Não se jugava a brincar,
que servia a cutilada,
cho vião talhos, revezes,
ferião lume as espadas.

Elle libe tira húa ponta,
que ella co broquel repará,
mas chegando inda ao peito,
ficou conhecida a dama.

Este tem sido o assumpto,
os conceitos, & as graças;
me ficarão no tinteiro,
não vierão hoje à praça.

ACADEMIA DECIMA,

Em que foi Presidente

ANTONIO LOPEZ CABRAL,

Em 21. de Dezembro de 1664.

Orou da maneira seguinte.

HE milagroso portento, & excesso inaudito de mais adversa sorte, ver que até esta insensivel Cadeira não se izentou dos giros da inconstancia, pois sendo atè o presente occupada de tantos sabios, illustrada de tantos Mestres, subida de tantos engenhos, por ser pianha de tantos Heroes, throno de tāros Oradores, se vê hoje epilogo de ignorancias, centro de incapacidades, & archivo de imperfeiçoes: mas se as memorias do bem passado podem suavizar males presentes, & se as lembranças da gloria valem para alivio das maiores penas; bem pôde consolarse com haver sido base daquelles Athlantes, q com uervudos hombros sustentârão a machina de feus ponderosos juizos, & daquelles Anthéos, que soubерão dividir os mais difficultos laços. Conheça que navega inconstantes mares, & variados golfos, & entenderá que subio às estrellas, quando se vio illustrada; se conta agora as areas em verso desluzida.

Que dirá quem me vir na Cadeira, vendo tantos Mestres por ouvintes? Que dirá quem vir minha incapacidade diatar, estando mudos tantos Oradores? Que dirá quem vir minha rudeza presidir a tātos politicos? Que dirá quem vir tão mal limados discursos diante de tão aparadas penas? Dirá meus vituperios, & voossos encomios, voossas excellencias, & minhas confianças; meus opprobrios, & voossos panegíricos; minha locura, & vostra paciencia; pois intento igualar na presidencia tantos sabios, que deixârão sem influēcia os melhores Planetas, pois

roubhá tão os movimentos á Lua, o valor a Marte; a Mercurio a traça, a Jupiter o dominio, a Venus a graça, a Saturno o severo, se a Apollo a sciencia.

Mas se conforme ao comum proloquo he ignorancia temer o que se não pôde evitar: *Stultum est timere, quid vitari nequit.* E se na opinião de Mimio Publiano he necessario fazer depressa o que se ha de obrar, para mostrar a vontade com que se exercita, *quod necesse est facere, fac ut libenter facias,* razão será que me atreva, justo será que me anime, & que me tire aquella gloria o medo desta ruina, que quem sempre teme, nunca triunfa; o mesmo Publiano: *Audendum est aliquo pacto, si cupies fuisse periculum, nam qui timet omnia numquam se se explicabit.* E se no sentir de todos não ha felicidade sem queda, nem gloria sem falha: *Felicitas semper est aliquid incomodi.* Quem me dera húa sciencia, que transcendéra á Apollinia Esphera, quem me dera hum methodo, que excederà o mais requintado estillo, para que brandamente vós persuadira meu discurso o que vos deseja minha estimação, pois he a brandura, como disse Diogenes, dote de mais levantado discurso: *Oratio blanda, melleus laqueus.*

Mas se já vistes levar húa nao ao Cabo de Boa Esperança, quem não soube levar ao cabo sua firma; se já vistes medir o Sól a graos, quem não soube examinarlhe os raios, & sondar o Occeano, quem vadear não soube hum rio; tambem vereis hoje daryos minha rudeza tres documentos para perfeição do Academicº mais singular.

Em tres pontos fundei meu discurso, por entender que com a observancia delles ficareis (os Academicos Singulares) hum inodello de primores, hum aceyo da natureza, hum epilogo de perfeiçōens, & hum desvello do mundo. Será o primeiro que o Academicº Singular deve desprezar honras & titulos do mundo, por caducos, & transitorios; por ser o segundo que deve abraçar as sciencias, como taboa, em que ha de salvar sua fama; & o tercciro que deve desprezar o ocio, como centro de vicios, & aproveitar o tempo, como melhor thesouro.

Quanto ao primeiro.

Deve o Academicº Singular desprezar honras, & titulos do mundo, como caducas, & transitorias, pois anda tão vinculada à sciencia a constancia, & a discriçāo ao desprezo. Assi no lo ensinou aquelle sabio, & perfeito Academicº Zenon, qnando às maiores promessas del Rey Antigono ficou immovel, não bastando a fazerlhe dar hum paço os thesouros, que lhe offerecia (assí o refere Laercio in vita ipsius).

Mas que muito, se conhecia da fortuna as falsas aparencias, as transitorias caricias, & os afagos traidores. Com a mesma constancia no lo

mostrou aquelle fabio Cleantes (como refere Strabonio no lib. 3.) que hiven lo alcançado por sua sciencia levantarem lhe statua os Romanos, não quiz ter para comer mais que aquillo que ganhava denoite, tirando agoi em sua nota. Assi tambem o confirmou Chysippo com seu enge-
nho, pois sendo tão versado nas historias de seus tempos, foi tal o tedio que tomou ás horas humanas, que compondo muitos livros nūca quiz dedicar algum delles a Rey, Princepe, ou Dinasta, contentandose com vida moderada. Cicero lib. 2 de natura Deorum.

Trajano foi sem duvida o mayor Emperador, tanto por dilatar o imperio Romano, quanto pello pouco caso, que fez dos caducos titulos do mundo, pois costumando os Capitaes Romanos nomear-se com os nomes das Provincias que sujeitavão, como Publio Cornelio, Scipião Africano, Drusio Germanico, & Claudio Britanico, &c.

Depois que Trajano sujeitou a Parthia, aclamando os exerci-
tos com o appellido de Portico, desprezou este titulo só por eleger pa-
ra si o nome de Bom, por ser mais natural, & conforme a suas obras. As-
si o testemunha Plinio em seu Panegyrico: *Nihil tamen cum magu, quam
cognomen optimi juvit, ut, pote moribus, & magnitudini ejus maxime con-
veniens.*

Taõ bem recebido foi este desprezo de titulos do povo Roma-
no, que muitos com este titulo grangeárao grandes adoraçōens, & re-
petidos aplausos. Antigono para se apoderar de Macedonia, despre-
zou a Coroa & purpura Real, & succedeulhe tam bem seu intento, que
tomou posse dell com rogos dos Cidadaõs.

Publio Valerio assegurou o povo Romano das sospeitas de
seu poder, com desprezar humi edificio forte, que fabricava, &
com largar a Toga Consular, que possuia. Cesar depois que alcan-
çou victoria de seus emulos, publicou cue sómente queria o nome
de Consul, & exercitar o posto de Tribuno, & do desprezo da
Coroa imperial nasceo o rogar em lhe com a Monarchia. Assi o re-
fere Cornelio Tacito.

Scipião o maior deixou livremente a administraçāo da Repu-
blica. Aristides Atheniense renuncio a prefectura em Meltiades,
Pittaso depois que se apoderou de Mitilene, & governou dez an-
nos, desprezou a Coroa, & deixou o regimento della, sem que o
constrangesse couisa alguma a Lucio Quinto, teste Laertio lib. 1.

Augusto Cesar se resolveo a desprezar o imperio, & o fizera, se
o não constrangera a necessidade que havia de sua pessoa para o so-
cego da Republica, & se não pode conseguir o retiro, o esteve
sempre desejando, & com este intento aliviava seu desvello. Assi
ove-

o venerica Pontiano lib 2. & 5. de fortitudine: *Omnis ejus sermo ad hoc revolutus est semper, ut sibi speraret contemplationem hoc labores suos etiam si falsa, dulci tamen oblitabant solatio.* - Aurelio Dioclesiano foi esforçadíssimo, & valente Capitão, assi o referè Pontiano no mesmo lugar, tanto fugio à Coroa, & á purpura, que se retirou á Solona Cidade de Dalmatia, gastando o tempo em cultivar hum jardim, & por mais Embaixadores, que enviarão Maximiano, & Gálio Armentario, para outra vez reger o sceptro o não puderão acabar com elle, mas antes respondeo que não havia visto o Sol claro, senão depois de seu retiro, & que lhe aconselhavão cousa tão ardua, porque não havião visto hum jardim que cultivava

Quinto Elio Tuberónio desprezou tanto os bens, & honras do mundo; que havendoo rogado seu tio Fabio Maximo despezzesse a casa com pompa magnifica, & preparasse hum conivere esplendido ao povo Romano para nelle se celebrarem as hontas de Publio Africano; elle o fez tanto pello contrario, que armou os aposentos de pelles de animaes, em lugar de bordados tapizes, & servio os manjares em pratos de barro, como se fuissem exequias de Diogenes Cynico.

Que outra cousa fez este admiravel Varaõ (diz o Seneca Epistol. 95.) que consagratar á pobreza no Capitolio?

Quid altius pauperitatem in Capitolio conterrai? Iguala o Seneca esta accão às maiores do mundo: *Censura fuit illa non cera, ó q autum igniorant homines inspiari gloria, quid illi sit, anq' qm ad modum petenda.* Aquillo não foi cea, diz o Seneca, mas reprehensão de vicios; a quantos por ajuntar ricas baixellas, exquisitos razes (que a mesma cohiba que os fez, persuade a outros), que os desfazão le vem depois sem si, & sem elles, pois le tornaõ em fumo, por serem instantaneas.

Oh! como duraráõ para sempre aquelles pratos de barro de Elio Tuberónio, pois nem a ambição os procura, nem a cobiça os appetece:

Et omnibus sæculis Tuberoniæ fætida durabunt. Tilio com ser de encontrada feita, na oraçao que faz de Lucio Murena, não acha palavras com que o exagere.

Aprenda pois o perfeito Academico a dar de maõ a estes estorvos, seja parco nos desejos, & não se moleste por vaidades que não duraõ; mas antes faõ Heras, que se arrimaõ para atrinchar, confie porém nas da nossa empresa, que pois não podem derrubar aquella scientifica Piramide, vivem sempre seguras, quando

do tudo o mais perece. Assi o manifestou Aristipo: *Mundi bona vaig
casus eripunt; bona autem animi, que sola verè bona sunt, nec incendium, nec nau-
fragium potest eripere.* Que nunca forão as riquezas ministras da sabedo-
ria. O vii Isocrates: *Divitiae vitiorum sunt ponus, quam lusserant Ministræ.*
Mas se os bens do mundo acabão, por serem ornamento da malicia; assi
o disse Diogenes: *Nobilitas, gloria, divitiae, malitia sunt ornamenta.* O como
nos podião servir de empresa aquelles pratos de barro de Tuberonio,
pois durarão sempre incorruptos da emulação, & da enveja, que se tan-
to se ajustão com o verso da nossa empresa as palavras do Seneca, vale-
rá tanto dizer: *At omnibus saeculis Tuberonis scilicet durabunt, como, Solaque
non possunt hec monumenta mori.*

Que devia o perfeito Academicico (satisfazendo ao segundo docu-
mento) abraçar as sciencias, como taboa, em que ha de salvar sua fama,
confessaraõ todos aquelles, que nos deixarão perpetuada a gloria de seu
nome em os annaes da melhor duração. Seja entre todos o mais anteci-
pado nos documentos aquelle fabio Chilon, o qual parece que me ade-
vinhou o pensamento para me authorizar o discurso, pois ensinou a seus
discípulos, que abraçassem as sciencias como homens, que nunca havião
de morrer; & na verdade assi os firmou, como quem entendia a duração
dos fabios; que supposto nelles, como em os mais, a morte acaba a vida,
tambem em seus louvores, & excellencias tem sua fama taboas em que
salvar suas memorias: *Sic curate, diz elle, honesta studia quasi semper victori.*
Prometheo Assirio foi tão dado às sciencias naturaes, que deixando a
Cidade, & trato dos homens, fez sua habitação no monte Caucaso, don-
de conheceo as influencias dos Astros, & aprendeo a formaçao das im-
pressoēs metheorogicas, & calli salvoū de tal sorte sua fama, que para ser
eterna, formarão os Poetas em suas fabulas, que atado a hum penhasco
lhe comia hūa Aguaia as entrauhas, por haver baixado fogo do Ceo, en-
tendendo pella Aguaia a inclinação, & affecto com que desejava a con-
templação das sciencias, & pello fogo, com que vivificou os individuos
formados de barro a notícia que teve das Estrelas. Pitagoras se reti-
rou a hūa cova por muitos tempos para gozar, diz Laertio lib. 2 mais
livremente dos colioquios dos Deoses. Epignemides Gnosio fez o mes-
mo por espacio de 75 annos, donde alcançou grandes noticias das cou-
sas divinas. Diogenes Cynico foi tão extremado nestes retiros, que se
contentava para sustento da vida com os pedaços de paõ, que lhe guar-
dava hum alforje, & com à habitação que lhe offerecia hum capuz lar-
go. A este vio Alexandre hum dia disputar nas escolas de Córintho
em louvor das sciencias, & desprezo do mundo; & o teve por felicissi-
mo, & lhe disse, que tanto admirava sua sciencia como envejava sua for-
te.

te. Assi o refere Sabelio no lib 2. Oh como salva sua fama hum sabio; pois vemos invejar a vida de Diogenes hum Alexandre, & a dita de hum Academicum hum Imperador. Se tantas vezes se viu Alexandre em sumtuosos carros cercados de fino ouro, & preciosas pedras, que vencio em luzimentos a diurna carroça, para que inveja a pobreza de hum sabio? Se tantas vezes se viu triumphando de cidades ganhadas, de armas vencidas, de exercitos retirados, de Reys destruidos, de Duques prisioneiros, de thesouros conquistados, de provincias tributarias, de inimigos presos, & rebelados reduzidos, para que inveja a vida de Diogenes? Se se viu tantas vezes em chuveiros de rosas, & em chuvas de perfumados licores, para que inveja a dita de hum Academicum? Se lograva tantas vezes tão deleitaveis musicas, tão populares aplausos de belicos instrumentos, animados clarins, & trombetas sonoras, para que inveja tanto huim animo livre? Mas não esperava eu menos de Alexandre, pois lhe dictava seu claro juizo que todos aquellos triumphos não immortalizavão a fama, como a salvava o nome das sciencias. E se estes não bastão para conservar a fama, como a immortaliza o nome de hum Academicum? Bem será que procureis, ó Singulares, immortais vosso gloria, que se os gostos saõ mortaes, saõ immortaes as honras; assi o disse Periandro: *Semper voluptates sunt mortales, honores autem immortales.* E Solon diz que a honra he premio da virtude, & não dadiua da ventura: *Honos verus virtutis est premium, non munus fortunae.* Não vos fundeis nos magnificos retratos de vossos progenitores, estribai sim na nobreza de vossas virtudes, como vo lo aconselha Solon: *Clarior est nobilitas, quam ipse tuis virtutibus tibi pararis, quamqua ex maiorum imaginibus contigit.* Aprendeui, aprendei riquezas, que nadem com vosco, como diz Aristipo: *Opes ipsiusmodi tibi parat, quae navi fracta simul cum Domino enatent.* Escolhei o melhor como vo lo aconselha Solon: *Quod praetarum est, accurate agendum,* pois os gostos perecem, quando a honra se immortaliza; Ouvi Periandro comentar o verso da nossa empresa; pois nos diz; *Voluptas cuo perit, honor immortalis est,* como se nos diffira:

Solaque non possunt haec monumenta mori.

Se deve o perfeito Academicu [para satisfação do 3 documento] abominar oocio, como centro de vicios, por aprobeitar o tempo, como melhor thesouro, já desde agora pde, quem quizer ser sabio, desprezar tão detestavel vicio, pois conforme ao conselho de Isocrates cõtem ocupar o tempo ocioso com procurar ad vertimenti para a melhor fama, pois com a occupação dos livros nos fica facil o que a tantos Escriptores foi difficultoso: *Otium vite studio percipienda eruditiois impende, si enim difficulter ab alijs invente facili tibi perirec contingit.* Naõ sabe Virgilio no lib.

lib i com que palavras louve a occupação dos Troyanos na fundação de Carthago; já os engrandece com espantos, já os compara ás abelhas; quando diz: *Fervet omnis, regolentque thini fraganti i molles.* Com ser tão pre-
vicos os mais dos Emperadores Romanos, não houve algum que se não
occupasse em alguma arte, ou sciencia, para aproveitar o tempo ocioso.
Caligula foi eninente em guiar húa carroça no circulo; Vitelio fez o
mesmo. Nero teve a mesma eminencia, & com estes Lucio Vero Cimo-
do, Basiano, & Geta, filhos do Emperador Severo. Tambem occupa-
vão o tempo na representação das tragedias, donde tiravão documentos,
& doutrina para moderar as occurrenceias adversas, & prosperas, q
se offerecem à vida humana. Temistocles Poeta Comico traz esta ad-
vertencia em seus versos: *animal natura laboriosum homo iste, tristia vita se-
cum efficit plurima, inaque curarum has ad invenit solatio.* São tantas as causas
que perseguem a humana vida que saõ necessarios soccorros, & conse-
lhos para pôdellas levar; para tudo achará consolação nos livros quem
quier aproveitar bem o tempo ocioso; porque se padecer pobreza lerá
nas historias de Telepho, que sendo filho de Hercules, & da Nympha
Auge, se viu desemparado em hum bolque, & morréa de fome, se húa
compadecida cerva o não sustentará. Se o molestarem furias de cabe-
ça mal governada, com a tragedia de Alemeon se cõsolará; se tiver acha-
ques na vista, aliviará sua pena com ver, que tambem a Fineo Rey de
Arcadia ce gárão os Deuses, & se o maltratar o delgosto dos mortos fi-
lhos, remediará sua dor com Niobe, que perdeu sete à vista de seus fi-
lhos, pois diz hum Philosopho: *In fortuna quicquid ad nimay vertens in alijs cum
deprehenderit, suas calamitates lugit minas.* Outros muitos sujeitos por fu-
girem oocio, buscáram entretenimento nas tragedias, como forão entre
os Gregos, Menandro, & Philemon, & entre os Latinos Cecilio, Nebio,
Licinio, Plauto, & Terencio. Não deixais pois (ó Singulares Acadé-
micos) de aproveitar o tempo, & nas horas ociosas occupai esses juizos
em esquadrinar como na terra se escondem as minas, como se fazem as
mescelas dos metaes, como se geraõ os ventos, como brotão as fontes,
procurai as razões de ser o mar tão salgado, & como tantos rios com
seus tributos não engrossaõ sua enchente. Sobi a ver nos Ceos quantos
fejão os globos, quantos os movimentos, & entre os animaes buscai cui-
riosamente a razão que ha para que huns sejão indomitos, & outros dis-
ciplinaveis; huns grandes, & outros pequenos, huns fortes, & outros
debeis, & porque saltão húis, & correm outros, quando húis voão, & ou-
tros nadão, que desta forte fugiteis oocio, por fugir tambem os assaltos
do rapaz cego, pois como diz Diogenes he o Amor negocio dos ocio-
sos; *amor ociosorum iste negotius.* E se por amor das sciencias trabalhares,

Como passar o cansacio ficareis com o proveito, mas se pello gosto tra-
balhares, acabarseha o gosto, & ficará a torpeza. Assi o disse Musonio,
commentando Aulo Gelio: *Si per laborem honesti quipiam egeris, labor abu-
honustum manet, si per voluptatem, turpe quipiam feceris, voluptas abit, turpitudo
manet.* Trabalhai pois pellas sciencias, que nellas achareis consolação,
como diz Diogenes: *Estudio juvenibus sobrietas est, senibus solatium, pauperi-
bus divitiae, divinus ornamentum.* Estudai de boa vontade, porque como diz
Socrates, se com vontade estudaress, aprendereis muito: *Si cupidè didixe-
ris, multa quoque discesseris;* que he thesouro taõ precioso o tempo, que só este
se ha de ver, como se gasta, pois na opinião de Theóphrasto naõ ha ma-
ior riqueza: *Pratissimum sumptus est tempus.* Este gastaí estudando, &
proveitai sabendo, pondé os olhos naquella inscripçao, que Pithagoras
poz à porta da sua Academia, a qual dava a entender a todos que alião,
que o homem que não sabia o que havia de saber, era bruto entre os ho-
mens, & aquelle que não sabia mais que aquillo que havia mister, era
homem entre os brutos, pois era o que sabia ser perito nas sciên-
cias. Deos entre os homens (obriguevos ésta sentença d'este per-
feito Academicoo; estudai quanto puderdes, & sereis Deoses, sendo como
Platão: *Divinus Plato.* Aplicaivos, & ficareis immortaes em todos os se-
culos, & como diz Ilocrates, possuind oriquezas, que não se perdem,
joyas, que naõ se gastaõ: *Puta multuadim pia se ponunt in mulh opibus iste
potorem: ista enim celer iter dilabuntur, illa in imme permanet tempore, sola enim
rerum omnium immortalis est sapientia; pois he o nome do sabio gloria; que
naõ se acaba, lume, que naõ se extingue, Lua; que naõ se muda, Sol, que
naõ se esconde, Flor; que naõ se murcha, Estrela, que naõ erra, fo-
go, que naõ morre, tesouro; que naõ falta, & fama, que
naõ perece: Sela enim rerum omnium immortalis est
sapientia, ou: Solaque non possunt hæc monu-
imenta mortis.*



Ao Presidente,
SONETO.

De Bento Coelho.

Esse que trono sue más peregrino;
Esse que estrella sue resplandeciente;

Oy porti se conoce má lucente;

Oy porti logra fuetos dedivino;

Si fue trono hasta aora diamantino,

Astro le miro oy má excelente;

Y si Solle mi è por eminente,

Cielo hermoso le veo cristalino;

No me admiro de ver los resplendores;

Que tu eloquencia en este trono expone;

Y que logra dichoso en tu primores;

Iusto fue, que may st se glardoue.

Porque el trono es may r, quanto mayores

Las partes son de quien en este pone.

D E C I M A.

De Joao Ayres de Moraes.

Qvando orè, mi Presidente,

Fuesse, d no con devoción,

Alabastes mi Oración,

Con ser tan poco el quente;

Pero quando orai la gente,

Que vos sigue por fatol,

Oyendo vuestro arrebol

Presidir despues de un ciego;

Dize con razón, que luego

Tras la noche viene el Sol...

Foi Assunto desta Academia o naufragio de
Leandro, & despenho de Hero.

SONETO.

A Qui donde el estruendo desatado
 Del monstruo de cristal embravecido,
 Ruinas amenaça en su bramido;
 Y hortores muestra en su furor osado:
Y ze ay dol Leandro desdichado,
 A miserios de los pechos reducido:
Que de un Ethna ardor tan encendido
 Pudo solo extinguir un mar irado:
 Pero no te lastimes caminante,
 Dexa de lamentar su triste mago:
 Dexa la suspencion de tu sen blante:
 Por quanto fue piedad que en tanta fragor
 H ilsten los ardores deste amante
 Para un fuego fatal sepulchro de aguas.

SONETO 2

de Antonio Marquez.

B Usca Nipte de luz el ciego amante,
 Biando al agua de su amio del fuego,
 Y quanto crital corta sin socios,
 Tanta fiera tumba el naufragante:
 El alma, el bien, la luz, mira distante;
 La muerte el mal, la ofensa, mira luego;
 Sin que del fuego pueda el duce resguardo,
 Con las aguas del agua resonante:
 Pierde luego el farol y llora tanto,
 Que nuevo mar dà al mar, con que se altera;
 Y se ahoga en los mares de solllanto:
 Al spirar, ay, dix, o suerte fiero:
 Mis ya de mis desdichas no me espanto,
 Que quien vivio eu amar, en la mar muera.

S O

SONETO.

De Bento Gomez da Fonseca.

Mira Leandro el mar, qué enfurecido
 Niega el pásso al amor, qué le atormenta;
 Pues quando el fuego de este más se augmenta,
 Quiere aquél sea en agoa consumido:
 No le teme su amor, antes corrido
 Jusga la dilación por grave afrenta,
 Y que en ausencia de Hero ay más tormenta;
 Que en passar a Sesto, desde Abido;
 Surca el Joven las olas animoso,
 Pero faltó de spiritus vitales,
 Llega a Sesto cadaver lastimoso;
 Hero le reconoce; y con mortales
 Ancias, sobre él se arroja al mar furioso,
 Que Amor los hizo en vida, y muerte iguales.

SONETO.

De Pedro Duarte Ferrao.

TYa Phebo a bañarse al Occidente,
 Ocultando su luz al claro dia,
 Quando Leandro intrepido seguia
 Cara a cara su Sol, y frente a frente;
 Surca el cristal con animo valiente,
 Mas como al mar sus esperanças fia,
 A penas le faltó su Norte, y guia,
 Quando un cuerpo apartar dós vidas siente;
 Lamentava su muerte rigorosa
 Hero, a quién el Amor no tubo en calma,
 Parca dixo cruel, poco piedosa:
 Si qui eres del Amor llevar la palma,
 Despeñese el jasmin, muera la rosa;
 Vaya el cuerpo a buscar quién tiene el alma.

SONE-

SONETO.

De Iffidoro de Mello.

Segundo o fogo, padecendo a chama,
Indistinto igualmente, que abrasado,
Leandro bâtel nas agoas animado,
Abraça as ondas, porque as luzes amaz
Triunfante obraço cortador o aclama,
De hum laberinto de aguas alterado,
Sendo o rigor do vento executado
Na luz que guia, & não no ardor que inflama;
Morre o facho dos ares combatido,
Hero acabá da torre fulminada,
Leandro se perde na agna sumergido;
Não ha de novo aqui que admirar nada,
Que elle sempre por ellá andou perdido;
Ella sempre por elle despenhada.

SONETO.

De Antonio Serrão de Crafto.

Hoje he Leandro bacalhão de molho,
Mas porém não ferá de molho de alho,
Que o alho lhe faltou neste trabálho,
Porque nadar não soube com o hum solho,
Hero, que nelli tinha posto o olho.
Vendo que morre em hir pello' atalho,
Da torre se deitou como hum bugalho,
Achando por colchão hum duro escolho:
Leandro o bofe deita de hum mergulho,
Hero os cascos quebrou em hum ladrilho,
Da cabeça deitou todo o bagulho:
Ambos juntarão, quaes doux grãos de milho,
Delles fizerão de hua cova entullio,
E estas letras lhe abrem cum pampilho.

Dous ovos a qui com magoa *Hum em fatias quebrado,*
Anor tem depositado, *Oitro passado por agoa.*

S I L V A.

De Sebastião da Fonseca, & Paiva.

E Ylo vai a fardir Deos vā comigo,
 O que fatal perigo?
 Ponha nos māos à obra,
 Inda que o gosto a tanto's mortisique;
 Que se parar de māos hirmeei a pique;
 Valhate Deos mil vezes por orgulho,
 Que equivoco pescaste de mergulho,
 Se alguem tem disto magoa,
 Naō negará que saõ claros como agoa;
 Em sim, porque de presta
 À minha mūsa está logo começa,
 Que como teme o tempo, a vēla larga;
 E com presta fatal, nem toma cargas;
 Espere, não se vā lenhora minha,
 Que naō lhe fará mal-levar barquinha;
 Mas poi me foge, quādo o bē me estraga;
 Em vez de ser poeta, serei pragā;
 Eu serei por quem sou praguento fero;
 Das linguagenis me valho, eu serei - Ero,
 De hum Manoel de Alfama,
 Homem do mar em sim destes de fama;
 Que da esperança o Cabo a passar vinha,
 Como quem por zombar passa húa linha;
 E de húa bruxa, que depois de cea
 Andão por esses ares com candeas,
 Mas em sim de tallaya,
 Que vivia de andar sempre à gandaya.
 Destes dous desgraçados
 Mil desgraças direi com nova traças,
 Que em desgraças novo he fallar de graça
 E se tem para si ser isto momo;
 Posto o pāo larguci, a graça tomo.
 Era este gauapāo como mil flores,
 Porque era girasol de seus amores,
 Violeta superior de seus cuidados,

Maravi.

Maravilha fatal de seus agrados,
 Perpetua de seu gosto,
 Mancebo de feição, mui bem disposto;
 Perdido de tal sorte,
 Que não se pode achar dentro na Corte;
 O que tinha perdeu de húa redada,
 Se bem era a faze nda tudo nada;
 Mas com tudo, perderse foi desfeito,
 Homem que se prezou sempre de estreitos,
 Tão mendigo, tão miserável, & tão parco,
 Que hum rintem nūca teve para hū barco;
 Homem que diz a fama
 Não tinha fato para ver a dama,
 Homem em fim, que no dar era tão fallo.
 Que sempre seu priuor o achou descalço;
 A todos enfadava,
 Não era homem nāo, sempre passava.
 Ella como húa torre,
 Posto que por Leandro de amor morre,
 Que já de seus ataques combatida,
 Nāo tinha barbacãas, por ser rendidas;
 Depois que na Ribeira
 Vio (sem ser regateira)
 O seu homem do mar, o seu pescado;
 Que tambem foi por peixe desfimado;
 Molher, que sem ditarle,
 As ondas desejou sempre arrojarle;
 Tão louca se portava,
 Que com maías, & Luas sempre andava;
 E posto era estandarte aturquezado,
 Quiz calar com quem fosse baptizado,
 E borrecia alfanges, por ser terna,
 Que os temeu sempre hū Malco da lēterna;
 Quiz pescar ao candeo o triste amante
 Húa noite filgante,
 Mas poi fisgar a noite o seu enleio,
 Fimá para o candeo,
 Pis elle por colher el pex en agoa;
 Quiz hir por baixo d'agoa,
 Era de chamalote,

Com ondas de correr a todo troté,
 Mas Leandro, que as vê lhe chama lago
 Chamas de agoa, & també ondas de fogo;
 Alborotouse o mar, picou se o vento,
 E vendô o tal perigo pouco elcaço,
 Diz Leandro, passar lhe quero o braço,
 E como já picado, o mar corria,
 A vea lhe quiz dar para a sangria;
 Tinha Ero a candeia,
 Mas Leandro não pode abrir a vea,
 E delirante o mar já da malina,
 Turbante he da cabeça cristalina.
 Cançado já da luta
 O jo vem desgraçado,
 Posto era homem do mar experimendo,
 Entregouse à sciencia de tal arte,
 Que Neptuno vencendo ao mesmo Martes
 Morrer era preciso;
 Quem com agoa o meteo senhor Nárciso,
 Na torre estava Venus
 Com a Estrella mais bella, & rutilante,
 Esperando cortejo doce amante,
 Qualquer daqui preluma,
 Que Venus desejou tornar se escuma,
 Pot lograr seu conforte,
 Antes que lhe rendesse a vida a morte.
 O valente mancebo,
 Que o perigo sentia,
 Porque dentro em seu peito Ero trazia,
 E se elle perigasse,
 Era força tambem que naufragasse,
 Tal vez por desviar do peito o golpe,
 Naufragar se deixava,
 Por o peito guardar donde Ero estava,
 E admittia do mar os frios laços,
 Por não cançar os braços;
 Que quando á terra fosse,
 Não queria o tervissem sobre possér
 Quando lobia altivo as crespas ondas,
 dizia o terno amante,

Não temas Ero naõ que eu vou diante,
 E este golpe, que ao centro
 Nos leva desta vez, se em mim vás dentro;
 Não tens, naõ que temer o mar furioso,
 Pois logras coraçāo tão animolo.
 Eu na torre te vejo,
 Nella contigo assiste o meu desejo
 Pois se me tens na torre,
 Perigarei no fogo, que motivas,
 E naõ entre estas ondas tão altivas;
 E se vás neste peito,
 Recear que me perca he graõ defeito;
 Que se por ti me pereo enamorado,
 Perdido naõ serei, serei ganhado.
 Cíesciaõ neste tempo
 As ondas de tal sorte,
 Que o seu menor bramido era búa morte;
 Bramava o vento fero,
 E abrasaya a Leandro o Sol de Ero;
 Poisém como cançado
 Andava de lidar com o seu cuidado,
 Das ondas já vencido esmorecia,
 E búa onda lhe vinha, outra lhechia.
 Porém como naõ pôde
 Acabar sem ver Ero, que venera,
 A voz hum tanto altera,
 E quando as ondas lobem mais altivas,
 Dá com alento morto vozes vivas.
 Ero diz, gritando,
 Apaga esse farol, porque escapando
 Possa hir pouco a pouco a tanta furia;
 Naõ me sirva de injuria
 Esta petiçāo minha,
 Deixame hir com as agoas;
 Porque possa evitarte tantas magoas;
 E em quanto a luz me aplicas,
 O pezar te duplicas,
 Pois vendo me desvio,
 Quero lhe resistir, & em vaõ posso!
 Jà do alento privado,

Por não poder dar vozes,
E os braços não cortarem tão velozes,
Entregue ás crespas ondas, de cançado
Os olhos levantou ao seu cuidado.

Vio a luz na varanda,
Quer tornar a buscalá, mas não pôde,
E por faltar lhe a força, à voz acode,
E repetindo o nome da que adora,
Disse hum erro fatal, chamoule Nero,
Mas cuido erro não foi, porque foi Eros.
Portém vendo tardava o seu Leandro.
A desgraçada esposa,
Açucena ficou, posto era Rosa;
A vista aplica ás ondas, que batiaõ
Na fortaleza, quando mais bramiaõ;
Que como em hombros traz á seu esposo,
Sobre as costas lançalo era forçoso.

Mas vendoo já sem vida,
Estas queixas lhe diz na despedida,
Se cadaver me deixas, doce amante,
Ou as ondas piedosas neste instante,
Por motivar me dores,
Querem que morta chore os meus amores.
Enganaõ se, que eu quero
Desta sorte mostrar quanto o venero,
Morre o por mim Leandro amante fino,
Pois dessa mesma sorte
Ha de ser minha morte,
E se em braços morre o de Thetis fria,
Nos seus quero morrer, que he tirania
Dar vida a hum coração tão mal ferido,
Esperame em teus braços meu querido,
Porque buscando nélles dela fogo,
Morra Leandro em agoa, & Ero em fogo.

ROMANCE.

De Antonio Serraõ de Castro.

O Mare está feito hum touro,
o vento feito hum toureiro,
este furioso assobia,
aquele brama soberbo.
O tourinho he do Roncão,
pois ronca com tanto extremo,
que ja de huins a outro pôlo
se estão ouvindo seus eccos.
O toureiro he tão veloz,
& no correr tão ligeiro,
que sem ninguem o ter visto,
todos dizem que he hum vento:
Tal guerra tem entre si,
que fazem a hum mesmo têpo
para o mundo húa tormenta,
para Leandro hum tormento.
Mas elle que ver queria
a sua querida Hero,
sem medo atravessa o corto,
onde era o perigo certo.
Sem se lhe dar do perigo
entre os dous se mete em meio,
porque os perigos maiores
despreza hum constante peito.
Nas pontas se poem do touro
& elle com húa boleo tremendo
tão alto com elle da
que o poem lá no sete estrello.
Torna a cabir a seus pés,
& dandolhe hum couce fero,
se antes o sobio tão alto
agora o mete no centro.
Torna á sobir desmayado,
porém ja falto de alento
se húa onda se lhe hia
outra o hia acometendo.

Quando sobria parece
que hia nova vida tendo,
que a vida lhe conservava
ter a torre por objecto.
Mas porém quando baixava
sentia com grande excello
o perder a luz da torre,
que era o norte a seu desejo.
Como Leandro era fogo,
dous contrarios elementos,
tanto com elle combatem,
que tiverão vencimento.
Não se afogou em pouca agoa,
mas era tal seu incendio,
que indistão immenso golfo
lhe parecia hum estreito.
Hero que está vendo as sortes
da torre no mais exelio,
vendo seu amante em perigo,
& saír lhe a sua em nego.
Vendo inimigos na costa,
acende o facho correndo,
que foi tocha funeral
em tão tragico successo.
Começa a chamar Leandro
com repetidos requebros,
vem Leandro, que te aguardo,
olha Leandro que espero.
Leandro depois de morto,
sendo de amantes exemplo,
vendo que Hero o chamava,
obedece a seus preceitos.
Ao pé chegava da torre,
& acho que lie grande portento,
se morreo de auzências suas,
não vives, tendo tão perto.

Hero

Hero vendo que Leandro
na voz falta & nos acenos,
que costumava fazer,
que he ja morto tem por certo.
E diz Leandro, tu morto?
he possivel vida tenho!
pois se vivi em teus braços,
morrer em teus braços quero.

Da torre se deita abaixo;
excedendo o pensamento;
pois ja primeiro que a causa
percederão, os efeitos.
Chega ao corpo de Leandro,
& nelle dà a vida a Hero,
há morte sente Abido,
outra morte sente Sesto.

ACADEMIA VNDÉCIMA,

Em que foi Presidente

TRISTAM GVEDEZ DE QVEIROS,

Em 28. de Dezembro de 1664.

Orou da maneira seguinte.



E o conhecimento do que sou naõ fora taõ verdadeiro,
perigará minha modestia desvia necida em hú a presump-
ção nescia á vista da eleição, que estes senhores de mi
fizeraõ para este lugar, sem que meu talento em mi o dê
para taõ grande occupação. E certo que por repetidas
vezes embaraçaraõ minha resolução a obediencia, &c a
incapacidade, porque implicandose tanto estes douos empenhos, viame
ao pé delles, sem que meu juizo na escolha pudesse bem tomar pé, que
como os erros de quem preside, tem difficultoso o desquite em outros
certos, saõ nelles taõ rigurosos os entendidos, que por imaginarem se-
melhantes

melhantes delictos, sem desconto os não querem levar em conta.

Lutando pois com tantos obstáculos, determinei perderme antes obediente, do que ganhar me comedido; porque estão minhas acções, & vontade tão empenhadas em servirvos que de servirvos me não tóbeja vontade para outras acções. Supposto isto, parecia o crime mais ofensivo, a ofensa mais criminosa, o desacerto mais nescio, & a necedad mais desacertada na faltá dā observancia de vossos preceitos, do que na exposição de minhas faltas a censura dos eruditos.

Se val mais obedecer, que sacrificar; eu não deixoo sacrificio pela obediencia, porém na obediencia faço sacrificio do juízo em o publico theatro da censura, para que as reprehensões dos discretos fação nelle a justiça que merecer minha ignorância.

Estou vendo, que não faltarão algúſ tão pontualmente escrupulosos, que me calunniem de não escusar a Presidencia com a disculpa de minha profissão; & avaliando por incompatível o estudo com as armas, condemnarão o não aver eu offerecido o pouco parentesco das campanhas com as escolas, por desempenho de minha obrigação ao empenho de húa obediencia superior. Bem quizera eu, por não desdourar com o indigo de meu demerito, a dignidade desta cadeira, que se me recebesse esta escusa, mas correm as armas tão ajustadas parelhas com as letras, que me não atrevi a offerecêla, crendo se me não admittiria, por imaginar em hum Capitão iguaes operaçōes, nas maoſ armadas com a espada, & escudo, & nas subtilezas do discurso armado com a sciencia das notícias; que he a prevenção no passado para a disposição do futuro, extremadamente o affirma aquelle unico sol da Poesia, mila grosamente nascido no Occidente, para alumiar com os rayos de seus versos a todo o mundo, o grande Luís de Camoës.

Em fim não ouve forte Capitão, que não fosse também douto, & sciente. Rigurosos documētos sobre esta matéria nos dão em suas imitaçōes todos os grandes Capitaes q̄ a fama celebra O grande dos Alexandreſ, que teve hum coração tão correspondente a seu apellido, que cabendo hum mundo em hum limitado lugar delle, não cabião nelle as lagrimas, que remetia aos olhos, para testemunhas do sentimēto de não ter mais mundos que vencer[não se desdenha de ler a Illiada de Homero. Dê Iúlio Cesar, diz Suetonio, que assi na eloquencia como na milícia se não ostentou igualdades a gloria dos mais famosos, passou as rayaſ das de todos em excellentes ; não achava Cicero entre os oradores nenhum a quem Cesar concedesse primasias na arte da oratoria. Chronisti de si mesmo, foi digno historiador de suas façanhas, escrevendo em seus Commentários com juizo o que obraya coni valor.

Isto si, que he ter lingoa, & mãos; delles diz Cicero, que na certeza fôrao provaveis, na probabilidade regulados pella certeza, na elegancia bizarros, & na bizarria illustrados com todo o adorno da oraçao retorica, & o nosso Camões deste grande soldado.

*Vai Cesar subjugando toda França;
E as armas não lhe impedem a sciencia;
Numa noite leva a pena, & noutra a lança;
Igualando de Cicero a eloquencia.*

Marco Bruto, que como deslustre da morte deste Princepe, tirou ao ilustre de suas acções mais dias de lustre, do que a Cesar de vida, seguindo a facção Pompeana na guerra de Farsalia, quando todos solicitos, & receosos, se prevenião de defensa para o dia seguinte em que o successo de húa batalha avia de pôr o fim àquella tão porfiada guerra, foi a ocupação de Marco Bruto, naquelle noite, escrever hum compêndio de Polibio, adornado de suas advertencias, estudou o que avia de obrar, pelejando, & pelejou o que avia estudado.

O estudo, & o valor, he o que dà as vitórias. Bem no lo quiz mostrar Cesar, mandandose esculpir sobre o globo do mundo com a espada na mão, & hum livro na outra, de cujo corpo era alma esta letra: Ex u ro que Cesa, dando a entender, que não só adquirio o Imperio com a espada, nem só com as letras, mas com a confederação destas com aquella.

Porem contem embora Romanos, escrevão embora Gregos as façanhas de seus Capitaes, as proezas de seus passados, que nós dentro em Portugal temos o exemplo mais heroiaco de quantos celebra a antiguidade niquelle segundo Marte, & Primeiro dos Affonsoes Portugueses, q alcançara lugar entre os nove da fama; a não ter ja em seu seculo a fama cheio o numero dos nove; quando estando em o campo de Ourique para dar a batalha com taõ desigual poder ao do exercito Mourisco, mas cõ valor, & constancia igual a seu coração. Conhecendo, que os de seus vassallos por se vestirem de temor se desarmavão de coragem & vendo que nos ameaços do perigo pella multidão dos Mouros era justa a desconfiança, & disculpável o receio, appellou para o invicto de seu animo, & para a notícia dos livros, naõ considerou a forte que podia correr na disparidade dos exercitos, determinou grangeala, solicitando nas vitórias. Muitas tem dado o engenho, muitas perdido a temeridade sem discurso; he o valor inferior companheiro do juizo, este manda o que aquelle exectua; a sciencia vence batalhas, a força administra vencimen-

tos: tem o braço todos os alicences de sua fortaleza nas disposições do entendimento: não se pôde obrar sem valor, precisamente necessarias são estas duas calidades em hum soldado, & tanto, que me parece, que a incapacidade do officio, & a falta de qualquer dellas nascerão de hum mesmo parto. Inquirio acuriosidade de alguns em el Rey Dom Affonso de Napoles, & Aragaõ, a qual se reconhecia mais obrigado, se as armas se ás letras, & respondeu: *En los libros he aprendido las armas, y los derechos de las armas en Carlos Magno;* se competirão o amor das armas cõ o offeito das sciencias, sendo seu valor por, admiravel, estranho, naõ estranhou as escolas, tomando as letras taõ estranhamente, que parece q' com as experiencias das batalhas que venceo, se avaliou taõ devedor a ellas, como a sua generosa valentia, quando reconhecido eo estudo, fundou os das Universidades de Patias, & Pavia. Daquelle Cesar magnanimo esse soberano Flamengo o Primeiro Carlos de Espanha, & quinto Duque de Brabante, querem attribuir alguns a felicidade, que teve nas victorias que conseguiu, ás liçoes de Adrião seu Mestre, que lhe declarou os livros dos Reys.

He tal a efficacia destas allegações, que não necessita sua força de minhas provas, porque bastantemente se aprova nellas a correspondencia, & simpatia, que as armas guardão com as letras, & conhecendo Señor nos exēplos mais accividade para a persuação, do que nas razões; sem razão seria minha quererme livrar desta occupação; allegando de semelhanças de minha profissão com ella, á vista de tantos, que nos ensinaõ naõ serem incompativeis os arnezes com as Academias, se minha insufficiencia o naõ fora com o lugar, que occupo, que o naõ digo sem lastima. E passando agora das disculpas à sciencia, tratarei de satisfazer mais com a sciencia, do que com as disculpas. Mostraremos como nesta Academia famosa se constitue hum perfeito Philosofo, em todos, & em cada hum dos que aqui assistem.

Philosofia he nome Grego, que significa amor da sciencia; següdo isto, parece que quem com mais cuidadoso desvello, quem com mais pôtual assistência quem com mais solicita aplicação, & quem cõ mais fina pontualidade buscar as sciencias nesta escola, esse com mais justo titulo, com a occasião mais justificada, com mais superiores meritos, & com mais meritas prendas alcançará o nome de Philosofo; pois com tantos excessos se publica amante das sciencias, que he propriamente a significação deste nome de Philosofo.

Divide-se a Philosofia em Physica natural, Ethica, Economica, Politica, & Metaphysica, & se bem considerarmos, acharemos, que aqui se ensinão todas estas partes da Philosofia.

Com a Physica, que trata de considerar as causas naturaes, topam-se nas oraçãoes, nos discursos, nos argumētos, & nos versos, dōde se declaram muitas vezes os principios da natureza das cousas, nas oraçãoes, & discursos por necessidade, nos argumentos por exemplo, & nos versos por conceito. A Ethica trata das virtudes honestas do animo, & não sei eu donde possa alcançar-se o verdadeiro conhecimento dellas, como nesta Academia, assi nas historias, como nos documentos, o da liberalidade na de Cesar, que deixando ao povo por herdeiro de seu thesouro, & fazendas, bastou esta virtude para trocar em lastima de todos a morte, que em algūs avia sido gosto; o da justiça, na do Emperador Trajano, cuja igualdade o fez celebré no mundo, tia del Rey D. Pedro de Portugal, q̄ so de sua possoa fiava a informaçō dos delictos para o castigo, visitando suas terras, por evitar que a soberba dos poderosos não atropelasse a innocencia dos humildes, atemorizando adulteros com fogo, & ferro, & pondo a ferro, & fogo todo o genero de exorbitancia insolente, virtude, que lhe diligencion o apellido preclaro de justiceiro; o conhecimento da clemēcia na de Vespasiano, em cuja lembrāça naõ tinhaõ lugar as offensas, calando honradissimamente a filha de seu inimigo Vitelio. Na do Emperador Carlos Quinto, quando dandoselhe conta de que o seu perdão avia impedido a pena, que merecião os cabeças do exercito das comunidades, q̄ tanto em duvide lhe puzerão a coroa de Espanha, de q̄ não forão castigadas mais que duas, respondeu: *Basta ja no se derrame mas sangre.* Na de Solimão gran Turco, quando solicitando com Ioão Vespucio Baybuda o perdão de seus inimigos lhe foi respondido, que não avia para que lhe perdoar, porque erão traidores, & o avião de ser, tornou Solimão: pois q̄ maior felicidade se vos pôde offerecer nesta vida, q̄ ser por vossa clemēcia ouvidos vossos inimigos por ingratos neste mundo & q̄ fiquē elles com a infamia de sua ingratidão, & vós com a gloria de aver usado com elles de clemēcia; fatal resposta! se a forte della não desdourára o azar de infiel, que não ha forte sem azar. Na de Luis Undecimo de França, quādo disse: *Nã vinga el Rey os agravios feitos ao Daque de Oiliens,*

O conhecimento da fortaleza se adquire na de Cesar, a quem não atemorizaraõ os mōtes de agua, nem a incerteza das ondas, para deixar de responder ao barqueiro covarde, que não temesse, porq̄ offendia a vērtute de Cesar. Na de Vespasiano, a quem seundo de mediana calidade, nō d. svenceu, nē alterou em nada a coroa Imperial na do Emperador Carlos V, quando estando sobre Golata, respondeu a hum Mouro, que lhe offerecia a victoria na morte de Barbaroxa com peçonha, que lhe não tegia glorioso o vencimento se embolyesse as armas com traíçoens, que elle

Elle determinava vencer, não com peçonha, mas com a fortaleza de sua gente, mediante o favor divino. Na de Alexandre Farnesio, Príncipe de Parma, que recebendo hum arcabuzação em hum braço, que lhe rompeu a cana, embaraçou o golpe tão pouco suas acções: & semblante, que foi continuando em dar as ordens, sem se conhecer, que estava ferido. Na do Marquez de Villa franca, que estando por Embaixador de Felippe 3. a Henrique 4. de França, depois de o satisfazer com a justificação de seu Rey sobre o Reyno de Navarra: dizendo el Rey, que admittia a razaão até porse sobre Pamplona, & que então veria quem lha podia defender: o Marquez com húa reverencia, tomou a porta, & perguntandolhe el Rey donde hia, respondeu mui senhor de sua fortaleza: *Voy a Pamplona a esperar por V. Magestad, y defendersela.*

O conhecimento da temperança na del Rey D. Fernando o Católico, que misturou a liberalidade com a parsimonia, de maneira, que fazendo muitas merces, não fez nenhuo em dano da Coroa. Na do Imperador Dom Fernando 2 que so ube com tanta graça e temperar a Magestade com a modestia, que nem o excesso desta lhe occasionava desprazos, nem o soberano daquella o fazia intratavel em semelhantes virtudes moraes.. Nisto consiste a Philosophia Ethica, que trata dos costumes honestos do animo.

A Economica em que consiste o governo domestico, que segundo Aristoteles, & Xenofonte, he húa disciplina, que pertence ao recto governo da casa propria, ou alheia, tomada á sua conta, para cujo conhecimento se tocaõ em muitas occasioens infinitos exemplos. Da Paternal na de Tiberio, que criava seus filhos na guerra. Na dos Reys Godos, que criavão em seu Palacio os dos Hespanhoes mais nobres, para que a emulação nos exercícios honestos, & heroicos, incitasse aos infantes a se consumarem nelles. A Economica senhoril, na del Rey Dom Ioão de Portugal o segundo sem segundo, quando affectando hum dos da assistencia Aulica as apparencias de Valido, estando el Rey firmando memoriaes, se cobrio por detrás de sua cadeira, a quem el Rey reprehendeo, dizendo, que passasse para diante, porque os Reys não tinham avesso, nem direito, não revelando a nenhum de seus criados seus segredos, dos quaes alguns descubrio despois a morte, & delle disse certo Estrangeiro, que vira hum Rey, que governando todos, se não deixava governar de ninguem. A adquiritiva na de Antonio de Leyva, que sendo soldado ateve para deixar a sua filha duzentos mil cruzados, que calou com o Marquez de Cuelhar.

A politica, que segundo Aristoteles, consiste no governo da Cidade, Estado, ou Reyno, em q húa māda, & outro obedece: aqui se ensina eru-

ditissimamente nos discursos ao texto de Insto Lipsio, elegádose a Monarchia com tanta sciencia, reprovando-se a Aristocracia; & dando a conhecer a Democracia, que saõ os três generos da Philosophia politica;

A Metaphysica, que levanta o pensamento ás coisas espirituaes; muitas vezes se toca nesta Academia.

Temos mostrado como nesta Singular Academia se acha toda a Philosophia, segundo cuja certeza, não averá ninguem, que regulandose pella razão deixe de render a vontade aos poderes do entendimento na escolha do estudo, que nas assistencias della se consegue, & mais quando o primoroso desta escola não violéta o alvidrio no enfado da applicaçao; antes deleitando ensina, mesclando os agrados do gosto com as utilidades da disciplina: neste lugar se não enfastia a paſciencia do que se aprende, nem se molesta a aprehensão do que em outro podera ser fastio; pouca differença vai na materia de hum prado a hum jardim, muita si na formazem ambos fazem as flores pomposo alarde de sua fermosura; em ambas lisongeão as fontes a vista com successivo cristal, & aos ouvidos com liquidas cadencias; Purém tem diferentes prerogativas o jardim para picar com mais facilidade o gosto. Ia na bisarraia das fontes, que pirâmides de alabastro, parece que distilão aljosaf, com que enriquece os tanques; ja na ordem dos bancos que offerecem aos olhos a cento, empregandole nelles de acento os olhos, já enlaçando a curiosidade no intrinco dos laços, já figurando a admiraçao no engenhoso das figuras, ja galanteando desenfados na gala das flotes, & ja vestindo os olhos de alivios no vestido das paredes, representaçao propria desta Academia, donde para cultivar o juizo, iuventou a industria, desquites a modestia com a variedade; no sublime das politicas, na elegancia da Retorica, & no flórido dos versos.

Sem que muito custe se baratea aqui nas sciencias a materia da fama, quando esta se avia de comprar à custa da propria vida, porque se pôde na fama ser a vida despojo da morte, nunca pôde a morte despojar da vida a fama. Mais vivo retratão a Aristoteles as obras de sua sciencia, do que os pinceis de Apéles. Com a morte acaba o erudito na vida de ser o que foi em nascendo, mas não deixará de ser o que he na resurreição, renascendo á posteridade; remontase às Estrellas: *Fama super eterna notus*. E por poucos annos que perde de vivente, ganha de imortal muitos na gloria de racional. Estes são os poderes da sciencia, estes os privilegios do estudo, & finalmente estas as preeminencias do entendimento.

Foi assumpto desta Academia coroar el Rey D.
Pedro a Donna Inez de Castro depois de morta:

*De Dom João da Silva Thenente generalda Provincia de
Alemtejo.*

SONETO.

P Rincipe amante, que na fē rendida
Fiaste a doce, & palida belleza,
Se a liberdade no sepulchro preza,
A alma ao cadaver fielmente unida;
Por alta ley de amor restituida
Exemiste por hūa sō fineza
O sagrado Himinèo, da natureza;
Das leys da morte, & das pensoēs da vida;
Taõ finamente amor acreditaste,
Que se hum golpe separa a união mais pura,
Tu na separaçāo a eternizaste;
Não vence a teu amor a morte dura;
Pois que na morte tu sómente atâste
Nô, que em todos desata a sepultura.

SONE-

SONETO.

De Luis de Bulhão.

Ardiendo en llanto, quando no desecha,
 Corona Pedro a Ines, y bien se advierte,
 Que la Corona fabricò la suerte,
 Entre las llamas de su ardiente pecho:
 Aunque muerta, se vè que en nudo estrecho
 Une el Rey la razon, y su amor fuerte,
 Que en coronar las sombras de una muerte,
 Satisface al amor, quando al derecho:
 Amante prevencion, razon de estado,
 Con que ardores defuntos soleniza,
 Ya que darle no pudo lo animado:
 Porque diga el amor, que le eterniza,
 Que si no vió el incendio coronado,
 Que mirò coronada la ceniza.

SONETO.

De Pedro Duarte Ferrao.

Solo al morir con mano generosa,
 Felice os pudo hazer naturaleza,
 Que fuera desmentir vuestra belleza,
 Si al nacer os fiziera venturosa:
 El sceptro, y la Corona más famosa,
 Amor os puzo en fô de su firmeza,
 Y aun temo, que peligre la fineza,
 Si muerta no dexais de ser hermosa:
 No la parca presuma de atrevida,
 Pues contra el fiero estrago de la suerte,
 Hallais una Corona prevenida:
 Bien lo dispuso Amor, cuerdo lo advierte,
 Que si falta un imperio en vuestra vida,
 No falte una Corona en vuestra muerte.

S O.

SONETO.

De Andre Nunez da Silva.

L Utárao com valor, com furia insana,
 Entre Ines bella, & entre Pedro amante;
 O Amor de Pedro, sempre relevante,
 E a sorte de Ines, sempre tirana:
 Esta com presumpções de deshumana,
 Aquelle com abonos de constante
 Na bella Dama, & no gentil Infante,
 Forão assombro á terra Lusitana:
 Nesta dura contendida repetida,
 A belleza vencida foi da forte,
 Porém do Amor a sorte foi vencida:
 Pois a pezar da tirania forte,
 Se lhe roubou no Amor a sorte a vida,
 Croa, Amor lhe tributou na morte.

SONETO.

De Antonio Marquez.

A Sleys vivendo, Ines de Amor constante,
 As mãos Ines morreo da tirania,
 Quanto incendio abrasou de dia em dia,
 Tanto a enveja extinguiu de instâte à instâte:
 Do peito aquelle Amor fero, & gigante,
 Da morte aquella oseusa dura, & fria,
 Sobre o poder andárao á porfia,
 Não vence a morte Amor, mas vence amâte:
 Vê Pedro a Ines em purpura vestida,
 A que a morte sacrilega se atreve
 Tirar a vida a quem lhe tira a vida:
 Ajunta a mão robusta à mão de neve,
 Dizendo a Ines, com vez enternecidâ,
 Quem me levou a vida, o Reyno leve.

S O:

SONETO.

De João Carvalho do Souza.

Esle cetro, y corona tan querida,
 Esta calamidad tan deseada,
 Esta dulce inquietud, y siempre amada,
 Esta tribulacion aborrecida:
 Justamente de Ines fue merecida,
 Y justamente a Ines fue destinada,
 Que era bien que en la muerte fuese hórrada,
 Quien supo merecer tanto en la vida:
 Mas si entonces viviera Ines hermosa,
 O prudente quiziera de spreciarla,
 O discreta dexára de quererla:
Que como quien merece, menos goza,
 Sin duda Ines dexára de gozarla,
 Para mostrar que supo merecerla.

SONETO.

De Manoel Luís da Silva.

Tributa em leis de amor Pedro rendido;
 Sacrificios, a Ines por generoso,
 Se nas leys se izearou, Rey poderoso,
 Nas de amor por Ines ficou vencido:
 Idolatra o cadaver mais querido,
 Que animava seu peito venturoso,
 Quando toma nos braços lastimoso
 O bello objecto em cinzas reduzido:
 Vendo que por esposa a injusta sorte
 Lhe quiz negar em vida a Magestade,
 A quem já por amor era Consorte:
 Defuncti a colocou na dignidade,
 Dando de esposo armão à mesma morte,
 Por dar espôsa viva á eternidade.

OCTAVARIO.

De Antonio Lopez Cabral.

O Y Don Pedro Monarca Lusitano,
Por dar buelo a su fama peregrina,
Con triunfantes diadeimas de su mano,
A Nise coronò Reyna divina:
Traidores la mataron, pero en vano,
Si la erigió Don Pedro en su ruina;
Que el amor en un Rey, quando se apura,
Sabe thalamo hazer la sepultura.

Es la union de los dds tan afinada,
Y tambien se equivocan ambos juntos,
Que quien mirare union tan celebrada,
Ambos vivos verà, y ambos defuntos:
Tanto Pedro se junta con su amada,
Y su amor ha llegado a tales puntos,
Que se unir vivo, y muerto era tormento,
Esta union a los dos presta contento.

Va se miran los dds en competencia
Cotejar las finezas una a una,
Procurandose hazer correspondencia,
Quando vén la ocasion mas oportuna:
Mata a Pedro de Nise la violencia,
Quando a Nise la accion mas importuna,
Y si Nise muriendo se mejora,
Pedro, por mas querer, muerte la adora.

Toma la mano a Ni se Pedro amante,
Sin que darla pudiesse Ni se bella,
Mas èl para mostrar su fe constante,
Con su mano de nieve el labio sella:

Y

Ya

Ya no puede vivir un solo instante,
Sin que intente su ardor morir por ella;
Que quando junta a mor palma con palma,
Vne pecho con pecho, alma con alma.

5
Muere Nise por Pedro tan contenta,
Que la muerte le es vida a su deseo,
Tan constante en amar Pedro se ostenta;
que en morir por su amor muestra su empleo;
Si a Nise despojó mano violenta,
Pedro le tributó mejor trofeo,
Que si amor en el fin se perficiona,
Quien amando morid, ciña Corona.

6

Es de Pedro el amor ardiente fragoa,
Quando muestra en incédios su estrañezza
Son diluvios sus ojos con el agoa,
Que ministra a su ardor tierna fineza,
Muere Pedro por Nise en fiera magoa,
Vive Nise por Pedro en su pavesa,
Porque tiene la llama por costumbre,
Quando quiere morir dar mejor lumbre;

7
Arde Pedro por Nise en sus amores,
Muere Nise por Pedro en su porfia,
El explica en amarla sus primores,
Si ella admittie sufrir la tirania:
Si él augmenta por ella sus ardores,
Si ella por él se buelve en sombra fria,
Oy en ambos se mira en paralelo,
Con el fuego lanieve arder con yelo.

8

Tan constante a su Nise Pedro amava,
Ya su amor tan fiel correspondia,
Que quanto mas amor le tributava,
Mas juzgava su affecto le devia:
Su sol, como gentil, idolatrava,
Y mas alla su affecto transcendia,
Que si el Indo le adora en el Oriente,
Pedro adora su sol en Occidente.

DECIMAS.

De Manoel Carvalho,

M O T T E.

*Menos tibio, y más caliente,
El amor que siente es,
Ama lo que fue, y adora
Lo que ha dexado de ser.*

G L O S A

DE Doña Ines las heridas
mirava Don Pedro attento,
y del cadaver sangriento
las luces escurecidas:
a ceniza reduzidas
mirava su amor ardiente
manos blancas, térsas frente,
que aun a pesar del horror,
en Don Pedro estaba Amor
menos tibio, y más caliente.
Contempla en la tirania
lo acerbo de la impiedad,
y en la más alta beldad
la mayor alevo sia,
suspiros al ayre embia,
y repetidos despues,
digalo el olmo, y cipres,
testigos de sus amores,
que para ex cessos mayores
el amor que siente es.

De su dolor obligado,
de su passion oprimido,
de tiranos ofendido,
y de su amor abrasado,
al cadaver adorado,
que ya de vida mejora,
al tivía filla le dora,
para que reyne su bien,
dignos extremos de quien
ama lo que fue, y adora.
A corona, y cetro unida
toda la atencion la advierte,
para que reyne en la muerte
quien de amor perdió la vida
desta accion no repetida
de otro segundo querer,
claro se dexa entender,
que en amor tan singular,
no ay más fineza que amar,
lo que ha dexado de ser.

ROMANCE.

De Luis Bulhão.

AL trono sube Don Pedro,
a Doña Ines, y habilita,
poi Reyna una fē defunta
conaparencias de vida.

Darle su aliento quiziera,
ya que un Reyno le dedica,
pero teme que la muerte
obre segunda desdicha.

Que si por hermosa un' ora,
a su cuello el golpe aplica,
no ha de respectarla Reyna,
quando deidad la derriba.

Del Principe el coraçon
ante sus plantas se humilla,
dōs lealtades prometiendo
de guardar a la ceniza.

Como Reyna la venera,
y si guarda una fē limpia
a su defunta beldad,
Amor que lo vē lo diga.

Conosca Atropos cruel,
que si a Ines' alientos quita,
que no puede a la Corona
usurparla su porsia.

Si con los golpes del tiempo
las pirámides altivas,
los levantados colosos;
y el más regio Trono piza.

No há de quitarle su imperio,
porque del Rey la osadia,
supo coronarla muerta,
para eternizarla viva.

Si por no mirarla Reyna,
su fin la muerte publica,
en la Corona Don Pedro
tiene con que la desdiga.

Ignorante pueblo aora,
conocerá tu malicia,
que ha de recibir oy muerta
la que viva no admittia.

Y si el vulgo de las flores
tanto llovió su desdicha,
que a los ojos de la Aurora
lagrimas pidió aquel dia.

Enxuge el llanto, pues ya
las mismas voces unidas,
que antes repetieron muera,
todas le repiten vivas.

O paga de amor immensa,
que si noble finaliza,
ya magestad se levanta
de entre la misma ruina.

Pudo hacer el N.ño a lado
con las flechas repetidas
desuntas las magestades,
y vivas las monarquias.

Tan vivamente en el Trono
dominió la Regia silla,
que fue la que te en el acto,
la que pareció fingida.

O sin razon de una muerte,
como el amor te abomina,
pues le concedes el Reyno,
quando la vida le quitas.

Entre la pena Don Pedro,
recto Monarca, advertia,
pues la Corona le dava,
por no robar la justicia.

Ya la sobervia, que un tiempo
blotonava de atrevida,
a pesar de su dureza
llega a doblar las rodillas.

De tanto ardor no permitte
el Rey, que la fantasia
diga, que tanto fuego
quedó la ceniza tibia.

Que obrar un exceso amante,
cuando en premio no se estriba
es el tiempo en que mejor
su fineza se acredita.

La que en solio de esmeraldas,
la que entre agudas espinas
aclama por Reyna suya
la Republica florida.

Si a favores de la Aurora
viste Regia losanía,

en las manos de la noche
ya sin purpura se mira.

Diga Ines que la aventaja
con más alta maravilla,
pues al rigor de la noche
tuvo purpura vestida.

Premio sea la Corona,
porque es razon que la ciña
quien en batallas de Amor
recibió tantas heridas.

Y en su dorado clarin
la fama veloz repita,
que sabe Amor coronar
a quien por Amor espira.

ROMANCE.

De Tristau Guedes de Queirás.

La nieve en polvos desecha,
que sacrilegó poder,
traydor de sangre manchó
barbaramente cruel.
Y sin aliento, y sin vida
aquella beldad, qué fue
de los affectos aliento,
y en muchos vida de un Rey.

Infelizmente dichosa
en el amor más fiel,
logra aclamacion de Reyna
por Don Pedro el Portugues.

Eu afrentas la hermosura
de corrupcion discortez,
pudo el fuego más honrado
en finezas encender.

Desató muerte violenta
los vinculos esta vez
de los braços, mas no pudo
los nudos de amor romper.

Grata llama alimentada
de estimacion para arder,
robada corona ofrece
por la muerte a Doña Ines.

En vida una alma le dió,
y en muerte un Reyno tambié
Amor, que de liberal
presume siempre cortez.

Justicia en verganzas pide,
afficion piedosa, que
pudo en el crin en mayor
piedad al castigo ser.

Su voluntad acrediata
Don Pedro, en el querer bien,
cuando en caducas cenizas
la recibió por muger.

Tan viva su llama en todo
quiso a todos parecer,
que del talamo en ausencias,
solo admitió la viudez.

Dos sepulcros por su imperio
labró juntos el cincel,

donde en cuerpos divididos
una alma sola se ve.

ROMANCE.

De Antonio Marquez.

MUere Ines, y el Rey D Pedro
corona sus blancas sienes,
que si viva reynd en vidas,
muerta domine a la muerte.

Reynar despues de morir,
solo en Doña Ines se advierte,
que una belleza divina
puede reynar para siempre.

Del amor, y la vengança
dós veces herida muere,
El le ofrece la corona,
y ella purpura le ofrece.

Ya la miran sin potencias,
ya la admiran con poderes,
la muerte le quita aquellas,
amor le tributa aquestes.

El golpe de Doña Ines
a Don Pedro se convierte,

y como muere Don Pedro,
a Ines el ceptro le viene.

Quando se corona un Rey,
vivas conclama la gente,
mas quando Ines se corona,
el Rey mismo es el que muere.
El reynar para morir
es lo que en los demás suele,
mas morir para reynar,
a Ines solo se concede.

Blason sea de Don Pedro
esta accion eternamente,
pues hizo Reyna a quien pudo
hacer vassallos los Reyes.

Fue de un Rey Ines amante,
y ainsi pudo hazer la suerte,
quela que amante de un Rey
Reyna de un amante fuelle.

ROMANCE.

De Antonio Serraõ de Castro.

EU sou, ille ego, qui quondam,
sempre aqui fallei de riso,
mas porém no assúpto de hoje
he razão mudar de estílo.

Perdos agora o Congresso,
que se por ser meu amigo,
sempre fui sua alcaparra,
hoje ferei seu fastio.

Mas se ao peixe fdra da agoa
da vida se corta o fio,
ca saido de meu centro,
ja me imagino perdido.

A aquella Estrella sem luz,
aquele Sol ja extinto,
á Flor ja cortada em flor,
á Rosa tornada Lirio.

A aquelle

Aquelle cão de garça,
Dona Ines de Castro digo,
lastimado & triste amante
crao Pedro, Rey invicto.
Coroar Pedro a Ines moita,
foi de amor bem claro indicio,
que passa os termos da morte
amor que se ostenta fino.
Dous prodigos que admirar
em Ines, & Pedro advirto,
viva Ines estando morta,
Pedro morto estando vivo.
Na fermosura de Ines
não teve a morte dominio,
viva està na fermosura,
se morta no sensitivo.
Pedro morto està de amor,
só vivo para o sentido,
pois vê que hum viver penado,
he hum morrer successivo.
No Oriente o Sol se coroa,
no Occaso perde seus brios,
porém coroarse no Occaso,
só no Sol de Ines se ha visto.

Purpura, Sceptro, & Coroa
dá à Rosa Abril florido,
mas Purpura, Croa, & Sceptro
lhe tira o Dezembro frio.
Só no Dezembro da morte
no mais riguroso estio,
se coroa Ines bella Rosa,
Pedro lhe dá ceptro digno:
Regia luz dá Pedro a Ines,
qual Sol, Planeta luzido,
quando a clara luz da vida
lhe priva hum eclypse inípicio.
Pedro, & Ines com esta acção
sempre serão conhecidos,
elle prodigo de amor,
de belleza ella prodigo.
Emfim Rainha coroada
ficou por todos os siglos,
& sómente nesta acção
faltou só hum requisito.
Que foi dizer viva, viva
nesta ocasião os meninos,
& tambem hoje o Congreſſo
não me dirà victor, vitor.



ACADEMIA DVODECIMA,

Em que foi Presidente

LVIS BVLHAM.

Em 11. de Dezembro de 1665.

Orou da maneira seguinte.



M zodiacos de zafir, & entre zonas de nacar, & em berços de ouro, sendo prologo de sua yinda, senão ja dispêleira de suas luzes , a fermosa may de Menon , nasce o Principe das espheras,nasce essa ardente tocha do firmamento; nasce o pay dos luzimétoſ, o Sol digo , & a penaſ principiou a fazer alarde ao mundo de seus cristalinos rayos, & no instante em que começoſ a repartir fulgores, & se cõſtituiſo Monarca do mundo em o Oriente, quando em o mesmo in ſtan‐te teve por objeſto a sua vista o Occidente,ſe não já para desengano da mayor altiveza,para os grāndes húa adyvertencia de justiça,pois ao mesmo paſſo,que para nōs faz clauſula sua luz,neſſe melmo tempo vai ro‐dando para naſcer. E como em os Principes feja a justiça o attributo mais excellente, & a virtude mais relevante em hum Monarca , como quer Aristoteles;

'Preclarissima virtutum est iustitia.'

E no Sol pareceſſe falta, aſſiſtir com suas luzeſ aos Antipodas, & a nōs em eſſe tempo ſepultarnos em as trevoas, que fez, cõmunicou parte de ſua luz,repartoſ ſeus rayos para outro menor Planeta, para que em nōs nem tudo foſsem horridades,nem tudo luzeſmentos, acção digna de hū Rey na equidade do giverno,luzido excesso de hum grande na libera‐lidade do repartir. Alliſim hojē me conſidero nesta cadeira hum retrato do que tenho reſerido,pois tendo em a Dominga paſſada brilhado em

este

este Oriente dos engenhos o sol da sciencia de quem me elegeo , quiz como grande que substituisse sua ausencia, para que em quanto o mundo admirant tanto rayo, não fique esta Aula sem Planeta que lhe presida.

Temeridade parecerá que eu desconfiasse de minha capacidade, pois se aquele menor Planeta luz com os reflexos que participa do Sol & se vê acompanhado de Estrelas, que com seu luzimento o acompanham, & preside em hum solio celeste, supposto que presida denoite , tem luz, tem Estrelas, & tem solio. Bem sei, ò Singulares Academicos, que presido em a noite de minha ignorancia, mas têdo illustrado esta Aula quem nomeou, tenho luz comunicada de leus rayos , presidindo em esta singular Academia tenho solio, & tendovos a vós tenho prezetas Estrelas.

Costumava o Philosopho Publio Mimo referir húas palavras dignas de se ponderarem; diz elle:

Deliberandum est diu,

Quod faciendum est semel.

Em as quaes, como discreto, & como sabio, quiz dar a entender ao juizo mais levatado, & à ideia mais relevante, & ao engenho na sciencia mais consumado, que para se haver de empreender algua empresa grande, se havia de considerar mui de espacio aquillo que se havia de executar em hum dia:

Deliberandum est diu,

Quod faciendum est semel.

Considerava eu, ò Singulares Academicos, obrigado destas tão sêntenciosas palavras, que quem não legue os dictames dos Sabios , ou cae precipitado de sua presunção, ou vive em as trevas de sua ignorâcia. Considerava por largo espaço meu discurso, que louvores vos poderia dar que exagerações poderia de vds manifestar. Entre os discursos, q formavâ minha ideia, se a easo se resolvia a louvarvos, ouvia os eccôs dos que melhor, & com mais erudição vos sonberão dar, em estillo grandilico os aplausos, que por incapaz não pude alcançar. Se meu entendimento se dispunha em hyperbolicas exagerações a manifestar aos ambítos da terra vossas grandezas, conhecia minha voz fraca , & que a fama em seu dourado clarim tinha tomado à sua conta esta empresa , dilatando o nome de Singulares, & o Prelô, a que destes vossas óbras. E como conheci que para vos colocares em o alto dessa empresa piramidal, rom pestes o obstaculo dessas trepadoras Eras, que envejosas de tanta Magestade, procurão, sendo aberros da natureza, reduzir à sombras o q tudo faz luzimentos, porque se veja nellas maior abatimento, & em vds duplicada gloria, & juntos como contrarios, fiquem mais gloriosos vossos braões, como quer Aristoteles;

Contraria, iusta se posita magis elusescunt.

Discursarei hoje de vds h̄ña enveja frustrada, significada em aquellas eras para com vossa sciencia; h̄ña sabedoria izenta, simbolizada em aquella piramide, & naquelle Sol que vos assiste hum luzimento merecidol.

Quanto ao primeiro ponto da inveja frustrada.

Imaginava eu que tinha a enveja seu nascimento de paýs humildes, por que me parecia a mim que todas as coulas vis, não podião proceder de alta profapia. Mas hoje vejo que nasce a enveja dos mais illustres progenitores; a penas se vio o fabio com algum lume da sciencia; quando dessa mesma sciencia sahio a enveja apropinquando a censura;inda bém não subio o General em a triunfal carroça , parâ entrar ovante, quando desses clarins, que lhe appellidão a victoria , nasce a enveja a capitular de seu governo;nasce o nobre, & a penas se vio embalado em seus braçoēs, & em as mañilhas de illustre; quando desses braçoēs nasce a enveja a ver se pôde diminuir sua nobreza. De sorte, que combate ao mais sciente, ao mais valeroso; & ao mais illustre; não he parecer meu, mas de Tito Livio:

Invidia, fuma petit.

Ora esta consideração, supposto que paradoxo, anda tão vinculada a enveja com as partes, que parece procedem de hum mesmo nascimento, tem em si muito grande diferença, porque nunca se puderão dar partes com enveja, nem a sciencia teve connexão com a enveja, que a ter em algua perderia a sciencia o credito, mas como dá o motivo parece tem h̄u mesmo nascimento, & como se não pôde dar em hum mesmo tempo ter hum homem discreto, & ignorante; & em boa Philosophia:

Non potest simul esse, & nouisse in eodem subiecto.

Que fez a enveja, pozse a ver se podia destruir a sciencia, & a sciencia a ostentarse inexpugnável contra a enveja.

Impossivel fora, que a enveja pudesse postrar a sciencia, se primeiro que empregue a lança, he tal o bem onde determina empregar o tiro, que só com sua presença faz com que essas lanças retrocedão , & seja a mesma alma que lhe dava o impulso para voarem alvo de seus propios ferros. Assi o disse Vérino:

Invidia est anima tinia.

Hec seu vipera mordet.

Autorisque sui viscera prima ferit.

E basta só a presença do fabio para haver de postrar sua soberba, pois nunca determinara lançar as setas do arco, le a sabedoria não forá penoso objecto a sua vista.

Quiz

Quiz Alciato simbolizar em húa de suas empresas o hyeroglifico da enveja; & que pintou? pintou húa mulher com os olhos enfermos, & com húa mão desentranhando seu proprio coração; & entre os mais ver sos do hyeroglifico diz elle:

Cinq[ue] d[omi]ni oculi: quaque fuum cor edit.

Bem me parecia a mini, que se não podia sustentar a enveja, salvo fosse com seu proprio coração, & que bastava o lume da sciencia para abrasar seus olhos; sustentese de seu proprio coração, pois se não pôde alimétar com estragos alheos; sintão enfermidade seus olhos; pois não podem ver execução em aquillo que pretendem arruinar; padeça em cada sujeito hum rayo, experimente em cada accão húa pena, & chega a enveja a padecer hum sentimento tão perpétuo, que atinge depois da morte de hú Varnão insigné em qualquer sciencia, ou arte lhe serve de penoso cuidado. Ora olhai o que diz esse, para quem a corrente Castalia se dispenderá em a ligeira das ondas, Lope digo:

*Marino Fenix ya de sus despojos
Yaze en Italia resistiendo olvidos,
Rubens, los Heroes del pinzel vencidos
Dá gloria a Flandes, y a la embidia enojos.*

O Singulares Académicos, como viveis izentos da enveja, não temais q[uod] vos possa offendere, que os mesmos passos que der para vos motivar a ruina, com esses caminha ao precipício. Testemunha me pudera ser desta verdade hum Amão, que ao mesmo tempo que aparelhava a Mardonio hum cordel, nessa hora ordenou hum laço a sua garganta, & o poz a elle ao lado de Assuero.

Bem sei podereis dizer, que se tem visto postrados, & condenados a muitos varoës sabios a misero destino, & a muitos valerosos Capitaes avexados pella mão da enveja. Direis que pella enveja de Clodio desterrão o Pay da lingoa Latina, & summo Orador Cicerio, mas não me affirmareis que lhe apagou a enveja a memoria de suas letras, nem q[uod] lhe tirou a palma que alcançou em livrar a sua patria da perigosa conjuração de Catalina nem que vinte mil homens se não vestirão em trage funesto, & que deixasse Roma de o restituir a sua honra. Direis que a Demosthenes desterrão os Ahtenienles; mas não pôde a enveja desterrar-lhe o titulo de Principe da eloquência Grega, & defensor de Athenas. Desterrado estaya de Roma injustamente Camilo, quando os Francezes a conquistarão, & tendo cercado o Capitolio não lhe pôde

atar a enveja as mãos, para que lhe prohibisse o vir a libertar a sua Patria de perpétuo cativeiro. Nenhuma Republica devo mais a homem do que Lacedemonia a Licurgo, & com tudo dirão que foi apedrejado pelas mãos do odio, mas não por em silêncio seus costumes, & a capacidade que teve para dar leys, com que os Lacedemonios se governassem; por onde se abalizou sabio, & os Lacedemonios se constituirão integratos. Padeceo a mesma pena hum sabio Solon, hum Scipião Nasica, que libertou a Roma da tirania dos Gracos, hum Publio Lentulo, hum Boessio Severino, hum Dion Seracufano, & outros muitos, que por não ser dilatado, não refiro, aos quais procurou vilmente destruir a enveja sem conhecer, que os sageitos grandes, & em toda a parte conhecidos, supposto que experimentem os estragos, nunca de todos padeceem a ruina, tendo em sua fama o despertador de seus nomes, conceito he de Aristoteles.

Fama, quam multi populi celebrant non ex uno verit.

Fique pois a enveja frustrada nos intentos, que se esses trepadoras Eras determinão prostrar a sciencia, à vista de sua porfia terceis maior gloria, & experimentando vossa perpetuidade, será ludibrio do tempo o que presumio prostrar a maior altiveza, & virá a conhecer que:

Solaque non possunt hanc monumenta mori.

Quanto ao segundo ponto da sciencia izenta.

Se a sciencia nasce livre da voraz enveja, de que não estará izeta? O como parece facil, vencido este inimigo, que todos os mais obstaculos não sejam difficultos de vencer. Vive a sciencia, como se o tempo não tivesse azas; impera a sciencia, como se não ouvessem Magestades, predominia a sciencia, como se a inconstancia não movesse a roda. Tão izenta vive a sciencia do tempo, que aquillo que parece lhe podia tirar a vida, só duplicadas razões lhe dão o ser, ou já na continuação dos estudos, ou só servando suas memórias, he a lamina em que melhor se conserva; nunca esses Heroes de vossa empresa resistirão ao poder da enveja, nem farão hyeroglifico da sciencia, se o tempo não guardará seus nomes, & de vossas penas nasce juntamente com o que escreveis a eternidade; parecer foi de Tibulo Eleg. 4.l. 1. diz elle:

*Quem referent Musa, vivet dum roboretelus;
Dum Cœlum, Stellas, dum yebet annis aquas.*

E Lucano lib. 9 da Pharsalia:

O fecer, & magnis vatum labor omnia fato

Ex ipsi, & populis donas mortalitus evam.

Proton por terra o tempo os maiores colosso, reduzio a cinzas as

mais

mais levantadas estatuas, nunca as piramides dos Egypcios, que forão hú a das maravilhas do mundo, padeceraõ os estragos, se as fabricarão à mitação da que vos serve de emprela & fora agora assump to para os olhos, d que só he motivo para o discurso.

Perguntáraõ ao Philosopho Chillo se ayia no mundo algua confa em que não tivesse imperio o tempo para aver de a destruir; respondeo, que duas; as quaes erão a Fama, que ficava por escritos, & a Verdade escondida, porque a verdade pôde succeder que se suspenda, mas em algú tempo não podia faltar, & os escritos dos sabios fazem que tenhão os presentes a estimacão delles, pella que lhe derão os passados, e consiste sua esse ncia em a perpetuidade, & chega a ser tão izeta; que depois da morte tem o melhor aplauso; poucos exemplos saõ necessarios para corroborar esta verdade, pois ouverão muitos varões, que depois da morte, forão mais venerados, & agora acabo eu de entender aquellas tão elegantes, como mysteriosas palavras de Quintiliano, donde affirma q he grataancia para quem morre com honra a mesma morte, diz elle:

Lux i faci mortis atq; statem, quisq; laudatus occiditur.

Impera a sciencia, como se não ouvessem Magestades, subio a sciencia aos mís levantados tronos, ou ja por gloria da melhor coroa, ou para conservaçao da politica, que lhe dà o ser. Pôde o brço do Principe abater ao valido, mas se esse valido for sabio, não lhe podera tirar a iciecia; pelllos mesmos termos o disse Ovidio.

Ingenium tamen ipse meo, comuor qua si uer qua.

Cazar in hoc potuit iuri haber enib;

Nasceo tão nobre a sciencia que naõ tão sómente está sogreta ás Magestades, mas pôde dar ao Monarca aquillo de q talvez naõ pudera fazer merce Repartio a sorte os cetros, & debaixo delles inclui o Reynos as Monarchias, os Imperios, os Estados, o ouro, a prata, as pedras preciosas, & tudo mais de preço, mas naõ propriedeo a sciencia, porque se a prometera, mostrara que a tinha sugreta a si, & que o Principe poder a ter Imperio nella, & para issa andou a natureza tão prevista, q a pos em o entendimento do homem, donde naõ pudese padecer infortunio, & tamizenta que naõ necessitasse de coula alguma, & que sirva para o pobre de riqueza, para o poderoso de honra, & para os velhos de gosto Lucio Floro,

Disciplina, pauperibus divitiae

Divitibus ornamenti

Sentibus oblietamenti

Predomina a sciencia, como se a inconstancia não tivesse todas, Oh cor-

mo vivé izenta de suas quedas, abateo ao mais baixo; aquelle q̄ no mais alto tinh̄ collocado, não me admiro, era bens em que tinha dominio, podia dispor delles, mas por mais que ande não poderá levantar ao cū me da sciencia, porque mal poderá dar a alh̄ quem aquillo q̄ue não pôs, fôe, & fera o tem poder para dar sciencia, por consequencia não pode tirar o que não deu.

Bem experimentou esta verdade Dionisio; quando o desterraram de seu Reyno que perguntandolhe em o desterro, dê que lhe ayia servido Platão, & a sua Philosophia; respondeo, que de sofrer com paciencia a mudançā de tão grande prosperidade Bem mostrava Dionisio, q̄ lhe tinha servido a sciencia de repaf, para todo o estudo em que o puzesse, ou já no mayor favor do trono, ou para soportar suas inclemencias, mostrando que lhe servia a sciencia para prospero, & adverso estando, bem o sentia Sícero quando disse.

Studis, auctoris, res secundo ornantur adverso adjuvantur.

Oh singular sciencia, pois vives como se o tempo não tivesse azas, impéras, como se não ouvessem Magestades, predominas como se a inconsciencia não tivesse roda, vivendo izenta da voraz enveja, da continuaçā dos tempos, do poder das Magestades, & pois tão izenta vives com razao se disse de ti.

Solaz possunt, hac monumenta mori.

Quanto ao terceiro ponto do luzimento merecido.

Grande injustiça se fizera à sciencia, quando a tanto merecimento se não seguira hum igual prémio, & se os versos (como quer Ovídio) fazem aos Deoses, & necessita sua grandeza da voz do Poeta, como elle affirma & I 8 14. depõe. *Dix quaque carminibus si quis est dñe. e si sunt, tantum que maiestas orebientis egit.*

Não podia deixar de vos assistir, ou como Deos da Poezia, ou com o arco, & frexas com que venceo a serpente Piton para vostra defençā, ou já com a lyra cantando vossas glorias igualando seus atributos ao muito que mereceis, que a húa singular sciencia só a igui ilha hum singular luzimento. Se os merecimentos de hum sabio, se ouvessem de governar pella razão, o coto h̄ certo que só grandes puderão premiar o que merecem, & quando esses vos faltem com os obsequios, que mayor felicidade, que serdes merecedores delles, assim o sentio Plínio o moço, quando disse.

Vera felicitas est,

Felicitate dignum videri.

Oh como não devem de aver inconvenientes para se vos dar o premio.

Não

Não falte pois a gloria ao merecimento; chegou hum Aristoteles a ser Principe da Philosophia, alegrele hum Phelipo Rey de Macedonia de o ter por mestre de seu filho, & ja tese Alexandre de ser seu discípulo; foi hum Homero assombro da Poezia Grega, contendão se te Cidadés sobre qual será sua Patria, & sirva sua Helia dade Azilo em que descanse a cabeça de hum Monarcha. Foi hum Virgilio pasmo da Poezia Latina heroyca, conceda hum octaviano, que quando repetir seus versos em o theatro, se levante o povo todo, & lhe fação as mesmas honras que a sua pessoa; hum Ovidio no verso; Elegiaco recebá honras de hum Augusto Cesar; hum Oracio Principe dos Lyricos, seja o mimo de hum Messenas. Oh grande Luis de Camoens! que largo assunto offerecias agora a minha Oraçao, se ainsi como acabo, principiara meu discurso, n as sirvate de premio seres assombro do Mundo, & venerado das melhores naçoens delle, & ser gloria dos Portuguezes; hum Gongora, hum Lópe, hum Gracilasso, lejão estimados dos Príncipes de Hespanha, & vds em aquelle ultimo liyrolustre de Portugal, & todos juntos hum Geroglifico da scienza.

Porém singulares Academicos estes, triunfos, estas izençoens, estes luzimentos, não se alcancão sem a cõtinuação das Academias; siravos de espelho para continuares, quando não o que conseguis, esta sentença de Quintiliano.

Plus usus sine doctrina, et non usus quia non est in qua.

Quam doctrina sine usus valeat.

Donde affirma, que mais proveitoso he o uso sem letras, do que letras sem uso; não avemos de presumir que já sabemos; se não tratar de saber, trazendo diante dos olhos estas palavras do Philosopho Timistoc.

Maxima pars eorum qui simus,

Est minima eorum qui ignoramus.

E Alberto Bresiano.

Pars scientia, est sibi quod nescias.

Concluindo Marcial.

Discendi modus, est sibi necire videbis

discere sed assidue discere sed ut sapias.

E desta sorte triumphareis da enveja, vencereis o tempo, colocando vos izentos vossa fama.

E lá vos tem lugar no fim da idade,

No Térmplo da suprema eternidade.

Tereis o luzimento merecido, & sabendo triumphantes Jerá os seculos por letra de vossos brazoens.

Solumq; non possunt hac monumenta morte.

Ao Presidente:

SONETO.

De Antonio Serrão de Castro.

LOnge vā meu senhor, o vosso agouro,
Basta que estais com nove irmãas casado?

Vós com noye, mulheres despozado?

Quando com sete se contenta hum Mouro?

Das nove Musas tendes o thesour o,

De todas sois marido tão amado,

Que cada qual seu dote vos tem dado,

Valendo cada hum, hum milhão de ouro.

Porém correi com todas muito embora,

Que cabedal vos acho para tudo,

Bem o mostrou a Oração de agora;

Apolode a ouvir ficou cefudo,

a luz perdeo hum pouco nessa horas;

Admirado ficou, suspenso, & mudo.

Ao Presidente.

S I L V A.

De Pedro Duarte Ferrão.

A Lentada osadia,
Con que valor, y con que gallardia,

Discreto Presidente,

Al solio te ás subido más lucente,

Pues bolando con alas de tu fama

Venciendo rayo a rayo, y llama a llama,

Con tantas luces bellas

Te miras colocado en las estrellas,

Don:

DOS SINGULARES DE LISBOA.

282

Donde primo te miro, y más segundo
Honra de Apolo ser, gloria del Mundo.
Oh que felices años, Pues sin temer, ni rezelar los daños
De la iubidia, que a todos atropella
En el zafir te miras pueva estrella.
Oh que florida edad, donde las flores
Ya para todos son frutos mejores.
Oh divua eloquencia, Donde sciencia aprende la sciencias
Mas que digo, deten pluma tu buelo,
Que se icaro al Cielo
Oy pretendes bolar desvanecida,
Te verás en el fuego consumida,
Mirando de la más alta esphera,
En ceuiza baxar lo que fue cera.

Foi Assunto desta Academia, húa
Dama retratando seu Amante.

S O N E T O.

De Andre Nunez da Sylva.

A Lamina constante traduzia
Clori las prendas de Fileno amado,
Fileno alma gentil de su cuidado,
Que ausentarse a sus ojos pretendia,
Al rigor de la ausencia prevenia,
El dulce alivio, en el feliz traslado,
Porque no le robasse el tiempo afiado
El fuego illustre que en su pecho ardia.
No se quexeu, dezia, no mis ojos,
Que la imagen que el alma logra amante

Aa

Falte

Falte a sus niñas en tan triste calma.
Que qundo son tan unos los despojos,
Es justo que en cuidado tan constante
Logren los ojos, lo que logra el alma.

S O N E T O.

De Sebastião da Fonseca, & Payva.

Para piuntar la Aurora el Soldorado
Registra en el Oriente las colores,
Y bolviendo pinselflos resplendores
Al monte luces dà, matís al prados.
Ansi Marica Solehamorado,
Queriendo retratarla sus amores
Desembaina curiosa sus fulgores
Para herir las colores su cuidado.
Empieça la pintura, y contemplando
El corto espacio que ay para piuntarle:
Dixo (queriendo amor piuntarle entero)
Si Belardo mi pecho està aniinando,
Para que pueda entero retratarle,
Mi proprio cōraçōn retratar quiero.

S O N E T O.

De Antonio Serraõ de Castro.

AVZENTE de seu bem, triste em orfus,
Nize cōmpressa d'hum seu retrato faz,
Os pinseis fez de penas de Aloatráz,
E as tintas fez em cacos de alcátraz.
Com palavras mai sdides que alcatusa
A seu retrato diz, não falapás,
Porque, dize, reposta não me dás,
E a tudo quanto digo fazes bus.

Fabio

Fabio chegou, & logo a Nize diz
Não falar o retrato muy bem fez,
Pois que nãolhe puzeste o teu verans;
Se a caso me retratas outra vez
Retrata o coração, que eu nelle fiz
O teu retrato, Nize, em que te pes.

M O T T E.

*Ando triste como vedes
De contíno imaginando,
Meus males ando pintando
Com carvão pellas paredes.*

G L O S A.

De Antonio Serraõ de Castro:

Dame moça, tintas, cores,
palhera tento, & pinsel,
laminha pano, papel
para pintar meus amores,
para alivio dos rigores,
da ausencia, & de suas redes
quero fazer nas paredes
de Fabio húa pintura,
porque nesta ausencia dura
ando triste como vedes.

Não sey se retrate a fresco
hoje Fabio meu querido,
mas para ser parecido
melhor sera dc brutesco;
disseme hum pintor Tudesco
que a olio o va retratando,
ou que o va iluminando;
tomara outro parecer.
que ando para o bem fazer

de contíno imaginando;
Ia feito de morta cor
tenho de Fabio o retrato,
mas he para mim tão trato
ver morta cor meu amor:
da ausencia cresce o rigor,
meus males vão se aumentando,
que como a vou retratando,
vejo o retrato prezente,
tendo o original ausente,
meus males ando pintando.
Bigodes não vão pintados,
que meu amor não atina;
Ou se os trás à fernandina,
Ou á Schomberga tosados;
Os pinseis já saõ gastados,
Ia tintas em mi não vedes:
de outras tenho grandes sedes
Dame outras, moça se podes,

Se não pintolhe os bigodes

Com carvão pellas paredes.

REDONDILHAS.

Do Presidente Luis Bulbaõ.

YO reduzgo a breve summa,
Files y en corto papel
los claros de tu pinsel,
los borrones de mi pluma.

Oy retráta sin defecto,
Fabio tu pinsel losano,
pues quieres deva a tu mano
lo que tiene de perfecto.

Suspende el pinsel un rato,
y conosca tu inocencia,
que pronostica una aulencia
quien solicita un retrato.

No es mucho que tu favor
le retrate aora al vivo
si con un rigor esquivo
le diste muerta color.

Del retrato, mi sentido
juzga se ha de parecer,
pues por no favorecer
quieres vaya parecido.

Y pienso no juzga mal,
que era imposible se viese
la copia favorecisse,
quien mata el original.

En esto, File, repára
si quieres que salga hermoso, !
déle tu pinsel gusto
las colores de tu cara.

No quieres su parecer,
que le pinte otro desvelo,

o Files, como rezelo,
que es pintar como querer.
Pero esta certesa toma
que ha de salir con primor,
por quanto mano mejor
no vió Pariz ni vió Roma.

Oy que Fabio reconoce
el retrato singular,
tu favor le haze afirmar
que diga no se conoce.

que alguna no le conoce,
Y venciendo el tiempo esquivó
la diferencia ha notado,
no d' vivo alo pintado,
pero d' pintado al vivo.

Si alma le quizeras dar,
no te costara desvelos,
pires sin robar a los Cielos,
le pudieras animar.

Ya no le puede tener
por necio mi estimacion,
pues miro en esta ocasion
que tiene buen parecer.

Quiera Dios que su destino
nunca diga a tus rigores,
que el olio de tus favores
no le parecid muy fino.

Ya no será desdeñado
experimentando desdene,
pues para amante; le tienes
en este dia pintado.

REDON

REDONDILHAS.

De Sebastião da Fonseca, & Payva.

QVerote falar de amores
Belardo, que o mandá amor,
& não me mudes a cor,
quando te quero dar cores.
Quero terte retratado
para verte de contíno,
que posto sejas menino
gosto de verte pintado.
Para pintarte, disposto
tenho o pinsel, que condena
o limite de húa pena
hum tão dilatado gosto.
Lança a linha minha pena,
mas tu deixala por minha,
& he muito passes a linha
sobre taboa taõ piquena.
Torna ati, Sabio caminha,
que ser indiscreto noto
baxel que perdido, & roto
passa sem agulha a linha.
Do cabelo desconfio
posto o pinto rico, & louro,
por ver nestes fios de ouro
andar meu amor de hum fio.
Pinto a testa, & com razão,
sinto ver tal neve nesta,
pois essa neve da testa
pasce desse coração.
Pinto as sobrancelhas pretas,
pois saõ, sendo tão iguaes,
para Nise arcos triunphais,
para mim arcos de setas.
Se tanto à cegas atinas,
quero (posto saõ rasgados)

pintarte os olhos cerrados,
sò por não teres meninas.
As cores mal posso achalas
do nariz, se a neve as tem,
mas quero pintarto bem,
porque me diga o que fallas.
Quero a boca retratar,
& por me livrar de pena,
querô pintarta pequena,
porque não say ba fallar.
Se as faces saõ verdadeiras
dirmehão tuas acçãoens vans,
que sendo duas maçans
bem podem ser chocalheitas.
Quero que o bem me concedas
de pintar a barba rica,
porque vejs tem Marica
maõ para essas tuas quedas.
Na pintura assombros ácho,
mas porque sique mais bella
a garganta pinto, & della
não passarei para bayxo;
Que será fatal defeito
da infastá pintura minha,
não se perdendo na linha,
quererse perder no estreito.
Quero acabar ja contigo
rompe sem roupas essa agoa,
q os q andão sobre húa taboa
nas roupas tem mór perigo.
Fique nas agoas envoltas
a volta, suje de afrontas,
porque estas voltas de pontas
saõ muy per goadas voltas.

Amão

A mío que no pinsel fica
não pintarei desta vez;
porque o coraçāo não des
aqueum não seja Marica.
Fiquemos Belardo, aqui
por quanto es (se bē o entedes)

quādo com Nizé me offendes,
meyo corpo para mim.
Acabei de retratarte
ficate Beillardo à cegas,
se meyo corpo me negas,
o corpo quero furtarte.

R O M A N C E.

De Antonio Lopes Cabral.

SE quieres pintar de Anfrizo,
Clori, el más bello retrato,
de tu pecho, pues le quieres,
puedes sacar el traslado.
Mas si en tú pechó le anidas,
mal haces en retratarlo,
porque el quitarle del pecho
más que favor, es agravio.

De que le sirye a tu dueño
mirarse en el mejor quadro,
si donde està tan al vivo,
le matas pará sacarlo.

Como contra sus finezas,
sin respetar sus agrados,
quieres que copien pinselas,
lo que afectos debuxaron.

Retratar de Anfrizo el cuerpo,
no le allo consejo sabio,
pues vā de tu pecho al paño
cuanto del vivo al pintado.

Si bláfona de pintora,
sierra, Clori tus dós labios,
que lo que el natural pinta,
no puede el arte igualarlo.

Si no es que ha sido tu amor
tan liberal, y tan ancho
que para emplearle todo
busca objectos duplicados.

Si de tú Anfrizo procuras

pintar el talle bizarro,
que importa pintarle el cuerpo
si el alma se queda em b lanco.
Si su ausencia determinas
aliviar con su retrato,
mal hazes, que la pintura
su ausencia está publicando.
Este quadro que matizas,
de zelos será retablo,
quando vieres su pintura
a todas estar mirando.
Mas si rizueño le pintas
tu le mirarás llorando,
que el reirse para todas
te dará dolor doblado.
Se le pintas mano en pecho,
por pintarle más gallardo,
que quiere a quantas le pintan,
en conciencia está jurando.
Si de retratar te alabas,
no has dé al proprio retratarlo,
q siempre an sido en quien ma
lisonja, y verdad contrarios.
Si te enamorā su talle,
mira q siempre has de hallarlo,
muerto para tus favores,
si a tú s finezas pintado.
Retrata pues de tu Anfrizo
el talle, y cuerpo gallardo;

que

que es pintar como querer retratar si songeando.

ROMANCE.

De Pedro Duarte Ferrao.

No me admira hermosa Files
el ver que en satisfacion
de tantos retratos vuestrros
bagais un retrato vds,
Mas d que ayroso, y que lindo
saldrà lo que pinta Amor,
Si teneis sobre lo bello,
con poder jurisdicion.

Bisarro queda el Amante,
que bellos los claros son,
pues la luz de vuestrros ojos
al pinsel se los prestò.

Sombra no tiene ninguna,
que fuera mucho rigor,
mirarse entre sombras, quando
tenia presente el Sol.

Oh que bien que vuestra mano,
bellà Files debuxò
del original del pecho
la copia mas superior.

Aprender puede liciones
el artifice mejor,
que hasta del pintar de Apeles
para el vuestro se apeldò.

Pues tan bellà la pintura
a los ojos se obstantò,
que alma juzgava tenia,
quien al dueño la robò.

Pero siendo cosa vuestra,
no dudo tenerla; ndo,
porque teneis para todo
vds una alma en cada accion.

Mas quien duda que al retrato
hazeis una imitacion

de vuestra rara belleza,
y mas singular valor.
Golfo de luces parece
su cabello, inundacion
del mas brillador luzero,
del mas vivo resplandor.
La nevada frente en blanco
a lo mas puro dexò,
porque al pinsel vuestrros dedos
toda la nieve aplicò.

Dos Iris de paz las cejas
hazeis con tanto primor,
que no teme los diluvios
quién sus bellas cejas vió.
Cielos parecen los ojos,
ya forma quién los mirò,
que para seren celosos
los vestis de su color.

Si es vuestra nariz columna
con que un cielo sustentò,
la gala, y la bizarria,
el donaire, y perfeccion,
Quezistes que la de Fabio
fuese vuestra imitacion,
porque pareciendo aquella
tuviesse todo el valor.

Ya por rosas las mexillas
es cada qual una flor,
que hurtadas a tantos Mayos
le siven de emulacion,
Vuestra boca a la pintura
algunas veces llegò,
pues su grana medio, a medio
con la de Fabio partiò.

De cristal ser barba, y cuello
claramente se mostró,
pues hecha de piedra es toda,
quien cuello y barba formó.

Pintastes bellas las manos,
pero liberales no,
pues ya para ser ecassas
le dan las vuestras licón.

Todo hermoso, y todo lindo,
el Amante se murió,
ya ser en el agoo, fuera
de su muerte executor.

Viva pues contento Fabio;
que industrias de Fíes son,
pues quiere q si ay dos Venus,
se miren cupidos dds.

R O M A N C E,

De Ioaõ Ayres de Moraes.

SEnhora Clori, que he isto
desconheçovos a fee,
honté nas maõs cõ dez lanças
hoje nas mãos com hum pincel?

Vede que por mentirosa
ménini todos vos tem,
& diz a vozes o mundo,
que pinta's como quereis.

Vossa fe hoje periga
com Felisbelo, porque
salvais quando vos adora
em húa taboa vossa fe,

Se multiplicais retratos
de quem vos ama fiel,
temo que algúas ruinas
vos venha em linha través.

Que se Felisbelo zela
vossa belleza, cortez,
quem dous Felisbelos ama,
tambein pôde amar a tres,

Diz que andais demasiada
quem retratalo vos vê,
pois se ha de mais q o retrato
o retratado querer.

Se lhe quereis amorosa
como bem se deixa ver
retratayo muito embora,
mas vds não vos retrateis,

Nesse retrato que obrais
ninguem o poderá creer,
he certo que esse amor vosso
por húa linha se vê.

Retratayo na vossa alma,
& no coração tambem,
que das injurias do tempo
he sagrado mais fiel.

O pincel livrai ao pelo
pois que já a pelo vos vem
não estar Clori por elles
quando obstentais vossa fe.

Pintaylhe a testa, mas olhos,
minha Clori, não pinteis,
porque quem ama arrojado
já se sabe olhos não tem.

Mas reparo nas feyçoens
do rosto, Clori, correis,
& que nas suas mãos só
fazeis todo o finca pê.

Esta razão não sigais;
que diz certo bacharel
q amor, mãos, & as algibeiras
hoje só costuma ver.

Se está quem ama no amado
como se deixai entender,
quando pintais Felisbelo,
a vós retratais também.

Se são seus olhos espelhos,
dentro em si vos deixão ver,
& assi retratandoo a elle,
a vós vos retratareis.

Basta atè qui de Romance,
porqæ da conta passay,
ella dos treze não passa,
eu das quinze em que me pez.

ROMANCE.

De Antonio Serrão de Crafto.

PERDOE o congresso agora,
pois que neste assumpto faltou,
porq nem em prosa, ou verso,
sei retratar hum barbado.

NISE pois que seu amante
tem no peito retratado,
venha ella muito embora,
& ella faça este retrato.

SE disser que seu cabelo
he negro, louro, ou castanho,
com quantos dentes tem mête,
porque sei, que Fabio lhe calvo.

E HE cabeleira postiça
a com que anda campando,
mas se custou seu dinheiro
seu he seu pello dourado.

DIGA embora se a testa
he de amor hum campo raso,
que eu sei, que ella lhe tem,
posto em a testa dous altos.

SE disser que as sobrancelhas,
são de amor dous lindos alvos
mente, porque hum mal fráces,
lhas pellou nomes de Março.

SE chamar a seus dous olhos
de fogo lucentes rayos,
são dous curiscos, se hebe
palhete, vermelho, ou branco,

NÃO diga que suas faces
são maçãs pello encantado,
são bexigosas laranjas
sbeas de elpinhas, & crayos.

SE disser que seu narís
he hum canudo nevado,
eu sei que são duas tendas
sempr cheas de tabaco.

SE por guardar sua boca,
diz que ha umbar seu olfato,
sempr que falla comigo,
me dà baforada de alhos.

NÃO diga que he seu pescoço,
hum pedaço de alabastro,
porque he hum pao de mil nôs,
com alporcas, com inchações.

Barba, & bigodes não pinte,
porque serà grande engano,
quando sei que em Capadocia
lhe ficaraõ pendurados.

SE pintar as maôs, & dedos
alvos lizos, torneados,
ellas são as mãos de Iudas,
elles de frieiras sapos.

PEITO, & costas não lhe pinte,
porque lugar não lhe acho
pera caber com pintura,
hum camello corcovado.

NÃO se meta em pés, & pernas
porque serà grande enfado,
o pintarnos pantorilhas,
os juanetes, os calos.

COM pintar só meyo corpo,
deu Nise ao retrato cabo,
que sempr do mal o menos,
deye escolher quem he fabio.

ACADEMIA DECIMA TERCIA,

Em que foi Presidente

O DOCTOR FRANCISCO
DE CASTRO.

Em 18. de Janeiro de 1664.

Orou da maneira seguinte.



I V I D I D A a memoria,
Parte na confusaõ; parte na gloria;
De me ver de repente
Segunda ves indigno Prezidente;
Na mão a pena tomo.
A descrever começo porém como.

Esta já dito tudo;
Com a pena patei, & fiquei mudo,
Pois já querendo em Sylva meu cuidado
A Oração fazer me achey sylvado:
Cançada a fantezia,
De imaginando estar no que escrevia,
As potencias cançadas,
As açoens mal formadas,
Com tal dezalocego,
O que desvelo foi feito socego.
O vi, com que supponho,
Que não dormia; por qm fim foi sonho;
Que como entao na oração cuydava
Isto mesmo que a mim me desvelava,
Era o mesmo que a mim me adormecia.

Com que sonhava em fim, & não dormia,
 Pude verme sem ser estranho caso,
 Sem mudar pè na Corte de Parnaso,
 E porque o que lá vi, aqui vos conte,
 Começo agora a descrever seu monte.
 Das Espheres vizinho, por ser nobre,
 Rico de penhas, de caminhos pobre,
 Se avisinha de forte ao Orizonte,
 Que mais parece nuvem do que monte,
 E tanto excede essas Espheres bellas;
 Que ou se calça, ou se veste das Estrelas,
 Sendo (sem ser chiméra).
 Da assistencia do Sol, brilhante Esphera,
 Ou já por remontado, & por constante
 Do proprio firmamento, firme Athlante.
 Este pois monte, cuja natureza,
 No tosco, & na dureza,
 Agreste parecia
 Tão condensado o arvoredo, crisa,
 Que sem que seja enredo,
 Mais do q monte, he campo de arvoredo.
 Edraçãs agoas que de si desata
 Hum diluvio de prata,
 Com que cercado à roda
 Parece à gente todas
 Sua nevada fralda
 De prata anel com pedra de esmeralda.
 Occupa seu terreno
 Hum jardim tão ameno,
 Disposto por tal arte,
 Em parte admiração; assombro em parte;
 Aqui pois em República gloriosa,
 Rainha he sempre a Rosa,
 Aquem a natureza
 Quiz dar guarda, & coroa por grandeza,
 Ou pôr diverso metro
 Purpura deu mais cetro,
 O cravo royxèles purpureo cravo,
 Fazendo a Rosa agravo,
 Por tñ sangue Real à coroa aspira.

A candida Açucena
 Sentida juntamente desta pena,
 Tão queixosa se mostra, & tão quebrada,
 Que nunca cobrou cores de enfiada.
 O nevado jasmim como não sente,
 Por infante, & innocent.
 O faltarle do prado a presidencia
 De branco veste, veste de innocencia.
 O palido junquillo,
 Sômiente por caudilho,
 Da Rosa se declara
 Ministro soberano por ter vara,
 Amarelo será, & tão sombrio,
 Pellas noites rondar do Inverno frio.
 As violetas flores celebradas
 Se vem injuriadas,
 Pello mesmo delicto,
 Fazendo em tal conflito,
 Sagrado seu as suas folhas donde
 Cada qual se retira, ou se lhe esconde.
 Seja não he suposto
 Como são feiticeiras do mór gosto,
 Que dellas faz escolha,
 Andem pot baixo, como taes, da folha.
 O lyrio Portugues, só fidedigno,
 Serve tão de contíno,
 Com hum zelo efficaz, não zelo froxo;
 Que sem servir o tem tornado roxo,
 Se já não he, que ostenta verdadeiro.
 Na cor do rosto, a cor do cativeiro.
 De ciumes vestido
 Por se não ver à Rosa preferido,
 O Jacinto repete a toda a hora
 Ia sinto, porque assim se chama agora,
 q hei de morrer é flor por meus peccado
 Sem que me veja Rey dos verdes prados.
 As Cravinas conservão por castigo
 Este nome que digo
 Pois querendo dar morte,
 A Rosa, lhes mandou que em toda a Corte

Ficassem por indignas
Entre as flores chamando se Cravinas.
Da mesma sorte a flor das chágas bellas
Que inda vêterei seu sâgue lhes faz dellas;
O castigo, & as pragas
Que de flores as fez sangrentas chágas.
Tambem os malmequeres se presume
Tiverão seu ciume,
Ao governo, accção bem rigurofa
Porque este nome lhes impôs a Rosa.
Assua imitaçao da mesma forte
As mais flores também de menos porte
Em menos condiçao se levantarão
E falsas contra a Rosa conspirarão;
E se não isolada flor da Campaynha
Que disto deu avisos à Raynha
E mandou que outra flor calçasse Esporas;
Para que sem demoras
As de mais sociegasse,
Quiça que seu intento se lograsse.
Mas o Amor perfeito, por fogeito
Sò merecedor chamasse Amor perfeito,
Co nessonado perpetua vassalagem
A Rosa, a que húa vez deu o menagem;
Assim as flores explicão seu cuidado
Sobre o governo, & jurdixão do prado.
No meyo do jardim, por traça, & arte,
Húa fonte se vê, que à toda a parte
Sua agoa communica,
Com que de flores tanta a selva rica,
Fabrica de Cristal tão transparente
Que suída toda a gente,
Quando a vella discorre
Que a mesma fonte se derrete, & corre;
Ou que no proprio centro
Se forma do Cristal, que enserra dentro;
Aqui da mesma sorte
Hum Palacio se vê, ou breve Corte,
Sendo pello primor, com que he dispõe
Palacio do prazer, Corte do gosto,

Fabricado de modo, q[ue]bni no fundo d'el
 Que he todo admiraçāo, assombro todo,
 De perlati, & de cristal em tanta sôbra.
 Era almirante q[ue] excedia à obra.
 Na sala em fim primeiramente q[ue] se v[em] q[ue] illes
 Tem Apolo a cadeira,
 Donde ao nobre concurso prezidia.
 Dos Poetas fazendo Academia.
 Ser a cadeira hum throno se mostrava,
 De esmeralda, q[ue] o corpo sustentava.
 De h[um]a Agua de ouro com discreto aviso,
 Pois q[ue] he por remontada, do juizo
 Geroglifica em fim mais parecido.
 De que fuisse advertido.
 O que quizer lograria o tesouro
 Aprender da esmeralda, & mais do ouro;
 Com pinturas valentes,
 No ve quoadros se viaõ diferentes,
 Cada hum de sua mão autorisavão,
 As paredes q[ue] delles se adornavão,
 Era o primeiro hum p[er]n[al] em branco
 Meyor riscado em fim, & meyor franco,
 A donde lugar tinha,
 Para dançar tambem discreta linha.
 Todo aquelle soge ito q[ue] queria
 Os incomios dizet da Academia,
 E a dizer me provoco,
 Que por mais q[ue] se diga tudo, he pouca
 Estava no segundo
 H[um]a molher ameaçando o mundo,
 H[um]a carta rompendo,
 Porque h[um]a nuv[em] quando estava lendo,
 (Devia ser na rua)
 As luzes lhe impedio da clara Lua,
 Mas com pouca razão se enfada Lises
 Que são proprios das luzes os eclypses
 Unidos no terceiro de hum estoque,
 Sinal em fim de lastimoso choque,
 Piramo, & Tisbe estava,
 Pois aquele dividio agora atava,

Que

DOS SINGULARES DE LISBOA.

103

Que era injusta razão da injusta sorte,
Que aquem uniu a vida, unisse a morte,
No quinto á fantezia
De Heleha o robador, aparecia.
Se bem Helena se abrasava em Troya
De ver perdida a mais prezada joya,
Mas sem razão o robador infama,
Pois com roubala, a publicou mais dama.
Continuava logo
Húa dama cruel ferindo fogo,
E tal ves succedia,
Que a pedra errava, & sua mão feria,
Que por dura, & esquia
He pedra de ferir, he pedra viva.
No sexto se descobri,
Aquella moça nobre,
Que nem ultima foi, nem foi primeira,
Que parou na carreira,
Por ambição, que he causa mui corrente
Os pés, & mãos atat a muita gente.
Trás d'esta se seguia
Outra que desmayou de húa sangria,
De que o sangue se foi sem embaraço
Esmaltandolhe a prata de seu braço,
Com que duvida faz no braço breve
Se se derrete o sangue, ou corre a neve.
Viaõse nó octavo
Hum Heitor forte, hum Achiles brabo,
Porfiados brigando,
Ferido cada qual no peito brando,
Mas cada qual sentido
De hum ao outro se aver ferido.
Em mar tempestuoso,
Leandro se seguia, que animoso
A Hero foi buscar da torre á porta
Donde morto chegou pella achar morta,
Porque fora indiscreto.
Seu amor a viver, morro o objecto.
Toda á pintura neste se acabava,
Com que Apolo mostrava.

(Segun-

(Segundo se descobre)

Oh quanto estima este exercio nobre,
 Pois com brio, & com gala
 De vossas obras guarnece a sua sala,
 Subido na cadeira
 Começou a dizer desta maneira.
 He pois a Poesia,

(Congresso soberano)

Hum dom mais que humano,
 Hum divino furor, hum dom divino
 Com que em fim na verdade
 Bem mostrão parte ser da divindade,
 Vates lhes chamão commumente todos,
 E por diversos modos,
 Oraculos lhes chama juntame ute
 O aplauso commum de toda a gente,
 E se as Scienças fabricarão Templo
 Sendo das mís exemplo,
 A Poesia fundamento, & base
 Não só lhe fabricarão casa,
 Mas reverentemente
 Altares lhe dedicão juntamente,
 Se queréis nobres conseguir eternos,
 Antigos, & modernos,
 Immortal nome fami sempre viva
 Continuai nesta scienzia altiva,
 Não custuma jazer em molle cama
 Desta scienzia a fama;
 A diligencia, & o trabalho esperto
 He seu centro o mais certo,
 Continuai por quanto a diligencia
 A fortuna vos dà desta scienzia,
 Com que fareis que sejão vossas penas
 Assumpto à fama, admiração de Athenas,
 Mais quizera dizer, porem já agora
 De descançar he hora,
 Fiquem para outro dia
 Os louvores da nossa Poesia,
 Despejou cada um, com que suponho
 Que também despertei deste meu sonho,

Que

que nesta sylva de escrever começo,
& aqui vos rogo singular congresso,
aceiteis a Oraçāo, que obediente
prometo não serei mais Presidente,

Foi assunto desta Academia, húa dama con-
tando as Estrellas.

SONETO.

De Pedro Duarte Ferrão.

DExava el Sol sin resplandor al dia,
Mas no sin luz el Orizonte estava,
Porque Files con muchas abrasava,
Quanto en sonbras aquel dexado avia.
De brillantes Estrellas se vestia,
El hermoso zafir aquien mirava
Files; por ver se aquellas que guardava,
A sus ojos hurtadas las tenia,
Las Estrellas contar Files procura
Mas la cuenta cabal, no allò en ellas,
Por mas que su cuidado se lo apura,
Yo le dixe ocultad, las luces bellas,
Porque sin esconder vuestra hermosura,
Nunca hallareis cábales las Estrellas.

SONETO.

De Luis Bulhão.

SI numerar al pavellon dorado
Las Estrellas, tu yos Files pretende,
Advierte, que de ti mi amor entiende,
Que algo de loco tiene tu cuidado,

El numero que admiras dilatado,
 Que rayo, a rayo su esplendor se estiende,
 Si tu attencion ó File's non suspende,
 En ti lo ignoras oy recuperilado.
 Si numerando tanto lusimiento,
 De assitirte occasion fuera oportuna,
 Menor cuenta me diera el firmamento.
 Tu fueras en contar mas importuna,
 Pues repitieras muchas veles ciento,
 Yo repitiera solamente una.

S O N E T O.

De Antonio Lopes Cabral.

SIo y hermosa Filena al campo sales;
 Amenacando muerte al firmamento,
 Ya lograron tus ojos el intento,
 Eclypsando del Cielo los fanales.
 Si a contar los luzeros celestiales,
 Te conduse atrevido tu ardimiento
 Publicarà tu mano el vencimiento,
 Pues esgrimes tus ojos dds puñales;
 Si tus ojos dan luz a las Estréllas.
 Porque tienen su luz al Sol unida,
 Con ellos su luz quitas, y atropellas;
 Si quita luz el uno, otro dà vida,
 que en quitar, y prestar sus luces bellas;
 Si el uno es monte Oëta, el otro es Ida.

S O N E T O.

De Pedro Duarte Ferrao.

DExa ò Clori las lucidas centellas,
 No contar las procure tu cuidado,
 Y mira que el amor tiene juntado,
 En tus ojos mas numero de Estrellas,

Cuenta las tuyas si, verás en ellas,
Este vergel de luces dibúxado
Con cuyo resplandor invidia ás dado,
A quanto con tus cuentas atropellas,
Las Estrellas que tienes repartidas,
Por tu rara belleza enamoradas,
De su lugar se miran devididas.
Yansi las cuentas van mal ajustadas,
Que el Cielo siente ver diminuidas,
Las que en ti mira amor multiplicadas.

S O N E T O.

De Antonio Serrão de Crafto.

SI cuentas Files las Estrellas bellas,
Yo tambien, Files las Estrellas cuento;
Tu cuentas las del bello firmamento,
Yo de tu carauento las Estrellas;
Tu cuentas en el Cielo las centellas,
No una, a una, pero ciento, a ciento;
Yo sòlas cuento dós con tal portento,
Que estas conluz estan, sin luz aquellas;
En esas Files, que contadas tienes,
Vuas errantes son, y otras constantes;
A veses causam mal, a veses dichas;
Yo siempre triste procurando bienes;
Siempre conosco fixas mis disdichas;
Y siempre más venturas alho errantes.

Asum

Assumpto Academic o a húa moça de Cántaro.

S O N E T O.

Do contratador da sylvas.

C Ontar Estrellas Celia, he disparate,
Quando a penas entedes de teu pote,
Não te metas com os Astrosao escôte,
Que te a de ter o mundo por orate,
Que ves nesse de Estrellas açafate,
Que penetras no astrifero capote,
Metete com sogeitos do teu lote,
Que es no cabecear hum bonifrate.
Se ques Estrellas ver, não te inquiete,
Do celeste zafir o claro envite,
Na fonte o teu desejo se comute.
E á vista das que essa agoa te promete,
Reza pellas que ves hum subvenite,
Para que todo o mundo assim te escute.

S O N E T O.

De Antonio Serraõ de Craffo.

Q Ve contas Files nesse Ceo o paco,
Se contas as Estrellas pouco, a pouco
Olha que tomas hum trabalho lotico,
E ques meter o mar dentro em hum faco.
Ve nellas Files, quem por hum buraco
Ontem de hum almario me furtou hú coco,
Se foi a cafo o meu magano moco,
Que por furtar hum coco, se fez caco.

Ve:

Ve nas Estrelas com teu lindo pico;
 Quem me deixou húa frasqueira em seco,
 Sem me deixar em que melhar o bico.
 E pois no coco, & vinho tive péco,
 Não verás minha Estrella em sirolico,
 Nem me nos a verás em chuchomeco.

*Do Contratador das sylvas, com licença
 do das golosas.*

M O T T E.

*Os Ceos, & mais as Estrelas,
 E mais a Lua tambem,
 Sejão todos testemunhas,
 De como lhe quero bem.*

G L O S A.

Que fazéis mandar ao sereno?
 (diz Brasia a Brísida Lopes):
 ando tomado xarópes,
 (lhe diz) que o manda Galeno,
 pois o meu fatai veneno,
 quer que nessas formas bellas
 por tomar Mercurio-nellas,
 tenha cea, & mais jantar,
 & que me ponha a contar
 Os Ceos, & mais as Estrelas.
 Mas eu jurovos por esta,
 (& fez lhe húa grande Cruz)
 que lhe ei de dar hum chapùs,
 antes que se acabe a festa,
 andelhe nascer na testa:
 formas que não vio ninguem,
 & se a caso-gosto tem:
 de dar me Estrelas por ouro,

ei lhe por na testa o touro,
 & mais a Lua tambem:
 Se quer que veja o Planeta,
 noite, & dia de mil modos,
 (esse que agora vem todos
 por querer ver o Cometa)
 eu lhe armarei húa treta;
 & se fizer caramunhas
 ei de lhe prantar as unhas,
 & gritar a que del Rey,
 & logo a vozes direi,
 sejão todos testemunhas.
 Disse que por mim morria,
 mas quer me matar primeiro,
 eu já a barca, & cruzeiro
 de Estrella ao meyo dia,
 não ajais. Vóce queria
 darmo tão grande yay yem

se desta forte amot tém, que l'los imposs hum juramento dar,
tambem depois de o matar de como lhe quero bem.

DECIMAS.

De Francisco Lopes Sueiro,

SI contais Bellisa estrellas,
ved, que es error, y es locura,
siendo uu Cielo de hermosura,
mirar los rayos de aquellas:
si en vuestr osjos dds bellas
estrellas de alba mirais,
Bellisa, porque os causais
contad solo aquellas dds,
contad solamente a vds,
y el Cielo todo contais.

Se fixas son, bien podeis,
con admiracion contar,
pues condicion del brillar,
que es la inconstancia, bien veis
lusientes no las vereis,
poaque seria ignorante
qualquiéra, y vds delante,
lustr tambien intentara,
y si lusiente quedara,
fuera Estrella muy errante.

En los Planetas mirad,
que a Venus no la conteis,
contad solamente seis,
y a vds por Venus contad
en sus luzes reparad,
y vereis que en mil desmayos
pera el eclypse haze ensayos,
pues con primor advertido
Venus se ha buelto cupido,
Cegà, ya de vuestr os rayos.

Si es, que en la Luna advirtis
nueba, se, que la hallareis
pues nuebo ser le dareis,
si nuebo Sol le assistis,
y quanto vds mas luzis,
tanto mas creciente ira!
Luna llena alfin se hara,
mas con un cortes primor
al mirar vuestro esplendor,
menguante se bolvera.

RO:

ROMANCE.

De Antonio Lopes Cabral.

CVenta, cuenta las Estrellas
Filena, aunque las enojes,
que sin dicar de las luces,
bien pueden tus resplendores;

Bien es que tu bellas manos,
cuenten sus libres fulgores,
por dar luces a las fixas,
y a las errantes liciones,

Que si tu mano las cuenta,
tus soles las reconocen,
y al punto se desvanecen
desmentidos sus primores.

Dé tu mano à las Estrellas,
el más riguroso açote,
y no repare en sus luces
encobrir imperfecciones.

Mas no sé si con tu gusto
saldras, fin que se malogren
tus atrevidos intentos,
tus mal fundadas acciones.

Que pues pretendes mirarlos
quedaran con tus dós soles,
tu deseo al media dia,
sus luces a buenas noches.

SI

Si al luzido firmamiento
atropellar te dispone,
por blasonar su soberbia,
que a amar obliga los hombres.

Tiene razon, pues mi pecho,
el arder en tus amores,
a los Astros no lo deve,
develo a tus perfecciones,

Que si el dia a tus cabellos
tantas deves obligaciones,
quantos de tus bellos rayos
participd resplendores.

Tambien la Luna te deve
más bellas substituciones,
que deve la noche al dia,
que presta el dia a la noche.

La lactea via desmienten,
de tu frente las liciones,
por más que blanquée Venus
sus relevantes albores.

Iris son de las bonanças,
tus cejas, que eutorna soles,
desmienten sus luces bellas,
con más cambiantes colores.

Si tus dos zelosas prendas
con auxilio non soccorren,
ala celeste safira,
muere su color informe.

Si tus mexillas no adornan,
al Cielo con sus ardores,
se desmenuyen al punto,
sus purpurios areboles.

De tu naris blanca, y bella,
recibe el Cielo candores,
solo por formar con ellos,
nevadas constelaciones.

Para que tus labios rian,
crystalles tus dientes bloten,
porque a la Aurora tu boca,
con su llanto, y risa adorne.

De esse torneado cuello,
aprenden a ser mejores,
las alvoradas del dia,
las escarchas de la noche.

De tus mançanas de nieve,
& tus Esphericos orbes,
los augmentos de la Luna,
usurpan blancas liciones.

Son los dedos con que cuentas,
esfes lusientes tachones,
dies lisiphos de cristal,
dies señas de tus albores.

De tus plantas lo perfecto,
los dos Pólos reconocen,
pues le falta el artificio,
que en tu belleza supponen.

Vn firmamento de luces,
de tus partes se compone;
pues las intimas es fuerça,
que imiten las exteriores.

Yansi bien puedes Filena,
no agraviar con tus baldones,
a quien logra inmunitades,
por copia de tus primores.

Vate a contar con tus manos,
los Astros mas superiores,
sind diran los pequeños,
que sd ás luces te oppones.

Que pues eres entendida,
afuir de tus discreciones,
ya dominas las Estrellas.
por causas mas superiores.

DOS SINGULARES DE LISBOA.

R O M A N C E .

Da Antonio Seixão de Castro.

1313

Que he isso Nise, que fazes?
Parece, que já caducas,
ponste a contar as estrellas.
quando em ti as vejo juntas.

Para que as estrellas contas?
melhor he contar pecunia,
que quem a tem, tem estrella,
& quem não a tem jejua,

Seas contas ao meyo dia
he final, que não manducas,
que contalas a tal hora
não ter, que jantar anuncia.

Buscar no Ceo húa estrella,
entre tantas he locura,
porque o mesmo he là buscada,
que no palheiro húa agulha.

Oh não contes as estrellas,
porque serà cousa dura,
que quantas estrellas contas
tantas te naçao verrugas.

Pordem contaas muito embora,
verás em suas figuras,
muitas coucas monstruosas
que tudo nellas se occulta.

Verás Marte por valente,
campar com estrella muita,
sendo que já numa rede,
o pescarão como truta

O que verás de Mercurios
que tem a estrella em a unha,
de quem a força se queixa,
que nenhum deste a occupa,

Verás hum touro, hum carneiro,
que sem dar marrada nunca,
a estrella tem boeira,
& que muita gente os busca.

Verás Aquario com Baco
ambos juntos numa cuba,

& não lhe saltar estrella
aqueum faz esta mestura.

Verás muitos que por liudos
Com Geminis tem ventura,
mas esta estrella se apaga
em a Villa da Chamusca.

Verás que pos a balança
a muitos em tal altura,
que já são homens de peso
por ter no peso ventura.

Verás muitas Venus sem
estrellas na formatura,
& outras q vivendo em Cancer
são das bolhas saõguechugas,

Verás a Virgo no Ceo,
mas cà não o verás nunca,
que como os Caniculares,
como he flor logo se murcha.

Verás os Medicos terem
a sua estrella na nulla,
& aquelle que mais tem morre
ser esse o que milhor cura.

Verás que aos boticarios
a sua estrella se ofusca,
que as langrias desterrará
os cordeaes, & as purgas

Aos Poetas Apollo
não deu estrellas que luza,
que sempre foi dos Poetas
sua estrella muito escura.

E porque dizem que Scropio
com a lingoa me estimula,
da sua, não quero usar
quero ter a minha muda.

Se na pecunia reparão,
& me culpaõ o manducas,
saberão que ha nos Poetas
para estas coucas facultas.

Dd

ACA

A C A D E M I A DECIMA QVARTA,

Em que foi Presidente

O PADRE IOAO D VARTE.

Em 22 de Janeiro de 1664.

Orou da maneira seguinte.



EMPRE experimentei propicia vossa benevolencia, ella esforçou minha limitação para se encaminhar ao aplauso: quando fora mais justo retirar-se ao esquecimento. Ella deu confiança a minha rudeza para se engolfar nos pelagos da eloquencia: quando devera sepultarse em profundo silencio; hoje em sim me conduz, & me levanta à cadeira mais superior, & de mayor luzimento, quando fora mais próprio abaterme, & reduzirme ao lugar mais infimo, & abatido.

Aqui pois, honde as propriedades do lugar repugnão com as impropriedades do fogeito, me julgava mimoso da ventura, & me vejo salteado da occasião; quando naquelle confiava a segurança, esta me ameaça com o principio, que já o menos he sobir, o mais & o tudo he firmar segurança na eminencia. Mas honde me leva o discurso? a despenharm-me? pois he certo, que em quanto me cōsiderar não posso achar em mim propriedades que me levantem, promptidoes si, que me amaynem. Quero levantar o pensamento mais seguro, recorrendo àquella benevolencia que aqui me condusio: que pois foi tão poderosa para obrar em mim tão singular metamorfosis, que fez minha limitação capaz, minha rudeza eloquente, tambem poderia fazer minha incapacida de benemerita, & minha subida segura;

He estillo, ou obrigação dos Presidents códusir aliados ás sci-
encias, moyendo os ouvintes à applicação dos liyros , fazendoos am-
biciosos da sabedoria. Eu seguirei hoje outro caminho, não vos encul-
tarei o estudo, não vos encomendarei a applicação dos livros, que forá
necia presumpção cuidar eu, ser mais activo o tosco dé meu estillo , &
discursos, que a efficacia das resoens, com quetão Doutos Presidents
discurrerão já nesta materia, além do que seria superflua impertinencia
querervos perluadir o mesmo a que vos reconheço tão applicados Não
direi pois, que vos empregueis em acquirir mais notícias estudiosas,
mas sómente que acabeis com vosco, & vos determineis a communica-
car as que tendes acquirido, que vos digneis ensinar o que tambem ig-
norastes, que não sejais avarentos do que aprendestes, pois não he a sa-
beduria affaya que com o trato se maltrate, nem riquesa que com uso
se consuma, prenda divina si, que communicada mais se aumenta, &
augmentada mais se apura.

Não permitais pois, que o silencio seja tumulo vorás de vossos
estudos; que seria erro intoleravel occultar o esquecimento as brilhan-
tes luzes da sabedoria; resplandeça lusido sempre seu esplendor , q tanto
bem não he para esconderse.

Não he o meu o pensamento, doctrina si do grande Seneca, &
fora dita grande haver quem delle as quizesse tomar.

Cupio omnia qua scio in alio transcendere.

Tenho (dizelle) hum desejo ardente de comunicar aos outros tudo
quanto sei. Não deseja o sabio acquirir mais sciencia : seu desejo to do
he ensinar a que sabe. Oh que lição tão necessaria a esta Academia! Que
doctrina tão importante a este Museu! tão cheo de Doutos, tão se-
cundo de Sabios, curiosos todos das boas artes; mas oh, que fendo tão
grande o numero dos q ie desejaõ aprender, he tão limitado o dos que
se resolvem a ensinar. Sejão embora os ouvintes sem numero, mas não
falte o numero das lições; que mis se acreditaõ as palestras com o q
nellas se diz, que com o que nellas se ouve; porque o saber foi sempre
antecedente do dizer, & tal vez, nem he consequente do ouvir. O exê-
emplo activo sempre foi mais sermoso que passivo; mais glorioso foi sem-
pre o dar lição, que recebella.

Não reprovo os desejos de aprender, que sempre são dignos de
louvor: estranho a remissão de querer ensinar, q nunca pode ser louva-
vel; & he muito para sentir, que o Poeta entmudeça , que o eloquente
calle, & o benemerito se retire, permitindo que o silencio seja eltrago
dos aplausos, que a seus escritos esperavão ventajosos: Se bem fugir ao
aplauso poderá ser modestia, recatar a sciencia não pode ser de Sabio,

encarecela em o rétiro, retirala ao silencio, fugir de communiçâla, he querer limitar lhe a superabundancia, & he negarlhe sua intrinseca propriedade.

Todo o bem (dizem os Philosophos) he communicavel, & sempre diz tendencia ao outrem: esta tendencia he a communicaçao, & semella naõ pôde haver bem; o mayor que da terra logramos he a sciencia: logo a communicaçao vem a ser indice do bem, & da sciencia: logo nem pôde haver bem, nem sciencia incomunicavel, nem sabio avarento do qne sabe. E beni o mostra a experientia, que só quem tem as sciencias as cõmunica, & só quē as ignorias affecta porq̄ lhe faltaõ. Com razão sepultou o esquecimento (àquelles se alguns ouve) que forao avarentos dō que sabiaõ, naõ ficando memoria do nome, ou existencia delles; & pello contrario gravou em laminas de veneração àquelles que liberais comunicaraõ a todos o que alcançaraõ: portaes eternisou a fama no templo da memoria Homeros, Virgilius, Camões, &c que esté he o premio de quem ensina, aquelle o castigo de quem se nega a esta communicaçao.

Em quanto o ouro está nas entranhas da terra vive tão pouco luzido como o tosco penhasco em que se cria; serve o penhasco de habitaçao de brutos, serve o ouro de entranhas ao bruto penhasco: em quanto nelle, naõ he mais que terra de melhor cor, fora delle he o melhor da terra: em quanto recluso tudo he tosco; em chegando a comunicarse logo se apura, requintasse em quilates, & logra os da estimação cõ tanto excesso, que chega a ser idolatrado de muitos, em quanto encuberto, tudo he penhasco, em se descubrindo he mina de ouro. Mina de ouro saõ as sciencias praticadas: bocados de ouro quanto practica o sabio.

Nasce a perola no retiro inaccessible de hum profundo pego: & posto, que em berços de esmalte, sempre vive entlodada, em quanto assi vive, & merecendo os aplausos de unica (que isso quer dizer Vnco) em quanto neste retiro não he mais, que ludribrio das agoas, & despresto dos peixes. Querem muitos, q̄ as perolas sejão lagrimas da Aurora, & com razão, que sendo a Aurora Māy das luzes vendo estas filhas de seus olhos em prisoẽs tão retiradas da cõmunicacão, quer lhe chamem lagrimas, & lagrimas são em quanto reclusas, cõmunicadas são perolas. Perolas são as sciências se se cõmunicão, lagrimas são quādo se occultão.

Que bem avia Seneca apreciado o valor das perolas das sciencias, q̄ exacta pôderação tinha feito dos quilates do ouro da sabedoria. Não a queria para a encarcerar avarento, mas para a franquear liberal; & com tal excesso desejava esta franquesa científica, q̄ mais estimava cõmunicar as sciências q̄ possuïlas, mais queria a cõmunicacão q̄ a posse dellas.

*Si cum hic exceptione datur scientia, ut eam
inclusum teneam, ret enuntiem reficiam.*

Doutrina dignissima de tal Mestre, querer antes negarse ás sciencias, q̄ negalas aos outros, querer antes ser ignorante, q̄ sabio avarento, & se em boa Philosophia de dous males se ha de eleger o menor, menos mal, & mais ayroso fica na opinião de Seneca hum necio falso das sciencias, que huim sabio avarento, que foge de comunicar o que sabe.

Mas sendo a ignorancia o pessimo dos males, não pôde aver ontto mayor: logo não he possivel aver sabio avarento; antes o mayor indice da ignorancia virá a ser o recatar a sciécia, singir que só para si a quer. Retirarse cō ella à solidão propria, querer singularizarse por incômu- nicavel, he o que disse Aristoteles *Homo solus aut Deus, aut bestia*, & pois não he possivel o primeiro bem, claro mostra ser o segundo.

He a scientia manancial, que sempre corre secundo: luz he que brilha sempre resplandecente, que nunca pôde occultarse. Envergonhese a ignorancia de sua fealdade, & busque os retiros: faça alarde a sciencia de sua belleza, & communiqueisse.

Reparastes já naquella fonte de luzes Maximo dos Planetas, a relevante prenda com q̄ se constitue Principe dos Austros, & Monarca do universo; não he o lugar que occupa, que outros o possuem mais alto; não saõ os giros que faz, que tambem tem nelles compa- nheiros: não he o Celeste da materia de q̄ se cōpoem, q̄ outros ha tam- bém corpos Celestes; he sómente a manancial repartição de suas luzes, com igualdade a toda hora communica rayos sem excepcion, & posto que se não deixe comprehendender da vista, nunca se lhe pôde occultar. Assim tambem a scientia se califica Rainha das politicas, não pello lu- gar, não pello movimento, não pella entida de, que em tudo tem semelhantes, mas só pella secundia com que se reparte, & pella exu- berancia com q̄ a todos, & em todo o tēpo se cōmunicā; & não podêdo adequadamente comprehendese, a ninguê se nega, a todos se manifesta.

Honde o Sol está não pôde occultarse: honde a sciencia assiste não pôde esconderse: nem hum, nem outro se podem negar a com- municaçō, que não podem degenerar da prenda, que os constituio Príncipes.

Oh excellencia Regia à cōmuniçā, poderosa para levantar Mo- narchas do matrial ao Sol, do politico à Iciencia; a ti hū, & outro deve à Magestade: em ti hū, & outre estriba a segurança de seu Imperio.

Oh Singulares Academicos; pois taõ util he a cōmuniçā das sciencias, ninguem haja remisso em cōmunicar as que sabe, q̄ pois el- las saõ o mayor bém, q̄ temos, desse não ha logro jocudo sem a compa- nhia, *Nihil boni sine socio jucunda est possit*.

Não

Não queiramos experimentar o desprêso do esquecimento, que aos avarentos condena, logremos os aplausos que a communicaçāo nos prepara; abraçmos o thelouro de nossos estudos, não pareça penhalço bruto, o que he mina de ouro; não fiquem em lagrimas as sciencias por occultas, podendo ser perolas communicadas; pois são fontes mananciais, não ponhamos estorvo a sua corrente; & pois finalmente são a luz de tudo, sejão tambem luçimento de quem as logra.

Logrão singulares o merecido premio de vossos estudos; não permitindo já mais, que a remissão venha a ser estrago do fino, & precioso de vossos engenhos; tenha o Poeta o merecido laurel que suas obrbras lhe vão tecendo; Consegua o Politico os aplausos com que as razoens de seus discursos contra a tyrania da inveja sempre triumphão. E logremos todos o suave, o util, & o excellente das liçōens com que tão grande, & Doutos Mestres nos estão convidando.

Ao Presidente.

SONETO.

De João Carvalho de Souza.

SE a locução de Iulio tão presada,
Nestes nossos annaes fora esquecida,
Hoje pudera ser por vós subida,
hoje pudera ser por vos lembrada.
Se a discreção de Aurelio acreditada,
Em o mundo estivera já perdida,
Pudera agora ser por vós luzida.
Pudera agora ser por vós ganhada;
Vivei dito sois, rayo brilhante,
Em os clarins da fama, sempre ardente,
Em os annaes do tempo, sempre Athlante.
Pois fazei renascer João prudente,
De Tilio a locução tão elegante,
De Aurelio a discreção tão eloquente.

R O M A N C E.

De hum seu amigo.

Que sois luz de la Academia,
solamente dudarás,
quién ignore de las luces
el oficio natural.
Es de las luces oficio
desterrar la obscuridad,
y este oficio en la Academia
vós tambien exerceíais.
Las sombras de la ignorancia
desterrasteis siempre igual,
Las yeses que Presidís,
y las yeses que explicáis,
Mas a vuestra persuacion,
ya ninguno quedará
descuidado en aprender,
ni remisso en enseñar.
Que el oro de vuestra scienza
siendo luz de las demás,
el velo de la ignorancia,
destantemente ausentará.
Honor sois de la Palestra,
pues como enseñando estais,

ya más la luz de la scienza
quisistis regatear.
Bien como la blanca perla
del Alva parto galan,
que en la cuenta luze menos,
y en el oro brillá más.
Bien como el roxo Planeta
generoso y liberal,
que mientras más luz conee de
el más luzido se está.
Bien como el arroyo, que
con grata fecundidad,
ni se le acabó la plata,
ni se le secó el raudal.
Como la perla, y el oro
igual lusis, y alumbráis,
y como Planeta, y fuente
conserváis todo el caudal.
Sed pues en la Academia
con aplauso singular,
a pesar de las imbidias,
Oro, Perla, Sol, Cristal,

Foi Assumpto desta Academia húa
Dama que desmayou de ver
húa cayeira.

SONETO.

De Luis Bulhão.

Es la verdad, ò Clori, que entendida
De tu rostro la purpura divierte,
Del mismo nacar le cortó la suerte
La gala de que anduvo revestida.
Si te causa una pena tan crecscida
Conocerla despojo de la muerte,
En tauta suspensiou tambien advierte,
Que otro accidente le quito la vida;
Pues no más Clori, que será locura,
Si discreta no avisas tanto rayo,
Que es todo vanidad, que es sombra obscura.
De ese pálido horror eres ensayo,
De tu belleza publica su hermosura,
Y su ruiua, abona tu desmayo.

SONETO.

De Pedro Duarte Férreao.

Es la Deidad, que a polvo redusida,
Esse Sol que entre sombras sepultado,
Esse tronco de ramas despojado.
Esfa de horror, y lastima vestida,
Que sin aliento absorta, y suspendida
Te dexa Files su menor cuidado,
Ayer bella nasció gala del prado,
Y oy muere desengaño de la vida.
Si de la Parca, ò Files, la dure sa
A los floridos años dessa suerte,
Le quita el ser, la pompa, y la grandesa.
Con justa causa su rigor te advierte,
Que nasce embuelta, ó Files la belleza;
En las tristes mortajas de la muerte.

SONE.

SONETO.

De Antonio Serraõ de Castro.

Desmayas Nise, vendo o teu retrato!
 Não desmayes de ver esta figura,
 Que essa que ostentas grande fermosura
 Desta cāveira foi tambem ornato.
 Essa pompa, essa gala, esse aparato
 Foi sombra, que encubrio esta pintura,
 Descuberta hoje a mostra a se pultura,
 Não te engane do mundo o falso tratô.
 Se desmayas de ver esta cāveira,
 Porque outra ves não possas desmayarte,
 Admite sem desgosto este conselhos;
 Deixa do espelho a vista lisongeira,
 Porque tantos desmayos hão de darte
 Quantas vezes te vires ao espelho.

SONETO.

De Ioaõ Ayres de Moraes.

OH Clori se te assombra em tanta gloria
 Esse funesto espelho da vaydade,
 Não sigas pompas vaãs, busca a verdade,
 Que he falso o mûdo, & a pompa transitoria.
 Essa que has visto palida memoria,
 Ultrace triste da maior beldade,
 De Anarda foi, que deu a toda a idade
 Que lamentar em funeral historia.
 Desperta ó pois desse accidente amargo,
 Que se has de ser, qual foy, tu descuidada
 Não te prenda as potencias hum letargo,
 Nessa cāveira ve desenganada,
 Que dizendo te está para o descargo,
 Que a vida he sonho, flor, sombra, pô, nada.

S O N E T O.
De Antonio Marquez.

V Es el cadaver triste, y sin aliento,
Quedas de verle ó Clori, desmayada,
Siendo que tu belleza celebrada,
Dar la vida pudiera aun monumento,
Mas si tuvieste, ó Clori, por contento
Dar la muerte a las almas arrojadas;
Como agora te muestras admirada,
Y lo que fue tu gloria, es tu tormento?
Ya que la muerte temes advertida,
En quitar me la vida ó Clori advierte,
Porque es darmel a muerte quien es vida;
Mas es mi dicha tal, y es tal tu suerte,
Que es para ti la muerte aborrecida,
Y es para mi la vida triste muerte.

S O N E T O.
De Ioão Ayres de Moraes.

S Vpoem que essa Cáveira que te ha dado
Desmayos, Clori, de hū Monarcha ha sido,
De hū vil, de hū Rey, de hū Papa, de hū valido;
De hū civil, de hūa Dama, ou de hū soldado;
Ve a donde se oculta o redomado,
Valor, pompa, riquesa, & o presumido,
Tudo a terra a pò vil ha reducido,
Cinza a penas, se ve, já do passado.
Que faremos em taõ pena lida,
Se havemos de morrer? à triste sorte?
Façamos húa eterna despedida;
Và de deserto, deixesse hojo a Corte,
Porque entre culpas, Clori, he morte a vida,
E sem ellás com Deos, he vida a morte.

MOTE

M O T T E.

*Já fui flor, já fui bonina,
Agora estou desta sorte,
Fui o retrato da vida,
Agora sou o da morte.*

G L O S A.

De Antonio Serrão de Castro.

SE desmayas de me ver,
Seu tambem de verte a ti,
pois qual tu te ves, me vi,
& qual me ves ás de ser;
esta cayeira ás de ter
se te imaginas divina,
que eu tābem quando menina
fui hum Sol, fui húa Aurora,
& se sou cāveira agora,
já fui flor, já fui bonina.

Se me viras Primavera
sendo húa enveja das flores,
entaõ não te dera horrores,
entaõ alento te dera:
secou esta verde hera
hum cruel sopro da morte,
porquē com seu braço forte
tudo postra, tudo humilha,
que eu ontem fui marayilha,
agora estou désta sorte.

R. O M A N C E.

De Sebastião da Fonseca, & Payva.

QUE fē isto? Celia sem falla?
memento senhora Celia,
& se viveo sempre in pace,
tenha agora hum requiescat.

Verme ontem era ventura,
hoje verme horrores dou,
hoje húa cāveira sou,
honrem flor da fermosura;
foi tal a minha pintura,
tão valente, & tão subida;
taõ forte, & taõ presumida;
taõ cōtrada, taõ fermosa,
que soberba, & vangloriosa
fui o retrato da vida.

Acabouse este portento,
já este Sol se eclypsou,
já esta flor se murchou,
já se acabou este alento;
como a vida foi hum vento,
inda que correo tão forte,
acabouse de tal sorte,
que sendo com meu ornato
ontem da vida hum retrato,
agora sou o da morte,

Como sendo tão fermosa
desmayá dessa maneira,
ficando serra nevada,
o que foi serra morena.

Como sendo rāyo activo
te contempro fria pedra,
mas ay Celia que inda assim,
não ques deixar de ser penha.

Oh como estas demudada,
pois vejo tornar se (Celia)
se medo o que foi Carino,
horror o que foi belleza.

Se eres iman de vontades,
bem he sejas sempre a mesma,
já que foste sempre roca,
porque eu fosse sempre pena,

Do cabello descomposta
a tiquissima madexa,
mostras Celia que na morte
os despresas, porque os deixas.

Da testa deixas a neve,
que cadaver senhoreas,
porque veja todo o mundo
(Celia querida, o que testas.)

Deixas as riquesas raras
dos arcos das sombrancelhas,
que debaixo dos teus arcos
tinhias por duas capellas.

Deixas os olhos sem luz,
& he desgraça manifesta,
que te falte a luz nos olhos,
& que morras sem candea.

Deixas as faces sem vida,
& as rosas sem vida deixas,
que se eraõ rosas fragantes,
fiquem censem, açucenas.

Deixas o natus mais rico
partidor de tuas prendas,
que sempre este nas partilhas
deu rectamente a sentença.

As perolas que guardava
a mais preciosa Arrochela,

sedo naõ terás nenhuma;
pois deixas a praça aberta.

A barba que sempre altaiva,
teve ao Sol a barba tela,
hoje a deixas tão caída,
que sem ter queda tem queda.

Ensayos deste letargo
ha muito que o fazes, Celia,
pois se deixa tudo agora,
muito ha, Celia, que me deixas.

Em morretes tão contraria
nas maõs com essa cāyeira,
como a Magdalena morres,
sem que fāças Magdalenas.

Nessa cāyeira que viste?
que achaste nessa dureza?
pois tanto amor lhe tomaste,
que te morreste por ella.

Mas ay Celia que meus olhos,
se a vista não titubea,
segunda ves animada
te julga, adora, & contempla.

Foy de maio, porém nosso
(d semi viva belleza)
que causando tantas mortes,
tanto medo de húa tenhas.

Perdeste o vivo das cores,
porém naõ ficaste fea,
que inda assi de morte cor-
tens decorada a lindela.

Não sejas tão liberal,
no dar morte (d Parca bella)
Se a morte he Parca matando,
prodiga Celia não sejas.

Se esse expectaculo temes,
não sejas menina izenta,
que se não matares tantos
ayerá menos cāyeiras.

ROMANCE.

De António Senão de Castro.

Que he isso Nise desmayas,
de te veres a ti mesma?
quando essa cavaeira he Nise,
& Nise he essa cavaeira.
Se desmayas porque a ves,
logo o teu espelho quebra,
que o mesmo que elle te mostra,
he o que te mostra ella.

Entre hum, & entre outro
só se acha esta diferença,
elle cuberta mostrarte,
mostrarte ella descuberta.

Tambem o tempo te fez
com què tu te desconheças,
que ella te mostra no Inverno,
mas elle na Primavera.

Se desmayas porque ves
essa cabeça de terra,
já foi húa mina de ouro,
& o teve feito em madexas.

Já foi mar, mas suas ondas
correrão tão graõ tormenta,
que de seu centro fáraõ,
deixando a cabeça seca;

Se te desmayas por veres
já despojada essa testa,
hoje feita a serra d'Offa,
já foi a serra da Estrella.

Dous arcos teve tão bellos,
que chea a morte de enveja,
contra elles armou seu arco,
& os venceo com suas setas.

Não fáraõ arcos de paz
porque toda a vida he guerra,
nem fáraõ triumphantes arcos,
triumpho sim da morte fera,

*Todas as consumiu a sepultura**Deixando essa cavaeira em tal figura.*

Se te causa horror, & medo
ver essas tristes caverñas,
já fáraõ tristes engastes
de duas safiras bellas.
Esses caixilhos quadrados
guarnecerão a belleza
de dous luzentes espelhos,
que erão de cristal esplêras.
Esses fundos orofícios
fáraõ conchás tão perfeitas,
onde perolas pendão
a seu alvidrio presas.
Esses descompostos ossos
fáraõ rosas de Abril frescas,
mas o Dezembro da morte,
nem secas, nem murchas deixá.
Essa ruina que espanta,
essa que te admira quebra
foi hum perfeito nariz,
que foi de prata húa regra.
Tão perfeito, foi, que lo go
tomou posse delle a terra,
foi o primeiro tributo
que desbaratou grosseira.
Se desmayas porque ves
essa boca triste, & feia,
sabe que fáraõ dous cravos
os melhores da Arrochela.
Pano foi de fina gram,
que guardou perolas netas,
aquele a morte trocou
nessas negras, & amarelas.
Oh quantas mais perfeições,
Nise, mostrarte pudera,
porém as que digo, & calo,
& aqui não descreye a pena.

ACADEMIA DECIMA QVINTA,

Em que foi Presidente

O PADRE SEBATIÃO DA
FONSECA, E PAYVA.

Em 29. de Janeiro de 1664.

Orou da maneira seguinte.



E G V N D A ves me condúz a este lugar o limitado
de meus merecimentos que se hoje occupaõ os postos
os mais indignos, & logrão melhor ventura os que me-
nos merecem, destes sou eu o mais benemerito ; quem
como eu em desinerecer? quem na incapacidade? pois
se sou dos incapazes o primeiro : & estes só merecem
lograr hoje os postos, bem digo eu logo que meus demeritos, me colo-
car aõ neste lug ar, me subiraõ a este throno, me puseraõ nesta esphera;
d que alto me considero! & que poucos fundamentos para machina tâ-
ta, cahir qual Icaro, quando mais empenhado no voo: *T'iste cosa será pero*
possible: mas se os lices das obediencia me segurão, estes me livraõ dos
assaltos da calunia, dos riscos do vituperio ; & pois escolhestes minha
incapacidade, para vos presidir importuna, tambem eu de vossa benigni-
tade faço escolha para me valer piedosa; em mi achareis todos os re-
quesitos de incapaz; & em vds espero lograr todos os attributos, de be-
nevolos; mas porque não offenda a ossi attenção cattes, o dissonante de
minha desentoada armoula, quero que acheis algum gosto na varieda-
de, como disse h̄m S. bio. *Onnis variatio dilecta.*

Hum farão serà o entretenimento desta tarde, & porque me fal-
ta cabedal para o tocar por pontos, minha insufficiencia o tangera cor-
rido,

Vido, Deus se la depare b uena.

Em tumolo de prata; acabava o pay do dia; (quero dizer) em túba de cristal agonisava Appolo, & os astri seros signos, dobrando luzes por sinal da ausencia, acompanhavão a sucessora de seus luzimentos em quanto se sepultava debaixo da terra, quem tinha no Ceo tão luzido quarto. Neptuno o chorou sentido, Thetis o lamentou penalizada; & Diana chea de suspiros, sem tirar delle os olhos se lamentava triste, que a perdeio de vista vestira luto, & deixara a caça; as flores encerradas choravão ausentes, as aves ausentes calavão tristes; as plantas tristes, sentião enlutadas; & os Astros povoando as estradas Celestes, acudião ás honras do seu Monarcha, que chegou a morrer por ter nacido, que até o Sol se não livrou deste mortal deliquio. *Sol nascitur, & occidit.* Seguiose a alegria do nacer, o horror do acabar.

Oh nunca a nacer llegaras?

Porque si no nacieras no acabaras?

Acabou o dia nos braços da noite, & naceo a noite no berço do dia, correo o manto das Estrelas o sumilher Crespuscolo, & apareceo debaixo do pavilho Celeste a luzida noite, a pesar dos que lhe chamaõ injustamente triste sendo descanço de nossos trabalhos, & tranquilidade de nossas fadigas? ha quadro que não deva a suas sombras o q' brilha? por ventura a nossi vista dasse melhor com os claros? Choraõ os olhos vendos o Sol, & descançao vendo a noite; com mais razão lhe chamará eu fabio, ou já pello que se calla, ou já pello que se considera nella, que não sem mysterio foi a curuja na celebrada Athenas simbolo da sabedoria, que não he tanto a noite para que durmão os ignorantes, como para que velem os entendidos, porque esta dispoem o que executa o dia, a noite para o estudo das letras, o dia para o efeito delas, que o ocio não se conta por vida; assim o diz Seneca. *Otium sine literis mors est, & vivi hominis sepultura.*

Desta lição se aproveitou a férmosa Venus, sabendo era morto o Deos das luzes, & como tinha para tudo estrella, quis por seus bellos olhos, levar a cadeira mais brilhante, ou o trono mais luzido; porém ao mesmo instante o trono lhe embargou a Deosa trina, Rainha das estrelas, presidente da noite, & substituta do Sol; repetio Venus a Jupiter as memorias, servindo de menino de recados o Deos Cupido, tão deligente, que hia, & vinha como húa seta, sabia em fim a olhos fechados o caminho, porém Iupiter temendo que a belleza se levantasse contra os astros (posto sempre estaõ com a belleza) dilatou a causa até que à rogos de Diana resuscitou o dia, palido fabio Apollo, & tão enfermo que in da teve

da eve quem lhe tributasse lagrimas; se bem que afrontado do succeso. Presidente se ostentou de novas luzes, Monarcha de novos lumamentos aquem ás flores, tributarão fragancias, & offertarão perolas, ficando muy conchas com o seu criador; alli a Rosa de Alexandria era da vista paismo; o Cravo de Arrochella do ouvir delicia; a Açucena de Olanda gosto do tacto; o Iasmim da serria da Estrella, do cheiro credito; a Molqueta de terra Nevada, admiraçao do gosto; & o Girasol porque a flor lhe conheceo faloulhe Gira; ás Aves cantando alegres, davão doces requebros com lindo pico; das Arvores altivas, os viridantes ramos, davão noticias de húa alegre Pascoa; os Rios ufanos, de puro saltar quebravão de alegria, sendo prata quebrada, o que lhe tributavaõ rendidos; em fim resuscitou o dia, levantouse o Sol, limpo já do espesso da terra, & do lenço dos Orisontes, levantandose com o aljofat da Aurora, limpandose nas olandas que a neve em sua ausencia frabicou nos altos escolhos servindolhe as ferras de pentem a seus cabellos dourados; saõ tan Galan como Monarcha, tão luzido como Senhor; he o Sol a criatura que mais ostentosamente o Criador retrata, chamalhe Sol, porque à sua vista todos os mais Planetas se escondem, elle só campea o celeste Zafir, elle só passa o luzido Globo; está no meyo dos Orbos Celestes como no seu centro; he unico na beleza, faz que se vejão todas as cousas, & não permite de coufa algúia ser visto, influe & encorre com todas as causas, dando ser, & cor a todo o vivente, communica liberal suas luzes a todo o criado, não perdoando o occulto centro da terra, nem o escondido abismo do mar; he igual pois nace para todos, não necessita de criatura algúia, todas dependem delle; he o mais luzido espelho em que se representaõ as grandesas divinas, em parte, & não em todo; conforme diz Quintiliano, que não ha coufa que em tudo seja a outra semelhante. *Nu la repeta est causa, qua tota altera si simile est, necesse minus sit.*

Depois de fazer seu vistoso alarde; pondo os olhos na fermosa Deosa, lhe disse desta sorte. Não sabes tu que sou o pay das Scienicias? & que meu juizo só acabará naquelle final? pois como te atreveste a solicitar trono que a mi só he devido? onde se vio em trono entcndido presidir a fermosura; mõ o pleito tinhás, tendo bom parecer; & se ves q em minha ausencia deixei por substituta a bella Diana, porq te oppoens a sua purça, que posto tenha manchis, inda meus rayos a não colherão nas redes; em fim es filha das agoas, & por isso es soberba, naceste das elpumas por isso ferveste na pertençao, não ves que deves a minhas luzes o que vales? & a meus rayos o que brilhas? mas es fermosa, & basta para dizer que ignotas, pois não he pequena ignorancia querer pretender a

der a cadeira mais entendida, por presumpçõẽs de mais bella; chora pela menhã, que por mais que esperdisses aljofat não has de vêcer o pleito; brilha de tarde, que ainda assim não has de passar de Estrella; travarãoſe as razoẽs de parte a parte, & peleijouse peito a peito; porém Venus tocandole nas ramas daquelle tronco, não pode Apollo mover plâta; Iupiter, que tudo pôde como Rey, & como pay tudo ampara, fez pa-zes entre a Sciencia, & a Fermosura (se ha coula mais bella que a scien-cia) he a sciencia riquissimo minaral donde todos os que querem rique-zas, achão theſouros, & bem se vereſifica fer a Sciencia a maior riqueza, pois vemos gaſtaõ os pays com os Mestres o que puderão ajuntar para dote dos filhos; porém esse dote não he o que escapa, quando se dâ ſaque à húa cidade ſenão vejamos o Philoſofo como andou diſcreto: *Omnia mea mecum porto.*

O ſabio corre pellos riscos ſem cair, & o necio em qualquer chão tropeça; não ha trabalho na terra, & tormenta no mar, que poſſa arrui-nar a sciencia, & assim deve procurar todo o homem viver para ſaber, & ſaber para bem viver. He a sciencia prata no po bre, ouro no rico, & no Princepe pedra precciosa; o bom podeſſe melhorar com a sciencia, & o maõ emmendarſe em parte. Cicero: *Quae bona ſunt fieri meliora poſſunt doc-trina. & quae non optima aliquo modo corrigit poſſunt.*

Nos perigos, & reveses da forte melhor ſe dà o ſabio, que o necio; porque o necio ſe a ſua estrella o guiou para o risco, deixouſe despenhar, porém o ſabio domina as Eſtrellas: *Sapientia dominabitur Astris.*

Derãoſe as mãos Apollo, & Venus & logrādo ambos o luzido tro-no, teve boa maõ direita Venus & Apollo naõ menor eſtrella Para cele-brar estas pa-zes, inventou o Deos Tonante hum larao; a que occorreràõ todos a quem chegou a noticia, que por varias partes ſe eſtendeo do mu-do; chegouſe a poſſeſſão do dia, te bem tardou por esperado, que forá a eſperança triste, ſe uaõ ſe apellára para o logro; he a eſperança húa tem-peſtade, & hum caoſ horren-do, he o logro húa bonança, & lu-za clara.

Tudo quanto val húa eſperança está no logro, & naõ ſe peza esta, ſem que lhe ſirva de fiel a meſma poſſeſſão: o bem que ſe conſidera neſta naõ he por ſi, ſenão pello que eſpera, & assim melhor he o esperado, que a eſperança: o ſim ſempre he melhor que os meios, porque eſteſe depende do ſeu ſim, & o ſim ſó de ſi depõe, & melhor he o logro, que he o ſim a que ſe alſpira, que a eſperança que he o meio para alcançalo; ſe quem eſpera tivesſe por melhor a eſperança, & não quizesſe o logro, naõ eſperaria: nem a esta ſe lhe podia chamar eſperança, deſesperação ſim; porque naõ queria lograr o bem que eſperava, ou naõ eſperava o bem que que-ria: quem ſe contenta com a eſperança, parece que tem mais, que eſperar;

& he necessario trazer esta mascara de logro para ser appetecida; os que desejão mais a esperança, que o logro, parece que buscaõ o engolfado, & naõ o porto; o caminho, & não o povoado, o trabalho. & não o descanço, a aflição, & não o socego, o pezar, & não o gosto, a pena, & não a gloria, a guerra, & não a paz; se bem, diz Seneca, que tudo se pode esperar em quanto se vive:

Omnia homini dum virit, expellenda sunt.

Chegou em fim o logro deste festivo dia, & o fim desta felice esperança; baixou Iup ter a húa sala ornada de ricos panos, donde a arte deu muiro que f. zer aos olhos, & o gosto naõ ménos que admirar à vista, por que de ouro, & seda se formavão os quattro elementos, em varias historias, & fabulas resumidos; alli se via o incendio da abrasada Troya; aqua a Torre da confusa Babel; de húa parte o destroço do despenhado Icaro; de outra os jardins da fragrante Chipre; sobre hum Trono estava o Rey dos Planetas, que a não ser de luzes, eraõ tantas as pedras preciosas, que arrojando flamantes rayos, não deixavaõ os olhos lugar para penetrarem o de que era composto; sahio taõ vestido de luzes, & tão brilhante o luzido Planeta, que sendo Rey, fez papel de galan: aos pés do Trono em húa artificiosa tarja estava por empresa o monte Etna coroado de fogo, com esta letra por baixo:

Non extinguetur.

Sahio em primeiro lugar a voadora Fama, vestida de gloria, & calçada de penas, com hum clarim de prata, que tocava admirando. & tangia suspendendo; & de quando em quando lançava pello ar em miudas tarjetas este motte:

*Astros hermosos paraí,
Aunel más corto planeta,
Y el echo de mi trompeta
Montes del Tajo escuchad.*

Aos ecos do argentado clarim, sahiraõ por primeira parelha Orpheo, & Arion; vinha este vestido de chamalote azul guarnecido de prata, & em húa tarjeta, que no braço esquierdo trazia se via hum Delphim, & o seguinte motte:

Con este a todos day matse.

Orpheo vestia roupas vermelhas cubertas de fumo, & na tarja se via húa pedra Imã, dizia a letra:

Más poderosa es mi lira,

E tos

E to cāndo nos senoros instrumentos hum sarao, a que podia cantar o melhor canario, suspendērāo o ar, com o da sua armonia; porque cantavaõ as maravilhas, quando tocavaõ violas. He a musica conforme a ponta o Philosopho Platão, & seu discípulo Aristoteles, sciencia muito importante, & temse em taõ pouco o que não sabe musica (ou ao menos a entende) como o que ignora as letras: diz Aristipo, que he indigno de se chamar homem o que não tiver noticia della. Depois de baixarem sentaraõse cada hum de sua parte, & cantou Orpheo o seguinte:

*Guerra, y paz al mundo dey,
Ta cantando, ya suspendendo,
Y ansí bailando, y tañendo,
Hagamos las pazes oy.*

Mal tinha acabado o quarteto, posto o cantou bem, quando prosseguiu Arion desta sorte:

*Venus Dama, mis Delfines
Te alaban en lira de oro,
Y escucha del son sonoro,
Que bien suenan los clarines.*

Sahiraõ por segunda parelha Ero, & Leandro, vestia este de chamalote de aguas, guarnecido de perolas, & na tarjeta trazia em campo azul Neptuno picado por todas as veas, dizia o motto,

Si me pico morirás.

Vestia Ero húss roupas obscuras golpeadas, & por baixo seus vislumbres na tarjeta trazia a letra seguinte:

Aunque muero, todo acabo;

E fazendo suas cortesias, como de Corte, tomáraõ bom lugar os que tivessem tão mau termo na vida. Cantou Leandro o seguinte:

*Quiero hallarme fin desayre
En fiesta tan repetida,
Aunque dé la propia vida
A los encuentros del ayre.*

E logo prosseguiu Ero desta maneira, quasi por força, & tristeza:

*Como mi passion desiste
La fiesta más celebrada,*

ACADEMIA XV.
Por no morir despeñada;
Dexen morirme de triste.

Tudo nesta vida saõ tristezas, tudo trabalhos, & sendo esta taõ miseravel, fabrica o homem sobreella torres de vento, sendo a vida vento, & não torre. He h̄a vil materia, & chea de horror, pois a penas nace o homē, quando nasce a penas, grita a māy, chora o filho, & a primeira cousa que logra nacido h̄e a mortalha, & a tumba, que a vida he hum comprimento da morte: *Quid aliud est vita quam quadam prolixitas mortis.*

Tudo saõ lagrimas, tudo suspiros, & no golfo deste mundo, acha ondas de infinitos perigos, sendo sea a vida nos parece bella, sendo agnus parecer doce, sedo breve nos parece larga, cada dia morremos, & imaginamos eternos: *Quotidie morimur, & si uita quia dilabimur in terram.* E em outro lugar, se queres não temer, nem esperar, dà por passada a vida: *Ceterum cœlum, nihil amplius spei aut timoris est.* Cada dia devemos pensar ser outra vida, Sen. *Singulos dies, singula vita puta.*

Mas pois faz mà consonancia esta morte real com aquelle sarao, vejamos a terceira parelha, Elena, & Paris, vestido vinha este de furtas cores, guarnecido de ouro, & na tarja trazia em campo azul Iupiter roubando Europa; dizia a letra:

Este me servio de exemplo.

Elena vestia de varias cores, & na tarjeta trazia por divisa Jupiter despedindo rayos; com este motte:

Abraze se todo el mundo.

Sentarão se estes desgraçados, que nunca tiverão asuento, por descancar de burlas, o que sentirão de veras, & logo cantou Paris o seguinte:

*Alas pazes que el Aurora
 Haze con el Sol, llegad.
 Elena hermosa, y dexad
 Vuestro recato señora.*

E logo proseguio Elena desta sorte:

*He de ballarme en el convite
 De los Planetas velozes,
 A pesar de quien a voces
 Vengança Griegos repite.*

Trabalhos amantes forão estes, pois por suas mãos tomárão tão desgraçados trabalhos; que os que da o Ceo saõ ditos. São os gostos do mundo verdes prados cheos de venenosas biboras; pedras ao parecer de muita estinia, & por baixo cheas de bichos venenosos, morte eterna, que engana com breve vida

Seguiãose em quarta parelha Piramo, & Tisbe, vestia Piramo de vermelho golpeado, guarnecido de folha de prata, & na tarja trazia por divisa em campo verde hum pelicano rasgando o peito, dizia o motte o seguinte:

A todo obliga el Amor.

Vestia Tisbe toca de la Reyna salpicada de vermelho, & por baixo alioñado, por divisa trazia na tarjeta em campo branco Dido, atravessado o peito, dizia a letra:

Siga este exemplo mi honor.

E depois de dançarem, sentaram-se juntos, & cantou Piramo o seguinte:

*Las fiestas é de aplaudir
(Aunque muerto) en un quarteto,
Porque un amoroso afecto.
Nunca acabó de morir.*

E Tisbe seguiòse, cantando este motte com voz branca:

*Niño Amor si determinas
Dar a los dós tus plazeres,
Es bien que sepan (aunque eres
Ciego) que apuntas, y atinas.*

Inda depois não quiz amor desunilos; o amor reciproco traslada as almas de forte, que mais vivem donde amão, que donde animão; & quando achia o objecto amor perfeito he maravilha, quando bem me quer he girasol de seus excessos alhana este as difficultades, anima os covardes, ensina os ignorantes, & doma as feras; não ha cousa mais animosa que o amor; Seneca: *Nisi patet amor, cum timore misceri.* Naõ ha cousa mais forte que o verdadeiro amor: *Nulla vis maior pietate vera est.*

Competencia no amor causa he de mais amar; Quint, *In amore contenz*

contentio, semper accendit. Algúia consolaçao tem quem por amor padece.
Quint. *Habet aliquid solarium, quisquis in amore miser est.*

Seguirão se por quinta parelha Atalanta, & Ipomenes, estes sabirão mais correndo, que bailando, vestia Ipomenes volante de varias cores, trazia na tarja em campo pardo hum despentado rio, & dizia a letra:

Más corre quien se despeña.

Atalanta trajava de húa cor de ouro, que eorría muito naquelle paiz, por divisa trazia na tarja húa serpente com huma maçãa na boca, & dizia a letra:

Yo no è sido la primera.

E chegando a Orpheo & Arion pediraõ lhe que deixasse os pontos, & tangeisse corrido; bailaraõ a correr, & sentando se cantou desta sorte Ipomenes:

*A las pazes de una riña
Vengo a correr, y Atalanta,
Y si ayer fue velos planta
Gallarda pisala niña.*

Atalanta proseguiu desta maneira com muitas corridas, & gargantas,

*Si en las pazes quiere hallarse
Ipomenes, de las dos,
Porque viene tan veloz?
Porque corre a despeñarse?*

Estes amantes tiverão melhor ventura, porque a lograraõ de corrida, assim he que se haõ de lograr as que acabaõ logo.

Por ultima parelha sahio Apollo, & Venus, taõ bella esta, como aquelle brilhanite; trazia Venus húas roupas Inglezas, ficando as mais à sua vista roupa de Francezes, eraõ de setim azul com estrelas de finos diamâtes, Cupido lhe trazia dependurada da aljava á tarjeta, que em campo nacarado por divisa tinha húa Rosa: dizia a letra:

Más bella soy que ninguna.

Apollo

Apollo vestia húa marlota tecida de fino ouro, trazialhe a tarja Faeton-te, em a qual por divisa se viaõ muitos raios, dizia a letra:

El mismo peligro es premio.

Sentaraõ se os dous Planetas em outro trono, que estava na mesma sala, taõ luzido, como magestoso, taõ regio como brilhante, aonde estava desbuxada húa piramide de livros, com a seguinte letra:

Solaq; non possunt, hac monumenta mori.

E logo ao som dos instrumentos cantou Apollo o seguinte:

*En amorosos desvelos.
En vano el amor resiste,
Desde que bermosos è visto
Madama vuestros ojuelos.*

E logo aos mesmos instrumentos proseguiu Venus:

*Ya te adoran mis cuidados,
Pazis juzgo uninstante solo,
Que estoy sin verte, mi Apolo,
Horas, años dilatados.*

Viose Venus no trono que ambiciosa desejava, viose a belleza na cadeira, que importuna pretendia: ò quanto pôde húa ambiçao, chamalhe São Bernardo Cruz dos ambiciosos, & he muito que atromentando tanto, tanto agrade, porém he vicio da mesma natureza, pois antes que fayamos ao mundo já famos ambiciosos. O divino Chriostomo afirma, que pella ambiçao saõ mudadas as leys da natureza, & Santo Ambrofio falando com o Emperador Valentiniano, diz, que a victoria da castidade está em vencer o apetite das riquezas, porque com esta Rosa sobre o pecado as espinhas, & com esta negaça caem muitos na rede da sensualidade; bem o disse Licurgo, pois não consentio que os scus uzasssem de moeda, segundo o Historiador Iustino. Muito tem quem nada deseja, & que se não satisfaz com o que basta, nada o contenta: doctamente o ensina São Paulo: *Habemus alimeta, & quibus regamur, ijs contenti sumus.*

He este vicio como cadea de fuzis, que donde hum acaba começa ou-

tro. Assi o diz o Poeta: *Finis alterius malis, gradus est futuris,*

Naturalmente daquillo que mais temos, temos mais ambição. Ciceron: *Hominis ea desiderant max me, quibus abundant.*

E pois temos hoje, meus Singulares Academicos, a Fermosura tão entendida, & a Scienza tão bella, conquistemos aquelles Perineos discretos, aquelles Alpes entendidos, & aquele obelisco de letras, subhamos a povoar aquella eminencia do mesmo Apollo, & acharemos contra a noite da necedade aquella entendida luz; acharemos tão benevolo esse Sol, que mais conhecamos amparos em suas luzes, do q̄ rigor em seus rayos. Achareis toda a musica no mesmo Sol, que he voz que nunca dece, antes sobe quem o busca; acharemos a vida na eternidade da fama: *Solaque non possunt &c.* Acharemos de nossos trabalhos o lucroso descânço, no tro. no a que nos convida. Acharemos o amor mais requintado no amparo com que nos lisongea; acharemos a ventura constante, pois he o posto a que naõ chegaõ os giros de sua roda, mais que para colocar, & nunca para destruir; acharemos a mais discreta ambição, para nos ensinar a que sejamos ambiciosos das sciencias, que durão & naõ dos bens, que acabão. E pois nos sujeitamos femininos se achaõ tão grandes realces, será covardia temer a subida, donde avemos de achar todo o descânço: busquemos entendidos a scienza mais bella, busquemos amantes a belleza mais entendida, pois hoje Venus & Apollo quizeraõ dar lustre generoso à Poesia singular, ficando bella a scienza para que fosse apetecida, & entendida a belleza, para que fosse eterna. Acabouse o farao, & só ficou aquella empresa: *Solaque non possunt hac monumenta mori,*

Ao Presidente.

M O T T E.

*Vós sois o que as glorias dais,
E as penas juntamente,
Glorias quando me lembraes,
Penas quando estas ausente.*

G L O S A.

De Antonio Serraõ de Castro.

Foi, senhor, vossa oraçāo
tão elegante, & fecunda,
tão fermosa, & tão jocunda,
que foi toda admiraçāo;
vós sempre em toda a occasião
com versos nos deleitaes,
orando nos ensinaes,
porque de vós aprendemos,
& á fama grande que temos
vós sois o que glorias daes.

Em o templo da memoria
esta oraçāo pónha a fama,
& Apollo com verde rama
vos honre por tal victoria;
orando nos déstes gloria,
porém logo em continente
exprimou toda a gente,
quando vos viu acabar,
que teve gloria no orar,
& as penas juntamente,

Não só sois contratador
das silvas com melodia,
mas de toda a poesia
sois a gala, sois a flor,
do Parnaso sois fulgor,
sendo Sol, que alumiaes,
& quando vos ausentaes,
inda padecendo ausencia
me causa vossa sciencia
glorias quando me lembraes;
Fostes desta Academia
a luz, o norte, o farol,
logo nella fostes Sol
em o seu primeiro dia;
della sois sempre alegria,
quando vos goza presente,
mas se vossa ausencia sente
ella com seus Singulares,
estão padecendo a pares
pennas quando estas ausente.

DECIMA.

De Pedro Duarte Ferrão.

COrone tu frente solo,
Cò Singular soberano,
 con aplauso más que humano.
 el verde laurel de Apollo;
 pues del uno al otro polo,

que en loores se derrama
 tu pluma, tú gloria aclama,
 y es razon que se presuma,
 que porque sobra tu pluma,
 faltan alas a la fama.

Foi assunto desta Academia húa dama, que por livrar
 húa borboleta do fogo de húa vela, queimou huma
 guedelha.

SONETO.

De Pedro Duarte Ferrão.

OY vuestra condicion Filis querida,
OA su pesar mi ciego amor advierte,
 Pues quando al mundo todo dais la muerte,
 A aquessa mariposa dais la vida:
No Filis, no tan presto enternecidá;
 Pues no librais su vida de ssa suerte,
 Que aunque la llama de una luz no acierte,
 En otra morirá desvanecida:
Si de su muerte, ó Filis, los ensayos
 Os dau tanto motivo al sentimiento
 Sin vida dexareis los verdes Mayos;
Que vuestro pelo al Sol es ornamento,
 Y si el fuego consume a tantos rayos
 El Orbe quedará sin luzimiento.

SONE.

SONETO.

De Antonio Serrão de Castro.

Incauta Mariposa bueltas dava
 En tornos a una luz, que ardiendo via
 Contemor, ya su buelo suspendia,
 Ya iutrepida a su fuego se arrojava:
 Ni se mirando que su fin buscava,
 Darle la vida hermosa pretendia,
 Y al tiempo que del fuego la desvia,
 El fuego a su cabello se aplicava:
 Si por dar una vida, ó Ni se bella
 Al fuego entregas tu cabello de oro,
 Oh quantas muertes causa tu centella,
 Pues tratando tu pelo sin decoro
 Tantas el fuego vidas a torpella,
 Quantos cabellos roba a tu thesoro.

SONETO.

De Luis Bulbão.

Por te librarr, ó dulce Mariposa,
 Desse fuego que buscas contra buelo,
 Obligas que se empeñe todo un Cielo
 A libertar tu suerte rigorosa.
 Del peligro con mano poderosa
 Te libertó de Clori su desvelo,
 Y de simbidia essa llama entie su pelo
 Exalacion simira luminosa.
 Si has de hallar una llama preveuida
 En que tu vida acaba entrante fuerte,
 Vete al pelo de Clori agradecidas;
 Buela pues que acabanda desta suerte,
 Ganaras por el riesgo de tu vida
 Los mejores aplausos de tu muerte.

SONE:

SONETO.

De Antonio Marquez.

A Mante de la luz la mariposa
 Solicita la llama inadvertida,
 Y donde presumió hallar la vida
 Encuentra con su muerte rigurosa:
A redemirla vâ Cloris piedosa,
 Mas la llama de celos encendida,
 Contra Cloris se buelve embravecida,
 Y la trença le abrasa más hermosa:
 Si en esta accion piedosa te mostraste,
 Con todo nescia, ó Cloris, andubiste,
 Pues siendo toda nieve te quemaste:
 En el daño mayor mal advertiste,
 Pues si una vida al ave resgataste,
 En tu trença a mil almas consumiste.

SONETO.

De João Carvalho de Souza.

Q Vando a la mariposa apresurada
 Un favor procuravas condolida,
 De elemento voraz, llama encendida
 La prenda del amor dexaabrasada:
 Piedad fue librar Lisis adorada
 De una muerte de fuego aquella vida,
 Fue comiseracion de enternevida,
 Fue dichoso fabor de lastimada:
 Pero advierte, que para ser dichosa
 Esta tierna avesilla en sus ardo res
 El incendio costó de tus despojos:
Ay! qué muero mi bien qual mariposa
 En la llama mayor de mis amores,
 Sin favor de la llama de tus ojos.

S Y L V A.
Do Doutor Francisco de Castro.

SEu hora Cabalina
Acodi, pois com agoa à peregrina
Guedelha de Marfida,
Que se queima, acodi compadecida;
Que será grande magoa
Queimar se tal guedelha à falta de agoa.
Vinde senhora muſa
Com quarta, pote, alguidar, infusa,
Azado, caldeiraõ, balde, gamella,
Celha, racho, bácia, emfim panella,
Nenhūa fique em casa,
Pois Marfida se abrasa
Desta vez, que do cume
Desse monte não vejão vir a lume;
Olhai pois que arde Troya
Segunda vez, na mais prezada joya
Da pobre de Marfida,
E se calva se vir, pôde sentida
Vir dar no desatino
De seguir calva a ceyta de Calvino.
Vinde pois Muſa, que detença he essa?
Quando o caso quer pressa,
E quando ser não possa:
Vir com pressa, mandai à fonte vossa,
Que sendo louro o pelo que agora arde,
Por cedo que venhaes, vireis já tarde;
Pois arde nelle o fogo (ó triste agouro)
Como quem arde em fim em pelo louro.
Avisai juntamente o signo Aquario,
Que he muito necessario,
Repique a fogo em tanto desatino,
Que pois se queima o Sol, toque tal signo;
Mas não venhaes a descompor os brios,
Porque estes versos meus bastaõ por frios
A apagar este fogo,
Que sendo parto de húa yea, logo

ACADEMIA XV.

Claramente veraõ em tanta magoa,
 Que pois de vea saõ, saõ versos de agoa;
 Nem o signo repique,
 Porque se naõ publique
 Vendo tal maravilha,
 Que repicou o signo de Belilha.

E tu Marfida bella
 Maldize o malhadeiro que tal vela
 Em odio foi fazer dessas guedelhas;
 O primeiro tambem que das abelhas
 Tratou a borboleta, pois podia,
 Se queimar se queria
 Aqui neste contorno
 Não buscar vela, não, buscar humforno;
 Maldize juntamente o torpe uso
 Da primeira que usou de roca, & fusô,
 Ou fosse moça, ou velha já, sem brios,
 Para algodão fiar para pavios.
 Se isto te não consola, nesta rua
 Remedio pôde ter a calva tua:
 Mil cabelleiras acharás a gosto
 Sem que te dé desgosto,
 Quando outra vez te queimes, teu receo,
 Pois queimarás então cabello alheo;
 A Deos minha Marfida,
 Se ficas offendida
 De te fallar no caso,
 Invocando o Parnaso,
 Quando teu mal remedio já não tinha,
 Da fogo a culpa foi, que não foi minha,
 E sendo minha a culpa,
 Meu desejo bastava por disculpa.

M O T T E.

*Acudi com agoa ao fogo.
Olhos depressa chorando,
Que se está a alma abrasando.*

G L O S A.

De António Serrão de Castro.

SECAI logo o Borratem,
Sesgotai com grande brio
o chafariz do Rocio,
se por ventura agoa tem;
trazei de Alfama tambem
toda agoa com desfogo,
& vinde correndo logo
com cangalhas agoadeiros,
& com pipas vds carreiros,
acudi com agoa ao fogo.

Olhos tirai a ramella,
& vereis o que cá vai,
de ver meus olhos deixai,
& chorai por Nise bella,
ao fogo de húa yela.

que está seu pelo queimando,
com chorar ide apagando,
voso choro não se estanque,
tirai o tasfuhó ao tanque
olhos depressa chorando.

Húa guedelha, caivão
fez Nise, porque inquieto
húa negra borboleta.
defendeo com sua mão,
o fogo nesta ocasião
em seu cabello ateando.
a minha alma vii queimando,
que se presa nelle está,
he certo se nelle dà,
que se está a alma abrasando.

D E C I M A S.

De Luís Bulhão.

SI procurás una llama
atrevida mariposa,
para el riesgo bulliciosa
tu misma ambicion te llama;
pero buela, pues aclama
mi amor por feliz tu suerte,
con justa razon te advierte
puedes bolar atrevida.

que en Clori la misma vida
te ampara contra la muerte.
Para te liberar, fu mano
te socorrió liberal,
cuando en riesgo desigual
jusgava tu buelo insano,
y no fue rezelo vano,
que si libre no bolaras,

a tu costa experimentaras
igualmente en tiempo breve,
que tanto ardieras con nieve,
como en fuego te anegaras.

A su pelo presumida
llegó la llama de suerte,
que yo le dixe, Clori advierte
no vale tanto su vida,
con el castigo advertida
satisfizo mis temores,
pues sus rayos brilladores
no ardian, pero a la vela,

por castigar su cautela;
le augmentavan los ardores.
Si un incendio arde en su pelo,
porque te libró amorosa,
muere en el qual mariposa,
y aspire a Fenix tu buelo;
si ha de acabar tu desvelo
una llama no tan bella,
la ingratitud atropella,
tu proprio ser eterniza,
no mueras con tu ceniza,
si puedes renacer della.

DECIMAS.

De Joao Carvalho de Souza,

Dos fuegos la mariposa
vió; entrábos los más bellos,
el uno de tus cabellos,
otro de la llama hermosa;
en este no fue dichosa,
en aquel sí, porque en verte
la vida tubo por suerte;
oh! que dicha tan subida,
pues un fuego le dió vida,
quando otro le dava muerte.

Dos incendios me procura
el amor más inclemente,
uno de mi pecho ardiente,
otro de vuestra hermosura;
mas con desigual ventura,
porque si al ave atrevida
uno amenaza caída,
otro la vida le dió,
mala suerte tengo yo;
si ambos me quitan la vida,

REDONDILHAS.

De Antonio Marquez.

Clori en efectos tan bellos,
y en tan amorosas sañas
he de quemar las pestañas,
ya que quemar los cabellos.
Hame costado desvelos
el ver que por un desaire,
por una cosa del ayre
pierdas lo que es de los cielos,

Pero como a tu belleza
metida en pendencias vi,
luego desto presumí
te daria en la cabeza,
Esta hazaña de tu zelo
es cosa muy conocida,
pues el dár, Clori, la vida
es bien que te venga a pelo.

Quien

Quien más deve en estas quejas
Clori, a conocer no llego,
si la mariposa al fuego.
d. si el fuego a tus maneras.

Como el fuego en este estado
estava homicida bello,
quiso buscar tu cabelló
por acogerse a sagrado:
En esta piedra temá
de tu pelo peregrino,
presumí que es ya adevino,
pues es cierto que se quema.

Si aquel spirito breve
de la luz no fuera ciego,
más que morir en el fuego,
morir quisiera en tu nieve.

Mas no que si te buscara
con el huelo ayroso, y leve,
era cierto que en tu nieve
más aprisa se quemara.

Acudiste con decoro
a aquella vida perdida,
y redemiste su vida
no menos que a precio de oro.

Vióte el fuego, y con desvelo
en tu vista se abrasó,
y por remedio se echó
a las olas de tu pelo.

En esta dulce tramoya,
(aunque no es poca la pena),
siendo más bella que Helena,
fue bien que quedases Troya.

El incendio en esta acción
con donayre, y sin rezelo,
viendo tan cerca tu pelo
echó mano a la ocasión.

La matrerosa cobró
oy dos vidas por tu ruego,
una en librarse del fuego,
y otra por quien la libró.

De tus piedades por palma
al ave quitas de enojos,
y en el fuego de tus ojos,
permittes se abrace una alma.

Estas amorosas temás,
solo a mi cuestan desvelo,
pues quando quemín tu pelo,
hasta la sangre me quemas.

REDONDIHAS.

De Joao Carvalho de Sousa.

V Os hermosísimo dueño,
vós engañoso homicida,
dulce enlevo de la vida.
de alvedrios dulce empeño.

A cuyo lindo arrebol,
a cuyo garbo gentil,
las flores deve el Abril,
los rayos aprende el Sol.

Oídme aora llorar
vuestras desdeneas mortales,
que tal vez suelen los males

alivio en el llanto hallar.
No lloro yo, linda Arnestra,
vuestra esquiva tiranía,
que lo que es desdichi mia,
no puede ser culpa vuestra.

Lloro si vuestro favor
en la mariposa errado,
lloro un amor mal logrado,
lloro tambien vuestro error.

Pues si del fuego mi bien
la mariposa librais,

este pecho do morais
abrasa fuego tambien.
Si con tanta voluntad
piedosa vida le distes,
de aquellas mis llamas tristes
como no teneis piedad?
Si os agrada en essa calma
un desvelo sin solsiego,
un galanteo del fuego,
un triste riesgo del alma.
Tambien el coraçon osa
con ansia bien repetida,
arriesgar la propria vida,

bien como essa mariposa.
Mas para que es inquirir
alivios a mi tormento,
si estoy dello tan contento,
que me aborrece el vivir.
Y si nis penas Arnestra
me dan algun desplazer,
es porque siento perder
una vida que ya es vuestra.
Con lo que bien claro muestra
de mis finezas el brio,
pues siento perder lo mio
en quanto pienso que es vuestro.

ROMANCE.

De Antonio Lopes Cabral.

DExa Anarda que se quemé
essa amorosa avesilla,
que gusta de padecer
quien amante se publica.
No mal logres su fineza,
dexala, pues solicita
sacrificar sus afectos,
menospreciando su vida.
La cruel mano deten,
pues de cruel se acredita,
quien ataja una fineza
por mostrarse compasiva.
Si ves que puede quexarse,
porque le quitas su dicha?
pues le das que padecer
quanto mas haces que viva.
No sabes que es del amante
Ja mas rara bizarria
tener la pena por gloria,
tener la muerte por vida.

Porque el morir le quitaste?
si cautelosa fabias
que vive mas un amante
donde ama, que donde anima.
Si la ofendes con librartla,
ya tu piedad no la libra,
que pues la mata tu mano,
lo mismo hiziera essa pyra.
No ves como se apresura,
no ves como se fatiga,
por ser pavés en su muerte
lo que en colores anima.
Toda procura abrasarse,
toda a morir se encamina,
solo por dar a su fuego
mas aliento en su ceniza.
Pero siquieres librartla,
dexala sei su homicida,
y la embidiarás alientos,
quando en essa llama viva.

Si toda es sombras la muerte,
por ser de horrores vestida,
dexa que essa mariposa
se busque muerte luzida.
Abrasarse en tus ojos,
si tu la muerte le evitas,
que quien se muere a una llama,
deve a tus ojos dós vidas.
No blasfemos de discreta,
no presumas de entendida,
pues por evitar su ofensa
le quitaste una caricia.
Y aun por esso quiso el fuego
que essa madre divina
se abrasasse mariposa
por la que tu mano libra.
Has visto como essa llama
por una ave, que le quitas
se apoderò de mil almas,
que en tu cabello trañas.

Como andò discreto el fuego
en quemar tu prenda misma,
pues que dorar sus agravios
con tu pelo pretendis.
Mas è notado en tu accion
que tubiste al fuego embidia,
pues por quitarle un afecto,
dexaste hurtarte una mina.
Essa ofensa a tu cabello
de tu accion fue merecida,
que quien evita una gloria,
una pena se conquista.
Eternizara su ofensa
la llama, si vengativa
lo que escusaste fineza,
no rescatara atrevida.
No tengas piedad Anarda
de quien a morir se anima,
que tiene a pelo venganças,
quien tiene a mano las iras.

R O M A N C E.

De Sebastião da Fonseca, & Payva.

B Lanca mariposa advierte
que andas grossera en la acció,
pues folicitando luces,
buscas una, y dexas dós,
Si los ojos de Iuanilla
antorchas del cielo son,
como lo mejor desprecias?
como buscas lo peor?
No ves que aquellas dos niñas,
afrentando al mismo Sol,
cada pestaña es un rayo,
y cada rayo un arpon.
Arden sus ojos a un tiempo,
y la candelá, pero
advierte que es la candelá

bugia de su splendor.
Si por de cera la buscas,
no te engañe el verla, no,
porque es lo blanco que ostenta
a aspid mentido en fulgor.
Ah mariposa engañada,
malaya quiente engañé,
pues despreciando dos soles,
buscas una exalacion.
Si hambrienta vienes de luces,
buscas de uno, y otro Sol
innundaciones de rayos,
y diluvios de splendor.
Dexa la candelá humilde,
verdugo vil de su albor,

no muera el fuego tu nieve,
deshaga tu nieve el Sol.

Si es maravilla del fuego,
si es de la luz giral sol,
no gires solo un luzeró,
gira mariposa dos.

Ya te quega enamorada
de tu nevado candor,
porque en su nieve te abrases,
pues su mismo sol te yeld.

Pero buscas la candelá
mariposa, y tan veloz,
que a puro bater las alas,
abatas su presumpcion.

Mata la luz, bello armiño,
nieve elada, elada ardor,
que siendo sierra nevada,
ser Etna no podrás no.

Ser Troya será desdicha,
hurta el cuerpo a tu passion,
que morir desvanecida
en Iuana puedes mejor.

O porfiado paxatillo,
hijo de un polvo traidor,
que por ser humilde polvo
tu centro buscas veloz.

Pero discreto te juzgo
en este indiscreto error,
pues por no ofender sus ojos

te niegas a su splendor.

Pero mira que Luanilla
llevada de compassion,
(que nunca lo que es divino
a la piedad se negó.)

Enamorada de verte,
desde que ayer te miró,
por te escuchar al peligro
quiere aplacar su rigor.

Crespas olas de oro aplica
para aplacar su furor,
se domina el fuego al fuego,
se domina al fuego el Sol.

Huye a la luz mariposa,
porque es un mar su splendor,
si fuiste Troya abrasada,
no feas dilubio, no.

Pero viendo el fuego al fuego,
a la candelá se hurtó,
y a penas el hurtó se hizo,
quando Troya le abrasó.

Acuda pues al incendio
mariposa tu candor,
quiçá lo aplaque tu nieve,
quiçá lo afrente tu albor,

Si buscas incendios, mira
que no se ha visto mayor,
muere abrasada en sus llamas,
que a todo obliga el amor.

ROMANCE.

De Antonio Serraõ de Castro.

EM a Academia passada
mudei de fraze, & de estillo,
que tambem sei quando quero
fallar ás vezes de cizo.

Foi o assumpto de morte,
era certo aver juizo,

& se então falley com elle,
agora outrá vez delíro.

Mas he força delirar
qnem vê taõ graõ desperdicio,
que se abrasem mitias de ouro
por dar a vida a hum bichinho.

Nada

Nada teve de piedoso
esse effeito compassivo,
pois por livrar húa vida,
rântas poens Nise em perigo.
Quando vi tão grande incendio,
disse com brados, & gritos,
acudão todos ao fogo,
quebremse em tanger os sinos.
E logo fui o primeiro
que me arrojei atrevido
com agoa ápagar o fogo,
sendo meus olhos dous rios.
Cuido que mui grave fallo,
& o meu Congresso amigo
não quer que eu grave lhe falle,
senão que lhe cause riso.
O Nise nessa piedade,
que andaste mui cruel digo,
pois por dar a hum bicho vida,
deste morte a muitos bichos.
O quantas nesta occasião,
de quantos neste conflito
lendeas abrasadas forão,
& queimados piolinhos.
Inda que em meio das chamas
eu vi hum piolho vivo,
que de algua salamandra
devia ser neto, ou filho.
Tambem eu vi húa lendea
renascer com grande brio,

que devia com a Phenix
estar em grao mui propinquuo.
Não sei que bicho foi este,
pois lume trouxe consigo;
cavallo não foi de Troya,
porque era mui pequenino.
Que elle não foi i boa nova
com muita razão affirmo,
pois tão tristes novas trouxe
a hum cabello tão lindo.
Tambem não ser mariposa
tenho mui bem entendido,
dissera ser cagalume,
se o nome fora mais limpo.
Se jogas Nise o alfinete,
tens o partido vencido,
que pois que tanto te queimas,
perto delle te imagino.
Se quem se queima alhos come,
diz o nosso adagio antigo,
Nise, pois te queimas tantos
algum allio tens comido.
Se por húa borboleta
queimas cabellos tão ricos,
os meus brancos não queimara
por amor de hum passarinho.
Tenho o romance acabado,
tal qual he, vosses tem visto,
inda que o assumpto foi quente,
o romance foi mui frio.



350
A C A D E M I A
D E C I M A S E X T A ,

Em que foi Presidente

ANTONIO MARQVE S.

Em 5. de Fevereiro de 1665.

Orou da maneira seguinte.



Ntre dous dilatados mares, & de entre douos profundos golfos se levanta soberbo o Isthmo, ou ja por arbitro de douos muudos de cristal, ou ja por ser de hum, & outro pelago o Colosso mais gentil; porém estes mesmos mares q domina, estes mesmos pelagos a que preside, &esses mesmos golfos que senborea, ou já sofrendo mal tantos Imperios, ou não levando hem tantas altiveles, o castigaõ com disciplinas de cristal, & o afrontão com despresos de aljofar, escumando de braveza contra sua ousadia, & dandolhe em rostro com sua mesma arrogancia.

O mesm me succede entre os douos mares de obrigaçōes, & entre os douos golfos de difficuldades deste, & daquelle lugar; levantastesme qual Isthmo entre húa, & outra cadeira, naquelle para que ensinasse, & nesta para que presidissem; porém com tal dita que podendo os mares de vossa sciencia, offendidos de minha ignorancia, castigar minha ousadia, & darmo de rostro com minha incapacidade, permitte vossa clemencia subirme sem escandalo, & remontarme sem ruina. Porém ainda que vossa fineza me anima, minha insufficiencia me acobarda; se com aquella me alento, com esta me desanimo. Bem quizera eu que cedessem minha desconfiança a vossos favores, mas parecerá, que cedēdo só a vossos favores, era tambem fazer de mim pouca confiança, & tambem se me puzer da parte de

de meus temores, parece que offenderei a vossas finezas, & de offendere vossas finezas quem averá que não tenha temores. Mas ja em tanto aper-
to me está dizendo o Philosofo: *Vexatio dat intellectum.*

Entro pois a dar complemento mais a obrigação de obedecer, que a obrigação de orar. Será a nossa oraçao dividida em tres discursos; mos-
trarei como nesta Aula temos a melhor Academia, a melhor Empresa, &
o melhor Nome. Quanto ao primeiro.

A melhor Academia.

Sobre trono de esmeraldas, & debaixo de docel de zafiras nasce Rainha das flores entre os Imperios de Mayò, & em os palacios de Flora, a Rosa purpurea; logo que nasce se constitue senhora, logo que cresce se califica Rainha. Mas parece que nem o nascimento he o melhor, q nem he maior a calidade, & que nem he mais subida a fragrancia. Poderá o jasmim pôr embargos ao Principado, pois em o nascer he altivo, na calidade puro, & na fragrancia suave. Poderá tambem o cravo por Principe de la sangre, pois he Francez nas plumas, & senhor da Arrochela pretender o Imperio, & solicitar a Monarchia; a Angelica tambem poderá aspirar à dignidade, pois ja em outra occasião por Angelica levou o Reyno. Tambem poderá a Mosqueta levalo à força de armas, granizando muniçoens de ouro, & disparando mosquetarias de prata. Tambem poderá a Açucena pretender o estado de Olanda, a Flor de Lix o de Galia; os Girasoes o das Amazonas; as Violetas o dos Pigmeos. Porém só a Rosa ha de ser a Rainha! Si, que as mais nascem como as mais; a Rosa só como singular nasce, entre as espinhas cresce, entre as paretas regala, & entre os picos suavisa, & por isso he das flores a melhor, porque não he como as mais flores.

Que fossem grandes as Academias do mundo, eu o confesso; & as historias o publicão, mas que fossem grandes no tempo em q forão, não era a maior maravilha; o ser grande nesta idade he o maior assombro. Flo-
recerão aquellas em tempos iguaes, nascendo a Singular nas idades mais asperas, por isso tem o principado de todas, porque não nascendo como as mais. Ja eu não fallo das Academias que fomentarão os Gregos, que co-
meçarão de Academo cõforme Diogenes Laercio, não da Zenobia, não da Esthoica, não da Peripatecia; nem tambem das que patrocinarão os
Principes de Italia, entre as quaes foi a mais celebre a laurea do lagº A-
verno. Porém lembrandonos das mais modernas, a de Pavía, a de Sena, a
de Ferrara, a Filareta, a Paduana, a Venesiana, a Florentina, a Belonica, a
Corusca, & a Noturna; das quaes diz Tomas Garlons, q florecerão, porq
tiverão Principes que as fomentarão, & Patronos com que luzirão, &
seculos que as abraçarão. Logo não he esta a maior maravilha, nē aquelas
forão as maiores Aulas; porque crescer com o favor, em todas se pô-
de

de achar, porém luzir sem patrocínio, só nesti se pôde ver. As outras nascerão, subirão, brilharão com o dourado dos tempos com o regalo dos Príncipes, & com o favor dos Patronos; disto deu notícia Ovidio, falando do favor que fazião os Príncipes aos Poetas, diz elle: *O large sepe dabuntur opes* Pois desta sorte, que muito era luzir, que façanha era o brilhar. Porém nascer a singular Academia entre os espinhos da guerra, entre as calamidades do tempo, sem o favor de patronos, esta he a maior maravilha; por isso a Rosa he a Rainha das flores, porque nasce no esteril das espinhas, por isso he esti a Rainha das Aulas, porque brilha nas idades de ferro, nem cuide alguém que incluo nesta cláusula a sempre memoranda, & digna de eterno louvor Academia generosa, que como divina por tantos Príncipes, que a fomentão, mais nobres que as Estrelas, & assistentes, & alumnos, que podem competir com a facundia dos Gregos, com a sciencia dos Latinos, & com o mimo dos Espanhoes, se faz incompativel, & fica exceptuada; mas indo ao nosso ponto.

Quem deu o nome de grande ao Nilo? Pôr ventura, porque na redondeza da terra não aí outro maior? Nilo, que a experientia o contradiz; pois logo senão he dos Rios o maior, como lhe dão o nome de maior dos Rios? Sabem porque, porque os mais crescem com os favores do tempo, o Nilo cresce quando menos o ajuda. Crescem os mais rios pello inverno, este pello Estio cresce, os mais com as aguas das nuvens, & as correntes dos regatos, & com as innundações do inverno se fazem grãdes, mas este sen que as nuvens o socorrão, sem que os regatos o acrecentem, & sem que o inverno o ajude, quando ini abrásia o Sol, & se secá a terra no meio do Estio, entâ cresce com tal impeto, que aos mais dilatados campos banha com cristal puro, & semea com aljofar cristalino. Assi também as outras Academias forão grandes, mas em tempo que o favor as fomentava & os Príncipes as patrocinavão, que muita era; mas a Singular, em tempo advertso, quando menos se espera, he maior maravilha, por isso tem maior nome que aquellas, & por isso he a melhor de todas.

Mis poder à dizer a calunia, que mal pôde ser grande aquillo a q faltão partes, & que se muitos renunciarião este Museo, ja com esta falta he força si que menor. Concedo, que alguns faltáram, mas essa falta fez a Academia a maior sobra, porque as demissões, sempre forão prejudiciaes. O destro Agricultor, sabendo isto naturalmente, corta os ramos, para q cresçam, & desseja as arvores, para que sobrepujem. De mais, que estes que assistem saõ os que sobrão, & estes que faltão saõ os que tem faltas. Por duas causas podem faltar estes, ou por muita filaucia, ou por pouca confiança; os que presumem, porque imaginão que ja saõ grandes, os q desconfiam, porque lhe parece que o não podem vir a ser; os que entendê que

que ja saõ grandes Poetas, daõ a presumir que o deixão de ser, porque o presumir he a prova de ignorar, os que entendem que não podem vir a ser grandes, não sabem que tudo aquillo que he grande foi pello caminho de pequeno; & se húa, & outra cousa he erro, com erros a Academia não podia ser grande; logo sem erros, & sem errados fica de melhor partido a Academia. E que digo! vds mesmos, ó Singulares, eis de ver Academicos, a quem direis: *Campus ubi Troya fuit.* Vereis algum, que nos pareceo Jardim de flores no juizo, que se tornou mato de espinhos com a filaucia. Vereis algum, que navegassem neste mar de sciencias vento em popa, que deu com tudo à costa; mas porque! Porque ignorão o que perderão, que só no nome de Academicos perderão a melhor herança, porque a melhor fama, he o melhor interesse:

Probo maxima fama he editas est.

He tambem a maior a nossa Academia pella duração que teve, & pella duração que ha de ter; a que teve só dous annos, a que ha de ter serão mil séculos aquella não necessita de prova, porque *quod per se patet, non indiget probationem.* Porém a que ha de ter devemos agora provar. Que mais clara prova de sua duração, que daremse suas obras ao Prelado Virão os homens, que por sua natureza erão mortaes, & logo fizerão q por industria fossem eternos; mas como? inculcando ao mundo seus nomes, & dando à estampa suas obras; pois disto usou a nossa Academia; vio q todas acabarão, quiz ella só permanecer, que fez? Introduziu estampar-se os nomes de seus alumnos, & fez imprimir as obras de seus Academicos, para q juntamente ella, & elles tivessem eterna duração na memoria dos homens; & porq nisto não teve igual, veo a ser das Academias a melhor.

Quanto à melhor empresa.

São as empresas, & os timbres os creditos dos heroes os objectos das acções, & as divisas da fama; em húas se explica a nobreza do sangue, em outros a força do valor, & em outros o merecimento das letras; por possuirem hum timbre honrado, derão muitos a vida por hum timbre por lograrem húa empresa nobre se arrojárão muitos a mui difficultosas empresas. Alexandre tomou por timbre o geroglifico de sua nobreza, como se fosse mais nobre por seu sangue, que por seus braços. O povo Romano tomou por empresa ao Minotauro, para mostrar que as armas haviam de ter parte da razão, & parte da força. Os Athenienses tomárao por empresa o geroglifico da curuja, como se fora conveniente ter por símbolo do entendido à incapacidade de hum bruto. De sorte que todas as empresas contêm huma destas tres circunstancias, ou de nobreza como a de Alexandre, ou de valor, como a dos Romanos, ou de letras, como a dos Athenienses; & se cada húa destas tres circunstan-

cias basta para credito de húa empresa; segue se que a empresa q̄ne tiver todas estas tres circunstancias, ferá a melhor das empresas. Vejamos agora se encontramos com estas tres calidades, em esta para inferirmos qual seja a sua calidade.

Que tenha, in primis, a nobreza, he cousa que não padece duvida; porque alem de que aquelles Heroes de que se compoem, os mais forão nobres por nascimento, tambem pellas prendas forão nobres, de mais q̄ se saõ nobres os Principes, aquelles Heroes da empresa todos tiverão este titulo; a Aristoteles chamârão Príncipe dos Poetas Gregos; a Virgilio dos Latinos, á Horatio dos Liricos a Camões dos Portuguezes, a Gógora dos Cultos, a Gracilasfo, & a Lope dos Hespanhoes. Pois se todo o mundo lhe deu o titulo de Príncipes, quem lhe pôde tirar o nome de nobres, logo tendo a emprêsa em si a tantos Príncipes, se segue que he a mais nobre emprêsa; & se mais he o divino, que o nobre, até divinos saõ os Poetas. A Homero chamârão *Divinus Poëta*. De Aristoteles disse Cicerô: *Penes divinns E Ovidio de todos, a sacri Vatis, & diuum cura vacamur.* Logo com Heroes taõ divinos vem a ser a emprêsa mais que nobres.

Já na nossa emprêsa temos a nobreza visto; vejâmos agora o valor. De pouca prova necessitava este argumento, porque húa vez q̄ naquella emprêsa está a nobreza provada por cõsequencia o valor, que como disse hum moderno: *La nobleza y el valor nacieron de un mismo punto* Mas reforçemos mais este pensamento.

Criou Deos a todos os viventes com armas ofensivas, & defensivas, só ao homem com as armas da razão, porque como Sabedoria eterna entendeo que as mais poderosas armas erão as do entendimento, offendão os outros viventes, & defendão se os outros animaes com as armas q̄ lhe deu a natureza, o homem porém defendase com a razão, & vencê com o entendimento, porque nas armas da prudencia ha de estar o melhor valor. Logo estando naquella emprêsa as melhores razoẽs, consequentemente esta a maior valentia; até os Gentios o entenderão assi, por isso fingirão que Hercules despedaçara as serpentes, vencera ao leão, & matara a Caco, & dizem os Expositores, & Moralistas, q̄ teve esta ficção principios de realidades, & que Hercules não com as violências da Massa, mas com as armas da razão alcançara de tantos inimigos a victoria. E se as razoẽs saõ as armas dos prudentes, & a razão he o valor dos entendidos, que melhores armas, que mais valentes, & que mais efficazes, que aquelles livros, & que aquella emprêsa. Pois o valor bem se vê em resistir as eras, que sendo estas em folha, húa ruina verde, & em id. de húa lima surda, com tanto valor se abraçao, & postradas se humilhão. E se o maior valor está em vencerse qualquer a si mesmo, como diz S. Agostinho, &

como persuade Seneca: *Imperium habere vis magnum, impoera tibi.*

Que maior valor, que o daquelles Heroes, que saõ adorno da nossa empresa; pois vencerão o tempo estudando, vencerão a ignorancia sabendo, vencerão a morte triunfando, exprimindo-se a si mesmos. De mais q̄ o objecto daquelles Heroes não foi outro mais que o valor. Que Poeta daqnelles se não dedicou aos aplausos do esforço, qual delles se não empregou nos successos das armas. Homero nas de *Vlysses*, Virgilio nas de *Eneas*, Camões nas dos Portugueses. E se aquillo que he mais eterno, he mais valente, se pois contra a eternidade nunca pôde áver forças, em nenhūa cousa està tanto o valor, como em esta empresa, pois de si mesmo està dizendo: *Hæ. Iolaque non possunt mori.* E se como disse o grāde Orador de Roma: *Nihil est per quid magis dies immortalibus similemur, quam per ipsius finem.* Nenhūa cousa mais se assemelha á immortalidade, que esta empresa, pois nella està tanta a sabedoria; logo bem se prova, que tē o valor nos Heroes, que tem o valor nas obras, & que tē o valor na eternidade, provase mais que esta o valor na quella empresa com hūa autoridade de Ciceron. Diz elle: *Fortitudo est scientia.* E Latancio: *Timidas insapiente esse non debet.* E S. Ambrosio: *Sapiens non meus frangitur.* Pois se conforme Ciceron a sciencia he o valor; & se conforme Lactancio no sabio não se dá medo, & se conforme S. Ambrosio, o entendido não fraquea, estando naquela empresa tanto sciente, tanto sabio, & tanto entendido, està també toda a valentia, todo o esforço, & todo o valor.

Pois que tenha a sciencia he cousa mui mais oatente, porq̄ os mesmos livros lhe servem de bisarra prova; & não só tem hūa sciencia com que se acredita, mas todas com que se exalte. Provase que tem todas, porq̄ cõtem os Poetas, porque qualquer Poeta deve saber todas. Isto quiz dizer Silo Italico, quando disse: *Carmine complexus terram, mare, sidera manus;* porque o Poeta só deve saber o que ha na terra, no mar, no Ceo, & no abismo. Por isto disse Cicero, que era o Poeta *complementum omnium scientiarum.* Logò bem manifestò he que tem a nossa empresa as tres circunstâncias, Nobreza, Valor, & Sciécia, com que por ter estas tres qualidades se califica pella melhor das empresas.

Quanto ao melhor nome.

Tres cousas ha no mundo, que só poderão ter o melhor nome; no Ceo entre os Astros; o Sol no ar entre as áves; A Phenix; na terra entre as Aulas a Singular. entre os Astros he singular o Sol, porq̄ he só. Entre as Áves he singular a Phenix, porque he unica; entre as Academias he Singular esta porque he unica, & porque he só. De sorte que o mesmo que se encontra no Sol, & o mesmo que se acha na Phenix, se vé na Singular Academia;

de mia; quanto ao Sol, bem claro está, pois naquelle empresa se vê; elle com suas luzes mostra todas as cousas, esta com luzes da sciencia a todas as cousas manifesta; o Sol cria as minas do ouro, & anima as flores do prado, esta produz os engenhos de mais quilates, & ostenta as flores dos melhores juizos. O Sol he o maior dos Astros, esta he a maior das Aulas, o Sol desterra as sombras da noute, esta destroe as sombras da ignorancia. Quanto à Phenix, também he coula patente a Phenix he filha, & māy de si mesma como diz Claudio, vós da mesma sorte sois filhos de vossas obras, & vossas obras saõ partos de vossos engenhos. A Phenix renasce entre as cinzas, vós renasceis de entre aquelles tumulos, pois se esta Aula, & seus alumnos tem as calidades do Sol no luzir & as propriedades da Phenix no renascer, claro está que tambem ha de ter o nome de Singular, porque se no mais se assemelha, no menos não he bem que desista. De mais que só vos bastava o nome de Poetas, para possuirres o melhor nome, que como diz Ouvidio, era o nome dos Poetas veneravel:

Erat venerabile nomen Vatibus.

Tão soberano he este nome, & tão digno de estimação. Ja Ouvidio entendia que acabarião as Magestades, que se consumirião as riquezas, & que fraquearião os poderes, mas o nome, & fama dos Poetas só havia de durar, só havia de permanecer:

*Siquidem vestes, gemme, & aurum
Carmina quam tribuunt fama peronis.
Est.*

Ao que alludio hum discreto moderno em hum Poetico discurso para encarecer a soberania do nome do Poeta:

Numen est, nomen Poetarum.

E se o nome do Poeta he o melhor nome, o nome de Poeta Singular, quē duvida que he maior; tenhão embora os mais o nome de grandes, buns de poderosos, outros de esforçados, estes de liberaes, aquelles de magnanimos, que o nome dos Poetas he que dā vida àquelles nomes, & o Singular gloria à nossa Academia; credito à nossa nação, & triumpho aos nossos alumnos.

Tendo pois mostrado ser está a melhor Academia, a melhor empresa, & o melhor nome; escusado seria persuadirvos agora para a Academia a assistencia, para a empresa o empenho, & para o nome o cuidado; poré não he este só o meu intento; porque ja vos supponho assistentes, empenhados, & cuidadosos, mas o q mais vos persuado he q seja a assistencia com zelo, o empenho com efficacia, & o desvelo com persistencia, pretendendo cada qual ser de todos o melhor; porq se não diga de vós o q Alciato

ciato de algúis, q̄ podendo remontarſe nos voos da fama pello caminho das prendas fe deſvião de taõ feliz caminho, pella cauſa mais leve:

Sic quodam ingenio, & virtute ad sidera vi celsos,

Detinet in mediocritate causa leviss.

Para iſto ha de renunciar o ocio, & aplicarſe ao eſtudo, como Claudio de ſi dizia:

Me quoque Musarum ſtudium ſub nocte silenti

Arribus affuetis ſollicitare ſoleat.

Porque o logro, que fe alcança ſem deſvelo, ſempre he menos eſtimado; & ate o trabalho porq̄ ſe acquire o merecimento, ſe faz mais agradavel:

Spina etiam grata, ex qua ſuctatur Rosa.

De mais que a terra mais fertil ſem a inddustria do Agricultor, em vez de eſpigas, produz abrolhos, & para que o inculto dos campos ſe fertilize com abundantes ſearas, he neceſſario que o arado continuamente os facilite:

Fertilis eſſiduo ſi non removetur aratro,

Non niſi cum spinis gerim, hæbit ager.

Aſſim lhe pareceo a Alciato, poſi confessa de ſi que em todo o tempo ſe deu à lição, & eſtudo das letras na puericia, na mocidade, & na velhice:

Dum pueros fulgans, juvenes dum tiffet a falta,

Detinet Eſegnes cartula picta Viros,

Hec nos festivis emblemata vidimus oīis.

Pois ſe os grandes por acquirirem nome, ſe os fabios por grangearem fama, huns derão ſem medo a vida, & outros ſe derão com deſvelo ao eſtudo, nós por lograrmos hum nome taõ singular, que muito fazemos em ſolicitar ſaber, poſi ſem aplicaçāo não ha eſtudo, ſem eſtudo, não ha ſcien‐cia, ſem ſcien‐cia, não ha fama, & ſem fama não ha vida, & para alcançar o nome de Singulares não ſão neceſſarias as aſſiſtencias, porque muitos podem aſſiſtir, huns pello gosto de ouvir, outros pella intenção de calumniar, mas tambem he neceſſario a aplicaçāo, o eſtudo, & o tra‐balho; porque como diz Sofocles:

Nulla res magna ſine labore veniet.

Por esta cauſa a preço de ſua vida grangeou Cursio ſua fama & para po‐der viver eterno na memoria ſe enterrou vivo em huma taverna, dandoſe a ſi mesmo a morte, por dar ao povo Romano a vida. E Leena a‐miga de Harmodeo teve valor para tirarle alingoa, ſo por andar ua boca da fama, & outros infinitos, que por não trazer à Academia os an‐naes da antiguidade, as Poliantheas, & os theatres do mundo deixo de referir. Pois ſe aquelles a tanto preço de ſeu ſangue acquirirão ſua fa‐ma, que muito fazemos, ſem mais custo que huma aplicaçāo em grangear

grangear tal nome. A fé que não derão aquelles nesta industria, que a persuadirse poderão ser eternos por este modo, não deixarião de seguir este caminho. E ainda que vos pareça difícil isto, que he tão facil, dai attenção a Ovidio, que nos ensina à continuaçao por nos não molestar o trabalho:

*Quod male fers, affueſſe, feres bene, multa
Vetuſtas lenit!*

Ora pois Singulares Academicos, aqui tendes a melhor Academia; aqui lograes a melhor empresa, & aqui possuis o melhor nome. Com tantas melhorias, quem para aplicar se poderá pdr duvidas? Bem creo eu de vosso zelo, de vosso capricho, de voſſa curiosidade, que assistireis sem rogo, que vos aplicareis sem persuaçao, & que continuareis sem falta, porque ainda que vai no fim a nossa Academia, com tudo nunca podera ter a nossa Academia fini; porque esti interpoſição do tempo, que daqui a poucos dias ha de fazer, he o mesmo que fazer o braço atraz, para sahir com mais vehemencia a setta; he recuar douſ passos, para dar muitos adiaante, & dispor huma pyra para renascer huma Phenix, para que ella com vosco dure na existencia, & permaneça na memoria, para que vds. com ella tenhaes os aplausos na vida, & as admiraçōens na posteridade, logrando ella por vós os vivas, & logrando vós por ella o victor.



Ao Presidente.

SONETO

De Luis Bulhão.

PVblique alegre en su clarin la fama,
 Con buelo altivo al ambito del mundo,
 Tu genio dulce, tu dictar facundo
 Con mil coronas dessa ingrata rama-
 Gustoso Apolo con su ardiente llama,
 Eternize tu nombre sin segundo,
 Del monte altivo al valle más profundo,
 Ya cada qual parece que te aclama:
 Pero no, que será poco decoro,
 O discreto Orador a tu cuidado
 Entregar a los dós tu pluma de oro:
 Quando ella sola en eco dilatado
 Es clarin de tu nombre más canoro,
 Y buril, que te dexa eternizado.

Ao Presidente.

DECIMA.

De Pedro Duarte Ferrão.

Si aquel Hicaro bolâra
 Con las alas de tu pluma,
 poco temiera la espuma,
 poco al fuego rezelára:
 Al Sol sin trono dexâra,
 que es tu pluma tan altiva,
 que contra la suerte esquiva,
 a dezir el mundo acierra,
 ser para el olvido muerta,
 y para la fama viva.

SONETO.

De João Carvalho de Souza.

Diz hum amigo vosso agradecido,
 Morador no lugar de húa innocencia,
 Termo de húa efficaz correspondencia,
 Comarca de hún affecto bem nacido:
 Que elle louvar queria encarecido
 Desta vossa oração tanta excellencia,
 E porque elle não tem tanta eloquencia
 Para o poder fazer como he devido:
 Pede, que respeitando tal vontade,
 Eas pobrezas de seu fraco talento,
 O soccorraes com vossa habilidade:
 Porque seria grande atrevimento
 O querervos louvar com novidade,
 Sem discrição de vosso entendimento:

Foi assumpto desta Academia huma
 Dama zelosa, mostrando no mayor ri-
 gor a maior brandura, & no favor maior
 a maior tirania;

SONETO.

De Antonio Marquez.

SI con ternuras Clori me maltrata,
Sicô desdenes Ciori me acaricia,
Y en el rigor encuentro a mi dilicia;
Y en el favor se ostenta más ingrata;
Más la quiero fañuda, y menos grata;
Más su desden pretende mi codicia;
Pues encubre el favor con la justicia;
Pues la vida me dá, quando me mata.
Que como Clori al Sol es semejante,
Que entre nubes occulto entonces hiere,
Y al dexarse mirar no es tan flamante;
Ansí Clori, que al mismo Sol prefiere,
Quando oculta el querer es más amante;
Quando muestra ei favor, no tanto quiere;

SONETO.

De Pedro Duarte Ferraz.

QVe bellos Filis son vuestros rigores,
Que alentados son Filis vuestros zelos,
Pues con unos dais muerte a mis rezelos;
Y con otros dais vida a mis temores;
Si alentais rigurosa mis amores,
Siempre ay rados quisiera vuestros cielos;
Que temen bella Filis mis desvelos,
Más que a vuestro rigor vuestros favores;
Para que logre Amor tanta ventura,
Mirando sin rezelo a vuestros ojos;
Ostentese cruel essa hermosura;
Que es bien, para cojer de Amor despojos;
Apelar del rigor deessa blandura,
A la dulce piedad deessos enojos.

S O N E T O.
De Antonio Serrão de Castro.

DExa, ô Marica aceiñnes de inhumana,
Ya que affetos concedes de divina,
Que no es razon que causa tan benigna
Affetos tenga de una accion tirana:
Virtudes ser piedosa, y ser humana,
Ser tirana, y cruel es cosa indigna
Si hallas misè, de tus favores digna,
No te quite el rigor ser soberana:
Si eres Marica Sol en los favores,
Communica tus luces, amorosa,
No dispendas los rayos de rigores:
No me mates Marica riguerosa,
Que al aliento del Sol viven las flores,
Y a los rayos del Sol muere la Rosa.

S O N E T O.
De Francisco Lopes Sueiro.

EN tus favores, Cloris, he notado
En tus rigores tengo ya advertido,
Que el favor en rigores convertido,
Y el rigor en favores has trocado:
Es tu rigor, si a caso le has mirado,
Veneno, que una flor tiene escondido,
Y tu mortal favor bien conocido
Es aspid entre flores ocultado:
En vida de un favor das muerte irada,
En muerte de un rigor permites vida,
Y contra todos mueves dura espada:
Con esta diferencia, que homicida
Sien el rigor das muerte declarada,
En el favor la das desconocida.

SONETO.

De Sebastiao da Fonseca, & Payva.

Zelosa està Matica, Dios le acuda,
 Que tiene eufermedad mui peligrosa;
 Yes en Marica mengua, siendo hermosa.
 Imaginar de Fabio que se muda:
 Mas Fabio, que la mira tan sañuda,
 Jusga fina la accion tan riguosa,
 Porque siempre la fê por cariñosa
 Vino a perder lo que ganô por cruda:
 Deka deidad del Tajo los rigores,
 No te acuerdes Marica de tus zelos,
 Corresponde al afecto con amores:
 Pues le basta a tu Fabio en sus desvelos
 Mirar que son tus iras sus favores,
 Ver que son sus rigores tus rezelos.

SONETO.

De Francisco Lopes Sueiro.

TV favor, bella Cloris mal empleas,
 Con tus rigores tu afficion desdoras,
 Y las causas de amor pienso que ignoras,
 Pues de amor los efectos tanto enleas:
 Favores das a quien matar deseas,
 maltratas con rigor a quien adoras,
 Vnos con tus rigores enamoras,
 Otros con tus favores lisongeas:
 En tus rigores tu piedad consiste,
 En tu piedad consisten tus rigores,
 Y nada a tu dureza se resiste:
 Fues siempre de tu vista los ardores
 Con tus rigores dan la muerte triste,
 Quanto alegre la dan con tus favores.

ROMANCE.

De António Serrão de Gralho.

Qué me cosinha estes bredos,
que não sei como componha
amor, rigor, & ciumes,
sendo tão diversas cousas.

Sd vds Marica Cordeira;

Sd vds Marica Leoa
podeis mexer estes caldos,
& cosinhar estas sopas,

Porque neste toque emboque
trocais de tal modo as bolas,
que dando hum cabe de amor,
à rde chegaes rigurosa.

Pareceisme sol de inverno,
que quando com luz sermosa
quer dispensar seus favores,
logo húa carranca mostra.

Sois dia a caso de Março,
que quando medonho assombra,
então mostra a luz serena,
branda suave, & amorosa.

E quando espinhos vos temo,
então Marica sois Rosa,
& quando Rosa vos busco,
então sois espinhos toda.

Eu não sei minha Marica,
que condição he á vossa,
em vds o favor he pena,
em vds o rigor he glória.

Este relogio de Sol
mui erradas traz as horas;

pois quando do favor saõ;
dá nas do rigor a sombra.

Esta vossa grimpiana!

Mariéa mui descomposta,
pois quando assopraõ favores;
ella para o rigor volta.

Desta vossa embarcação
eu não entendo a derrota;
vai d porto do favor

pondo no rigor a proa!

O alfabeto deste livro
mul errada traz a conta;
o numero diz rigor,

sendo de favor a folha!

Se a caso jugais as cartas,
sempré a quem com vosco joga
mostrais de favor os outros,
& dais amárgosas copas.

Até no jogo dos dados
sempré sendo cautelosa;
por sorte deitais azar,
& por azar sorte boa.

Sois no favor noite escura,
no rigor sois bella Aurora;
no favor o bem he mal,
no rigor em bém se troca.

Mas já sei que estes efeitos,
& contrariedades todas
procedem minha Marica
de estares muito zelosa.

ACA-

ACADEMIA DECIMA SEPTIMA,

355

Em que foi Presidente

ANTONIO SERRAM DE CRASTO.

Em 12. de Fevereiro de 1665.

Orou da maneira seguinte.

Vossas merces meus senhores à força quizerão que eu fosse Presidente, pois tomarão o que acharem, q suposto q̄ he segunda vez que me vejo em este lugar, he tão falso de merecimentos como na primeira, subir a elle húa foi rētura, & obediencia; outra, supposto que tambem he obediencia, não deixa de ser temeridade, & locura. A primeira me pudera deixar com o sal na moleira para não tornar a ella segunda, & ficando tão escaldado de húa, tornar a eile outra; não se dirá por mim, que gato escaldado de agoa fria ha inedo, pois tanto tem elle o torno a occupar; mas se quem não tem vergonha todo o mundo he seu, senhor do mundo me cōsidero agora presidindo a tão doutos, & illustres fogeitos, que se o Sol se pudera multiplicar, multiplicado o via hojé nelles, pois cada húa delles he ham Sol.

Foi a minha primeira oraçāo húa oraçāo leiga, esta serā húa barbata; nella não deixei Deos da gentilidade que não trouxesse ao terreiro, nem sino em o Zodiaco em que não desse minha badalada, até que jugando a choça com Phaetonte, vim dar com elle, & com todo meu cābedal no rio Poó.

Vendome pois falso deste, & o pouco fructo que estas Academias fizerão em mim, poi que negro yelho não toma lingoa, & quem rolo vai a San-

a Santarem, tolo vem, determinei fazer húa oração de pedaços furtados das orações dos Presidentes meus antecessores, que capa de pobre sempre foi de muitos reis, ainda que fora para ver húa capa de tosco burel remendada de ricas roupas, & de brocados de tres altos, pagando eu os meus de vaso.

Desisti deste intento, por não engastar taç ricas perolas, & taô preciosos diamantes no tosco de meu chumbo, & no ferrugento de meu ferro, & por me não succeder o que àquella ave, que adornada de plumas alheias, saindo a publico, cada qual tomou a sua.

Assim que triste por não ter oração, & frio em húa menhaá deste inverno me sahi a tomar o Sol (que não he muito na terra se tome, quando no mar se peza) acompanhado com meu amigo o ajudante, q me não deixará mentir, mas heo elle tanto meu, que sim deixará, fomos nosso pé ante pé, sendo que quem vai cõ elle, sempre vai pella posta, mas que vai pella posta, também ante pé vai.

Chegamos atè nossâ Senhora do Monte, mas como neste sitio mais nos molestava o vento, do que nos aquentava o Sol, o trocamos pello cardal do vingança, donde sem vingança tanto sangue se tem derramado, de uvas digo. Ali verei que não ser certo o adagio, que diz, que debaixo de húa ruim capa jaz hum bô bebedor, pois debaixo de muito boas uvas outros muito melhores. E porque quem passass, vendenos alli não disse que um bom era Pedro como seu amo!, deixamos o lugar pella quiuta de hum amigo, que não estava muito distante, & em quanto o amigo Ajudante, como senhor della, se poz a formar esquadroens, fazer baralhoës, dando taatos a frente, & tantos a fundo, tirar a raias quadra, fazer quadros de terreno & de gente, porque era perito na arte da milicia, me sahi a hum valle, que fôra dos muros da quinta estâ, o qual na Primavera tinha visto hum retrato do Paraíso, húa copia dos Elíssios, mas se então me parecera maravilha, agora com a força do tempo nem sombra sua era.

Porque a Rosa Rainha das flores u em aiuda nas mantilhas verdes aparecia, tardavalhe o alfaiate Abril com sua encarnada gala, mas quando não mentiraõ alfaiates, a botocira Primavera nem ainda hum botaõ lhe tinha dado.

O Cravo, Princepe que es de la sangre, y aua aspirante a ser Rey, n'ê pot vir em huq pê tinha chegado; a Maravilha nem por matayilha aparecia; a Angelica estava curando de Medoro; as Mosquetas molcarão; a Portmideira dormia; & o Iasmim nem ainda em branco lhe tinha saido a sorte, & as de mais flores nem ainda em flor estavão.

Era este pois determinei tomar o Sol, & em húa retirada parte, ond

de mais liberal dispendia seus rayos, vi estar húa pipa, & querendome encostar a ella porque se os rayos daquelle aquentão, a sombra desta não esfria. & a penas o intentei, quando ouço que de dentro della me dizem: ô tu quem quer que es, pois não me dás o que podes, não me tires o que não podes.

Admirado do caso suspenso do successo, confuso do que via, olhei para dentro, quando vi hum venerando velho, calvo da cabeça, & des-cuberto della, testa arrugada, olhos enevoados, nariz comprido, a boca cuberta com a neve de suas barbas, as mãos tremulas, & em húa hum livro, em a outra hum báculo, à ilharga húa tigella de pao, pés descalços, & vestido humilde.

Curioso lhe pergunto, quem es tu, que feito alma dessa cuba, cara col dessa casca, tartaruga dessa concha & marisco desse buzio, tão imperiosamente mandas a hum homem da minha authoridade, que já fui Presidente na Academia dos Singulares de Lisboa, & agora se não por meus merecimentos, por meus peccados, estou outra vez nomeado para o ser.

Sou, me respondeo, quem o mesmo caso que faz de ti, que es nada, fiz de Alexandro, que foi tanto; & bem se mostra tua necedad, pois eõ tão claros sinaes como em mim ves, & pélha morada em q habito não conheces quem eu sou.

Pello que em ti vejo, lhe respondi. & pello que tenho ouvido, disse-
ra que era Diogenes tão celebrado pella fama em o mundo, porém como queres me persuada que es este, quando tua patria foi Athenas, & Gressia tua assistencia, & vendote agora vivo, quando tantos séculos ha que es morto.

Maior necedad me replicou, he agora essa, que se minha patria foi Gressia, foi em quanto nella se professarão as sciencias que a patria dos sabios he onde estas se professão) & como Lisboa he hoje o centro delas, como o testemunhão húa Singular, & húa Generosa Academia. Esta he hoje a minha patria; a esta duvida te tenho respondido; a de dizeres que estou morto, facil está a solução, que conforme ao que disse hú dis-creto Singular, vivem os sabios com a fama eternamente nos antipodas do esquecimento, & tendo a morte iurisdição em todas as coisas, só nas sciencias & na fama de seus professores a não tem, porque quando tudo acaba: Sol que non p'fun ha monumenta mori.

Absorto tanto do que via, como do que ouvia, lhe disse, supposto q pudera ainda ter minhas duvidas, como todo o crer seja cortesia, por cortesia te creio, mas dame licença que te pergunte q significa esse burdão, que livro he esse, de que te serve essa tigela, porque andas com os

pés descalços, & a cabeça descuberta, porque vives em tão humilde morada como a de húas pipas; se por viver nela cuidas que te izentas de decima, não te livras de imposição direitos novos, & real de agoa, q̄ sempre hum real de agoa em as pipas acrescentou a muitos o cabedal, & se com essa movil morada foges a húas ruim vesinhança, que peor que a dos mosquitos, pois sempre com sua trombeta tocão a degolar.

Hás de saber ignorante que andar com a cabeça descuberta, & pés descalços he costume, & como tal, natureza; porque: *Consuetudo est altera natura*: Senão dizeme quanto mais nobre, & delicado he o rostro, que a cabeça, as mãos que os pés, & não estranhas trazeres húa, & outra coufa descuberta. Este bordão me serve de armas, & cavallo, armas com que me defendo dos animaes, cavallo com que passo os rios, he meu descaço, he meu alívio.

Esta tigella he a tassa por onde bebo em as fontes, & se ouyiste dizer que a quebrára por ver beber a outro com a mão, he engano, q̄ por essa razão tambem quebrará a mão, pois podia beber com a boca, chegandoas ás fontes.

Este livro he toda a minha estimação, todo o meu estudo, & toda a minha riqueza, contém em si as primeiras dezoito Academias dos Singulares, onde se acha tudo quanto os antigos, & modernos tem escrito: este livro só he húa livraria em que se acha a Eliada de Homero, a Philosophia de Aristoteles, os Eneados de Virgilio, o Eligiaço de Ovidio, o Satyrico, & Poetica de Horacio, os Lusiadas de Camões, o doce de Garcilasso, o levantado de Gongora, a facundia de Lope, a eloquencia de Cicero, & as sentenças de Seneca. As obras deste livro tem a fama tresslado no templo da memoria, onde permanecerão eternas; porque *Sola que non possunt bac monumenta mori*.

Esta pipa tem tantas excellencias, que cada arco he hum arco triunhal, que a fama levantou aos sabios & cada aduella sua he húa perfeição, porque se no mundo *nemo ab omni parte beatus*, & não houve nenhum, assim Monarca, como sabio a quem não faltasse sua aduella, porque por diversos modos al carro de la locura tiran todos das aduellas que a todos faltárao fabriquei esta morada, & para que o vejaes, vamos discorrendo.

Esta aduella he a da temperança, que por faltar a Alexandro queimou a cidade de Persepolis, matou a Clito, & empalou a seu medico. Esta he a do segredo, que por faltar a Túlio Romano, & descubrir hum segredo de Octaviano a sua mulher, & ella a outras, se matou elle, & mais ella. Esta he a da composição, que por faltar a Julio Cesar o culpavão de mal cingido, & por faltar a Aníbal o culpayão os Cartaginenses de

de andar desabotoado, & a Pompeo de se costar com hum dedo, & os Vticensez pôr faltar a Catão o reprehendião por comer muito depresa & a dous Carrilhos, & atè no dormir faltava a Scipião sua aduella, por onde era mormurado dos Romanos por roncar muito: dos Lacedemonios Licurgo, pôr andar sempre cabisbaixo: dos Thebanos Panculo, porque cospia muito: & dos Athenieneses Simenides por fallar muito alto.

Esta aduella he a da elleição, que por faltar ao Presidente teu antecessor, te elegeo a ti por Presidente, podendo entre tantos, & tão dous so geitos eleger outro que benemerito occupasse esse lugar, & assim vaite embora desculpate de não fazeres a oração de Presidencia, q me nos falta serà ficar essa Cadeira hoje desocupada, que presidires tu nela, & para que te naõ falte a aduella da eleição, quando tantas te faltẽ, pois es hum destampado, elege hum Presidēte que authorize esse lugar, & supra as faltas que hoje nelle fizeste.

No melhor que estava de minha conversaçao, chegou o meu amigo, meteose Diogenes na sua pipa, viemos para a Academia, onde me acho insufficiente para este lugar; assim que vossas merces me hajaõ por disculpado de naõ fazer hoje nella húa oração como de sejava, brilhem as que se tem feito, subaõ ás Estrellas, leveas a fama de hum a outro pôlo, para que sempre vivaõ eternas no templo da memoria, o que assim

espero seja, porque quando a morte, & o tempo tem jurisdiçao

em tudo, só as obras deste livro, & a seus Authores se

naõ estende, porque he certo que *Solaque non possunt*

hac monumenta mori.

Ao Presidente.

S O N E T O.

Do Ambicioso Academicó Generoso.

FOi tanto a introducção que vos ouvi,
Tanto, que de Domingo para cá,
(Dignissimo Serrão) esteve o fá,
Ouvindo o vosso Sol, discorde em mi:
Cantei, qual pude o rè, por ver se assi
De algum tranco chegar pudesse ao lá,
Mas os meus instrumentos estão já
Destemperados não, quebrados si:
Perdoaime, se a musa então for só,
A que vos não louvou, porque o meu ut
Que era para subir, se tornou rè:
Bem podeis destas queixas não ter dó,
Qae eu nunca adivinhei, como Abacut,
E a razão me faz crer, como Thomé.

S O N E T O.

De Luis Bulhão.

TAn altamente con tu pluma de oro
Adquiriste a tu nombre la memoria,
Que ha de quedar con duplicada gloria
Eternizado en el Castalio coro:
La fama altiva en su clarin canoro
Publique de tu ingenio larga historia,
Que podrá solamente hazer notoria
La singularidad de tal tesoro:
Apolo con aplauso agradecido
Ciña con dós laureles a tu frente,
Pues los tienes en todo merecido:
Porque en burlas, y vera differente,
Solo tu pluma en buelo más subido
Enseñó deleitando juntamente.

DECIMA:

De Pedro Duarte Ferrão.

DAndo admiracion al mundo,
por dar motivo a la fama;
corone la verde rama
al Singular sin segundo:
Con cuyo escrevir fecundo

oy su nombre dilatado
entre luces colocado
nuestro Sol vencieudo est,
porque miren lo que va
de lo vivo a lo pintado,

DECIMA.

De Ioaõ Ayres de Moraes.

Victor, discreto Serrão,
se he q eu vos posso aplaudir,
não houve mais presidir,
nem vi melhor oração:
E assim com muita razão

de vds infiro, & suspeito
que sois hum jardim perfeito
pois tendes com linda traça
no divertir muita graça,
muitas flores no conceito,

ROMANCE.

De Ioaõ Pereira da Silva.

Castro insigne, pay das Musas,
a cujo engenho tão donto
rendem louros, cedem palmas
hoje os Vates mais famosos.
Hoje que donto ensinaes
desse exelso, & grave throno
dizer de vossos louvores
por devido assumpto escolho.
Mas em meus versos primeiro
desse lugar pondo os olhos,
para que sendo obra minha,
suba a ser elogio vosso.
Afazeryos Singular
com nunca vistos encomios;

tanto em nome, como em fama
Phebo vem do quarto pôlo.
Vém com elle juntamente
das Musas o bello coro,
para capellas trazendo
era a pares, louro a molhos.
Húa capella vos vête
cada qual com tal adorno,
que a capella na Capella
em mil enfeites tras posto.
Assistirvos vem tambem
os antigos Vates todos,
só por verem admiraçõens,
por admirarem assombros.

MmaVem

Vem outros muitos com elles;
que por fama tem grão voto,
& em fim de Poetas vem
hum catachismo canoro.

E como por serem tantos
por vds,lhe faltasse o louro,
apellão para o loureiro
do Saldanha generoso.

A todos elles no meio
por cima levaes o cólo,
& pareceis qual parece
o Cisne entre patos novos.

Se com seu canto presumem
ao vosso fazer apodos,
quê quer que ouvir vosso canto
terá seu canto por conto.

Mas ouvindovos se rendem
com não visto,& estranho gosto,
& a quanto embebidos ouvem,
a tanto admiraõ absortos.

Daqui a coroar parece
que vos quer levar Apollo
ao seu, donde preside
generoso Capitolio.

Pois hoje o Parnaso,& o Pindo
festivaes por varios modos,
quanto articulão trombetas,
tanto bandeiras tremolão.

Quando,dizei! se não hoje
o feminino decoro,
empenharà o alvedrio
para vos ser novo elogio.

Mais que em bronzes vividores
com pincel a fama de ouro
primores de vosso genio
débixe em celestes tomos.

A vds esse Orpheo dos prados
levante cantos sem conto,
& em doce accento o ruido
troquem festivos os troncos.

A vds as Tagides bellas,
& sómente em vosso abono
em seus orgaõs de cristal
formem doces contrapontos.

E pois por fim presidis
ao Singnar Consistorio,
por vds sómente se diga
hic finis coronat opus.

Foi Assumpt^o desta Academia húa dama
que desejava vir á Academia.

SONETO.
De Pedro Duarte Ferrão.

Dejad hermosa Filis los temores,
Vença al recato Amor, vuestra osadia;
Pues dize mal a tanta bizarria,
Por cobarde ocultar vuestrs favores:
No se oculten los bellos resplendores,
De cuyas luces se guarnece el dia,
Hareis dichosa a nuestra Academia;
Que a los rayos del Sol viven las flores:
Si sois a tanto Abril divino aliento,
Presidirle podreis Filis aora
Mas hermosa con vuestro entendimiento:
O quanto la Palestra se mejora,
Si vòs para le dar mas luzimiento,
Juntais a vuestro Sol luces de Aurora.

SONETO.

De Ioão Carvalho de Souza.

Yo me veo, señora, en tanta altura;
Yo me veo con tanto luzimiento,
Que no puede aspirar a más augmento
Mi opinion, mi grandeza, mi ventura;
Mas esta presumpcion, esta locura,
Este desvanecido pensamiento
Puede solo postrar con vencimiento
Tu saber, tu nobleza, tu hermosura:
Ilustra Clori pues la Academia
Con la luz singular de tu grandeza;
Con el rayo solar de tu hidalguia:
Porque mi luz, mi sciencia, mi altiveza
Solo puede aumentarse Clorimia
En tu sciencia, en tu gala, en tu nobleza.

SONETO.

De Francisco Lopes Sueiro.

DExa Beliza aquesse pensamiento,
Pues lo impide tu honor bien advertido;
Que de tu honor al gusto preferido,
Aunque a tu gusto des algun tormento:
Si deseoso está tu entendimiento
De mirarse en las Aulas aplaudido,
Tenga de honor el libro prevenido,
Y atajarà del gusto el ardimiento:
Refrena aquessa accion, pues arrojada,
Quanto del gusto vá desconocida,
Tanto contra el honor va declarada:
Que a no mirar ó así, como entendida,
Lo que es gala en tu gusto mal pensada,
Serà culpa en tu honor bien conocida.

DECIMAS.

De Sebastião da Fenseca, & Pávua.

Hoje qual outro Cometa
Hízias o luzido pdlo,
que vio taõ fermoso Apolo,
que vio Venus taõ discreta:
Desta Aula o menor poeta
te venera suspendido,
que se es pasmo do sentido,
& do discurso desvelo,
quanto admiras pello bello;
suspendes pello entendido.
Se de imitar te blasona
quem teus preceitos observa,

assistenos qual Minerva,
presidenos qual Belona,
Húa, & outra coula abona,
pois sabes tanto imitalas,
& se esta, & aquella igualas
(ò pasmo de toda a gente)
fermosa, sabia, & valente,
serás Venus, Juno, & Pallas.
Posto que o bem desejado
intente impedir o pejo,
he justo que esse delejo
passe a ser executado;

Vem

Vem a ser Rosa do prado
mais fragrante, & mais pôposa,
permittindo generosa
(posto seja isto mudança)
se deixe hoje a esperança,
para que se veja a Rosa.
Vem porque alcance victoria,
quem remissa se condena,
que hoje sera cada pena
a mais dilatada gloria;
E para que na memoria
fique esculpido este dia,
vem lustre da Poesia,
vem discretissima dama,
porque des penas à fama,
& glorias à Academia.
Vem assombro do universo,
tem deste Congresso dd,

pois tu es para ver só,
& só para ver teu verso;
Deixa esse rigor perverso,
porque a nossa Academia
veja em tal soberania,
conheça em tanta grandeza,
que es credito da belleza,
que es primor da Poesia.
Siryão dous soes soberanos
á pyramide de esferas,
que naõ te haõ de faltar Eras,
posto tenhas poucos annos;
Esses Heroes mais q humanos
confessem tuas melhoras,
& pois disto nada ignoras
sejaõ (se tanto os humilhas),
nossas obras campanilhas,
tuas obras trepadoras.

R O M A N C E.

De Luis Bulhão.

Dizen bellissima Clori
(segun este assumpto nuestro)
que discreta deseais
de habitar este Museo.
Si esto es así, con razon
es cierto que dezir puedo,
que mostrais divina Clori
tener singular deseo.
Yo juzgo, si no me engaño,
pretendeis por lo discreto
abater de su lugar
esse brillante luzero.
Con duplicadas razones,
que hazerlo podeis advierto,
que a no ser por disencion,
fuera d Clori por lo bello.

O quanto fuera mejor
se mirasse en ese empleo,
que a defender la Academia
se empeñasse todo un Cielo.
Para presidir, la filla
alegre os diera mi afecto,
que si presidis al alma,
es bien que sea al ingenio.
Como a vuestra presidencia
se encaminaran mis versos,
fuera a un coraçón alivio,
lo que es lisonja a un respecho.
No fuera poeta pobre,
que por mi vida os confieso,
que mi musa se mirara
con linda estrella por cierto.

No rezeleis el peligro,
d Cloti, dexad el miedo,
que un acto de discrpcion
a todos libra del riesgo.
No penseis de los Poetas
llevar el concepto adverso,
porque de vós formarán
más levantado concepto.
En vuestra comparacion
júsgo se quedará Phebo,
no Príncipe de los Astros,
pero de vós un bosqueyo.
Quanto más si en la Academia
assiste el Sol, considero,

que pues no venis, le dais
por vuestra culpa un defecto;
Por quanto fuera razon
para tanto luzimiento,
que todo el mundo mirasse
venir la Aurora primero.
Si vuestro recato altivo
pone embargos al efecto,
sabed que no se da culpa,
dó no llega el pensamiento.
Y no temais que se turbe
este cristalino espejo,
conio dó estrellas puro,
se lo ha de mirar el pueblo.

ROMANCE.

De Antonio Lopes Cabral.

Era húa vez húa dama
tão discreta, & taõ sabida,
que ja todos os Poetas
a conhecem pella pinta.
Era taõ fermoda, & bella,
que por naõ dizer mentira,
era Pallas na sciencia,
a que era Venus por linda.
Desta o nome não direi,
porque fora cousa indigna
dizer eu o nome ás claras
de quem mata ás escondidas.
Dama que com taes desejos
quer honrar a Academia,
bem he lhe tribute versos,
quem dos desejos se obriga.
Por certo muito ganhara
esta Aula com sua vindia,
que se he Anjo na belleza
bellos conceitos diria.

Nos olhos traria as Eras,
de cõ mill livros traria,
& por ser como o Sol bella,
fora a nossa empresa escrita.
Se viesse desta sorte
duas vezes ficaria,
se por fermoda admirada,
por Poeta conhecida.
Se a caso nesta Aula entrara,
todo o Poeta que a vira,
nunca mais falara em Musas,
nunca invocata Thalia.
O como o senhor Apollo
nesta Academia assistira,
sd por ver se era esta dama
como fora sua Nympha.
Se elle correffe atraz della,
ella nunca lhe fugira,
que sd com olhar para elle
seus rayos eclypsaria.

Quantas vezes assumpto
desta Academia seria,
por não ser bē que outra dama
fosse assumpto à sua vista.

Quem me dera ver aqui
dama taõ bem entendida,
sendo que por ser fermosa
muito mais agradaria.

Quem a visse taõ discreta,
& tão galharda, diria
que era húa Venus Apollo,
húa Aristoteles linda.

Os argumentos puzéra
taõ sciente, como fina,

& sempre o seu parecer
melhor que todos seria.

Ella argumentará falso,
eu fino argumentaria,
por mostrarlhe as consequências
que nascem de sua vista.

Porém os seus argumentos
já mais eu defenderia,
que nem zombando quizera
tella por minha inimiga.
Até aqui do meu Romance
a digressão se termina,
& o que faltou no afeto,
supra minha cortesia.

ROMANCE.

De Pedro Valejo.

Dizen Filis que procuras
venir a nuestra Academia,
que sobre ser muy hermosa,
eres tambien muy discreta.

El deseo es coíno tuyo,
pues con el Filis grangeas
ser tan lindamente sabia,
como sabiamente bella.

Si estás della tan prendada,
bien puedes venir a verla,
pues más singular ferás
con tus singulares prendas.

El Sol de empresa nos sirve
en esta doctrina palestra,
pero en llegando tus soles,
ellos servian de empresa.

No lo juzgues por lisonja,
porque mis ojos confiesan,
que delante de los tuyos
es el Sol menos que Estrella.

De la Rethorica Filis
serás la mejor maestra,
pues todo lo persuades
con tu eloquente belleza.

Todos te han de ofrecer cultos,
y el que a Gongora comenta,
lo puede hazer facilmente,
si te ofreciere el Poeta.

De Cornelio cuyo nombre
se estima, y se vitupera,
pues nadie quiere sus armas,
y todos aman sus letras.

La Catreda no querrás,
que este nombre es cosa cierta
querer todas las mugeres
ponerle en cabeza agena.

Vencerás si argumentares,
sacando por consecuencia,
que si estan todos rendidos,
nadie ayrrá que se defienda.

Presidirás luego al punto,
y no será cosa nueva,
que aya entre tantos Apolos
una tan linda Minerva.

No tomarás venia a nadie,
porque siendo nuestra Reyna,
cuando quisieres tomarla,
la tomarás de ti misma.

Para Censor eres linda,
porque todos los Poetas
respetando la hermosura
suspiran mejor la emienda.

Ser Secretario no admitas,
que es pension leer por fuerça
obras, que estar enterradas
merecen, por obras muertas.

Esto se entiende de algunas
que se parecen con estas,
y solo tienen de lindas
lo que tu tienes defea.

Ven Filis por vida tuya,
que en tu carita de perlas
tendremos muy buena Pascua,
antes de entrar la Quaremba.

ROMANCE.

De Antomo Serraõ de Castro.

P Ara que queres ó Nise
vir à nossa Academi.
se he para ser Singular,
de vir cá não necessitas.
Porque ja por Singular
de todos es conhecida
na descrição, na belleza,
no brio, & na galhardia.
Cuido que se cá vieras,
decima Musa serias,
a quem eu sempre intocaria
em a minha bandurria.

Quando foras Musa logo
de certo seis casos tinhas,
& sendo então singular,
tambem teu plurar terias.
Vem, que hum lugar te darei
detraz da rota, & cortina,
onde estão outras senhoras,
& às vezes chora Iacinta.
Se cá vieras fouberas
muito galantes cantigas,

& cantandoas à guitarra,
a todas trella darias.

Viras húa dama sera
fazer hum escrito astilhas,
por lhe encubrir húa nuvem
o luar com que o lia.

Viras Helena, & mais Paris
feitos nones na fugida,
& viras Piramo, & Tisbe
feitos sardinhas de espicha.

Viras outra dama estar
com fuzil, pedra & mais ifea,
& se bem feria lume,
melhor corações feria.

Hipomenes, & Atalanta
tambem cá os acharias;
não por amantes de assento,
mas amantes de corrida.

Outra viras desmayada
por causa de húa sangria,
sendo que eni sangrar as bolças
tempre foi muito perita.

Outra

Outra andar em trages de homem
com o seu amante em brigas,
elle ferido no peito,
ella no peito ferida.

Viras Hero, & mais Leandro
ambos com grande fadiga,
elle afogado em negocios,
ella quebrar por ser fina.

Viras a el Rey Dom Pedro
coroar a Ines por Rainha;
quando morta para todos,
em seu amor sempre viva.

Outra viras em contar
as estrellas entretida,
errando sempre na conta,
por vellas ao meio dia.

Viras outra muito branca
estar tornada o cabriahz,

retratando a seu amante
com pincel, palheta, &c tintas

Outra tambem que cuidava
que era hua Phenix nacida
estar desmayada, & triste,
porque hua caveira via.

Outra por livrat do fogo
hua borboleta, viras
que o fogo por se vingar
a guedelha lhe fez cinza.

Marica não entenderas,
porque viras a Marica
amante lancando rayos,
rigurosa dando vidas.

E porque he ja muito ver,
o Rômance finaliza,
se passei das quinze coplas,
terho a licença por minha.



ACADEMIA DECIMA OITAVA,

Em que foi Presidente

ANDRE NVNEZ DA SYLVA

Em 19.de Fevereiro de 1665.

Orou da maneira seguinte.



AS glorias da sciencia empenha hoje o vosso preceito ao meu cuidado, & com razão nas glorias da sciencia; porque se no fim se canta a gloria, sendo chegados ao termo dos discretos exercicios deste anno, devemos, ja que não cantar, ao menos repetir da sciencia as glorias. Senão he que como a gloria foi sempre o premio das acções grandes *finis coronat opus*, sendo as da sciencia aqui obradas tantas, se lhe deve de juro a ponderação das glorias da sciencia. Largo Occeanó para tão fragil lenho, alto voo para tão debil pena; mas aírda que mé exponhá ás da censura, a gloria, que entre a ambição, & o temor, pretendo discursar, me dará forças para a empresa, dizendo com Propertio:

*Magnum iter ascendeo, sed dat mihi gloria
Vires non juvai ex facili lecta Corona jugo.*

E não he muito, se me amoesta Ovidio os esforços que occasiona, & as fúndias em que empenha:

*Regni non parvas animo dat gloria vires,
Et facunda fecit pectora laudis amor!*

Que ainda que seja a perigos do credito, desde que Icaro achou na rui-
na a fama:

Icarus Icareas nomine feit aqua.

Logo o temor se vestio do atrevimento, & o risco foi desprezo da ou-
zadia.

Segue a gloria aos sabios, como a sombra aos corpos, ainda que o
corpo lhe fuja, ainda que o sabio a despreze, sempre os acompanhão: po-
deração foi do Seneca, quando disse: *Vt umbra nos vel invitatos comitatus, ita*
gloria sapientiam si quitur etiam fugientem. Terá a gloria na vida do sabio
oposições porq a virtude sempre padeceo contrastes, pois como nun-
ca se vio fogo sem fumo, assim nūca se vio virtude sem nevoa, como ad-
vi: *tio o Lypsiō: Vt flamma non surrexit si minor unquam sine fumo, sic nec bala-*
norum fama sine nube aliqua leviorū. Mas se na primeira idade fraquear, &
não luzir do sabio a gloria, ah! estão os séculos vindouros, donde brilhe
estrella, donde se aumente gigante, O Sol, que no Oriente he tocha do
Ceo, no Zenith he incendio do mundo; quem o vio no berço, que se a-
trevesse a fitar nelle os olhos ao meio dia? Assim o discorre o mesmo
Lypsiō: *Ve Sol in Aurora tenuior assurgit, & clarescit, sic & virtute & meritis*
fama cum quo augetur, & crescit. He a sciencia a prenda mais superior da
natureza, como entre os sentidos a vista como na alma o entendimento,
& como entre as Estrellas o Sol; assim resplandece, assim se avertaja, as-
sim avulta a sabedoria entre as cousas humanas. Juizo foi do Policiano:
Quem admodum in sensibus visus, in anima mens insideribus Sol, sic sapientia in
rebus omnibus excelluit humanis. Sustento da vida lhe chamou Menandro:
Sustentaculus vita. A maior consolação dos trabalhos a proclamou o Lyp-
siō: *Litteras summum solatium censere licet humana vita.* E Aristoteles a jul-
gou nas prosperidades ornato, & nas adversidades resugio: *In prosperis*
est eruditio ornatum, in adversis refugium. O Princepe da Oratoria Cicero a
abonou no cativeiro alivio das prisões, no desterro medicina das dores,
& entre os tiranos engano dos males, & desengano da sorte: *Multi cum*
in potestate essent hissum ac tiranorum vulni cum in custodia multi in exilio de-
lore in suum dect. in studijs levabant. Thesouro he que não se acaba, posses-
saõ que não se aparta, riqueza contra quem não tem valor o tempo. E
por isso Diógenes encomeudava tanto aos homens que amasssem a sabe-
doria, porque aos moços dava sobriedade, aos velhos consolação, aos
pobres riqueza, & aos ricos adorno. Mas donde me leva o discurso nas
utilidades da sciencia, nos fructos da sabedoria! Reduzamos o innume-
ravel de suas glórias a duas, ou porque entre o distinto me cobre, ou
porque entre o immenso me não confunda.

Não a sabedoria ao humano apperencias de divino, & ao temporal

realidad

realidades de eterno. A estes dous extremos reduziremos sua excellencia, nestas duas bases fundaremos a sua gloria.

Quanto ao primeiro:

He certo que no mundo só a sciencia pôde fazer que o humano pareça divino; porque ainda que o poder se quizesse arrojar, esta semelhança a breves contrastes do tempo teve o desengano na ruina. Divino se sonhou Alexandre por poderoso, mas a morte o despertou do sonho. Divindades se presumio Julio Cesar por grande, mas por vinte & tres bocas que no Senado lhe abriu o odio, vomitou a presumpção, & a vida. Todos os que imperarão entre os Assírios, Medos, Perías, Gregos, & Romanos nas azas da grandeza, de homens quizerão voar ao falso culto de Deoses, estatua se levantarão, templos se erigirão, mas como toda esta machina se fundava no débil alicerce do poder, as penas se deleitarão no pensamento, quando do pensamento padecerão as penas. Os mesmos que lhe curvarão o joelho para a idolatria, lhe puzerão as mãos para o desprezo:

Tamquam sumus abit, sic transit gloria mundi.

Não sucedeo assim aos que fundarão a apparencia de divinos na sabedoria; o mundo os aplaude, a fama os ilustra, o respeito os guarda, & a pezar da natureza, & do tempo, a memoria os conhece, & a razão os venera. De divino conserva Platão o nome por sua sciencia, a Homero chama ainda divino a fama: *Divinus Vates.* A Licurgo dedicarão templo os de Elparta pellas leys que lhe promulgou, & se lhe não dura o templo da terra, porque se arruinou a terra, vive no templo da memoria, porque permanece na memoria. A Solô invocou, como a Deos, Cresfo no aperto da morre, a que o condenara Cyro, & pode tanto a fama da sabedoria de Solon, que ficando com o culto lhe deu a vida. Excelencia divina chámou Aristoteles à sciencia; *Sepius philosophari videtur mihi res divina.* Seneca disse, que a sciencia o igualava com os Deoses: *Philosophari permittit mihi, ut me parem Deo faciat.* O Princepe dos Oradores publicou que só a sciencia fazia aos homens semelhantes aos Deoses.

Quanto à segunda parte.

Que a sabedoria faz que o temporal logre foros de eterno, pouco se cagara o discurso em mostrar o que a experienzia prova, mas porque nem os Poetas, nem os sabios, nem os doctos nos devem faltar, leamos nelles esta verdade.

Todas as coisas confessou Ovidio fogueitas à morte, & só no engenho topou à excepção desta univerſal:

Vixit ingenio; catena mortis erunt.

Immor-

Immortal entre as ruinas da natureza, izento das leys da mortalidade abonou ao engenho Propertio:

*At non ingenio quæstum novem ab quo
Excides, ingenio stai sine more decus.*

Plínio comparou a sciencia com o louro, a pezar do tempo sempre verde, a pezar da morte sempre viva: *Vi liurus tota viret perpetuo ita, de flamine fama non sen-sit neque maius cessit.* Que importa que a morte se atreva ao corpo, se vivo o engenho do sabio, não só em quanto sobre a terra, mas de debaixo da sepultura nos ensina: *Docet non solum vixit ac presentes studio-sos dicendi erudiant atque docent, sed hic id etiam post mortem monumeatis litterarum affequuntur.* Disse Cicero. Mas para que me canço em amontoar lugares, para o que ha mais claro que o Sol, por todos ouçamos. ao douto Alano, que expressamente a vozes nos pregoa o assunto: *Scientia in celeste terram, immortale aducunt conyentum.* E sem que tantos o diffiraõ, que mais authoridade que a da experiençia. Esses Plínios, esses Homeros, esses Aristoteles, &c todos os mais que celebra a fama, que eterniza a sciencia, a quem se não a sua sabedoria devem a sua immortalidade! as penas com que voarão os collocão na eternidade que lgrão; os estudos a que se aplicarão, dos horrores da sepultura os sublimão nas luzes do aplauso. Os que fundarão no poder a sua gloria, como acima advertimos, em hūs se acabou na vida, em outros não chegou à morte, & em todos não passou do tumulo; & se algum nome conservão, mais o de vê à sciencia, que ao poder, mais aos sabios, que os aplaudirão, que às façanhas que obrarão. As forças, como obras da natureza, acabarão com o corpo, a gloria, como efeito da sciencia, permanecendo com os escritos. De quantos esforçados cobre a terra as proeſas porque lhe faltou hum sabio que as eternizasse! Quem não julga mais venturoso a Achiles pelo engenho de Homero, que pelo triunphio de Hector! Oh soberano dom da sabedoria que da temporal fazes eterno; & excellente prenda da sciencia, que assemelhas o humano ao divino!

*Cessem dasabio Grego, & do Troyano
As navegações grandes que fizeraõ,
Collens de Alexandro, & de Trajano
A fama das vitórias que tiveraõ.*

Que na sciencia, que na sabedoria:

Outro valor mais alto se levanta.

Mas que muito, se todas as glorias do mundo, se todos os bens da vida

vida saõ obras da natureza, & a sciencia he acto de hum entendimento, que he potencia de h̄ta alma imortal, empenho do poder divino, & só capaz de legrar os thesouros da gloria: effensa he o discurso no que a evidencia abona. Esta he a sabedoria, & estas suas glorias, a c̄sta vos entreḡ st̄s, & estas tendes conseguido. Vossas obras (o Singulares Academicos) vos passaráõ dos termos de mortaes aos foros de eternos; vossa sciencia vos dà, sendo humanos, a semelhança de divinos. Argumento era de Seneca, que o juizo fazia bemaventurados: *Qui prudens est & temperans est, qui temperans est, & constans est, qui constans est, & imperturbatus, & sine tristitia est; qui sine tristitia est, beatus est, ergo prudens beatus est.* Empeñai-vos neste exrcicio, não cesseis nesta occupação, que esti gloria he infinita, & não ha termos que a clausulem, ainda que vossas obras vos acreditam grandes, aspirai a ser maiores, que o desejo da fama he tão immenso, que não tem termo: *Gloria cupiditas res est infinita, & qua terminum ad quem perviniri possi, nullum habet.* Cultivai os engeuhos com a continuação, que assim como o campo, ainda que fertil, não pôde ser fertil sem a cultura, assim os engenhos, ainda que felices, não podem ser felizes sem o exercicio: *Vi ager quamvis fertilis sine cultura fertilitate esse non potest sic sine doctrina animus,* proclamou Cicero. Assisti, porque devais ao voso estudo a gloria de voso nome: *Studiante tua clarum, & nobilem efficiunt, repetio o Seneca.* Mortos disse o Lypso, que andavão entre os vivos os que se eximião das occupaçōens para que prestavão: *Ignavi mortui ambulanti inter vivos.*

Este termo que o tempo poem a estes exercícios seja para cõ maior força tornar a elles; alentos toma quem quer proseguir, passos dā atraç que intenta correr. Repetir o que he tão util aconselha Platão: *Quod benedicitur repetere non nocet.* Para brilhar com mais luzes se poem o Sol, para renascer com melhor vida se abrasa a Phenix. Tomai alentos para proseguir, descançai para correr, porque no exercicio da sciencia continueis, sendo humanos, à semelhança de divinos, por que no empenho da sabedoria consigaeis, sendo mortaes, o credito de eternos.

Em o qual o Presidente passado Antonio Serrão
de Crasto deu os assumptos para esta ultima
Academia:

POis hoje sou Presidente
de taõ insigne Academia,
cada qual dos Singulares
nos assumptos me obedeça.
Porque eu os vou repartindo
como me dà na cabeça,
cada hum tome o que lhe cabe,
que boa fazenda leva.

Ao senhor Pedro Duarte
hum soneto se decreta,
em que louve a quem no mundo
a cama inventou primeira.

Louve o senhor Andre Nunez
com sua limada pena
em hum soneto as laranjas
da China lizas, & bellas.

Tambem o senhor João Ayres
não haja medo que esqueça,
Num soneto ha de sentir
morrer Maria Michela.

Ao senhor Antonio Lopes
em oitavas se lhe ordena,
que da Serpe, & do Adrago
rellate a grande peleja.

O senhor Francisco Lopes
com outras oitavas venha,
em que descreva húa briga
entre duas regateiras.

Do senhor Simão Cardoso
húa sylva he que quizera
ao chafatiz do Rocio,
que está doente de pedra.

Outra sylva do senhor
Sebastião da Fonseca,
era que diga o que se passa
no Rocio à terça feira.
Traga o nosso Secretario
decimas, em que descreva
huns admiraveis amores
entre hum mudo, & húa cegá.
Diga o senhor Joaõ Carvalho
hoje em decimas discretas
qual de dous he mais golofo,
que assopra, ou que se queima.

O senhor Pedro Valejo
em redondilhas descreva
húa dama que era torta,
& cambaya de húa perna.
Ao senhor Antonio Marquez
hum Romance se referta,
em que nos diga que cousa
denoite mais o inquieta.

Se húa pulga num ouvido,
ou de hum mosquito a trôbeta,
porque eu não sei distinguir
qual das duas peor seja.

Os de mais que não nomeio
de mim não podem ter queixa,
que não declaro seus nomes,
por não fazer grande arenga.

Porém os que não rellato
podem nestas cousas mesmas
trazer todos suas obras,
que a porta não fe lhe cerra.

E assim hoje todos tem
liberdade de consciencia
para qualquer poesia,
sendo limpia, & sendo honesta.
Eu por naõ ficar de fôra,
dandome vosses licença,

tomarei por meu assumpto
a Filis bella, & discreta.
Que fallar a hum papagayo
ensinava com gram fleima,
o que prometo mostrar
em tres poesias diversas.

Ao primeiro que inventou a cama.

SONETO.

De Pedro Duarte Ferrão.

A Plaudida no mundo, & celebrada
Vivirà tua fama eternamente,
Pois soubeste inventar mais excellente
Descanço para a vida mais cançada.
Donde dormindo hum homem a perna alçada
não teme o pôrsovejo impertinente,
Nem menos o morder da pulga sente,
Nem do cruel mosquito a traquinada:
Não singidos, mas sempre verdadeiros
Teus louvares motivo a nova historia
serão de tua fama pregueiros:
O vive para sempre na memoria,
Pois a pesar de fornos, & palheiros
Grangeaste no mundo eterna gloria.

DOS SINGULARES DE LISBOA.
Em louvor da laranja da China.

S O N E T O.

De Andre Nunes da Sylva.

NEste pomo, que a China agradeceida
A Portugal tributa transplantado,
Logra a vista o thesouro mais prezado,
Acha o gosto a delicia mais crecida.
Rico, & suave em gloria competida
Se faz do mundo todo venerado,
Ouro o pomo nos dà, quando admirado
A fruta nectar he, quando comida.
Aos dous sentidos com gentil destreza,
Igual suavidade, & fermosura
Reparte na laranja a natureza:
Porque por excellencia da ventura
A vista nella tem toda a riqueza,
O gosto nella tem toda a docura.

Em louvor da laranja da China.

S O N E T O.

De Andre Nunes da Sylva.

NEsse pomo, em que a China nada ingrata
O thesouro nos deu mais estimado,
Descobre a vista com subtil cuidado
Ouro no fructo, o que na flor foi prata:
Em sua flor, da Aurora sempre grata
Se emprega liberal o bello agrado,
E em seu fructo gentil Phebo empenhado,
Ao passo que se goza, se retrata:
O arvore feliz, não tronco bruto,
A quenra Aurora estima, o Sol adora,
Dura, & vive à pezar do tempo astuto:
Pois em ti vemos, & em ti logra Flora,
Se o resplendor do Sol no aureo fructo,
Na prateada flor a luz da Aurora.

Assumpto à laranja da China.

SONETO.

De Andre Nunes da Sylva.

A Laranja da China celebrada
 Para assumpto me dais de sonetinho?
 Sou eu Serrão colérico, ou sanguinho?
 Isto por ser entrudo, he laranjada?
 Estou ainda esquentado da passada,
 Com que da morte estive tão vesinho?
 Que tem comigo a arvore de espinho?
 Que tem comigo a fruta sazonada?
 Porém discretamente procedestes;
 Em mim o assumpto está como de Lope,
 Quando por Presidente me elegestes:
 Razão he que a laranja a mim me tope,
 Que como a purga na lição me dêstes,
 Na laranja me dêstes o xarope.

A morte de Maria Michela.

SONETO.

De Ioaõ Ayres de Moraes.

H Um casquete sem cor de abas cahido,
 Rengo matusalem mal soqueixado,
 Franciscano o manteo todo farpado,
 Hum gibão, que azul foi, bem mal cozido:
 Secas maçans, que a graça tem perdido,
 Do mao humor que ha nellas derramado,
 Vapor exhala a boca avinagrado,
 Calçado hum grande pé, outro ferido.
 Esta Michela foi, que a Primavera
 Amolhaudo, morre o sendo húa torre,
 Deixando toda a Corte desgostosa:
 Passou a vida, insanamente feria,
 Se bem, ay que rigor, que hoje nos morre,
 Qual outro escaravelho apar da Rosa.

SER.

SERPENTOMACHIA

Canto unico,

EM QVE SE DESCREVE A BATALHA
da Serpe , & Drago.

De Antonio Lopes Cabral.

1.

Canto a guerra fatal, a cruel sanha,
Canto a bruta, & raiosa competencia;
Canto o grande successo, & destra manha,
Canto o raro valor, canto a pendencia,
Canto a furia inaudita, a forte estranha,
Com que dous brutos feros na appatencia,
Constrangidos de seu ardente brio,
No meio pelejârão do Rocio.

2.

MAs se vós minha Musa hoje me dereis
Hum estillo plausivel, & jocundo,
Com que vosso primor engrandecereis,
E meu plectro fizereis sem segundo;
Merce grande por certo me fizereis,
Se com vosso favor soubera o mundo,
Que bem fei, imitando a Gatomachia,
Este canto fazet Serpentomachia.

La

3:

LA no poço que dizem da Fotêa;
 Beco na rua nova celebrado,
 Habita de húa serpe a lignea tea,
 Donde o corpo feroz sae formado:
 Alli turba pueril, que de alcateá
 O bruto espera ver tão desejado,
 Acode para ver a maravilha,
 Metendo as carapuças na barguilha.

4:

DAlli sae a colerica serpente,
 Que os chapeos dos rapazos destra masca,
 E arrogando se o nome de valente,
 O apellido conserva de Tarasca:
 Da Serpe de metal seu ascendente,
 Diz ter por linha recta sua lasca,
 Pois em armas foi dada aos Lusitanos,
 Para o Dragão vencer dos Castelhaños.

5:

AZas de papelão, cabo enrolado,
 De peçonhenta cor toda vestida,
 Pescoço de crescer todo enroscado,
 Cabeça de volantes guarnevida:
 As tripas do licor mais estimado
 Cheas tras, só por vir enfurecida,
 Que só tem suas tripas alentadas,
 Quando bebid as tem cem mil porradas.

6:

ALli Tavernas, conductor solene,
 Por quem corre a derrota serpentina,
 Que as agoas bebe doces de Hipocrene,
 Pella pipa de Bacco peregrina:
 O que no mar vermelho, por pérrene,
 Cuida beber na fonte Cabalina,
 A Serpente conduz oulado, & forte,
 E segue em a levar seu mobil norte.

HVma coura de boy leva vestida,
No pescoco a toalha vai pendente,
A vinhaça em suor vai recozida,
Por no suor mostrar seu brio ardente:
A barba leva teza, & estendida,
A falla leva forte, & diligente,
E os bigodes choquentos do tabaco
Nós alentos enxuga do Deos Bacco.

8.

NA cabeça hum purpureo capacete,
Por guerreira divisa sustentava,
Senão he que à feição de gurumete
Com vermelho barrete se trajava:
Hum agudo zaguncho mata lete
Nas valerosas mãos destro jugava,
E ao querer lançar ralhos de valent
Lançaya as migalhinhas juntamen

9.

ESTE a Serpe levava por hum lado
Pellas ruas melhores de Lisboa,
Quando o vulgo que à vé todo admirado,
Com algazàra, viva a Serpe entoa:
Todo o negro boçal fica assombrado,
Pello muito que o fero queixo soa,
E ao comer dos chapeos qualquer dizia,
Que em lugar de comedos os bebia.

10.

IVtouse a rapazia em continente,
Ferveo a confusão pella Cidade
As janellas se abrîrão de repen
Presumindo das vozes novid
Fervia o encontrão, & toda a gente
A Serpe vinha ver, que na verdade
Lindo gosto mostrava, & desenfado;
Pois via o grão Tavernas enseitado.

ACADEMIA XVIII.

52

II.

OS marotos gritavão viva, viva,
Os Flamengos dizião, guarda, guarda,
As saloyas temendo a forte esquia,
Já não dão nem por si, nem pella albarda.
Os saloyos fugindo a julgão viva,
E já cada hum de vela se acobarda,
E cuidando que os papa seu gasnate,
Os cabritos lhe deixão por resgate.

12.

MAs na rua indo já dos Escudeiros,
Diz Tavernas aos seus com alegria,
Em redondo dai volta prazenteiros,
Fazendo ao Boticario cortesia:
Outra volta aqui logo dai ligei os;
Louvando a Singular Academia,
Que pois nella heisde ouvir vossas proezas,
Bem he que de ante mão obrei finezas.

13.

ALentados as voltas repetirão,
Mas logo em acabando descançarão,
E tanto que os marotos isto virão,
A gritar viva a Serpe começarão:
Outra vez o caminho prosegurão,
E outra vez viva a Serpe appellidarão,
Que os marotos a Serpe vão seguindo,
E os Atlantes que a leyão perseguindo.

14.

Qual hum belisco dà num maridla,
Outro as pernas por baixo vai picando,
Qual atira o penedo, & logo amóla,
Se outro o fuguete aceso vai botando:
Bota o villão pello postigo a chôla,
Sò por ver quem por fôralhe vai dando,
Mas a penas lhe vem botar a gorra,
Quando o vão visitar co a cachamorra.

N.º

15.

Não anda mais ligeiro o destro gato;
Quando as coyas do rato anda inquirindo,
 Como os maganos andão pello olfato;
 Os bacanaes retretes aturdindo:
 Ia lhe dão mil pancadas de barato;
 Ia lhe vão os pelejos sacudindo,
 E fazendo que esgrimem pellos ares;
 Os reveses lhe dão nos calcanhares.

16.

Outros com feros mólhos de espadana
 Lhe vão dando por fôra repelinhos,
 Outros por lhe tangerem na badana
 Lhe vão dando com lama nos focinhos;
 Outros por lhe cantar a moliana
 Feros tojos lhe metem com espinhos;
 Mas elles vendo que seu mal peydra,
 Rompem da Serpe o ventre, & saem fôra.

17.

QVaes os filhos da vibora traidores,
Qe o ventre rompem donde se gerárão;
 Dando por galardaõ immensas dores
 As entrâncias maternas donde andárão;
 Assim sae o vilão, & com tremores
 Da colera que os moços lhe causárão,
 Busca, corre, & procura quem seria
 O velhaco que o tojo botaria.

18.

MAs chegando ao Rocio o grão Tavernas
 Com a Serpe que vinha governando,
 Hum subito tremor lhe deu nas pernas,
 Algum successo infasto adivinhandoo;
 Apegouse ás duríssimas cavernas,
 Para poder melhor sostener andando,
 Quando vio para a parte dos lanceiros
 O tremendo Dragão dos çapateiros.

19.

NAõ fica taõ perplexo o caminhante,
Quando o lobo ferðs acha na estrada;
Como ficou Tavernas trepidante,
Quando o fero Dragaõ vio na estacada;
Encobrio a fraqueza do semblante,
Sômente por não ser dos seus notada,
E vendo o graõ Fernandes na dianteira,
Começoulhe a fallar de sta maneira,

20.

OTu dos malandrins o mõr velhaco,
O tu dentre os sandeos o mais mesquinho,
Porque esta trampa armaste como Caco,
Sem primeiro mandar me hum escritinho:
Por estas te prometo, & por Deos Baco,
Que hoje te hei de quebrar esse focinho,
E chegandose a elle se arremessa,
Impingindolhe hum murro co a cabeça.

21.

TEnhaõ dahi, dizia o graõ Fernandes,
Tenhão de là, gritava o graõ Tavernas,
Guarte dì, olha là naõ te desmandes,
Vaite dì, que lançaste hoje quadernas;
Tu es figura que a Tavernas mandes,
Naõ me des cambapè, soltame as pernas,
E ferrados com unhas, & com dentes,
O socorro chamavão das Serpentes.

22.

IA mais brotou canhão ardente bala,
Ia mais expelio trem ágil pelouro,
Que igualasse a presteza com que abala
A feroz Serpe, sem temer a gouro:
Tambem o Drago a ligeireza iguala,
Com que a Serpe procura de hirlhe ao couro,
E ambos juntos taõ fortes se encontrârão,
Que estrondosos os eccos retumbarão.

Q

23.

OS lanceiros com chussos acodião,
Com paos os mariolas apartavão,
Os soldadados da ronda recolhião
Chapeos, & carapuças, qué furtavão:
As vendeiras a fruta defendião,
As couves ás conveîras se apanhavão,
Tudo era confusaõ, tudo embaraço,
E havia mais moquete, que bagaço.

24.

NAó se virão no exercito do Cano
(Batalha que em Castella foi carpida)
Terço taõ vil, cardume taõ magano,
Nem tanto punho seco sem ferida:
Puxarão ao Drago pello pano,
Ficando a sua gente bem corrida,
Porque o povo miudo se consola
Com ver cem taralhoens numa gayola,

25.

FOgo exhalava a Serpe de aleitada,
Escumava com furia o Drago forte,
E sabendo que a Serpe de esforçada
Tratava com as unhas darlhe morte,
Procuron logo darlhe húa dentada,
E melhor rou com ella sua sorte,
Mas á Serpe, que em tudo he mais cadima,
Hum balanço lhe deu, & pozse em cima.

26.

OS moços çapateiros vem armados,
Os moços alfayates vem unidos,
Aquellos com trinchetes astiados,
Estes vem com resouras prevenidos:
Huns, & outros peleijaõ assanhados,
Conforme os generaes vão dos partidos,
Se vence o Drago, os çapateiros pitão,
Se vence a Serpe, os alfayates gritão.

27.

Blfava a Serpe por ficar de riba,
 Bramava o Drago por levar a gloria;
 Mas a Serpe aos encontros o derriba,
 Por ficar com aplausos da memoria:
 Ia nas forças o Drago naõ se estriba,
 Vituperios temendo da victoria,
 Pois ficou desta vez no chaõ tombado,
 E com seu graõ Fernandes calmurrado.

28.

NAõ sae mais alegre o Sol luzente;
 Depois das trevas de húa noite escura,
 Como sae Tavernas de entre a gente,
 Por vencer do Dragaõ a sanha dura:
 Dá mil voltas co a Serpe de contente,
 Exagerando a célebre aventura,
 E lançando no ar mui alto a gorra,
 Viva Tavernas diz, Fernandes morra.

29.

INdo logo o Rocio discorrendo,
 Dava trincos no ar com alegria,
 Viva, viva Tavernas vai dizendo,
 Fernandes morra, o vulgo respondia;
 Logo para a taverna foi correndo,
 Donde com o dinheiro que trazia,
 Muito vinho bebeo cuidando que era
 O sangue do Dragaõ que alli vençera.

30.

EChamando os amigos carvoeiros,
 Colarejas, faloyas, taverneiras,
 Mariolas, lacayos, fragateiros,
 Pajes, masotos, negros regateiras,
 Lava peixes, maganos, curraleiros,
 Almocreves, mondongas, ferçureiras,
 Publicando hião todos pello ar vago,
 Que a Serpe viva sempre, & morra o Drago.
 Briga

Briga entre duas regateiras.

O I T A V A S.

De Francisco Lopes Sueiro.

I.

E Ra o tempo em que as barcas despejavão
Mil golpelhas de peixe que traziaõ,
E as regateiras todas se ajuntavaõ,
E atravessalo todo pretendiaõ:
Quando(acudanos Deos)se dêshont,vão
Duas,que sobre hum peixe contendiaõ,
De anexins hum occeano formando,
Tempestades de pragas exhalando,

II.

Poem a celha no chaõ,& em continente
Levantando o topete,a barba teza,
Apapoilado o rosto em hum repente,
De dous leoens vestiraõ a fereza:
A mão na ilharga,os olhos de serpente,
Esgremia qualquer com tal braveza,
Que muita gente certo imaginava,
Que hum troyão contra hum rayo pelejava.

III.

Coiraça[gritou húa] quem te mete
Em comprares o peixe que eu queria,
Compra mondongo irmãa,pois te compete,
Que este peixe era caro,& não servia;
Graças a Deos,que fala Iam topete,
Inda isto agora à gente faltaria,
Olhai quem fala,quem com todo o brio
Fede mais que húa bomba de navio.

4.

O tambor de campanha (estoutra disse)
 Calla a boca bragal de pastelleiro,
 Vaite ao forno cozer a bebedisse,
 Que he mui fermosa a cruz do meu dinheiro:
 Não haverá ninguem que a mim me visse
 Com Padre da agonia por parcciro,
 Sim fui limpa, & tu cara de bôla
 Fedes mais que escarpim de mariôla,

5.

Calla essa boca (estoutra lhe dizia)
 Ortiga de monturo salpicada,
 Inda que andei com Pádre da agonia,
 Fui mulher mui de bem, & mui honrada:
 Mas tu coiraça velha, a quem queria,
 E até co Adrago andaste amancebada,
 Sô me peza de ser com tal focinho,
 Mais cujo que ceirão de ribeirinho,

6.

Caldeirão de forçados, ques de xarme!
 Deixame aqui certam de taverneira,
 Odre de Ingreses, vens emborracharme?
 Mui bem provida estou de húa frasqueira:
 Corta bigodes, vens desfiarme?
 Não trago facalhão, & he grani canceira,
 Só de verte a minha alma se desmaya,
 Que es tonel com manteo, pipa com sayá,

7.

O bocal de borracha (estoutra acode)
 Calçado velho, cara de As de copas,
 Não des regras a quem sómentes pôde
 Ser mais que Empanatris de mil Europas:
 O mulla de alquiler, cara de bôde,
 Calte cano real, roçim das tropas,
 Vaite a ver essa cara a hum espelho,
 E hum retrato verás do ferro velho,

Não

8.

Não hajas nojo (estoutra lhe responde)
 Não hajas nojo não, que a moça he limpaz,
 Abanai, que a refesfe senhor Conde,
 Em quanto o rufião a trempe alimpaz:
 Enxergão do Hospital, lembrete adonde
 Te vi posta ao sereno como grimpa!
 Olhar só para ti nojo me dava,
 Joelho de remendão te não ganhava.

9.

Disse: & bem como o Adrago, que arremete
 Contra a Serpe em tão dura bateria,
 Que às tripas rationaes sua o topete,
 Gemendo, & levantando vozeria:
 Assim quando feroz esta acomete
 Contra aquella, em verdade parecia,
 Que hum Adrago contra outro pelejava,
 E húa Serpe contra outra batalhava.

10.

Os rengos das toalhas (digo as ifcas)
 Forão logo despojo das borrascas,
 E deitando dos olhos mil faiscas,
 Parecião então duas tarascas:
 Ja nos rostos fazião feras riscas,
 Ja dos beiços tiravão duras lascas,
 Evendoás ja tão negras, & tão fuscas,
 Os rufioens puxarão das farruscas.

11.

Ellas vendoos, os gritos levantavão,
 Elles com as espadas só tinião.
 Ellas gritando, os ares atroavão,
 Elles brigando, os ares só ferião:
 Ellas com furia grande só arranhavão,
 Elles não se arranhavão porque as vião,
 Jugando murros, couces, & punhadas,
 Chicheladas, moquetes, bofetadas.

12.

Os Alcades que os vião de poleiro,
 Vendo que se hia a briga ja acabando,
 Então he que chegàrão ao terreiro,
 Tenhão, tenhão daqui todos gritando:
 Prendem todos, & os levão ao limoeiro,
 Cum gladijs, & fustibus, levando,
 Fazendo conta delles, & resenha,
 Com que a briga acabou, hum vitor venha;

Ao chafaris do Rocio, q està doente de pedra.

S I L V A.

De Simão Cardoso Pereira.

MOfino chafariz, que sem trabalho
 Te tornaste das agoas espantalho,
 E fazendo verdade o que outrem disse,
 De pedra, & cal te fazes parvoisse.
 Tu, que estando no meio do Rocio,
 Sempre em Verão estas, sempre em Estio,
 E cuido symbolizes
 Ser o canicular dos chafarizes,
 Ouveme agora hum pouco,
 Se quem mudo te fez, te não fez mouco,
 Pois que o Serrão ordena,
 Que cante a minha pena a tua pena,
 Quizera eu agora
 Este entrudo betar contigo fôra,
 Fallandote por pulhas, que este dia
 Este estillo pedia,
 Mas yejote tão grave, & tão fizudo,

Qu

DOS SINGULARES DE LISBOA.

399

Queinda que seja entrudo,
Torna atraç minha pena reverente,
Pois não pareces chafariz corrente.
Porém, que mal disse,
Perdoa chafariz tal parvoisse,
Pois esse mesmo estado
Te mostra confiado,
Porqueinda que fizido te componhas,
E supposto que grave te envergonhas,
Sómente te verão, quando sentido
Envergonhado si, mas não cortido.
Cuido foste talhado
Para seres soldado,
Porqueinda que tal vez mais cedo morre,
He soldado melhor quem menos corre,
E de ti averigo,
Que não te assombre não nenhum perigo;
E que em qualquer cuidado,
Sempre te mostraras desfogado,
Pois (se o conceito acode)
Darte agoa pella barba nunca pôde.
De pedra disse o nosso Presidente,
Que estavas tu doente,
Foi bem gabado o dito,
Mas euido eu, que o não verás escrito
Cá no meu Kalendario,
Pois que o mesmo differe hum Boticario,
O que eu direi sómente,
Que o nosso Presidente,
Supposto que com pedra hoje te nota,
Que não te possa ver nunca com gota.
Mas tornemos agora a nosso conto,
Donde fizemos ponto;
Dizeme muitas vezes, I I 8
Como não corres tu ha tantos mezes,
Sendo que em todo o anno
Tens tu para correr tão grande cano,
E que tens sem fadigas
As mesmas mäys das agoas por bexigas.
Dizeme, se não minto;

ACADEMIA XVIII.

Como estás tão faminto?
 Tão pobre, que não podes a tua magoa,
 Dar a quem te pedir, pucaro de agoa,
 Sendo que tens riqueza de valia,
 Pois se joyas não tens, tens pedraria.

Dizeme se quizeres:

Que has de fazer, se a caso adoecceres?
 Pois para ser curado
 Não podes ser sangrado;
 E ninguem para o achaque conhescerte
 Pode para curarte as agoas verte.
 Pois jurote por certo,
 Que estás de ter achaques muito perdo,
 Porque tuas tristezas contemplando
 Com não ter agoa, sei que estás agoando.
 He possivel, que nem por este tempo,

Que o mundo introduzio por passatempo,
 E que esguichos se vem por qualquier canto,
 E quando o mesmo Ceu esguicha tanto,
 Não queiras tu com tudo
 Dar húa esguichadela por entrudo!
 Antes muitó fizido, mui direito
 De pedra nos parecos que estas feitos.

Ora pois chafariz, ficate embora,
 Que não te digo mais, pois inda agora
 Esta silva te fiz, porque occupado
 Esta semana andei cum baptizado,
 E tu posto que em tantos paracismos,
 Dizem, que não te corres com baptismos.

O Rocio á terça feira.

S I L V A.

De Sebastião da Fonseca & Payva.

MAndastesme que em silva
 O Rocio descreva,
 Não sei senhor se a tato hoje me atreva;

Que

Que pintar o Rocio
 Parece desvario,
 Quando vem tão nevado,
 Que em vix branco, senhor, ja vem pintado,
 E muito necio fora
 Pintar Rocios eu, sem ser Aurora,
 Mas tomando o que he, não o que soa,
 Quereis pinte o Rocio de Lisboa,
 Que como fonte tem, que em seca peça,
 Que o pintasse quizestes hum Fonseca.
 Mas se hoje sobre a fonte canta Apollo,
 Sobre a feira cantar quer o meu solo.

Porém senhor, que intento

Vos fez ter tão terribel pensamento,
 Porque isto de quererdes
 Que em terça feira o pinte,
 Parecem Serrão fatal assinte;
 Se por filho de Apollo me tivera,
 Sobre a aerça, senhor, muito fizera,
 Mas estas saem caras,
 E tremo destas terças como varas.

O que terribel tragoi

Eu com dia aziagoi
 A Deos me dou mil vezes,
 Com terças feiras eu, sem ser Menezes;
 Porém, se não me engano, isto foi traça
 Para me pór na praça,
 Outra cousa não foi, como de facto,
 Que fazer hir á feira ó meu contracto.

Hora ja estou na feira

Iunto da minha Brites capeleira,
 Que ella de flores bellas,
 De vozes eu, faremos mil capellas,
 E conhescendo a flor destes invites,
 As flores quiz búscas na flor de Brites.

O quantas Primaveras

Mendigar flores vi comi tantas veras
 Naquelles orizontes,
 Porque na Corte saõ flores a montes,
 E o chão, que lama veste;

Quando o tempo ostentar quer seus rigores,
 Alli vestio cortes lama de flores;
 Porque à vista de Brites, desto modo,
 A mais prezada flor se poem de lodo;
 Alli pisá a ferosa
 A mais fragrante Rosa; e ipso tempo
 Alli profana o mais attinante peito
 Em flor o mesmo amor, & amor perfeito;
 Alli o cavalleiro aventureiro
 Topa espóras também de cavalleiro;
 O mais discreto Herbe faz em astilhas
 Os excessos de Flora, as maravilhas,
 O musicó com voz de fina prata
 As violas maltrata;
 Tudo atropella gavos;
 E finalmente o necio pisá cravos.

Chegueime a ver as flores por conceitos,
 E achei muitas furtadas aos direitos;
 A candida mosqueta,
 Que o contrato das silvas inquieta,
 E a nacarada Rosa,
 Que ás espinhas só deve o ser pomposa,
 E em fim vos certifico,
 Que toda a flor achei senhor, com picos;
 Vamontos áos espinhos,
 Discretos Singulares.
 E em tão picante festa haja Colares.

O senhor Presidente
 Das laranjas da China
 Me venha aqui valer pella bolina,
 Deme hum par de conceitos,
 Que a serem poce,
 Inda hão de vir a ser de limão doce;
 O meu norte bem guia;
 Que hie forçado ces ter, se hê da Bahia.

Como vâo as laranjas,
 Perguntei eu, com bem curiosidade;
 A aquella gente alheia da Cidade,
 Vão a como se tómpfão, me differão;
 E bem mal respondeião,

Porquê

Porque sendo Maricão sol da praça,
 Nella o mesmo he vender, que dar de graça,
 De graça dava tudo,
 Mas vendiase cara pello entrudo,
 E por amor de Brasília, com os seus sôcos,
 As que da China saõ, fez de Marrocos,
 E feita húa serpente,
 Maçans ofrecia a toda a gente.

Quando as lîmas vendia,
 Húa legoa se ouvia,
 E porque o mundo aturda,
 Era quando as vendia lima surda,
 Quando tinha paixoens com seus cuidados
 Húa cidra còmia aos bocados,
 Que usando tiranias.

Queria estar raiosa nove dias,
 E concedendo as vistas sobre poce,
 Vendia azeda a mesma fruta doce,
 Se he sol de inverno a sua tirania,
 Já o Sol descobrio, ja faz bom dia.

O dia vi tão bom, tão rica a praça,
 Que me deu na cabeça hirme à caça,
 Estava rico o termo,
 Porém de caça hum ermo,
 Parecendome a gente que em tal andas,
 Não de Caça, porém gente de Olanda.

Mas posto o fio quebre,
 Vi muito olho de lebre,
 Tinha a caça seu dente de coelho,
 E não soube, senhor, darmo a conselho,
 Querião, com ser eu o do contrato,
 Que seim nada comer pagasse o pato;
 Ha de pagar (dizião) não se enfade,
 Porém ella pagaráo paro, & ade,
 A aquella gente praga de Lisboa
 Pedi húa leitoa,
 Sujo me respondérão;
 Como se fora alli caso de força
 Pedir leitoens a gente que he tão porcas;
 Sô pombos me offertáao,

Mas cuido por quem sou que me enganarão,
 Porque he muito (& não zombo)
 Gente de tanto fel conhecer pombo,
 Agasteime dos brados,
 E foi desembuçando huns embuçados,
 Que medroso das riñhas
 Puzerão se a fugir como galinhas,
 E o que mais os condena,
 He não poder fugir de pura pena.
 A pena quiz levar a húa saloya,
 Porque dava de pão pequena poya,
 Hum meirinho, que prodigo as condena,
 Mas não pode levarlhe toda a pena,
 Pois quanto mais de penas lhe levava,
 Mais penas lhe deixava,
 O meirinho não estava bem consigo,
 E o pão tambem não estava todo trigo,
 Quiz pezar todo o pão, fazer quimeras,
 Mas deulhe o pão pezar muito de veras,
 Porque entrando corrente o meu meirinho,
 Com pedras o moerão no moinho,
 Quiz que termo fizessem,
 Fizerão lhe a vontade como enfermo,
 Por quanto só saloyas fazem termo.
 Eu ja desconfiado do que via,
 Fui à Corriaria,
 Porque nesta manqueira
 Posso ler de cadeira,
 Mas den me grande riso
 O ver que hum homem tem tão pouco siso.
 Que busca vários modos
 Porque as suas cadeiras vejão todos:
 Longe vá eu de agouro,
 Mostre elle o que quizer, não mostre o couro,
 De semelhantes feiras
 De puro rir me doem ja as cadeiras.
 De me ver rir assim chorava o dia,
 Toda a gente fogia,
 Sómente eu no terreiro,
 Quiz valerme do nome caldeireiro.

DOS SINGULARES DE LISBOA.

405

Fui me correndo o ferro, dei com elles,
E dentro de hum encerro,
Sem fer.touro, me vi nás maôs do ferro,
Homens sem ter juizo
Parecião por certo,
Pois tendo chaves, tinhão tudo aberto,
Mostrando sem cuidado
Aquillo que mais tem aferrolhado;
De huns piques que lhe vi tirei devaça,
Porém custoulhe a graca,
E tiverão por certo bem mà cea,
Que os prendi logo alli numa cadea;
Deixar desta os fuzis intento logo,
E por diante vou ferindo fogo.

O que cançado chego;
Desta feira arrenego,
Voume deitar na cama;
Mas para bem dormir, ganhemos fama;
Porque neste defeito
Sabem todos que sou ha muito eleito.

Apressar quero hum catre,
Naõ sei quanto me pede,
Falle claro, naõ seja Ma famede,
E naõ me faça cacha,
Que eu querome deitar, que estou cançado,
Porém nunca a perder, sempre a ganhado;
Naõ sei cerro o que diga,
Porque me naõ detenha,
Passarinho à orelha até que vénha;
Andavaõ meus cuidados delirantes,
Esquecia me o homem dos volantes,
Que nas festas da Aurora com cantares
Armaõ de varias cores effes ares,
E formando galés na esfera bella;
Fazem remos dos pès, das azas vella;
Estes devião ter os pès quebrados,
Por quanto estavão todos encanados;
Ao som de hum bom canario
Cantava o Roxinol seu cahtó vario,
Outro tinha tão rara melodia,

Que

ACADEMIA XVIII.

Que fez da feira ver a Cotovia;
 Cantava hum Cortesaõ destes de preto;
 Poqém eu vos prometo,
 Que no canto, no passo, galla, & brio,
 Vós pareça velhaco de assobio;
 Outros com voz succinta,
 Conhecios sómente pella pinta,
 Ser volantes mostráão,
 Pois para os ter alli primeiro armáão;
 Foi forçoso apartarme,
 Puz os pés ao caminho,
 E delles me apartei qual passarinho;
 Logo alli junto andava
 Graude azafema á louça,
 Tudo se despejava,
 Os pucaros levava a dama bella;
 Os rapazes tambem toda a panella;
 Os barbeiros bacias,
 As moças de servir almotolias,
 Pratos as mondongueiras,
 Fugareiros tambem as frigideiras,
 Os Sacristaõs galhetas,
 Os azados as pretas,
 Quartas os agoadeiros,
 Infusas, & picheis os taverneiros
 Para as festas de Baco,
 O que a louça vendia era hum caco;
 Passemos ao mais, que he isto charro,
 Que pintar toda a feira não he barro.
 Fiqui como pasmado,
 E te este em mim se cdla.
 Sempre haverei mister minha sebola;
 Torno u melhor o tempo,
 Enxugarão se as vestias,
 Por quanto o chão se vio cheio de restias;
 E não cuideis saõ chascos,
 Porque à restea do Sol tudo erão cascôs,
 E sem ser dos açoutes com abrolhos,
 A menos de real vi vender midhos;
 De Pascoa o dia está, &c não de magos,
Mas

Mas he forçoso encher os olhos de agoa.
 Para os ramos me chego,
 Mas eu cuido que erramos
 Em vir daquella Pascoa a estes ramos;
 Húa arvore alli vi(fallo de veras)
 Que aquelle que a comprar tem para peras;
 Vi sem ser papagayo, hum verde louro,
 Que quādo Apollo o vé, perde a cor de ouro;
 Outra planta alli tinha,
 Que por mais que a levassem, sempre vinha;
 He planta que dirá qual quer menino,
 Que dà fruto divino,
 E tão galante peça,
 Que o mais do povo a poem sobre a cabeça;
 E por diversos modos
 Sep a ustè que esta planta brinda a todos.
 A larangeira bella
 Para todos disposta, sem ser dama,
 Fazia sobre a terra a dura cama,
 Quasi não via as ervas
 Pella bulha que havia,
 O ervellario bem lhe requeria;
 Afastei se, se vem cheios de fome,
 Que está crua não se come,
 Era o vilaõ da galva
 Tão cortez, que só elle me deu salva;
 Porém considerando,
 Que em darmo arruda tarda,
 Atomar me cheguei, mas elle aguarda;
 Pregunteilhe a razão de acção tão cruda,
 Disseme que a molher só era a ruda,
 Esta arruda não quero,
 Lhe disse, com palavras muito ternas,
 Quero arruda que tenha cinco pernas,
 Deume alecrim tambem, & flor de olaya,
 E o posto lhe larguei, vendo atalaya,
 Que veja por pineirás,
 Parece diz, parece companheiro,
 Pois não vejo o lobinho ao pincireiro;
 O que pd se levanta,
 Chovendo ha tanto tempo chuya tanta;

ACADEMIA XVIII.

Pois em não he diluvio,
 E o tempo me aconselha,
 Vendo em cada pineira arco de velhas;
 Ja de equivocos basta, & não me engano,
 Jueiremos alguns vistase pano,
 Câmpânia se começa,
 Pois vejo estar na praça tanta peça,
 E se vem Castelhanos
 Havemos lhe de dar hum par de panos.
 Elle quer nossos Reynos? húa cordas,
 Ou nesse esparto morda.
 Que esparteira haõ de ser por delirantes,
 E nós hemos de ser sempre gigantes,
 Que se nos quer mandar à Mouraria,
 Estes mininos orfaõs Deos os guia,
 E quem por armar trampas diz que campa,
 Sobre elle às vezes cae a mesma trampa.
 Húa trempe apreeei com hem cuidado,
 Pediraõ me hum cruzado,
 Respondi cheio de ira,
 Ques vilaõ que tanja como lira,
 A caso estás bôrracho?
 Se isto he trempe de baxo
 (Posto estás sustinido nesta hora)
 Como cruzado ques que se ja agorá?
 Ha vilaõ de tal laya,
 Que queira que esti trempe em vão lhe saya,
 Pois juro a fé de honrado
 Que has de passar de trempe a atravessado;
 Hum vizinho temendo,
 Que naõ comeesse a cea,
 Entre as mãos lhe meteo húa candea,
 E porque naõ sabisse a luz o easo,
 De huns pérneos víniros fiz occaso.
 Naõ sei se o deixei morto,
 Ou se cahio de btraçõs da estoada.
 Porém sei que naõ pude dar passada,
 Pois sahindo as candéas
 Desta bultâ fatal, desta agonia,
 Junto aos vimes me vi ao meio dia,

E deusme

DOS SINGULARES DE LISBOA.

409

E deume bem canceira

Ver que aos vimes cheguei à festa feira;

Era o dono bem tèsto,

Porque fazia peça a cada cesto;

Todos vendia a todos fez mil peças;

E chegou a vender até Condeças.

Executar quiz eu nas carapuças

De miñha ira os partos,

Porém ja as achei feitas em quartos,

Se eraõ quartos minguantes não se prova;

Sò que erão quattos sei de lua nova;

Cada quarto era hum brio,

Naõ vi taõ lindos quartos no Rocio;

Porque vi quarto tal, que dentro alverga

Perto de vinte casas á chomberga;

Passe esta lua ja, que tenho magoa

De que os quartos não possão cõ tanta agoa.

A tiro de espingarda,

Me sahio hum Galego, que tres guarda,

Quiz a primeira ver, fezme perguntas

Se queria comprar todas tres juntas;

Quiz emfim pegar nella,

Porém lançando escuma,

Naõ as ha de ver (diz) húa por huma,

Vi a primeira, & disse,

Isto as aveffas anda,

Tu dos fechos tão rijo, ella taõ branda;

A segunda espingarda melhor era,

Porém tinha na boca travessada

Húa bala fatal logo à entrada,

Deilhe logo a sentença,

Mas replicou que era arma de Valençã,

E que naquella troca,

Sahira como os mais com bala em bocas;

A terceira não vi, por ser pezada,

Que he mao bulir com arma carregada.

As tendas da campanha,

Os Pastores fui ver desta montanha;

Que posto saõ daqui como de facto,

A sua vida he tratar em fato.

ACADEMIA XVIII.

Homens por quem dissera: homo mendax,
 Einda sobre mentir fazem contendas;
 Bebem com demasia,
 E estao sempre a cozer de noite, & dia;
 Homens do mar, melhor que os Olandezes,
 Cada qual passa a linha muitas vezes,
 Porque nisto de agulha
 Dizer que tem igual parece pulha;
 E na melhor jornada
 A vida vaõ ganhando a perna alçada;
 Taõ ociosos saõ, que às terças feiras
 Fazem tendas na praça, & mais carreiras,
 Naõ se lheda de frios repetidos,
 Porque tem cada qual muitos vestidos.

O que frio conceito,
 Vamonos pôr ao Sol sobre as escadas,
 Que he isto Fevereiro;
 Quero escolher o Sol ao taboleiro;
 Porém que bulha he est.? .
 E que casa muda da antes de festa?
 Paincis, cortinas, camas,
 Espelhos de vestir, païses, damas,
 Contadores, bofetes,
 Colchas, vestidos, meas, & tapetes
 E gritando o picado.
 Eu tenho ricas meas de enforcados,
 A torre de Babel era nos modos,
 Mas húa lingoa só fallavão todos.

O mula se te quadra,
 Vaite à feira da ladra.
 E verás de Lisboa as maravilhas,
 Para as bem penetrar vai de rodilhas,
 Busca tropos mais guapos,
 Se naõ achares tropos busca trapos;
 Perdoe meu Serraõ esta pintura,
 Quem lhe mandou lançarme esta figura?
 Queria aqui conceito d'outro naõ pape,
 O conceito daqui be sâpe trapei
 Vamos pornos de xengos,
 O senhora Thalia,

Assim, que me esquecia
 O melhor desta festa,
 Hora veja se presta,
 Os capotes de gram bem guarnecidos,
 Os rendados vestidos,
 Carapuças de felpa,
 Que custão bem de chelpa,
 Guarinás de veludo,
 Pulheiras guardapés, mantos, & tudo,
 Em sum ádelas taes, que a que mais chora,
 Dizem, que rendas tem como senhora;
 E tão ricas que passão de iguala las;
 Pois andão pellas ruas quem quer galas;
 Tão sofridas molheres, que nas tréllas,
 Não se lhe dá de ouvir dellas ádellas;
 Vamos às dançadeiras,
 Que debaixo dos arcos homem topa,
 Já de pano de linho, já de estópā;
 O pano passaremos de caminhó,
 Sò porque me não digão tanto linhos;
 E posto largue o pano,
 Como sempre estas coulhas saem caras;
 Não poderei andar senão às varas,
 Que quem sempre trópeça,
 Não pôde navegar com muita peça,
 Pégue o fogo na estopa,
 Mas apagueise logo,
 Porque corre perigo estopa, & fogo;
 Pouco estas solas ganhão,
 No seu trato alinhado,
 Porque tudo o que tem vendem fido;
 E porque mal se entende
 Com pesar vendem tudo quanto vendem;
 Desgraçadas por mançass,
 Pois sempre a vida tem posta em balanços,
 Molheres sem resfolhos,
 Que o fiel trazem sempre ante seus olhos,
 E para reparar da sorte o erro,
 A ventura lhe deu braço de ferro,
 Não nos achem descalços

ACADEMIA XVIII.

Minha musa, tomai este conselho,

Hide ao calçado velho,

Que se vos não escapa este contrato;

Bem podeis meter tudo em hum capato.

Voltese a cabeceira,

Porque me deu o ar dessoutra feira,

Haja pois quem me acuda,

Que quem acaba, a cabeceira muda,

Que notavel empresa,

De meterme em dibuzos ja-me pesa,

Mas se aquella me chama,

Piramides de livros faça a fama,

Se comecei em flores,

A acabar quer em folhas superiores,

Que o soldado famoso,

Ha de acabar em folhas animoso,

Se capellas teceo a Primavera,

Estes livros coroa altiya a Era.

Notavel laberinto, nôo o de labirinto,

Hum conceito nôo acho mais succiato;

Esses Heroes perfeitos,

Para os livros me dem quatro conceitos,

Que he isto Musa amada,

Estando sobre os livros nôo sei nada,

Abrime hum livro desses,

Colherei dessas folhas algum fruto;

E lendo os seus conceitos, direi muito,

Ja do assumpto me livto,

Não quero ja mais feirainem mais livro;

A Deos meus Singulares, a Deos meus titulares,

A Deos meus Generofos titulares,

Vosso perdão espero,

Academicos doctos que veneto,

De despedirme trato,

E acabouse das faltas o contrato,

Aos amores de húa cega com hum mudo.

DECIMAS.

De Luis Bulhão.

Senhora Donna Thalia,
acodi nesta occasião,
daime grave inspiraçāo,
minha bella neste dia;
O quanto eu estimaria,
que aplicasseis o sentido
com termo compadecido,
por ver em breve transumpto,
que me derão hum assumpto
nunca visto, nem ouvido.

Porém por obedecer,
eu me ponho a discursar,
co a cega quero falar,
que me põe de responder;
Donde vejo a proceder
Este amor que me desvela,
que em tão singular cautela,
vejo se embaraça tudo,
que a cega o não vio, & o mudo
não se declarou com ella.

Logra a cega amantes laços,
sem ter duas luzes bellas,
que amando às apalpadellas,
de contíno andava em braços;
Porém nestes embaraços,
& de amor doce porfia
o mudo mais lhe queria,
& o não vence amor nenhum,
que o mudo falla por hui,
& a cega por dous não via;

Quando mais no amor constantes
(certos visinhos differão)
que húa pendencia tiverão
entre si os dous amantes;
E affirmaõ os circunstantes,
que a razão fora por ella,
porque a cega em dura trella
dissé ao mudo, vassle embora,
que nunca me quiz hum hora
fazer hum pé de janella.

Se vai a fallar verdade,
pella cega agora acudo,
que não queria do mudo
ser tu lo realidade;
Certo foi riguridade,
porque o mudo bem sabia
que fazelo poderia
toda a hora que se afoite,
pois para hum sempre era noite
quando outro ninguem o ouvia,

A cega muito a miudo,
disse as palavras do cabo,
se entre elles andou diabo,
era cego, surdo & mudo;
Sempre se portou fizudo,
o mudo nestes abrochhos,
a cega com mil resfolhos
agastada neste dia,
dizem que não lhe queria
mais do que a vista dos olhos.

Parou

Perou a riguridade
ne ti cega, & assim he,
queinda que amava por se;
não falta ya á charidade;
Com amorosa vontade
em amor o rigor troca,
com recados o provoca.
por dar favor em desconto,
sempre o mudo tinha ponto,
porém era só na boca.

A cega fallava tudo,
o mudo via, & callava,
a cega tudo apalpava,
não responde nada o mudo;
Porém eu agora acudo,
que nestes de amor effeitos,
se declaravão seus peitos
em colloquio, não se nega,
que o mudo com esta cega
se explicava por conceitos.

Tal respeito lhe guardava
o mudo, que quando a via
em nada a contradizia,
palavra nunca fallava;
Mas tambem lhas invidava
o mudo com pena crua,
pois cioso o pè na tua
nunca lhe deixava pôr,
tanto foi della senhor,
que não via Sol, nem Lua!

Or a em fim, vénçao pesares,
tenhão victor neste dia,
pois não vindo à Academia,
saõ amantes Singulares;
Delle o Ceoditas a pares,
que se querem receber,
& nôs o devemos crer,
pois que tem razão sobjea,
que sempre à porta da Igreja
mudos, & cegas vão ter.

Qual era mais golozo, se o que
assoprava, se o que se
queimava.

DECIMA S^a

De João Carvalho de Sousa.

Mandaisme em verso provar
qual de doux he mais goloso
se quem assopra ambicioso,
se quem se chega a queimar;
E melhor fora mandar,

para serdes bem servida
o chouriço prometido,
que se fosse bem guizado;
naô sô ficará provado,
mas ficará concluido.

Porém

Potém já que esta questião
para disputar me dais,
ouvireis em provas tais
contra vds a conclusão;
Se bem que n'esta occasião,
segundo estou desejoso
desse chouriço famoso,
bem claro se deixa ver,
pois o desejo comer,
que eu devo ser mais goloso;

Minha fantesia brava
hum sonho formava mudo,
que por ser festa de entrudo,
tambem seus sonhos formava;
Alegre fantesiaava,
que eu com volco neste dia
o tal chouriço comia,
que sabe a cobiça errada
sem ter de solista nada
fazer sua fantesia.

Estava, amigo Serrão,
o prato tão esquentado,
que devia ser assido
lá no forno de Plutão,
E por não perder reção,
eu sempre estava assoprando,
vds lingua, & dedos queimado,
mas se quereis conhecer
o mais goloso a meu ver,
esperai que o vou provando.

Quem nada quer esperar,
por goloso se conhece,
pois toda a pena padece
por muito mais golosar,
sed sic est que a meu pesar
nada esperastes Serrão,
imo potius, toda a mão
escaldastes fervoroso,
logo vds sois mais goloso,
porém eu que assopro não.

Quem seu prato com cuidado,
& diligencia assoprou,
nisto sômente mostrou
desejar ser regalado;
Porém vós sendo escaldado
por comer com ambição,
mostrais com maior razão
serdes muito cobiçoso,
logo vds sois mais goloso,
porém eu que assopro não.

He verdade que eu soprava
mais que hum folle de ferreiro;
& que mais q hū sombreireiro
minha boca assobiaya;
Porém vossa lingua estava
mais tisnada que hum carvão,
mais crespa que hum coscorão;
donde colho lastimeso,
que vós sois o mais goloso,
porém eu que assopro não.

Mais enferma que hospital
vi vossa boca chagada,
que a doença tão malvada
move hum desejo carnal;
Vossa mão estava tal,
que podia com razão
assarse nella hum leitão,
logo dizer he forçoso,
que vós sois o mais goloso,
porém eu que assopro não.

O chouriço tão volante
com meus assopros andava,
que ja certo confessava
dari motus in instante;
Porém tanto mais flamante
andava na vossa mão,
que húa breve exhalção
parecia no fogoso,
logo vds sois mais goloso,
porém eu que assopro não.

ACADEMIA XVIII.

E quando ja de esfalfado
chouriço comer queria,
a vossa golosaria
nada me tinha deixado;
Eu disto mui enfadado,
chas, & deivos cum tiçaõ,
mas vds com grande ambiçao
fostes comendo teimoso,
logo vds sois mais goloſo,
porém eu que assopro não.

A una Dama tuerta, y coja.

REDONDILHAS.

De Pedro Valejo.

O Tra vez con redondillas
buelvo a provar nuevos tragos
pues oy pueden fer estragos,
si ay er fueron maravillas.
Sufren los versos martirios,
como flores olorosas,
algunos salen de rosas,
y algunos salen d'elitios.
Por obedecer me ajusto,
pero ay mucha diferencia
de el scribir por obediencia,
d de componer por gusto.

Perdone Dios tal pecado
al Presidente solene,
mas si el tanta gracia tiene,
ya Dios le avrá perdonado.

Divino Platon (si atino)
nos presidió, pues es llano,
q aunq' óró por modo humano,
en la pipa fue divino,

De Platon hizo aparatos,
porque segun su oracion,
nadie duda que es Platon
quien reparte tantos platos.
A mi ni en una escudilla
me quiso dar cosa cierta,
y al cabo me dió una tuerta,
por no darme una tortilla.
Coja, y tuerta dizen que es,
y por trocar sus enojos,
coja de uno de los ojos,
tuerta de uno de los pies.
Por esto mi musa empieza
a escribir loca, y perene,
porque el assumpto que tiene
ni tiene pies, ni cabeza.
La causa deste mandato
eres Ines por mi mal,
vè que lindo original
para hazer un buen retrato.

Pero

Pero yo no pierdo nada,
aunque no te pinte bien,
porque pienso que no ay quien
te quiera ver, ni pitrada,

Y porque mi musa escoja
algun principio cortes,
ojos a los ojos de Ines
valentones de la oja.

Si me miras con enojos,
no he de estrañarte las iras,
porque sé que nunca miras
a nadie con buenos ojos.

En suerte más oportuna
hazan diverso farol,
el uno vè que es un sol,
y el otro ni Sol, ni Luna.

Cada qual serà bien quisto,
si hiziere bien su dever,
porque el uno es para ver,
y el otro para no visto.

Que te enfadas cosa es clara,
pero advierta tu cuidado,
que compras aquesse enfado
por un ojo de la cara.

Amantes busca tu antojo,
y tanto Ines te despeñas,
que a muchos hablás por señas,
y a todos haces del ojo.

Mas no hallas ningun amante
que te quiera, y assí temo,
que quieras a Polifemo,
por querer tu semejante.

Mal mirado me has llamado,
y tienen razon tus iras,
porque en quanto tu me miras,
es fuerça ser mal mirado.

Aun los niños con enojo
lloran de ver tus cariños,
pues mirando mal los niños,
luego tienen mal de ojo.

Y el mal de esse ojo es tal,
que tuvo sin duda riña
con su niña, y a su niña
le pegó su mismo mal.

Mas quierote consolar
con que las damas vulgares
tienen los ojos a pares,
y tu los tienes sin par.

Y assí dellos me retiro,
porque siempre con porfia
haciendo estan punteria,
y pueden hazerme tiro.

Los pies quiero que me des,
mas si ellos soa tan perversos
como te haré huenos versos,
si me das tan malos pies.

Corri tormenta, y trabajos
con tus borrascosos soles,
y por no ver sus faroles
vine a dar en estos bajos.

Linda paradoxa es
ver humildes mis enojos,
pues digo mal de tus ojos,
quando estoí puesto a tus pies.

Vno dellos mete miedo,
y aunque no bulle cruel,
si me defengo con él
he de morir a pie quedo.

Eles de poco provecho,
y ha de darte algun enfado;
pues siendo tan bien criado,
nunca quiso andar derecho.

Si por cortez dèl te fias,
solo en esto acertarás,
pues si a alguna parte vas,
vas haciendo cortesías.

Y anme dando grande enfado
las redondillas, porque
estas que te hago al pie
parecen de pie quebrado.

Con tal pie, con tal soçobra,
de lo que digo me espanto,
pues con haver dicho tanto
estoy al pie de la obra.

Eras linda por mi fe
para muger de Vulcano,
pues el te diera la mano,
por hallar horma a su pie.

Cayendo te veo andar,
y no es mucho, segun siento,
pues con tan mal fundamiento
no te puedes sustentar.

Busca entre miseria tantas
un amante agricultor,
que te enseñe con amor
a poner mejor las plantas.

Todo el mundo es tu fiscal,
pues todo te està notando,
y aun viendote andar rezando,
dize el mundo que andas mal.

Vna es buena por mi vida,
pero estoira ha de ser cosa
sin duda muy vergonçosa,
porque està muy encogida.

Buen gusto tuvo tu enojo
apagando essa lanterna,
si por no ver una pierna
quisiste cerrar un ojo.

Poltrona, y desvergonçada
quieres passar esta vida
con una pierna tendida,
y con otra pierna alçada.

Mucho se te desgovierna,
pero tu le das tal modo,
que puedes hazerlo todo
por debaxo de la pierna.

Si esta pintura, ó carranca
quisieres ver con mas gala,
ven a verla en esta sala
verás una salamanca.

Victor no espero que den
al retrato de barato,
porque si es tuyo el retrato,
no puede parecer bien.

Yo a todo me acomodo,
porque es comun en las artes,
que siendo malas las partes,
no puede ser bueno el todo.

Da Pulga, & Mosquito:

ROMANCE.

De Antonio Marquez.

Mandão me q em hū Româce
descreva qual mais me éfada
se hum mosquito sacabuxa,
se húa pulga secretaria.
Dizer de sua justiça
aos delinquentes se manda,

mas dizer dos delinquentes
sò a inim se me mandára.
Muitos dizem o que entendem,
& a fe qne não dizem nada,
porém eu digo o que sinto,
& disto sei o que basta.

Mel

DOS SINGULARES DE LISBOA

419

Melpomene se algum hora
andarão nas tuas abas,
ou de pulgas a caterva,
ou dos mosquitos a praga.

Dame húa vea picante,
porém não vea picada,
que de chanças estar quero
com quem ja estive de chanças.

Mas ja contra o meu romance
a censura vejo armada,
porém se trata de pulgas,
que muito que leve unhadadas.

Menos me molesta a pulga,
pois quando à orelha se agarra,
presumo que pôde vir
do ceyo de algúia dama,

Que inda que me faça touro,
estando a orelha filada,
faz o que podem fazer
muitas mulheres honradas.

Em solicitar o ouvido
he lisonja, & não matraca;
pois me vem dizer à orelha
o que no mundo se passa.

Eu tive na orelha pulga,
que me disse coulas tantas;
que fiquei como aturdido,
dando mil voltas na cama.

Muitos ha que em vendo a pulga
em a orelha encaixada,
como se fosse delicto,
lhe cospem todos na cara.

Mas eu porque me parece
borboleta namorada,
a deixo buscar a cera,
se he q em minha orelha se acha;

Demais que as prendas da pulga
saõ muito para estimadas,
pois se passa em hum instante
desde Sofala a Cuama.

Quando as orelhas me occupa,
servindome de arrecada,
me parece que estou feito
el Rey de Monomotapa.

De mais que ouvi dizer sempre,
que era a pulga abençoada,
pois o benzer do pulgaõ
he coufa muito ordinaria.

Só húa coufa se nota
neste espirito de nacar,
que tendo sangue Christão
se vá a viver na olanda.

Porém he tão advirtida,
porém he tão recarada,
que logo se faz vermelha
em lhe descubrindo as faltas.

Mas o tremendo mosquito,
cupido cruel das caras,
disfarçado alfange em nihil,
rayo revestido em nada,

Me atormenta mais que tudo,
& mais que tudo me enfada,
pois he todo desazado,
quando parece ter aza.

Quando este me solicita,
então me ofende, & me agrava,
pois presume sou a pipa
da Presidencia passada.

Falcete quasi invisivel,
que facistol faz das caras,
& cantando com bem pico,
com bem pouca graça canta.

Este que quando me offende
he com tal arte, & tal traça,
que em vez de vingarme delle,
tomo em mi mesmo a vingança.

Este ceiril dos viventes,
este dos bichos Balala,
que qualquer picada sua
não custa caro, mas cara.

He campana de Belilha,
pois em tocando a campana
annuncia mil desdichas,
pronostica mil desgraças.

Vejão pois se direi mal
do mosquito com taes causas,
ou se da pulga, que em fim
dorme comigo na cama.

A Filis ensinando a fallar a hum papagayo.

S O N E T O.

De Antonio Serrão de Castro.

D Eixa curiosa Filis hoje o leque,
No rostro não poem cor, nem badulaque,
Ensina hum papagayo gram basbaque
A cantar, & bailar o çarambeque:
O papagayo já diz teque, teque,
Ja no fallar dà hum, & outro baque,
Pudera ser dos papagayos Draque,
E ser dos papagayos Muley Xeque:
Fabio envejoso diz a Files troque
Com elle o papagayo, & que lhe fique
Em prenda o coração para hum batoque:
Não hajais nojo, não, que ninguem pique
Neste meu papagayo, nem lhe toque,
Quanto mais elle, cara de alambique.

Fabio deu hum ay,

E o papagayo diz corrido vai.

M O T T E.

*Tenho hum papagayo verde
Na janella de meu bem,
Ay de mim que estou querendo
Não posso dizer a quem.*

G L O S A.

De Antonio Serraõ de Castro.

HVma linda Chamariz
tenho, & mais húa Corica,
tenho húa Arára mui rica,
& húa bella Códorniz;
Tambem tenho húa Perdiz,
& porque nada se perde
hum mono de Cabo verde
tenho com habilidades,
& para as necessidades
tenho hum Papagayo verde.

OPapagayo não falla,
a Chamariz sempre canta,
sempre a Codorniz se espanta,
a Corica nunca calla;
OMono a tudo se aballa,
a Arara mil cores tem,
a Perdiz à mesa vem;
isto, & mais tudo hei de pôr
na porta de meu amor,
na janella de meu bem,

OPapagayo ensinar
bem pudera Filis bella,
que em soltando a taramella
nunca cessa de fallar;
Hum recado ha de levar
a Filis, que vá dizendo,
que por ella estou morrendo,
& digo, morto de amor,
à vista de seu rigor,
ay de mi, que estou querendo;
Ensinou ao Papagayo
Filis com tal perfeição,
que em ouvindo húa razão
a repete como hum rayo;
Dizlhe no primeiro ensayo
Fabio, disse, a quem quer bem?
disse, a quem amores tem,
o Papagayo responde,
que quer bem sei, mas a donde
não posso dizer a quem.

ROMANCE.

De Antonio Serrão de Castro.

Como estais Louro? diz Filis
Cí hum Papagayo que ensina,
louro como esse cabello,
onde sempre o ouro brilha;
Toca Papagayo, toca,
não toco em testa tão linda,
& sem ser pedra de toque,
conheço que he prata fina.
Quem passa louro? quem passa?
passa amor com alegria
por esses arcos triumphaes
feito cego; & cachorrinha.
Dizei o ré, mi, fa sol,
sempre o Sol nessas zaphiras
com rayos anda abrasiando,
com flechas tirando vidas.
Correi comadre, correi,
vereis Rosas, Clavelinas,
Jasminis, Cravos, Açucenas
neste bello rostro unidas.
Outro Papagayo outro,
coufa impossivel seria
achar hum nariz como esse;
se não for por maravilha,
Vá Papagayo Real.
Real he essi boquinha,
a quem Tyro paga grano;
perolas a Margarita,

Para Portugal dizei;
para Portugal he ditá
ver essa barba engracada
de madre perla conchinha.
De comer ao Papagayo,
antes eu, senhora minha,
na neye dessa garganta
com regalo beberia,
Dai cá o pé meu lourinho,
isso fora grossaria,
que puzeisse eu o pé
numas mãos tão cristalinas.
Corrido vai, isso he certo,
que corrido ficaria
quem desse peito quizesse
colher as maçans tão ricas.
Tirolicotico, ufa,
isso saõ duas cousinhas,
que nesses pés andão em breve
sô com húa cifra escriptas.
Dizei tabareo, reo, reo,
manda amor que não prosiga,
porque não sou eu Collon
para descubrir tæs Indias.
Fallou co mo hum Papagayo
o Papagayo este dia,
eu fallei como Estorninho,
Filis qual Pega, ou Corica.

Aos Academicos no fechar a Academia.

SONETO.

De Pedro Duarte Ferrão.

BEllos Cisnes, que en musica sonora
 La clausula final deſſa armonia,
 Suspensa dexa a nuestra Academía,
 Y aquel, que liberal los Orbes dora;
 Dexad el dulce canto por aora,
 A cuyas v ozes amanece el dia,
 Que oyendo vueſtra rara melodía
 Tardò la noche, y madrugò la Aurora:
 Vivid, pues, en silencio, retirados,
 Mas nunca de las glorias divididos,
 Siempre ſi por las plumas respectados:
 Que a pesar de los tiempos atrevidos
 Se ha de ver inquietud de los cuidados,
 Lo que fue suspension de los sentidos.

T

Discur-

Discurso com que o mesmo Presidente desta Academia cerrou estes dezoito concursos Academicos.

EM campos de zafir, arvore errante a Nao animada, dos sopros do Austro, ja rompe o liquido cristal, ja passa a transparente prata. Nos hombros de Neptuno parece joya, nos braços de Thetis passa praça de brinco. Ave de linho he o alado lenho, penacho das ondas he o vistoso baixel. A Venus q nas escutmas lhe dà ornato, despreza; de Eolo, q nas inspirações lhe dà o aleto zomba; as agoas lhe saõ branda cama, o Norte lhe he luzido farol. Assim segue a derrota, assim busca o porto, mas como a bonança he vespa da tormenta, enfadado Neptuno do pezo, ciosa Thetis da lindeza, irada Venus do desprezo, queixoso Eolo do ludibrio, a que era Arvore se presunse ruina, o que era lenho se teme estrago. Embracecêsc as ondas, encapotase o Cœo, ja dos ventos impellido, he o baixel cidadão das nuvens; ja nas agoas sepultada, he a Nao despojo das areas; entre o abismo precipitada, parece que apaga as vellas, que nas estrelas acendéra, sobida não periga, de indeciza nos perigos. O fogo nos relâmpagos pretéde que seja matéria do fogo; a agoa nas ondas quer que seja trophéo das agoas; a húia, &c outra parte a arrojão os ventos ambiciosos de que em qualquer dellas acabe, mas como a agoa lhe apaga o fogo, mas como o incendio lhe seca o diluvio, pbr ser presa de ambos, não he despojo de nenhum; desta sorte às mãos da forte titubea, nestá forma, sem forma vagia; mas quando mais oprimida, quando mais arriscada, compaissivo Apollo da sua ancia, saindo claro, destrou as sombras reprimio os ventos, aplacou as agoas, mitigou de Neptuno as iras, de Thetis as desconfianças, de Eolo as queixas, &c de venus os rigores; & descobrindo ao trabalhado baixel o porto, o que era tormenta foi bonança, o que era escolho foi abriga, & o que era naufragio foi descânço. Tornou terra a Nao, fizerão as ancoras preza na area, largou nas desejadas prayas os diamantes de que era mina, communicou ao apetecido porto as perolas de que era concha, & entregue ao descanço, esperou tempo opportuno para nova viagem.

Isto que ao baixel sucedeu, vemos hoje na nossa Singular Academia;

mia; pello mar da sciencia cortia vento em popa pello Occeano da doutrina voava mar bonança, & ainda que a censura lhe inquietasse as ondas, & ainda que a calunia lhe alterasse os ventos (pensaõ de quem no golfo do mundo navega) como da sua parte tinha o favor de Apollo, o que era perigo, foi triumpho; o que parecia tormenta, foi bonança; porto toma hoje, como a Nao; nas prayas do prelo descarrega as joyas de tantos luzidos conceitos, que nelle serão immortaes, de tantos preciosos discursos, que nelle serão eternos. Aqui descansa, esperando o tempo para nova jornada. Aqui se repara para com maior gloria continuar a navegação, cessa, mas não acaba; os exercicíos que o tempo lhe tira, lhe restituirá o tempo, & em todo triumphante será exemplar da Platonica, assombro da Esthoica, inveja da Peripatetica, assumpto da Eama, empenho da Memoria, admiraçao do Mundo, & gloria de Portugal.

*Siquid contra Fidem, aut bonos mores dictum est,
indictum volumus.*

